HISTORIA DAS LUTAS

COM

OS HOLLANDEZES

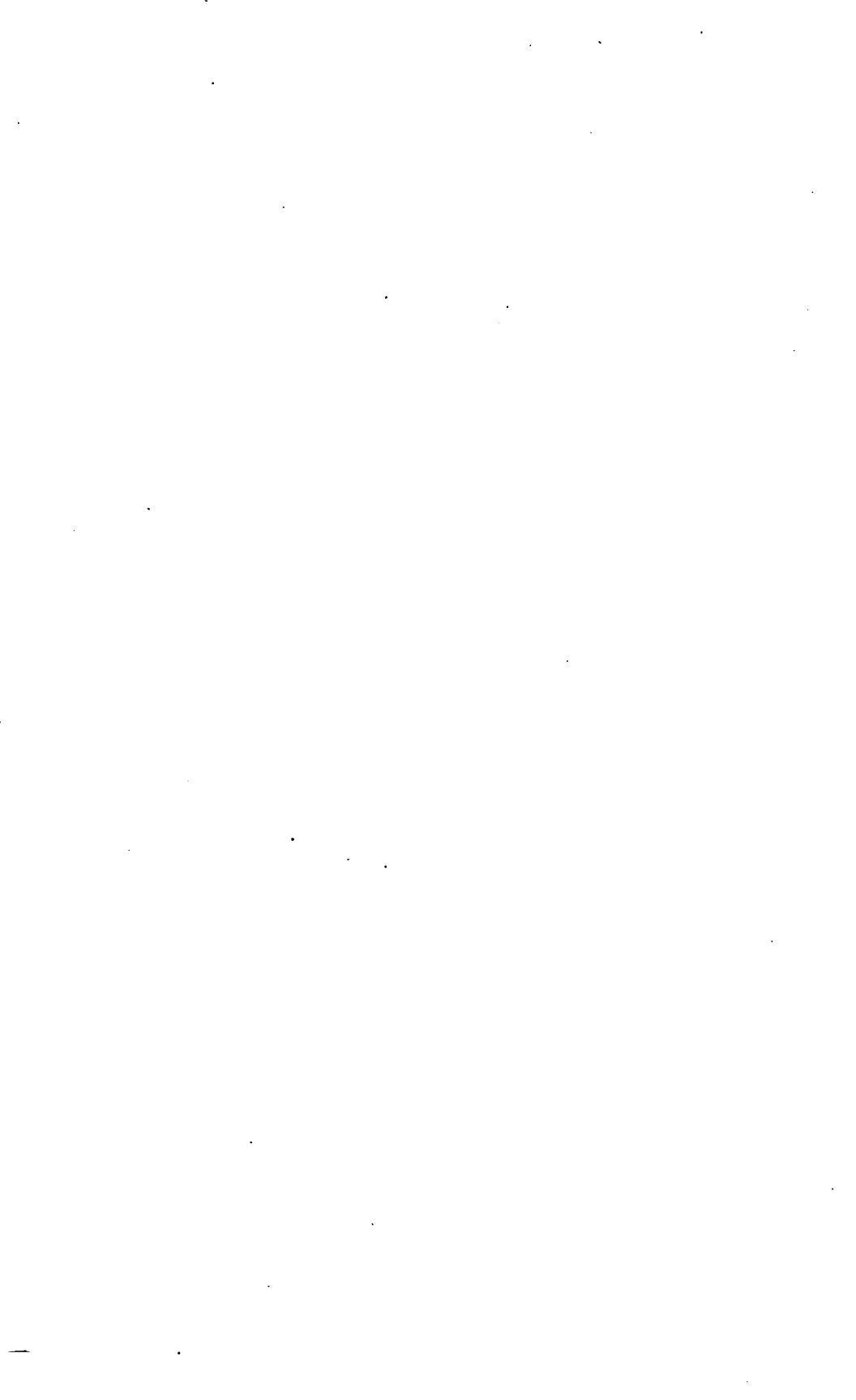
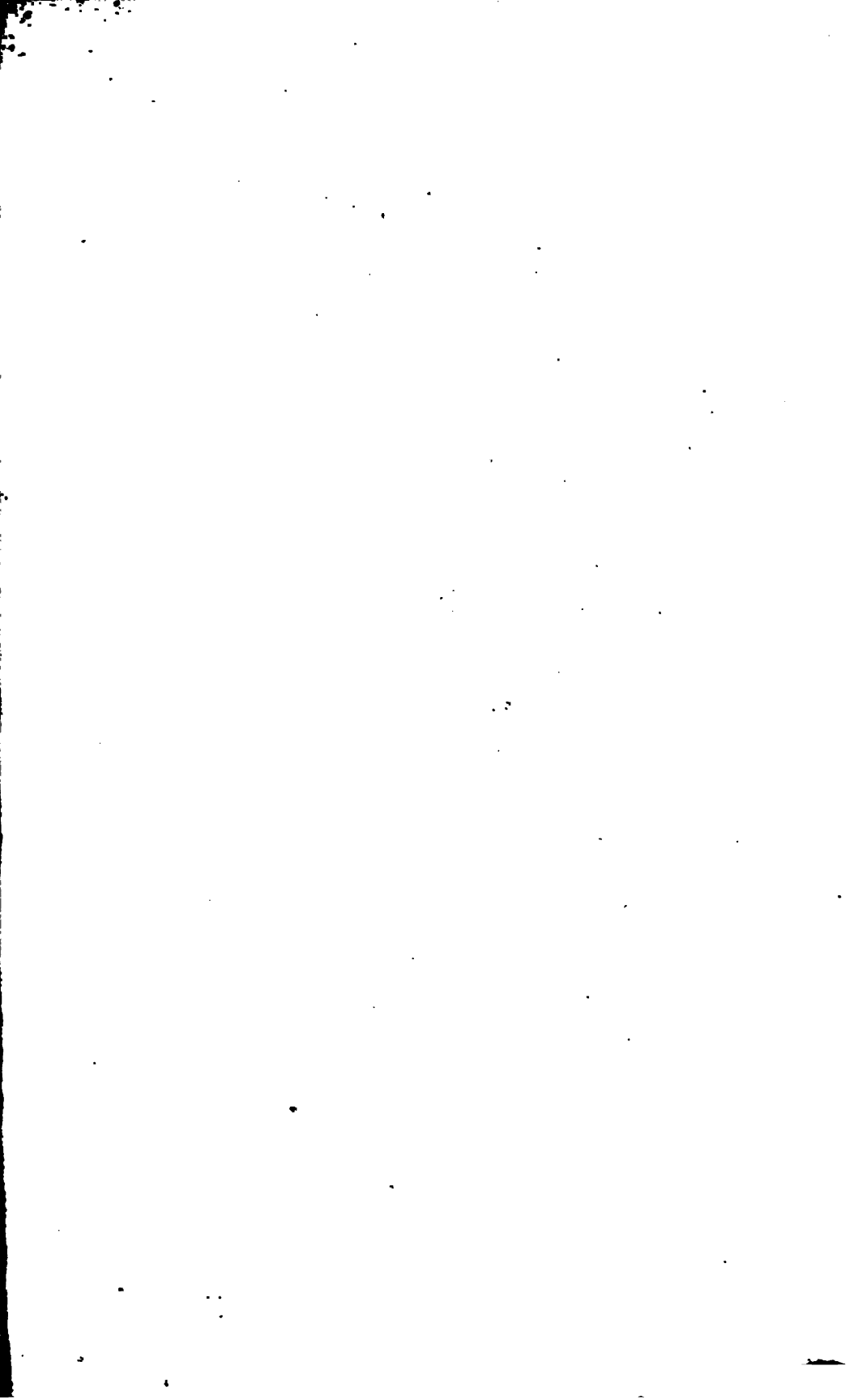
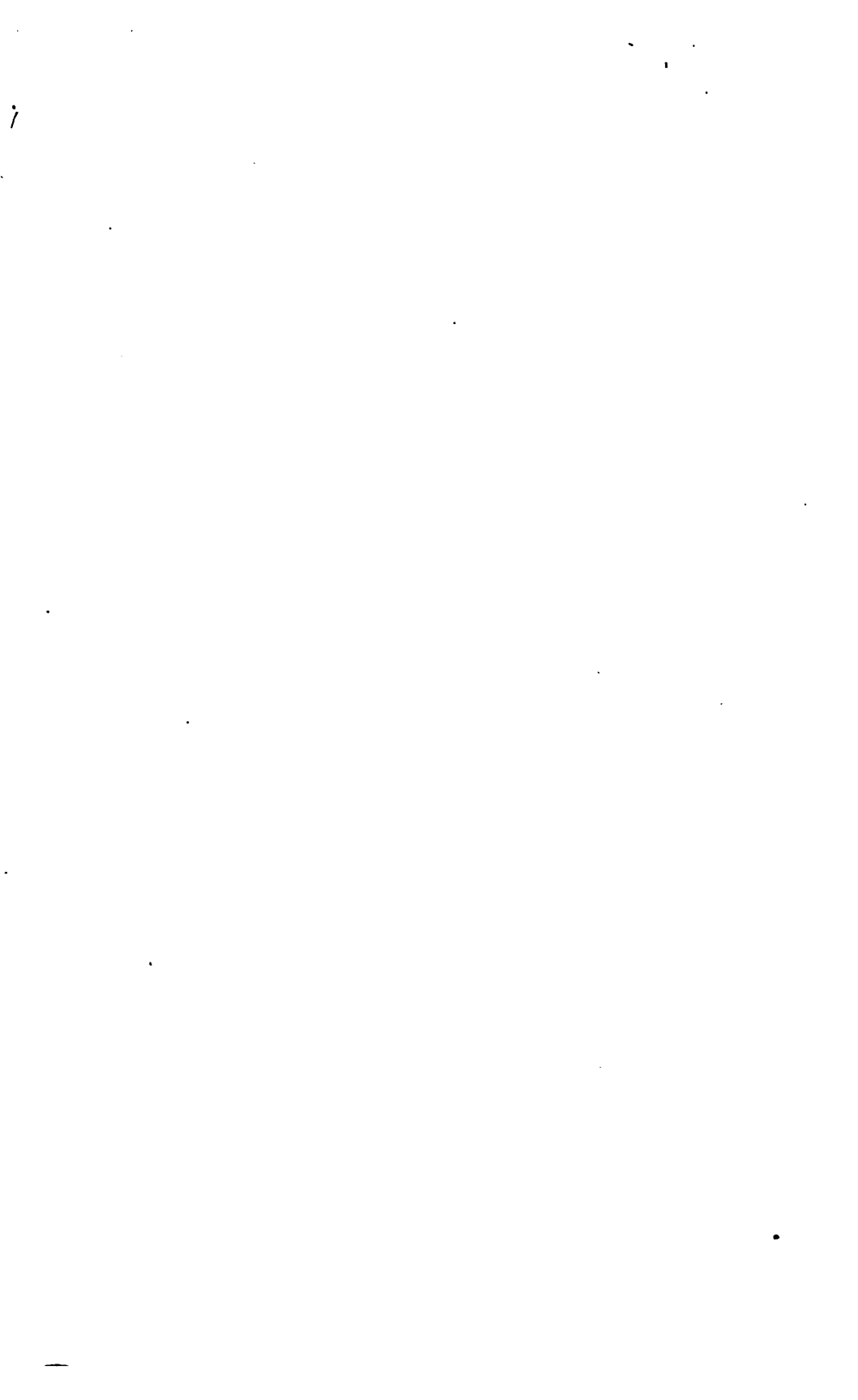
NO BRAZIL

Desde 1624 a 1654

PELO AUTOR DA HISTORIA GERAL DO BRAZIL

BARÃO DE PORTO SEGURO

NOVA EDIÇÃO MELHORADA E ACRESCENTADA

LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31 Rua da Cruz de Pau 31
1874

HOLLANDEZES NO BRAZIL

HISTORIA DAS LUTAS

COM

OS HOLLANDEZES NO BRAZIL

Desde 1624 a 1654

> «Guerra distante, desajudada dos respeitos, estorvada do tempo... contra nação famosa, capitães destros, ministros prudentes e effeitos ricos... não sei eu que nos archivos da lembrança humana haja outra com semelhante felicidade conseguida.»
>
> D. FRANC. MAN. DE MELLO.

PELO AUTOR DA HISTORIA GERAL DO BRAZIL

BARÃO DE PORTO SEGURO

Nova edição melhorada e acrescentada

1872

TYPOGRAPHIA DE CASTRO IRMÃO—RUA DA CRUZ DE PAU, 31

LISBOA

PREFACIO

Chegou, quasi sem o pensarmos, o tempo de satisfazermos uma divida que haviamos contraido para com o publico ha mais de dezeseis annos. Ao submetter ao prelo, em 1854, o primeiro volume da Historia Geral do Brazil dissemos (p. 361): «Se algum dia a sorte nos guiar os passos ás provincias de Pernambuco e Alagôas, de modo que as possamos por algum tempo percorrer em todos os sentidos, e vêr por nossos proprios olhos o theatro d'esta prolongada guerra (dos hollandezes), e estudar os antigos campos de batalha e compulsar os archivos ou escriptorios publicos e particulares das duas provincias, talvez que emprehendamos tratar o assumpto com mais extensão em uma historia especial.»

Se bem que haviamos curiosamente estudado os arredores do Recife até Itamaracá e Igarassú, de um lado, e até os Guararapes e o monte das Tabocas, de

outro, e que tinhamos visitado, com a devida curiosidade, as capitaes do Maranhão, do Ceará, do Rio-Grande, da Parahiba, das Alagôas e da Bahia, e suas immediações, não pensavamos começar a redigir o livro projectado, sem examinar antes todos os postos e percorrer todos os caminhos, onde, por seus patrioticos feitos, se immortalisaram os quatro heroes brazileiros, anti-hollandezes, Vidal, Barbalho, Camarão e Dias.

Porém o homem põe e Deus dispõe. Achavamo-nos, por motivos do serviço publico, no Rio de Janeiro, e accidentalmente em Petropolis, e ainda estava por decidir a titanica luta que o Brazil sustentou no Paraguay, e nem se quer as armas alliadas haviam vencido o Humaitá e eramos testemunhas dos desfallecimentos de alguns, quando, com o assentimento de varios amigos, nos pareceu que não deixaria de concorrer a acoroçoar os que já se queixavam de uma guerra de mais de dois annos, o avivar-lhes a lembrança, apresentando-lhes, de uma fórma conveniente, o exemplo de outra mais antiga, em que o proprio Brazil, ainda então insignificante colonia, havia lutado, durante vinte e quatro annos, sem descanso, e por fim vencido, contra uma das nações n'aquelle tempo mais guerreiras da Europa.

Tal foi o estimulo que tivemos para nos lançarmos, antes do tempo promettido, á redacção da historia especial dos mencionados vinte e quatro annos de luta, incluindo tambem os precedentes, em que se haviam passado os preliminares d'ella; para o que possuiamos já, de antemão reunidos, todos os elementos que se poderam encontrar tanto nos livros e folhetos, contemporaneos e recentes, como nos differentes archivos e bibliothecas,

principalmente do Brazil, de Portugal, da Hespanha e dos Paizes Baixos; guiando-nos palpavelmente, no labyrintho dos d'este ultimo paiz, durante o pouco tempo que n'elle podiamos demorar-nos, a mão amicissima do Dr. Joaquim Caetano da Silva, que nos dez annos que, como diplomatico, foi representante do Imperio, lhe prestou os relevantissimos serviços de reivindicar os nossos inauferiveis direitos á fronteira do Oyapoc, de um modo incontestavel, e de estudar os archivos hollandezes, fazendo passar d'elles para o Brazil quanto havia de mais importante.

Alguns mezes dedicámos á redacção do nosso escripto, procurando aturadamente supprir, pelo estudo, pela inspecção de muitos mappas topographicos e pela inquirição de informações locaes, a falta d'esses exames que ás vezes permittem transmittir com mais vigor a propria verdade.

Concluiamos justamente a redacção, quando chegou a noticia da passagem do Humaitá e da tomada do forte Estabelecimiento, depois de cujos feitos ninguem duvidou mais de que estava proximo o fim da guerra; e já não se careciam nem de exemplos, nem de estimulos tirados da historia, que servissem a augmentar a fé aos tibios, ausentes do theatro da guerra; pois aos bravos que lá se acharam não faltou jámais a perseverança, nem o enthusiasmo.

Guardámos, pois, o nosso manuscripto, esperançados de que mais tarde chegariamos a emprehender essas peregrinações, e que, depois de as realisar, poderiamos retocal-o com vantagem.

Adiantam-se, porém, os annos, e começâmos a ter

receios de que elles virão, já agora, a pôr embargos a que siga os seus impulsos o coração ainda moço.—Por outro lado, relendo o nosso escripto, depois de o haver tido encerrado durante perto de tres annos, encontrámos n'elle tantas apreciações mais justas e exactas que as exaradas na supramencionada Historia Geral que, na incerteza de podermos chegar a publicar d'esta a nova edição consideravelmente melhorada que preparavamos, decidimos dal-o ao prelo, salvando-se d'este modo de perecer ao menos a parte interessantissima respectiva á época do dominio hollandez.

Faltas e imperfeições não faltarão n'este escripto, como obra humana e executada por tão debil penna.

Apesar de tudo, porém, mediante um perfunctorio exame de qualquer dos dez Livros da obra, (e especialmente dos dois primeiros e dos ultimos) o leitor poderá avaliar quanto desvelo e estudo n'ella puzemos, e chegará a reconhecer que á mais solícita investigação da verdade, e ao mais accurado criterio na apreciação dos factos, buscámos associar a maior simplicidade na exposição, preferindo ás galas do estylo a sua maior clareza e sobriedade, que aliás deixam sempre mais satisfeita a consciencia, mas que nem sempre se conseguem, sem interrupções, nas obras historicas em que o autor se vê obrigado a reproduzir, com o espirito ainda cançado pelo estudo de chronistas escuros e soporiferos, ou de documentos carunchosos e de má leitura.

Á clausula de investigar solicitamente a verdade procurámos satisfazer, recorrendo sempre de preferencia ás fontes primitivas;—aos livros e relações das testemunhas presenciaes e escriptores contemporaneos, e prin-

cipalmente ás correspondencias officiaes, pela maior parte inéditas, que nos restam, em grande numero, de uma e outra parte, e servem ás vezes até a emendar erros em que cairam os proprios autores que no theatro da guerra presenciaram os factos, ou escreveram immediatamente, na posse de outros documentos, ou consultando as testemunhas de vista.

Entre esses autores coevos cinco se distinguem, de obras mais volumosas e originaes, que mui attentamente lêmos, estudámos e confrontámos: Duarte d'Albuquerque, Barlæus, Calado, Pierre Moreau e João Nieuhoff. Occupar-nos-hemos de cada um, segundo a ordem chronologica dos assumptos que historiaram, pela qual os mencionámos.

As Memorias Diarias de Duarte d'Albuquerque, 1.º conde e 3.º donatario de Pernambuco, comprehendem na época de nove annos que abrangem (desde 1630 e com mais extensão e exactidão desde 1632 a 1638 inclusivamente) maior somma de factos guerreiros que nenhuma outra; mas são alguns d'elles demasiado minuciosos, e de mais interesse para as chronicas locaes que para a historia politica e civil em geral.

Antes, porém, de emittir nenhum juizo ácerca d'este autor, ouçamol-o; que assim o exigiu elle, deixando-nos o seguinte prologo:

«Receando (disse o autor) que falte quem escreva ácerca da guerra de Pernambuco com os hollandezes, começada no anno de 1630, me decidi a redigir estas memorias. Se alguem encontrar mesquinho o assumpto, responderei que, segundo presumo, não eram de mais ponderação, nem acaso de tanta, outras em que se empregaram nobilissimas elegancias, que por ventura

n'este se espraiariam mais gostosamente. Se não me é dado engrandecel-o por meio das galas do estylo, creio que elle tão pouco se amesquinhará só porque eu chãmente refira; desejando que depois o exornem mais felizes pennas, servindo-lhes de apparato verdadeiro estas memorias. N'este supposto dou a presente noticia dos primeiros nove annos d'esta guerra, para que não fique em esquecimento o que obraram, como se fossem copiosas as armas de S. M., ainda que sempre ali mui escaças. E os que, inconsideradamente, julgam dos acontecimentos pelos resultados, hão de reconhecer que o valor e a constancia, supprindo a pequenhez do numero, não deixaram de ser formidaveis ao inimigo. Quanto aos defeitos (achaques ordinarios na fraqueza humana) que se notem n'estas memorias, não toca a mim desculpal-os, mas sim confessal-os todos; se com justiça se podem elles taxar, em materias de estylo, a quem n'isso não tem presumpções; e só tratou de mostrar zelo com a lhaneza e a verdade essenciaes na historia, ainda quando adornada, e com mais razão em uma relação tão singela; pois bem singelamente trato de referir quanto se passou nos ditos nove annos d'esta guerra, por me haver achado presente n'ella em quasi todo esse tempo; e seguir, na parte em que não me achei, as Relações Diarias feitas pelo mesmo general, e outras pessoas de inteiro credito; e creio firmemente que outro poderá escrever com mais luzimento, não com maior exame da verdade. Se comtudo ainda a alguem parecer que a empreza foi excessiva para as minhas forças, não serei o primeiro nem o ultimo que emprehenda o que não poude conseguir, sendo eu o proprio em o reconhecer e confessar. Devo aqui declarar que um dos motivos que me levaram a escrever foi o ouvir certos juizos ácerca d'esta guerra, tão vazios de verdade e cheios de paixão, que sem esta e com aquella, tive por mui necessario apresental-os aos que, não tendo servido lá, desejarem saber como se conduziram os que o fizeram. Finalmente, aos que, por malicia ou por ignorancia, calumniarem quanto se fez, não darei nenhumas satisfações, pois o não merecem. E aos muitos que vi proceder com singular valor, e que foram prodigos da sua fazenda e do seu sangue pela religião e pela patria, rogarei com todo o affecto que me perdoem se, ao fazer d'elles menção, os não elogio quanto merecem.»

Com as satisfações dadas nas linhas acima transcriptas, que foram omittidas na traducção ultimamente publicada, responde o autor adiantado a qualquer censura que se poderia fazer ao seu estylo, e realça a importancia do serviço que, em todo caso, nos legou por meio do seu livro-documento;—serviço por certo mal apreciado por D. Francisco Manuel de Mello, quando em 1660, tendo sem duvida na mente esta obra e a do Lucideno, ambas já publicadas, dizia não ter havido até então «quem, por nossa parte, em fórma decente publicasse um só volume» ácerca das guerras de Pernambuco.

Sem concordarmos inteiramente com tão severo juizo, concedemos entretanto que as Memorias Diarias devem ser lidas com certa prevenção contra as suas continuadas lamurias porque a Côrte [1] não mandava maiores soccorros á capitania de que o autor era donatario, e general e governador seu irmão; contra a natural tendencia a desculpar todos os erros commettidos, provavelmente por faltas de ambos; contra o habito, mui frequente nos acampamentos, de exaggerar sempre as forças e as perdas do inimigo; e finalmente contra as demasias nos pormenores, que são taes que fará um serviço ao autor o futuro editor do seu livro que o reproduzir, transmittindo em typos maiores o mais substancial, e em typos miudos os ditos pormenores, por via de regra cançadissimos.

Foi deste livro, pouco lido quando se deu á luz, que,

[1] Esta accusação devia ser uma das razões allegadas em certo parecer, oppondo-se á impressão das ditas Memorias, de que faz menção o addicionador de Pinelo, Tom. 2.º, T. 12, col. 676.

sem o confessar, quasi exclusivamente se valeu Francisco de Brito Freire para a historia que, ácerca do primeiro periodo da guerra pernambucana, publicou em 1675; adornando mais a narração, acrescentando circumstancias, que não se justificam pelos factos hoje conhecidos por novos documentos, e que foram introduzidas como verdadeiros recursos oratorios para enriquecer o estylo, que aliás saiu guindado e ultra-culto. O certo é que se Albuquerque havia terminado o seu livro no anno de 1638, porque então se retirou para a Europa, Brito Freire se viu tambem obrigado a não passar d'esse anno, porque não teve d'elle em diante mais Memorias Diarias que lhe fornecessem texto.

Como escriptor de meritos superiores se nos apresenta, nos dois annos de 1637 e 1638, e nos seis seguintes até 1644, o hollandez Gaspar Van Baerle, mais conhecido com o nome de Barlæus na historia que escreveu da administração e feitos de Nassau em Pernambuco. Preclarissimo poeta, assim na lingua hollandeza, como na latina, cujos primorosos versos [1], comparados aos melhores da antiguidade, lhe grangearam muita nomeada, agudo theologo (protestante), penetrante philosopho e distincto doutor em medicina, consagrou Barlæus os seus ultimos annos a essa historia, que publicou em Amsterdam em 1647, vindo a fallecer logo

[1] Possuimos d'elles o exemplar da edição em dois tomos, ultima feita sob as vistas do autor em 1645, por este offerecido (com uma dedicatoria de sua propria letra) a Joh. Wtenbogaert (retratado no *pesador d'ouro* de Rembramdt). Com respeito ao Brazil, notam-se ahi as composições á tomada de Olinda em 1630, aos triumphos de Arlizewski, ao regresso de Nassau, etc.

depois, em 14 de janeiro de 1648, aos 64 annos de idade, com o cerebro mui debilitado [1].

A latinissima «Historia dos oito annos de governo de Nassau,» por mais que corram os seculos, será sempre um livro importante e digno de consultar-se. Só depois que tivemos occasião de folhear detidamente a correspondencia official do mesmo Nassau é que nos convencemos que Barlæus a tivera igualmente presente, e se aproveitára d'ella, com o devido criterio; sendo que, como panegyrista d'esses oito annos, pouco se lhe poderá acrescentar. Para ser porém considerado como historiador imparcial d'esse periodo, faltou-lhe obedecer ao preceito: audietur altera pars.

E o mais é que o haver o autor deixado de consultar alguns documentos ou autoridades do lado dos nossos foi causa das muitas incorrecções que a obra contém, nos nomes proprios e geographicos portuguezes e do Brazil [2].

Não faltará quem ainda note na historia de Barlæus certa demasia e abuso na aproximação dos factos analogos aos que narra, passados entre os gregos, e princi-

[1] É mui provavel que para isso concorresse o grande esforço que pôz para escrever esta historia, em tão pouco tempo, e em tal idade. Segundo Moreri, chegou a adquirir horror ao fogo, julgando ter o corpo de palha ou de manteiga, e não falta quem acrescente que morreu lançando-se a um poço.

[2] Entre outras faltas que deixámos de advertir, v. gr. Cabo Dello, em vez de Cabedelo, Openeda em vez de *o Penedo*, e fazendo crer, referindo-se á de Porto-Calvo, que Povoação (que se corrompe em Povacaona) era o nome de uma fortaleza (arx), etc.—notámos muitas nos competentes logares, no intento de que possam fazer-se as convenientes correcções em outra nova edição. Tambem citaremos aqui o dizer-se uma vez no livro Afagodis por Afogados, e Seregrippa por Sergipe, e sempre Banjola por Bagnuolo, etc.

palmente entre os romanos; o que, em logar de amenisar a narração, chega ás vezes a fazel-a um tanto pezada. —Tambem se torna enfadonha a repetição, a miudo, de descripções que se poderiam haver omittido, referindo-se ellas a paizes todos tropicaes, analogos e de identicas producções, entrando a respeito d'estas o autor em pormenores que hoje se considerariam alheios á historia civil; taes como o modo de fabricar-se o assucar, as differentes sortes d'este producto conhecidas no commercio, a descripção da planta do ananaz e do seu fructo, hoje familiar em todos os paizes, etc.

Ainda que muito ajuda a parecer o autor mais elevado a formosa lingua que tão elegantemente manejava, possuia elle altos dotes como historiador, segundo se póde colligir dos seguintes periodos de eloquente e saborosa latinidade em que dá conta de si:

«Ego historiæ huic materiam selegi ea solummodo, quæ... in alio Orbe, inter barbaros et Hispanos, dubios, apertosque hostes, gesta sunt... Mihi et tacere liberum est et loqui. Ne taceam, provocor illustribus factis; ut loquar, imperat publica felicitas, quæ fraudari sua laude non vult, quibus seipsam debet. Trahunt in admirationem domestica, quanto magis externa bella, sub aliis sideribus, magna virtute gesta. Huic pretium suum deme posteritatis memoriam, languescet, et scriptorum inertia per silentium concidet, ubi majorum exempla ante oculos habet, insigni æmulatione adsurgit, et imitari vult gnaviter, quæ gloriosè facta legit. Nihil dabo adulationi, cujus causas posthabeo, nec odio ullius detraham de vero, ne pari odio convincar falsi. Qui comparatione curæ ingeniique eadem scribere volent, eloquentiam adhibeant, mihi simplici narratione et ex rerum fide hæc tradidisse, sufficiet. Aliquot retro seculis gesta scribas confidentius, remotis autoribus et testibus, mihi in eorum oculis vivitur et scribitur, qui hæc aut gessere ipsi, aut gestis interfuere. Quantum chartis publicis creditur á veri studiosis, tantum

mihi, nec ultra credi cupiam, nec enim vagis oculis usurpata, sed scripta domi á tranquillis et sedatis mentibus referam. In maximo rerum cumulo et chartarum immensis fascibus, ut harum rerum curiosis longæ inquisitionis labor absit, utar delectu, et ea brevitate, quæ nihil magnum et memorabile factis subducet, minuta persequi supervacaneum credidi, anxia sedulitas sedulitatis error est, et rei summæ tantum decedit, quantum minus necessariis impenditur. »

A edição princeps d'esta obra, publicada, como dissemos em 1647, foi executada com todo o luxo, em um volume em folio de 340 paginas, em excellente papel e typo mui grado do chamado texto. Existe porém d'ella uma reimpressão, em pequeno formato, feita na officina de Tobias Silberling, em Clèves em 1660; isto é, no anno immediato ao em que, em identico formato, se havia publicado igualmente em Clèves, e pelo mesmo Silberling, a traducção allemã, (depois reimpressa em 1684) que leva o titulo de «*Brasilianische Geschichte bei achtjähriger in selbigen Landen Regierung,*» etc [1].

A explendida primeira edição, de mais auxilio que as outras por varias plantas topographicas e vistas que só n'ella se acham (algumas d'estas firmadas por F. Post), e pelos quatro minuciosos mappas, que abrangem o nosso littoral desde o Rio-Real ao Rio-Grande do N., com alguns pormenores ainda hoje em dia de aproveitar, é infelizmente algum tanto rara, por haverem sido consumidos pelas chammas os exemplares, ainda não vendidos, no incendio do livreiro editor João Blaeuw.

Inquestionavelmente mui inferior em meritos, tanto

[1] Tal é o titulo impresso. Precede-o porém outro gravado que diz: «*Geschichte in Brasilien unter der Regierung,*» etc. (XXVI, 848, XX pag.^{s})

a Barlæus como a Albuquerque, quanto á exacta aquilatação dos factos, e ao methodo e ordem da narração, é o Padre Mestre Fr. Manuel Calado, da ordem de S. Paulo, da Congregação da Serra d'Ossa, na primeira parte (unica que se imprimiu) do Valoroso Lucideno, a qual mais especialmente trata dos factos concernentes á restauração pernambucana até 15 de julho de 1646. Como testemunha de vista, deve este autor ser consultado; porém sempre com o possivel tento e criterio. Ministro de uma religião toda de paz e tolerancia, mostra-se de animo pequenissimo contra os que não eram seus amigos; partidario de Fernandes Vieira, compremette-o, com o seu pouco tino, quando mais o pretende exaltar; e presta-se até a denegrir aos da parcialidade rival, accusando-os de assassinos. Além d'isso falta muitas vezes á dignidade historica, dedica paginas inteiras a muitos contos sem importancia, e crê ou finge crer em todos os boatos que, para exaltar o povo miudo contra os hollandezes, se faziam correr nos acampamentos. Nem é mais feliz, nem muito mais elevado, nos cantos epicos em oitava rimada, que em favor do seu heroe, entresacha em varios logares do seu livro; o qual, dado á luz em 1648, foi pouco depois mandado retirar da circulação, a pedido do vigario de Pernambuco, alvo das iras do autor; obtendo porém de novo licença para correr em 1668, embora ainda hoje esteja comprehendido nas novas edições do indice mandado publicar por Gregorio XVI [1].

[1] «Calado Manuel. O valoroso Lucideno e Triumpho da liberdade, primeira parte. *Donec corrigatur.* Decr. 24 Nov. 1655.» (Pag. 101 da Ed. de Napoles, Pelella, 1862, 8.º)

Ácerca d'esta obra de Calado apresentou, em 20 de novembro de 1647, o mui sisudo critico Fr. Francisco Brandão, um habilissimo parecer, referindo-se n'elle ao assumpto glorioso tratado na mesma obra, e evitando emittir juizo ácerca do seu estylo e execução. Diz assim:

«Vi este livro, em que o autor deu principio com industria e encaminhou com assistencia e conselho a liberdade dos moradores de Pernambuco, que Deus reduzirá a cumprido effeito. Em todo o processo da escriptura se não achará cousa que não mereça admiração, ou seja do valor com que aquelles leaes vassallos se dispuzeram a sacudir o jugo injusto da Olanda, por se reduzir á devida sujeição de Vossa Magestade, ou seja da constancia e paciencia com que soffreram os rigores da tyrannia; e finalmente a fineza com que preseveraram, conservando a pureza da religião catholica, impugnada de tantos heresiarchas. Por todas estas razões merece esta obra ser estampada; para que os executores de resolução tão heroica comecem a lograr a estimação das gentes que avaliarem, pela leitura d'ella, o premio de honra que se lhes deve; e os ministros que hão de concorrer na prosecução da restauração do Estado do Brazil alcancem interiores do modo de proceder da nação competidora e outros mais com que se facilitará aquella empreza.»

Os conhecidos defeitos do livro Valoroso Lucideno, principalmente no que toca á falta de correcção da linguagem, e de ordem e dignidade na narração, fizeram sentir a necessidade de outra historia da restauração pernambucana. Lançou-se á empreza o monge benedictino Fr. Rafael de Jesus, publicando em 1679, em estylo de anthitheses, o seu famoso Castrioto, cujo titulo é já quasi por si uma verdadeira anthithese. Fr. Rafael compraz-se em fazer gala de mui rhetorico, pondo na boca dos cabos de guerra arengas e discursos por elle compostos, systema que, em nosso fraco entender, ainda

quando bem desempenhado, desvirtua a indole da historia; embora tenha elle a seu favor a veneranda autoridade dos escriptores gregos e latinos, que tomaram a Xenofonte e a Thucydides por modelos; sem se lembrarem que os discursos que estes ultimos transcrevem, e principalmente Xenofonte os seus proprios, bem poderiam haver sido pronunciados taes quaes; como hoje deveria transcrever unicamente discursos verdadeiros quem escrevesse a historia de um congresso ou parlamento. Compol-os porém por sua conta um autor é faltar sem consciencia á verdade, e escrever romance historico, em vez de historia formal.

Que diremos, porém, quando tal systema de discursos imaginados é posto em pratica pelo desasisado benedictino? Podendo, com o Castrioto, fazer um livro capaz de se ler, disse D. José Barbosa, «essa empreza de todo se mallogrou, pelos termos improprios de que usa o autor, além de uns parenthesis impertinentissimos com que perturba e descompõe a harmonia da narração.»

E o mais é que, pela fortuna que tem acompanhado o sestro de tantos outros chronistas mores, esta obra lhe grangeou titulos para lhe ser dado esse cargo em 1681; com o que requintou na sua escacez de dotes, e publicou um novo livro [1], em que, segundo o mesmo D. José Barbosa «a gravidade historica se vê de tal modo desfigurada, que não tem periodo que não seja improprio, nem palavra que esteja no devido logar; partes de que necessariamente resulta um todo monstruoso.»

O livro que, com o titulo de «Histoire des der-

[1] Nada menos que um tomo da volumosa collecção denominada «Monarchia Lusitana.»

nières troubles du Brésil entre les Hollandais et les Portugais, » deu á luz em Paris, em 1651, o borgonhez Pierre Moreau, e que no anno seguinte foi em Amsterdam publicado em hollandez, traduzido por Glazemaker, é, para apreciar bem os successos primeiros da restauração pernambucana, de muito auxilio, tendo-se presente igualmente o livro « *Gedenkweerdige Brasiliaense Zee—en Lant-Reize* » de João Nieuhoff, que estivera no Brazil desde 1640 até 1649, e que n'esse livro reune varios esclarecimentos e documentos importantes, bem que ás vezes em pouca ordem, a respeito dos tramas, dos principios e do desenvolvimento da insurreição de 1645; alguns dos quaes haviam sido na propria Hollanda publicados antes em folhetos avulsos, taes como os dois (*Extract* e *Claar Vertooch*) que adiante mencionamos, e o *Journael* publicado em Arnhem em 1647, e outro *Journael* publicado em Amsterdam em 1651, por Matheus Van den Broeck, prisioneiro na casa forte, que descreve como foi levado com os outros á Bahia, etc.

Não inferiores porém em autoridade aos quatro escriptores que mencionámos, de obras originaes de mais vulto, possuimos varios, de factos especiaes, mui recommendaveis e dignos de credito.

Assim, entre as differentes relações que da nossa parte se escreveram ácerca da tomada (1624) e recuperação da Bahia (1625) distingue-se, pelo caracter official de que ia revestido seu autor, como capitão geral da frota portugueza, a de D. Manuel de Menezes, ha treze annos (1859) dada á luz (mui mal revista nas provas, e com erros tão manifestos que na propria lei-

tura se advertem) pela copia do manuscripto, que tempos antes tiveramos a fortuna de encontrar em Hespanha. É um trabalho de consciencia, com grande numero de factos e conhecimento de documentos, de alguns dos quaes se acham comprehendidos no texto os proprios originaes em hespanhol. Contém noticias do que, quasi dia por dia, se passou na cidade da Bahia, e principalmente na esquadra ahi surta, até ainda depois do dia 4 de agosto de 1625, em que o autor partiu para a Europa.

Apesar de ser tambem chronista mór do Reino, como Fr. Rafael, D. Manuel não descobre n'este livrinho, conforme elle proprio lhe chama (talvez porque pensava publical-o em pequeno formato), grandes dotes de historiador, nem de chronista. Cança o leitor dando-lhe conta de *questões* de *detalhes* do serviço, que nem deviam ser conhecidas fóra do terço ou regimento ou do barco em que se disputavam, e muito menos passar á posteridade. Occupa-se igualmente de muitas *questões* de competencia de jurisdicção, entre as autoridades de nacionalidade differente, que tão pouco nos são hoje de nenhum interesse. Leva paginas inteiras justificando-se, de um modo apaixonado, de actos seus ou de outros, não necessarios de mencionar. No estylo é corrente e claro, mas abusa dos termos de mar; nem sempre guarda a conveniente gravidade, e chega a ser descuidado, empregando alguns hespanholismos desnecessarios, ou antes algumas palavras puramente hespanholas no meio da locução portugueza.

Recommendarão entretanto para sempre este chronista, como bom observador, as seguintes linhas que deixou na sua narração a respeito do local em que se

devera ter construido a cidade da espaçosa bahia de Todos os Santos:

« O sitio chamado Tapagipe é uma peninsula eminente, que com trabalho de poucos gastadores se poderá ilhar, e, desmantelada a do Salvador (Bahia), como impossivel de defender-se, pelos padrastos que a cercam, povoar-se n'ella uma cidade digna de metropoli d'aquella gran provincia. Tudo o que o mar lava em circuito é resaca, arrecife e costa brava, tem uma fonte e haverá outras se as buscarem, e á falta d'ellas poderão deferir cisternas mui capazes. »

Mais que o chronista mór D. Manuel de Menezes se nos recommenda porém como escriptor o padre Bartholomeu Guerreiro, da Companhia de Jesus, que publicou em Lisboa, do mesmo successo da tomada e recuperação da Bahia, uma extensa relação, no proprio anno de 1625. Se não se achava em tão alta posição como D. Manuel de Menezes, teve presentes não só a sua relação, que copía por vezes, como sobre tudo quanto correu pelo governo de Portugal, e a mesma circumstancia de não ter tido parte nos feitos o faz d'elles menos parcial juiz. No methodo e ordem da narração e na dignidade do estylo leva muita vantagem ao chronista mór.

Iguala em autoridade, ácerca do mesmo successo, aos dois escriptos de que acabamos de fazer menção, a Annua da Provincia Brazilica da Companhia de Jesus em 1624 e 1625, escripta pelo padre Antonio Vieira, ainda então mui joven, mas já manejando a penna com a facilidade, lucidez e brilho, com que veiu mais tarde a distinguir-se tanto nas letras.

Ao lado das tres relações mencionadas, ficam a perder de vista umas sete, mais resumidas, ácerça do mesmo

assumpto, que conseguimos vêr: cinco d'ellas publicadas em Cadiz, Sevilha, Pamplona (por D. Jacinto de Aguilar y Prado), Napoles (imp. de Segundino Roncallolo) e Lisboa [1]; restando ainda inédita a que escreveu D. Juan Valencia y Gusman; se bem que de seu conteudo se valesse o chronista mór de Castella Thomaz Tamayo de Vargas para a indigesta compilação, que deu á luz em 1628; e que, fielmente traduzida, foi, em nossos dias, publicada pelo laborioso Accioli, na Bahia.

Nada de particular a respeito do que se passou na Bahia aproveitámos na relação de Aldenburgk impressa em Coburgo no anno de 1627; mas não dizemos outro tanto do diario em allemão que o strasburguez Ambrosio Richshoffer só veiu a dar á luz, na sua terra natal, em 1677, e do qual pensamos utilisar ainda mais, tomando alguns apontamentos que supprirão varias omissões de Albuquerque, nos primeiros dois annos das Memorias Diarias.

Outras relações, tanto em portuguez, como em hespanhol, em hollandez e até em francez, tivemos occasião de consultar, ácerca dos acontecimentos mais notaveis d'esta guerra, v. gr. a perda do Recife, a acção naval entre Oquendo e Pater, a defensa da Parahiba, a da Bahia (em 1638) e a entrega final do Recife e mais praças, de que por brevidade não fazemos aqui especial menção,—não nos ficando, porém, o minimo escrupulo de haver deixado de vêr tudo quanto podémos do que achámos noticiado, assim impresso, como manuscripto.

[1] Reimp. no Tom. V. da Rev. de Instituto.

Na parte de folhetos impressos do lado hollandez serviu-nos de guia o *Ensaio bibliographico e historico* de Mr. G. M. Asher, publicado em Amsterdam (Muller) de 1854 a 1867, onde não só se encontram noticiadas as fontes, como muitas considerações que nem sempre acompanham obras d'esta natureza.

Pelo que respeita á tomada e recuperação do Maranhão, nos serviram de auxiliares, além da obra de Barlæus, duas exposições, uma de Maximiliano Schade, commandante do forte do Calvario, e outra do conselheiro politico Pedro Bas, para rectificar varios incidentes inexactamente narrados por Berredo e pelo padre José de Moraes, o qual aliás, por sua parte, teve a sinceridade de confessar que, « sobejando-lhe a noticia concisa dos factos, lhe faltaram as circumstancias d'elles. »

Mas, repetimol-o, muito mais que as chronicas e as relações nos forneceram elementos novos e seguros, para esta historia, as correspondencias e mais documentos officiaes, de um e outro lado, assim inéditos, como impressos [1], que em parte citâmos, e que ás vezes assentámos dever transcrever no proprio texto.

Havendo assim preferido sempre recorrer ás fontes primitivas, nos julgámos dispensados de mendigar subsidios aos escriptores que não tiveram tantos á sua disposição; taes como o judicioso D. Luiz de Menezes, 3.°

[1] Entre as correspondencias officiaes impressas da nossa parte devemos comprehender as que, traduzidas em hollandez, se publicaram em 1646 e 1647 na propria Hollanda em dois folhetos, um com o titulo « *Extract ende Copye van verscheyde Brieven en Schriften.... tot bewijs dat de Kroon van Portugael schuldich is* » *etc.*; e outro com o de « *Claar Vertooch vande Verradersche en Vyantlycke Acten en Proceduren van Poortugal* » *etc.*

conde da Ericeira, nos Annaes que denominou «Portugal Restaurado» e o classico D. Francisco Manuel de Mello, admiravel pela elevação de estylo, mas demasiado conciso para a nossa curiosidade hoje em dia.

Com maior fundamento puzemos todo o cuidado de não recorrer aos autores modernos que consideraram como autoridades mui fidedignas a Fr. Rafael de Jesus, a Santa-Thereza («Istorie delle guerre» etc.) e ao proprio Brito Freire que, á falta de novos subsidios authenticos, trataram de arranjar a seu modo os factos já publicados; acrescentando uns de sua lavra, v. gr. que João Fernandes Vieira assistira, e até se distinguira, na defensa do forte de S. Jorge em 1630; e romanceando todos mais ou menos os successos para, á custa da verdade, lhes dar maior interesse.

No numero das obras historicas assim envenenadas por menos seguras doutrinas, vemo-nos hoje obrigados a considerar a de Southey que, além d'isso, bem como a competente traducção, para os progressos da historia patria em nossos dias, se encontra omissa em factos mui importantes. D'estas omissões não nos occuparemos; alguns erros, porém, mais notaveis da obra procuraremos advertir, sem nenhuma idéa de criticar o illustre laureado bretão; mas apenas como prevenção para que nos não venham a oppôr, como já se tem feito, a sua autoridade á dos documentos fidedignos, ou ás considerações de critica, que nos obrigaram a não o seguir.

Outro tanto dizemos ácerca dos quatro volumes de memorias historicas publicados em Pernambuco (o ultimo em 1848) por Fernandes Gama, valendo-se muito,

segundo é fama, dos escriptos de seu pae, o qual, no periodo da guerra batavo-pernambucana, não fizera mais que traduzir a Southey, que já antes o fôfo Beauchamp havia disfructado, com feia ingratidão, e depois d'elle o consciencioso Warden, com algumas especies novas; mas com repetições dos mesmos factos como se fossem differentes, em virtude de os haverem narrado diversamente os autores que consultou.

O livro do sr. Netscher, impresso ha mais de vinte annos na Hollanda, perdeu para nós quasi todo o interesse desde que nos foi possivel consultar, além de outros, os textos da maior parte dos documentos que cita, ás vezes sem haver tido occasião de estudal-os; e dos quaes, bem como de varias relações impressas na propria Hollanda durante a guerra, bebemos, nas primitivas fontes, muitos mais esclarecimentos seguros do que os que no seu aliás resumido livro se encontram.

Outros escriptos mais tivemos occasião de ver, dos quaes faremos menção quando tivermos de valer-nos de sua auctoridade ou de oppor-nos a ella.

Já se vê que não nos faltaram elementos de mui pura origem para este trabalho; porém só pela confrontação mui meditada de varios d'elles conseguimos por vezes descortinar a verdade, extremando os factos dignos de figurar na historia. Mais facil nos houvera sido sem duvida reimprimir, ou ainda compilar, todos os livros, relações e documentos que citâmos, o que produziria pelo menos uns quinze volumes iguaes ao presente; mas tanto com o primeiro serviço, que poderá fazer qualquer typographo ou impressor, como com o da compilação, principalmente feita, como está em moda,

mudando só o principio e o fim dos documentos e entregando o resto aos caixistas, sem ao menos copial-o por propria letra, — a historia dos trinta annos que ora offerecemos, ficaria quasi como estava, e sem nada haver adiantado á luz da critica. Na volumosa collecção de reimpressos, bastavam as paginas de Brito Freire e do Castrioto, não commentadas, para confundir o leitor, e as de D. Manuel de Menezes, de Duarte de Albuquerque e do Lucideno para estafal-o; apresentando os factos contradictoriamente, não fazendo extremar os mais importantes e de maior alcance, de muitas futilidades que, se acontecessem em nossos dias, nem chegariam a figurar nos diarios ou gazetas. D'est'arte o presente trabalho, longe de perder de valor, virá a adquirir mais, se algum dia semelhante collecção completa se chega a publicar, pois se destacará mais sensivelmente o criterio posto de nossa parte para, em meio de provas mui contradictorias, procurar attingir com a verdade.

No methodo e fio da exposição seguimos, como era natural, a ordem chronologica; mas não com excessivo servilismo, visto que nos propunhamos escrever uma historia e não memorias diarias, nem annaes. Attendemos, pois, principalmente ao nexo natural dos factos, tratando de evitar no seguimento da narração saltos escabrosos.

A escola historica a que pertencemos, é, como já temos dito por vezes, estranha a essa demasiado sentimental que, pretendendo commover muito, chega a afastar-se da propria verdade. Fizemos a esse respeito uma verdadeira profissão de fé quando, ajuizando na «Historia Geral» a do illustre bahiano Rocha Pitta, diziamos

ser essa obra «omissa em factos essenciaes, destituida de criterio, e alheia a intenções elevadas de formar ou de melhorar o espirito publico nacional, fazendo avultar, sem faltar á verdade, os nobres exemplos dos antepassados,» —e acrescentavamos que aquelle autor não recorrera «ás mais puras fontes da historia; e era mais imaginativo que pensador; mais poeta e admirador do bello que critico, vassallo da razão e escravo das provas authenticas»

O amor á verdade nos obrigará mais de uma vez a combater certas crenças ou illusões, que já nos haviamos acostumado a respeitar. Aos que lamentem o ver dissipadas algumas d'essas illusões de apregoados heroismos, rogâmos que creiam que os haveremos precedido n'essas jeremiadas; e pedimos se resignem ante a verdade dos factos, com tanta maior razão quando essa verdade, n'este mesmo livro, lhes proporcionará, em vez d'essas illusorias glorias, outras mais incontestaveis; sendo que não pequeno numero de pontos, em que havia duvidas, conseguimos deixar esclarecidos; não por nossos fracos talentos, mas pelos argumentos incontestaveis que resultam das provas que, mediante aturado estudo, conseguimos reunir. Os factos relativos á restauração, tanto do Maranhão, como de Pernambuco, a influencia indirecta ou directa que n'elles teve a côrte, são apresentados sob nova luz; e, em presença dos proprios documentos, conseguimos esclarecer devidamente tudo quanto respeita aos meritos relativos entre Vidal e Fernandes Vieira, que a principio haviamos apenas entrevisto como instinctivamente. Tambem descrevemos melhor as duas acções dos Guararapes, graças ao conhecimento pessoal

do campo de batalha, e á leitura bem comprehendida, á vista do terreno, das participações dos chefes; determinámos a verdadeira paragem onde se deu a acção das Tabocas, bem como a dos dois arrayaes, chamados do Bom Jesus, etc. Pensámos realçar muito o interesse d'esta historia dando cabida em nossas paginas ás discussões que seguiram entre os chefes, de uma e outra parte, depois da insurreição de 1645, pelas quaes se recommendam assim o governador Antonio Telles, como André Vidal. Desistimos, porém, do empenho até vêr se de muitos officios de Vidal, que hoje só conhecemos pelas traducções hollandezas, se encontram ainda os originaes.

Escusado julgamos dizer que procurámos sempre fazer justiça a todos, sem exceptuar os proprios invasores. Não escrevemos, é verdade, segundo se póde até deprehender do titulo d'este trabalho, como escreveria um hollandez; pela simples razão de que o não somos, e de que não está em nós o mudar a nossa essencia, nem deixar de ter patriotismo e de ter fé. Mas póde-se ter fé e ter patriotismo, e ser-se justo com os proprios inimigos;—ainda quando como tal considerassemos os que o eram da colonia nossa patria ha mais de dois seculos: e se ás vezes os designamos com esse nome, fazemol-o, não por falta de indulgencia, mas unicamente por imitar os que nos tem precedido, e para maior clareza e facilidade da narração.

Apartar-nos-hemos, porém, do exemplo d'esses que nos precederam na parcimonia com que, em geral, mencionam os nomes dos chefes hollandezes subalternos. Do systema, aliás mais justo, que seguimos, além de certo nexo entre os serviços que os mesmos individuos pres-

taram em paragens mui differentes, resulta o conhecimento de que os principaes instrumentos do dominio hollandez, desde 1630, não se estenderam além de certo circulo de individuos;—da mesma sorte que succedeu entre os nossos que lhes resistiram.

A respeito de uns, como de outros, procuraremos, sempre que nos seja possivel, não emittir juizos, sem ouvir ambas as partes; convencidos de que é n'esta pontualidade que essencialmente consiste o preceito da imparcialidade imposto aos que escrevem a historia patria, e não na de narrar com indifferença, como descridos. Procuraremos distinguir por meio de menções mais honrosas aos que melhor serviram; não duvidando até de mostrar enthusiasmo ante os actos mais meritorios, nem indignação na presença das crueldades ou abjecções. Considerando, porém, a menção honrosa pela historia, principalmente quando não contemporanea, uma recompensa mui superior áquellas que morrem com os individuos, como os postos, titulos e condecorações, tivemos o cuidado de a não prodigalisar, citando, como faz o chronista donatario de Pernambuco, listas de nomes de individuos só, v. gr. pela circumstancia de haverem sido levados, por ordem superior, ao combate, sem n'elle haverem praticado nenhum serviço relevante. Generalisar taes menções honrosas é contribuir a diminuir o valor da recompensa, enfadando inutilmente o leitor. E essa é a razão porque nenhum historiador, antigo ou moderno, nos deixou o exemplo de commemorar os nomes de todos os officiaes, e menos ainda os dos soldados que entraram nas acções.—Usando-se com parcimonia d'essas menções honrosas, podem tornar-se ellas uma

nova recompensa aos que bem serviram, ainda quando em vida houvessem recebido premios proporcionaes aos outros de identicos meritos; e com mais razão ainda poderão, até certo ponto, indemnisar as injustiças feitas, igualmente em vida, principalmente áquelles, cujos maiores meritos e mais precioso legado de serviços ou de idéas fecundas, a bem da posteridade, em vez de publicamente reconhecidos pelas equivalentes recompensas sociaes, tiverem sido, para elles, origem de invejas e de preterições, a favor de nullidades rasteiras e sem dignidade, nem nobreza de sentimentos, nem independencia de caracter... Só sendo justa com o passado, póde em realidade a historia vir a ser mestra da vida, servindo a todos, no presente, de estimulo ou de ameaça, e, para o futuro, de guia e de farol.—Contra as injustiças do passado reagirá sempre a posteridade, dizendo com João de Barros: «Maior deleitação temos na relação dos meritos dos homens a quem o mundo desamparou em seu galardão que n'aquelles que foram bem pagos d'elle.»

Concluiremos dizendo que n'esta nova edição pozemos nos competentes logares muitas das notas que na primeira edição foram no fim; supprimimos outras, bem como todos os documentos que só ahi tiveram cabida, porque se achavam até então inéditos, e convinha deixal-os a salvo, os quaes, publicados uma vez, são de menos importancia que outros que aproveitámos nos competentes logares, sem comtudo os reproduzir integralmente.

Por esta occasião agradecemos aos srs. redactores da *Revolução de Setembro* o artigo que ácerca d'este

livro deram e inseriram no seu n.º 8:943, de 11 de abril de 1872.

Agradeço tambem ao meu amigo Porto Alegre as linhas que me dirigiu em carta de 21 de junho (1872) dando os parabens pelo estylo da obra, que lhe pareceu «um primor litterario....... de uma clareza e elegancia classica, tal como a pede o tribunal da historia;» — não sendo menos lisongeira outra carta que recebi do meu amigo Jorge Cesar de Figanière, e que sinto não ter á mão para a citar com venia sua.

POST FACIO[1]

Justamente no momento em que se me annunciava de Lisboa o haver-se ahi terminado esta edição, cujo original, consistindo em um exemplar da anterior com bastantes additamentos e retoques, fôra por mim pessoalmente deixado na imprensa em julho de 1872, acrescentando-se-me até a circumstancia de estarem já os exemplares d'ella brochados e a encaixotar-se a fim de serem expedidos para o Rio de Janeiro, recebi d'esta ultima cidade, com data de 24 de março d'este anno, uma carta do illustre editor das *Memorias do Maranhão*, offerecendo-me o 2.º vol. das mesmas memorias, e dizendo-me: «No Prefacio digo alguma cousa em defensa do Padre José de Moraes e noto alguns equivocos que se encontram no seu bello trabalho *Lutas dos Hollandezes*». Esta defensa do Padre já me havia sido pelo mesmo illustre editor annunciada, em carta de 30 de abril do anno passado (1873), com estas consoladoras palavras: «No Prefacio direi algumas palavras em defensa do Padre, mas defendendo-o, guardarei para com o amigo e distincto historiador toda a deferencia. Nada de polemica acre, não pretendo similhante gloria, desejo sómente que a involuntaria injustiça se repare».

Não sei até que ponto haverá o illustre editor conseguido, perante o publico e a posteridade, este seu louvavel proposito. De mim sei dizer que depois de haver lido e estudado com toda attenção o seu Prefacio, e de haver admirado de novo o espirito investigador e atilado criterio que eu já lhe reconhecia nos assumptos da historia patria, e com particularidade nos que se referem ao seu, hoje extincto, *Estado do Maranhão*, não fiquei formando do Padre como escriptor, conceito differente do que d'elle fazia, e fica enunciado na pag. XXIII do Prefacio d'esta nova edição; apoiando-me aliás na confissão ingenua do mesmo jesuita, que havendo escripto em 1759, recorrendo a Berredo como principal fonte, não pode, segundo as leis do criterio historico, para factos occorridos mais de um seculo antes, merecer mais fé do que os documentos contemporaneos que elle não teve a fortuna de conhecer e de compulsar.

Nem o facto, allegado pelo habil editor de se encontrarem n'essas paginas expressões em apoio dos argumentos que apresentei, provando

[1] Para ser encadernado depois do Prefacio d'esta 2.ª edição da *Historia das Lutas*, com a qual será distribuido; tirando-se maior número de exemplares para os que pretendam reunil-o tambem ás *Memorias do Maranhão*.

em como era o Rio Grande do Norte, e não Pernambuco, nem o Ceará, a patria do heroe putigiano, sería capaz de me fazer torcer o juizo que, sem a menor paixão d'elle sempre fiz, conforme adiante explicárei.

Em todo caso, agradecendo ao digno editor as phrases cortezes com que me honra, darei mais uma prova da muita consideração que tenho pelo meu amigo senador Candido Mendes de Almeida, passando desde já a defender-me de algumas de suas censuras, agradecendo-lhe outra vez aqui, como já o fiz por carta, o zelo que mostra em ver mais aperfeiçoada uma obra em que puz tanto disvelo.

Muito enganado está o illustre senador quando imagina que a circumstancia de ser jesuita o Padre Moraes, poude influir para que fossem menos imparciaes os meus juizos, só porque não aceito sem exame todas as apologias dos altos feitos da ordem taes como narram os seus filhos, que até pelos preceitos da Monita, tem o dever sagrado de exalçar a corporação. O historiador que, sem criterio, repetisse todos esses encomios é que sería pelo publico declarado de suspeito, considerando-o filiado na mesma ordem. Sobre este ponto, porém, julgo escusado dissertar muito, quando encontro de accordo comigo o nobre senador, cujas proprias palavras passo a transcrever da pag. IX do seu Prefacio:

«Os *achaques* de historiadores membros das ordens religiosas são os mesmos; todos escrevem tendo em vista o merecimento ou a gloria da sua corporação, uns com mais moderação, probidade e critica, outros com menos. D'estes defeitos tambem partilham todos os homens que se alistam em qualquer parcialidade politica litteraria ou religiosa; não são exclusivos os jesuitas. *Temos todos obrigação de descriminar* o joio do trigo, e de fazer justiça a quem merece, *apreciando os factos e acções como elles são*, etc.»

Ora o Padre José de Moraes escreve nada menos do que uma «*Historia da Companhia de Jesus no Maranhão e Pará*». Devia ou não escrever como bom e fiel jesuita que era? Por ventura podem ser accusados de parciaes contra a Companhia os escriptores profanos, e não ligados a ella por nenhuns juramentos, que, segundo lhes dicte a consciencia, procurem «*apreciar os factos como elles são*? Será isto falta de imparcialidade? Ou não andaria antes verdadeira parcialidade jesuitica no seguil-os em tudo? Dissemos d'esse escriptor apenas o pouco que necessitavamos com referencia ao curto periodo de dois annos e tres mezes em que o consultamos. Provocados porém agora pelo severo magnate maranhense, censurando-nos de injustos e parciaes, vamos tratar de emittir ácerca da obra d'este Padre um juizo mais completo. Reconhecemos que, sem os empolamentos de Berredo, aliás mais instruido, mais noticioso e mais exacto, escrevia elle com elegancia e amenidade; e n'este sentido até nos comprazemos em o ler como uma novella; mas desde que o estudámos, advertimos n'elle a falta de muitos dotes como historiographo. Conhecia mui pouco da historia geral da America, pelo que chega a commetter erros chronologicos tão crassos como os em que en-

volve os nomes de Vicente Annes Pinzon (chamando-lhe, pag. 19, Estevam) e de Luiz de Mello da Silva[1]; e parece não ter consultado, para compor a sua obra, além dos livros já impressos ácerca do Maranhão, incluindo a relação de Simão Estacio, mais documentos, com alguma rara excepção, que os dos archivos da sua ordem, nem mais informações verbaes que as dos filiados n'ella. D'aqui lhe resultaram dois grandes defeitos: o de não poder quasi ver senão pelo prisma da parcialidade dos seus, e o de romancear, piamente embora, os assumptos, a fim de adornar e embellezar a narração, para a qual, «sobejando-lhe a noticia concisa dos factos, *lhe faltaram as circumstancias d'elles*», segundo suas proprias expressões. São esses pequenos romances, em que o pilhâmos, perdoe-se-nos a vulgaridade da expressão, graças á maior cópia de documentos que vão apparecendo, para contradizer authenticamente muitos *improvisos* e *variações* de sua lavra, que principalmente em nós contribuiram e contribuirão em outros no futuro, a diminuir a fé n'elle, como escrupuloso chronista; não nos sendo possivel sempre distinguir o que é seu romance do que é historia; de modo que, com raras excepções, poderá o seu texto servir para apoiar algum facto, mas não para firmal-o sem mais exames. Chamar-lhe historiador, só porque escreveu uma historia, é dar a essa palavra uma accepção differente da que a ella hoje se liga, envolvendo a idéa de que o escriptor possue mais vasta e variada instrucção[2], trato do grande mundo, conhecimento da politica, do governo e administração dos povos, etc. Como simples chronista teria muito mais merito se houvesse mostrado maiores escrupulos e sobriedade nas narrações, limitando-se ao que dessem de si os documentos e cingindo-se quanto possivel a elles. A sua relação da expedição do capitão-mór Pero Coelho é toda uma falsa novella, inventada até sem accordo com os dados escaços, mas mais certos, de Diogo de Campos e de Berredo. Nem Martim Soares foi nunca ao Ceará de capitão-mór, nem partiu revestido de auctoridade superior em quanto lá permaneceu o infeliz Pero Coelho, cujo caracter, ainda em cima das suas desgraças, e menos justa e menos caridosamente ennegrecido pelo religioso escriptor, que o manda até em ferros para o *Limoeiro* de Lisboa; quando hoje sabemos que o culpado de tudo foi o feroz Soromenho, que veiu a ser por seus crimes castigado.

Parcialidade de minha parte contra o pobre Padre Moraes! Que não é historiador, nem chronista, e menos ainda chronista-historiador!

Jesuitas foram tambem João de Aspilcueta, cuja narrativa publicámos, por nós traduzida, em uma nota do 1.º tomo da *Historia Geral*, e tambem os Padres Manuel da Nobrega, Fernão Cardim, e outros, cujas

[1] A respeito do absurdo resultante de suppor-se a expedição de Luiz de Mello anterior á dos filhos de João de Barros, podem ver-se os mui logicos argumentos de Jaboatão Preamb. Dig. IV., Est. XVIII, n.º 205.

[2] Veja-se o que já a este respeito opinámos ha vinte e tantos annos, na *Revista do Instituto*, tom XIII, pag. 400.

asserções ingenuas, ácerca de factos em que foram testimunhas de vista, tem sido por nós aceitas sem nenhumas observações nem reservas.

No seu excessivo empenho de me declarar parcial contra o jesuita o mui illustrado censor até se esqueceu de que fôra eu quem déra ao publico a primeira noticia da existencia do manuscripto do Padre, e de que elle proprio censor, então deputado, assim o havia escripto em 1851, como abaixo se verá.

«Quem revelou ao publico (diz porém agora o nobre magnate vitalicio na pag. III do seu Prefacio) a existencia do precioso manuscripto foi o illustrado auctor do *Catalogo dos manuscriptos* da bibliotheca de Evora, o conselheiro[1] Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, interessante publicação impressa em 1850».

A verdade é, que já doze annos antes de imprimir-se esse catalogo, na observação G (pag 101) das *Reflexões Criticas*, que em 1838 offereci á Academia Real das Sciencias de Lisboa, e que ella fez imprimir no corpo das suas Memorias em 1839, tinha eu dado noticia da existencia d'aquelle manuscripto e da de muitos outros ácerca do Brazil; de modo que esse meu trabalho, resuscitando o nome perdido de Gabriel Soares e apontando os muitos erros da 1.ª edição feita em 1825, foi por algum tempo considerado como uma especie de promptuario de subsidios bibliographicos ácerca da nossa historia e geographia, que (conforme eu me havia proposto, segundo se vê da pag. 11) de bastante auxilio ha sido a muitos dos estudiosos que começaram a occupar-se das nossas cousas.

O excellente catalogo do dr. Rivara, impresso em 1850 esteve annos empatado na Imprensa Nacional de Lisboa, sem, ácerca de ser submettido á venda publica, ser tomada a menor resolução; de modo que, nem consegui havel-o no Rio de Janeiro até fins de novembro de 1851, sabendo que fôra impresso e sendo amigo do auctor, com quem ainda hoje me correspondo, nem tão pouco em fins d'esse anno, passando por aquella capital, de ida para Madrid.

O proprio magnate maranhense, em 1851, longe de citar esse catalogo, na sua erudita memoria *O Tury-Assú*, escripta antes de eu haver incorrido na desgraça de censurar a obra do seu Padre, admittia que fôra um escripto meu que lhe déra a noticia d'esse manuscripto ácerca do Maranhão, como resulta das seguintes linhas suas, que transcrevo fielmente da pag. XI do opusculo citado:

«Consta-nos *pela leitura de uma Memoria* (não podia senão referir-se ás *Reflexões Criticas)* do distincto (transcrevo, como já antes fiz, este epiteto de cortezia, para copiar exactamente) litterato brazileiro Francisco Adolpho de Varnhagen, que *nas bibliothecas da Ajuda* e *Evora*, em Portugal, existem sobre o Maranhão os seguintes manuscriptos, que muito conviria que fossem impressos e publicados:

[1] Então ainda sem esse titulo, que no Prefacio lhe é conferido excepcionalmente.

«*Colonia*[1] *Portugueza*[2], dividida em 3 partes... É escripta por João de Sousa Ferreira[3].

«*Noticiador*[4] *Maranhense*, anonymo.

☞ «*Historia da Companhia de Jesus na Provincia do Maranhão e Pará, pelo Padre José de Moraes, com a data de 1759*».

Dadas estas explicações ácerca dos dois pontos capitaes preliminares em defensa do Padre pelo nobre senador, resta-me attender a algumas das censuras que me faz, — parte a omissões já por mim advertidas no original deixado em julho de 1872 para esta edição, que na fl. 20.ª se achava em 23 de agosto do anno passado, segundo se vê da carta que vae no fim dirigida ao sr. Van den Bergh, — parte a pormenores de interesse local e topographico, que em geral desviei do texto para notas, e parte finalmente a *alguns* outros pontos estranhos a esta historia, em que o erudito censor, «posto que involuntariamente, se aparta da justiça e tambem da equidade... e nem sempre com proveito da exactidão historica».

No numero dos primeiros, citarei os apontamentos que se notarão na pag. 254, texto e nota, a respeito do que se passou no Ceará em 1614; devendo acrescentar que não foi o texto de fr. Domingos Teixeira que me deu argumento para escrever que os capitulados no Maranhão (pelo menos a maior parte) voltaram a Pernambuco, e não foram primeiro ás Antilhas; podendo entretanto assegurar que tive para isso rasões que me convenceram, bem que as não apontei, e que espero tornar a encontrar; sendo certo que nenhum interesse me assiste a que se aceite ou não essa opinião. O mesmo digo ácerca da opinião que emitti, afastando-me de Berredo, de ser Antonio Moniz proprietario de mais de um engenho.

Na vida que tenho levado, mudando tantas vezes de residencia, de paizes, até de continente, nem sempre tenho podido ter nos meus papeis e apontamentos a ordem que desejára. Os originaes, aliás pouco bem escriptos, uma vez dados á imprensa, para não amontoar papeis, são logo inutilisados; e ás vezes, entre tantos factos, não me é possivel conservar tudo na memoria.

Muitos outros factos tenho conseguido apurar, no largo curso de perto de quarenta annos, a respeito dos quaes se hoje me pedissem as provas, eu não saberia dal-as, nem indicar o processo mental seguido no meu achado. E sem ir mais longe: citarei dois, admittidos completamente pelo meu douto censor no seu proprio Prefacio: — o de ser Diogo de

[1] No original escripto com dois *l l*.

[2] Esta obra, que hoje o distincto censor melhor conhece, era annunciada por mim como propria, e não de nenhuma das bibliothecas mencionadas (Veja-se *Reflexões Criticas*, pag. 13).

[3] Inexacto. Eu declarei que era de João de Moura.

[4] Tambem inexacto. Eu escrevera (pag. 101) NOTICIARIO.

Campos Moreno o auctor do livro *Rasão do Estado do Brazil*, no que só atinei, se é que atinei, depois de o ter attribuido a dois outros individuos; e o de ser o Padre Jeronymo Machado, o auctor da *Jornada e Conquista da Parahiba*.

Outro ponto já por mim tomado em consideração, desde 1872, para esta 2.ª edição, diz respeito ao paulista Manuel de Moraes. Ao imprimir, em 1857, o 2.º volume da *Historia Geral*, havia eu, na pag. 42, tendo presentes as listas authenticas dos sentenciados nos autos de fé de Lisboa, escripto que esse auctor, queimado em estatua no auto de 6 de abril de 1642, fôra no de 15 de dezembro de 1649, «condemnado a habito perpetuo, sem remissão, com fogos, e suspenso para sempre das ordens». Mas ao escrever a *Historia das Lutas*, em logar de ter ido *consultar-me*, tendo por ventura mais á mão o 6.º volume do *Diccionario* do sr. Innocencio, impresso em 1860, fazendo todo o conceito da exactidão e genio escrupuloso d'este escriptor, transcrevi do seu texto os dados que necessitava, imaginando que seriam os mesmos que eu publicára tres annos antes; mas não tardei a conhecer o engano e a rectifical-o no exemplar destinado aos retoques, e que serviu de original a esta edição, não podendo agora citar a pagina, por não ter recebido d'ella exemplares de todas as folhas, aliás já impressas ha mezes. Chamei a este padre cathequisador do Camarão cingindo-me á autoridade de Duarte d'Albuquerque, que diz positivamente que «os Indios das aldêas do Rio Grande (não unicamente os fronteiros da Parahiba, como pretende o censor)... estavam sob a direcção da Padre jesuita Manuel de Moraes.»

Outro retoque mais encontrará o douto senador, n'esta edição, em relação com as suas censuras; e esse foi até feito depois de impressa a folha. Consiste na eliminação da referencia ás cerimonias religiosas do Camarão em 1612. Com tal eliminação desappareceu de todo a desconnexidade de se fallar em baptisado em 1612, a par da conjectura de poder haver sido effectuado em 1580; conjectura que na 1.ª edição me acudiu ao rever das provas e que deixei de pôr de accordo com o que ficava impresso; para o que bastaria ter acrescentado que bem podia ter recebido, com a agua ou ablução, o nome em 1580, effectuando depois, como tantas vezes se tem praticado, com annos de differença, o baptisado solemne[1] com a administração dos santos oleos, antes de casar-se. Na edição anterior, depois de haver dito que o heroe putigiano chegára aos confins do Ceará, proseguia com as seguintes linhas (que são as que se supprimiram), em todo o caso alheia a esta historia.

«.... Onde havia já estado trinta e tantos annos antes (1612). acompanhando os padres Diogo Nunes e Gaspar de Sampère, que ahi o haviam baptisado e casado.»

[1] O proprio Fernão Guerreiro, tratando (cap. VI) dos pitiguares, favorece esta propabilidade, quando diz: «E como estes foram os primeiros *baptismos solemnes* que n'aquella terra se fizeram, etc.

A circumstancia de não estarem ainda, em 1580, colonisadas as margens do Potigy, patria da familia Poty, não me pareceu impedimento insuperavel contra a *conjectura* de haver já antes o joven Camarão entrado no gremio da civilasação; — quer agarrado por algum caravellão da costa, quer libertado do poder dos Caités, por occasião da primeira occupação da Parahiba em 1578, etc. — Suppondo que o Camarão, com a longevidade proverbial dos Indios bem notada por Abbeville não morreu moço, e constando-nos que aprendêra o latim, o que só faria nas aulas sendo columim, não temos por impossivel que já estivesse com os nossos antes de 1580; e com maior razão quando, por occasião da conquista do Rio Grande, era já amigo de Manuel Mascaranhas e de Feliciano Coelho, aos quaes hospedou.

Antes de passar a outro assumpto, direi ainda aqui a respeito d'este algumas palavras. Admittindo o censor que havia sido em 1612 que os dois padres haviam estado no Ceará (não nos seus confins) e que ahi haviam baptisado e casado o Camarão, e assegurando que só do padre Moraes sacára eu esta noticia (como é verdade, e n'elle não tornarei mais a fiar-me), não só prefere (pag. xx, nota 2) fazer concordar o «onde» das linhas citadas com a palavra «*confins*», preferida á de «*Ceará*», nem que para ter mais que censurar, o que não creio, como acrescenta (na pag xxi) que eu pretendia «que o celebre indigena *pitiguar* fosse baptisado *e casado* no Ceará *em* 1580 *e por aquelles padres*, que provavelmente n'essa epocha não teriam chegado ao Brazil.»

Casado (o Camarão) em 1580? No mesmo anno, a que, por simples conjectura, attribuia eu o seu nascimento? Porque tanto empenho em me apresentar como tão absurdo? Para que, ainda em cima de tantas censuras temerarias contra a minha conjectura *do nascimento* em 1580, levantar-se até um tal testimunho? Esta falta de caridade, sem duvida involuntaria, para comigo, só foi excedida, quando depois de transcrever um periodo da minha *Historia Geral do Brazil*, contendo proposições já todas por mim regeitadas, á custa de investigações e estudo, começando pela concernente á verdadeira patria do heroe pitiguar, acrescentou o nobre magnate, como por sua conta, o seguinte, sem mais explicações:

«Tódas estas asserções são inexactas.»

Longe de usar de represalias e de fazer castellos no ar a respeito de uma similhante desconnexidade que encontro no 2.º vol. das *Memorias do Maranhão*, me limitarei a apontal-a ao esmerado auctor do *Atlas Geographico do Brazil*, premiado na Exposição Universal d'esta cidade. Diz, em nota, na pag. 42 que o rio *Ginipapo*, affluente do Amazonas, citado por Bento Maciel, é:

«Hoje o rio Parú, em cuja foz se acha situada Almeirim.»

E logo adiante, tratando do mesmo rio *Ginipapo*, citado por Acuña, põe esta nota:

«Hoje denomina-se Uacarapy.»

Ora, o proprio douto censor, no seu mappa do Pará, distingue o *Parú* do *Uacarapy*, perto do qual colloca o antigo forte do *Desterro*; fazendo crer que coexistiu com o de Parú ou Almeirim, creado depois, segundo o censor, em outra nota, á custa do seu visinho de mais acima. A este respeito me limitarei a reportar-me ao que digo na pequena nota 9.ª á obra do ouvidor geral Mauricio de Heriarte (1662), de que fui editor, pag. 75.

Passarei agora a occupar-me de varios pormenores e incidentes relativos á chronica local da cidade do Maranhão, a respeito dos quaes o erudito censor emitte opiniões differentes das que foram por mim indicadas; tendo-o eu feito, pela maior parte em notas, justamente por serem de menos importancia e abrigar ácerca d'ellas minhas duvidas.

Seja a primeira a respectiva ao nome do official *escocez*, que foi morto na cilada de que tratamos na pag. 250 d'esta edição. Sustenta o digno censor que esse nome, que o conde da Ericeira, Berredo e com elles o seu Padre Moraes, escreveram *Sandalim*, deve-se dizer *Sandelin*, como já assegurára em 1860, na nota da pag. 160 ao Padre Moraes, allegando agora como unica razão o haver na Hollanda ainda hoje este appellido. Mas se o official era estrangeiro, — escocez, — segundo diz o conde da Ericeira, quasi contemporaneo, e que foi o primeiro a nos transmittir tal nome, se no Maranhão morreu, provavelmente joven e celibatario, como eram de ordinario todos esses adventicios assalariados, se os seus parentes, se os tinha, estariam na Escocia, como é que o conselheiro Sandelin de hoje na Hollanda, oriundo talvez dos antigos Sandelins da Italia, deve infallivelmente julgar-se da estirpe do *escocez* que deixou até a propria pelle no Maranhão? E isto só porque o seu appellido *Sandelin* se *parece* com o *Sandalim*, de que nos transmittiram noticia os antigos escriptores? A liberdade, sem fundamento, tomada para a emenda podéra comparar-se á do que vendo escripto o appellido *Vanhagen* (que existe), e não conhecendo outro parecido mais que o meu, pozesse em nota:

«O verdadeiro nome d'este individuo é *Varnhagen*» (com *r*). Ora, são familias mui distinctas, e de mui differente origem (hollandeza aquella), apesar de haver nos nomes a differença de uma só lettra.

Em todo o caso, respeitem-se devidamente os escrupulos de consciencia dos que os tenham, ainda n'este insignificantissimo assumpto, deixando fóra do texto esse nome, quando os de tantos outros não foram mencionados, e quando, os de não poucos andavam errados, e só agora, em presença dos documentos contemporaneos, aprendemos a escrevel-os.

Não nos devemos porém admirar da facilidade com que o respeitavel censor se aventura a dar como verdades assentadas opiniões suas um

tanto temerarias, quando o vemos sustentar que o chefe *Ouirapiue* com que, segundo Abbeville, contava em 1594 o capitão Riffault, devia ser o proprio *Páu Seco* da Parahiba, já então seguramente nosso amigo; e isto só porque o mesmo Abbeville traduz o *Ouirapiue* por *Arbre Sec;* como, se ainda quando a traducção fosse exacta, o que não sabemos, não podesse haver em todo o Brazil muitos *Páos secos.* E o mesmo dizemos ácerca do *Zorobabé.* Quer o censor que deva ser *Jurubabú.* E porque razão? E por que não *Çoroc-bébé?* Ou antes *Serouéué*[1], como o de Tapuitapera, de que trata Abbeville, por ventura do mesmo nome, em prova «de que havia mais Marias na terra», onde tambem havia outro *Pirajiba (Piraiuua).*

Quer o douto Maranhense que o ambito que occuparam os hollandezes concentrando-se na capital, fosse um pouco maior que o que assignamos na pag. 250; que o posto de Antonio Vaz fosse differente do de *Antonio* (aliás *Santo Antonio de Morus*), e que este nome proviesse de algum nicho ou capella de Santo Antonio, Mouro, que ali haveria. Ácerca d'estes incidentes nem sequer nos daremos ao trabalho de os ir de novo agora estudar e verificar; não duvidando acreditar na exactidão das averiguações locaes de juiz tão competente. Não podemos porém, sem argumentos que combatam os nossos, conformar-nos com as suas duvidas ácerca da influencia da metropole para a revolução, e das intelligencias com os pernambucanos, aliás comprovada pela correspondencia de Nassau e por Barlæus, nem que os do Pará trouxessem artilheria, apesar de assim o certificarem os hollandezes, que estavam presentes, bem como ácerca do seu numero, só porque outra cousa disseram os escriptores portuguezes que escreveram depois, e na metropole. Tão pouco, nós que admittimos, á vista de documentos authenticos, a influencia do jesuita Lopo do Couto na rendição da cidade, podemos, sem mais exame, conceder a este jesuita a influencia para a restauração que lhe attribuem os escriptores da ordem; não havendo tão pouco tido presentes tantos certificados similhantes publicados em favor dos seus por Jaboatão, e sabendo como alguns certificados tambem em nossos dias se dão aos que os pedem, só para não ficarem estes queixosos e hostis com o ser-lhes negados, e não havendo conseguido ter a certeza de que fosse authentica a certidão encontrada e ingenuamente publicada, tanto tempo depois, pelo Padre Moraes, como passada por Antonio Teixeira de Mello; já que, no decurso de nossas pesquizas, não poucas de taes certidões temos encontrado falsificadas, e até em uma doação de terras feita no sul a certa corporação, reconhecemos evidentemente falsificada a assignatura de *Martim Affonso de Sousa!*

Quanto ao nome de *Jacob Evers,* convertido pelo Padre Moraes em *João Lucas,* o digno censor, depois de haver capitulado com esse engano do Padre na pag. 428, ainda veiu procurar defendel-o na pag. LI do *Pre-*

[1] Ha que advertir que nas edições de Abbeville e do P. Ives sempre se emprega o *u* vogal para representar *v* consoante.

facio, escripto depois, e chega a suppor que esse official podesse no Maranhão ser conhecido pelos dois nomes. Mais natural explicação lhe podêmos fornecer em favor do seu cliente, a quem não queremos senão bem. Em certa escriptura de mão d'aquelle tempo Jacob Evers podéra facilmente ter-se lido João Lucas.

Devemos aproveitar esta occasião para dizer que, antes da occupação hollandeza, o palacio dos governadores, e por conseguinte o de Bento Maciel, era dentro de uma fortaleza que estava sobre a barra — fortaleza que foi pelos hollandezes desmantellada[1].

Passemos agora a considerar os topicos comprehendidos na 3.ª parte dos a que nos propozemos responder.

Pretende o illustre senador, meu critico, que na designação do anno da carta régia pela qual foi nomeado Antonio Teixeira de Mello *capitão do Pará*, e que dizemos (na pag. 256 d'esta edição) haver sido passada em 1654, «*ha visivel transtorno* de algarismos, pois que em logar de 1654 *deverá ler-se* 1645.»

É um novo arbitrio similhante ao de *Sandelin*. Para suppor, como Berredo, Antonio Teixeira fallecido em 1646, deveriamos tambem dar por suspeita a sentença de 12 de dezembro, d'esse mesmo anno, contra elle, a qual prova que n'essa data vivia; pois se houvesse fallecido, a sentença ter-se-hia dado contra os seus herdeiros. Se não assistiu á posse do successor, em 7 de junho d'esse mencionado anno de 1646, é porque estaria já no reino a defender-se do processo em que o haviam mettido, e que poderia servir de impedimento á nomeação régia que depois recebeu. Para maior confirmação de que é do proprio anno de 1654 (e não de 1645, como diz o critico que *deverá ler-se*) a carta régia *de nomeação* (nunca fallámos *em posse*), acha-se ella registada, entre as outras d'esse anno, depois das de 1653 e antes das de 1655. Deve porém (na pag. 256 d'esta edição) ler-se 1.º de setembro onde se diz — 1.º de dezembro — erro typographico que escapou na *Historia Geral*, d'onde, sem novos exames, tomámos para a das *Lutas* a competente nota.

O illustre censor chega scepticamente a duvidar que o *conselheiro politico Pedro Bas* do Maranhão, que havia sido nomeado pela metropole, e que de Pernambuco passou ao mesmo Maranhão, no proprio posto, com a expedição conquistadora, seja o *conselheiro politico Pedro Bas* (Petre Vaes, de Calado, com o seu admiravel talento de escrever errados os nomes hollandezes) membro do triumvirato que succedeu a Nassáu. Os cargos para o Maranhão não vieram nomeados da metropole, e mais natural nos parece que, perdido o Maranhão. ou um pouco antes, o conselheiro politico recolhesse ao seu posto, do qual apenas sahíra *em commissão*. Não é de grande momento a dúvida de que tendo do Maranhão que ir ás Antilhas com toda a guarnição que abandonou aquella cidade,

[1] Veja-se pag. 10 da *Descripção do Estado do Maranhão, etc.*, pelo ouvidor geral Mauricio de Heriarte, em 1662, por nós publicada este anno, para vir a fazer parte do nosso *Archivo Diplomatico Brasiliense Antigo*.

não poderia estar tão depressa de volta em Pernambuco. Pois quem disse que Pedro Bas foi ás Antilhas primeiro? Por que não admittir antes a sua immediata presença e a do official Henderson em Pernambuco como um argumento mais de que não foram ás Antilhas? Por que não suppor mesmo que o conselheiro Bas, que não era combatente, desde que viu que todo o governo se reduzia no militar da praça, não se houvesse antes retirado ao seu posto, em Pernambuco, em um dos navios que tinham ido com soccorros?

Taes são os factos, em relação com a *Historia das Lutas*, a respeito dos quaes queriamos dar explicações ás dúvidas do nobre magnate vitalicio. Em um novo trabalho nos occuparemos devidamente de varios outros pontos, incluindo um, aliás alheio a esta historia e ao Padre Moraes, e de pouca importancia, em que o douto critico, que tantas vezes tinha honrado a minha fraca autoridade, não quiz fazel-o mais uma vez porque «*nenhum chronista o assegura.*»

Nenhum chronista? Pois quê? Não entro eu tambem, bem que minimo — mas em todo caso hoje o decano dos investigadores ácerca dos factos da historia patria — no número dos da Terra de Santa Cruz? Teria a nossa historia feito os progressos que hoje vemos se nos houvessemos atido só aos velhos chronistas? Quantos d'elles, começando pelo seu Padre Moraes, a respeito de muitos factos rezam o contrario do que hoje sabemos, só por havermos preferido recorrer ás fontes em sua nascença? Sem fallar de milhares de factos e circumstancias historicas desconhecidas dos antigos chronistas, até o proprio Southey, e hoje apurados, começando pelos relativos aos primitivos descobrimentos do nosso littoral por Hojeda (que fomos os primeiros a provar), Pinzon, Vespucci, Jaques, Antonio Ribeiro, Martim Affonso, Diogo Leite e outros, e a *todos os doze* donatarios e verdadeira extensão das suas capitanias, que sabiam ou diziam os nossos chronistas?

Limitar-me-hei, porém, a um facto mui importante da historia do actual imperio, e que muito deve interessar ao nobre senador: — á creação do primeiro bispado no Brazil. O proprio illustrado senador se lembrará como, tratando da bulla para isso obtida, em presença da asserção dos chronistas, e talvez com especialidade de Pizarro (que annos depois veiu a citar), chegára, em 1852, na pag. 203 do seu excellente trabalho *A Carolina* a dizer:

«Sabemos que foi expedida no 1.º de março de 1555, sob o pontificado de S. S. P. Julio III, a instancias de El-Rei D. João III, etc.»

Mas quatorze annos depois, em 1866, á vista dos documentos e sem ter surgido em seu auxilio o apparecimento de *nenhum chronista* (antigo) mudára de opinião (partilha reservada aos sabios), e dizia na pag. 529 do tomo I do seu *Direito Civil Ecclesiastico*:

«É curioso o que diz Pizarro, em suas *Memorias*, tomo VIII, pag. 53 (nota 51), confrontando a data da chegada do bispo do Brazil com a da

bulla da creação do bispado, *que diz ser* do anno de 1555, por *não ter attendido bem* para a data da bulla, ligando o quinto das kalendas martii (data do mez) com o *quinquagesimo* (data do anno); de modo que, sendo expedida esta bulla em 26 [1] de fevereiro de 1550 [2], passou, segundo Pizarro, a ser do 1.º de março de 1555.»

Isto dizia o illustre senador em 1866, lançando sobre o pobre Pizarro toda a responsabilidade em que, com o seu «*sabemos*» de 1852, já tinha tomado a si alguma parte.

Essa bulla tinha sido por primeira vez impressa no principio d'este seculo (1806 e 1808) no fim de um folheto (*Refutação, etc.*, do dr. Dionisio Miguel Leitão) que, apesar de ter-se feito em duas edições, teve pouquissima circulação, e não admira que o douto senador não o tivesse visto em 1852, quando, havendo nós estado tantos annos em Lisboa, onde elle se imprimiu, só conseguimos havel-o em 1855; indo logo depois conferir o texto impresso com o original que se guarda no Real Archivo d'aquella capital, e apressando-nos a dar de tudo conta na pag. 487 do supplemento (ao tomo I da nossa *Historia Geral do Brazil*) distribuido, em 1857, com o II tomo d'ella. Ahi dissemos:

«Verificámos esta data pelo original da bulla (Torre do Tombo, armario 12. m. 31, m. 1) que é *Anno millesimo quingentesimo Quinto Kal. Martii, etc.*, o que pelos autores que seguimos antes havia sido lido 1.º de março de 1555, sendo que o — Quinto — com lettra maiuscula representa *o dia*.

Isto publicámos em 1857, nove annos antes que o douto censor, nas pag. 521 e 529 do I vol. do seu mencionado *Direito Civil Ecclesiastico*, désse conta do seu achado, que tambem tinha sido meu, um pouco antes.

Pizarro, que não visitou a Torre do Tombo, só poude ter tido conhecimento da bulla pelo texto impresso, o qual, bem que no titulo se diga de 1550, na data nem o *quinto* está com maiuscula, nem é precedido de virgula, de maneira que acaso chegaria a julgar que no titulo é que fôra commettido o engano.

O certo porém é que tambem se deve considerar errado o anno de 1550, e que no de 1551 é que a bulla foi expedida. Passo a proval-o.

A bulla se diz de 25 (não 28, nem 26, como, por erro typographico se lê nas pag. 521 e 529 do *Direito Civil Ecclesiastico* do censor) de fevereiro, e passada no «segundo anno» do pontificado de Julio III. Havendo este Papa sido eleito em 8 de fevereiro de 1550 [3], o dia 25 de fevereiro de 1551 veiu a ser apenas o 18.º do anno segundo do pontificado. Ha por ventura no texto da bulla manifesto engano no anno da era, ou no do

[1] Aliás 25.

[2] Aliás 1551, como adiante provo.

[3] *Art. de vérifier les dates* (edição de 1818), vol. III, pag. 423; *Bullario de Cocquelines* (Roma 1745), tomo IV, parte I, pag. 258.

pontificado? Tal engano sería mais facil de commetter-se na era, saltando o amanuense a palavra *primo*, do que convertendo no anno do pontificado o *primo* em *secundo*; mas não houve tal engano. Contado *more florentino*, segundo o qual systema, ainda em vigor tempo depois[1], o anno de 1551 só devia começar a correr desde 25 de março. Em todo caso o ser este o anno, se confirma pela data das instrucções enviadas ao embaixador em Roma Balthasar de Faria em 31 de julho de 1550, de que temos copia, e cuja minuta sómente haviamos visto e suppunhamos dever corresponder ao anno anterior ao que se attribuia á bulla. Além d'isso, no alvará de 16 de setembro de 1551 se diz que o bispo «ora vae» para a sua diocese, onde, a darmos credito, a um documento citado por J. P. Ribeiro, havia chegado em fins de outubro.

Por uma argumentação analoga, e sem que o *assegure nenhum chronista*, nem haver-se encontrado algum alfarrabio, mas sómente pela nossa perseverança no estudo e o devido criterio, temos hoje a respeito de outro ponto importante, — a data da annexação á coroa do mestrado das tres ordens, opiniões differentes de antes e das que se acham consignadas no *Direito Civil Ecclesiastico* do nobre senador, que, no seu indice a declara de 29 de dezembro de 1550, e na traducção antiga (pag. 428) que reproduz, sem o menor commento, a de 4 de janeiro (!) de 1551[2]; — havendo a bulla sido effectivamente passada em 30 de dezembro d'este ultimo anno, *segundo do pontificado* de Julio III, como n'ella se diz.

Aqui estão pois dois factos bem notaveis (e de maximo interesse para o nobre senador), as datas de duas bullas mui importantes em que a verdade deixou de ser revelada por chronistas antigos, foi até desattendida em documentos officiaes, e só veiu a ser restaurada pelo *criterio historico*, em conformidade com o qual affirmámos haver estado o Camarão na Bahia em 1603, sabendo que pouco depois se distinguiu na pacificação dos palmares do Itapicurú, devida exclusivamente aos pitiguares idos da Bahia, com o Zorobabé.

Porém o proprio douto censor que nega a existencia de um facto só porque *nenhum chronista o assegura*, parece querer ter o direito de valer-se d'essa omissão de parte d'aquelles de cujos textos elle tem conhecimento, para estabelecer arbitrariamente a não existencia de outros que, por documentos que elle casualmente ainda não conhece, sabemos hoje que tiveram logar. Assim chega, mui emphaticamente, a assegurar que:

«.... Nenhum Pitiguar voltou da Bahia ao Rio Grande, inclusivè o *cacique* mais notavel, — o Zorobabé.»

E volta logo a repetir que o levaram para a Bahia na expedição de 1603,

[1] J. P. Ribeiro, *Diss. Chron. e Crit.*, tomo II, pag. 190.

[2] O ministro José de Seabra aceitou esta falsa data no preambulo da lei de 19 de junho de 1789.

«.... de onde nunca mais voltou!»

Pois saiba o illustre critico que tambem o Zorobabé voltou, e com elle outros pitiguares, o que deixo para melhor occasião, limitando-me aqui a tratar só do que respeita a esse para mim sympathico personagem, tão merecedor de dar assumpto a um patriotico drama brazileiro.

Depois de haver prestado importantes serviços sujeitando os Aimorés, e logo os canhambolas amocambados nos Palmares do Itapicurú, regressou elle ao seu querido Rio Grande do Norte, por signal que, com o producto da venda dos pretos dos Palmares que lhe couberam, comprou *bandeira de campo*, ricas vestes e até um tambor; e, ao entrar na patria, se fez preceder de um dos seus indios (tambem pitiguar) brandindo uma espada; e depois armou rixas com os padres, porque, para recebel-o, não tinham as egrejas enramadas, nem haviam sahido a esperal-o em procissão, com os competentes canticos e comedias de columins. Mas, por fim, tão orgulhoso e insupportavel se tornou, especialmente quando bebia, com os proprios moradores, que estes se viram obrigados a prendel-o, e a mandal-o para Pernambuco; d'onde (não da Bahia) por ordem da Côrte ao governador D. Diogo, foi (depois de 4 de novembro de 1608[1]) embarcado para Lisboa, e logo d'ahi internado para Evora, onde veiu a fallecer. Infeliz! Quem sabe se d'elle *daria conta* a inquisição da então cenobitica capital do Alemtejo!

Se não conseguiu o douto censor acertar em quanto asseverou ácerca do sympathico Zorobabé, menos feliz foi ainda no modo como pretendeu historiar toda a expedição de Pero Coelho ao Ceará, a respeito da qual, bem como da vinda dos pitiguares da Bahia, muitos subsidios colligi depois da impressão da 1.ª edição da minha *Historia Geral*, com os quaes se verão algum dia em flagrante contradicção varias malaventuradas asserções do illustre senador e da falsa *novella* que, a tal respeito, compoz o seu Padre Moraes, com a mesma facilidade com que outorgou dois emblemas inventados como armas do Maranhão e do Pará, que nunca foram dadas por quem só as podia dar. Coelho partiu da Parahybaba (não de Pernambuco) em julho de 1603, e parte da expedição foi por terra ás ordens dos capitães Martim Soares Moreno, Simão Nunes Corrêa e Manuel de Miranda, e dos principaes Batatan, Caraguatin, Mandiopuba e Guaratinguirá, pitiguar este e tabajáras os tres primeiros. Antes de se estabelecerem no porto da ponta de Mocuripe, como affirma o censor, em opposição até com a narração de Diogo de Campos e de Berredo, que o seguiu, marcharam todos, sempre pela praia, até o Camucim, onde chegaram aos 18 de janeiro de 1604; e d'ahi passaram a subir a Ibiapaba; e bem longe d'ahi tratar com os indios, como diz o Padre Soares, os atacou, e de victoria em victoria contra os tabajáras

[1] Veja-se na 1.ª edição da *Historia Geral do Brazil*, a nota 2 da pag. 311, do tomo 1.º; escripta antes de haver eu conseguido noticia dos factos que acima narro.

da serra, unidos a não poucos francezes[1], avançaram até o Paranahyba, na distancia de quarenta leguas do Maranhão, e d'ahi retrocederam. A edificação do forte de Sant'Iago na projectada *Nova-Lisboa* só teve lógar depois d'este regresso da Ibiapaba. D'ahi se mudou a colonia para a margem esquerda do rio Jaguaribe, construindo porventura então o forte que encontramos denominado de S. Lourenço, se bem nos lembra, em um mappa da *Rasão do Estado*. Por fim o capitão-mór Pero Coelho, abandonado de quasi todos os seus, que traiçoeiramente lhe desertaram, teve que emprehender com sua mulher (D. Thomasia) e seus filhos, dois d'elles menores, todos a pé, pela praia, a tremenda jornada até o Rio Grande, soffrendo privações e fomes, em virtude das quaes falleceu entre outros o seu filho mais velho de dezoito annos de edade—jornada de cuja narração, bem como de outros pontos que ora omittimos, nos occuparemos mais extensamente na 2.ª edição da *Historia Geral*, se novas interrupções forçadas, algumas bem desagradaveis, provocadas por tantos incidentes, apesar do proposito feito de os desattendermos, não continuarem a retardar a sua publicação de modo que chegue a hora de baixar á cova antes de a deixar estampada.

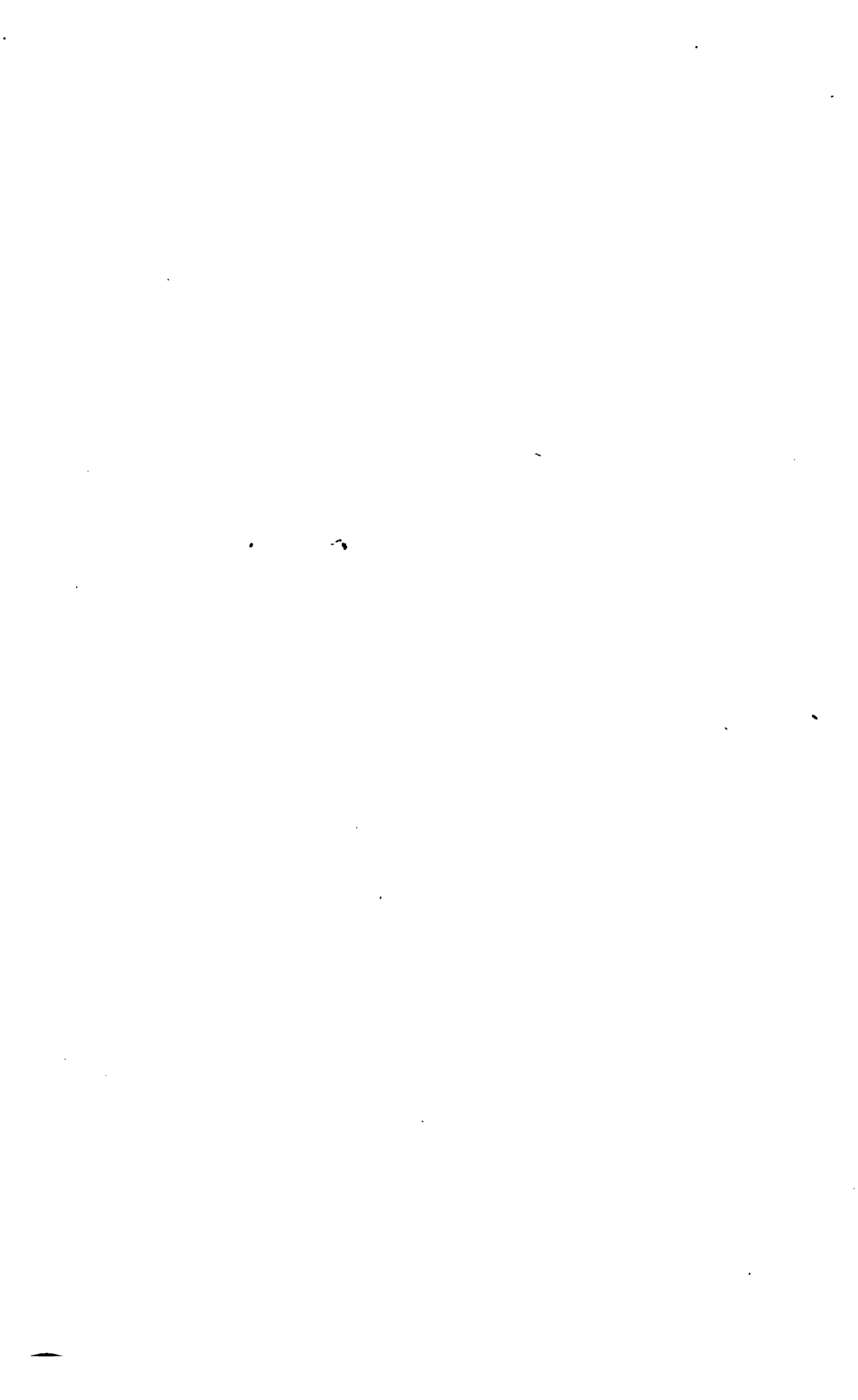
Vienna d'Austria, 7 de maio[2] de 1874.

Barão de Porto Seguro.

[1] A seu tempo diremos como Abbeville reuniu no seu cap. XII, os successos d'esta expedição aos da dos dois Padres em 1607.

[2] Expedido, pelo correio, de Vienna no dia 7 de maio de 1874, e recebido em Lisboa na typographia em 18 do mesmo mez e anno.

Typ. Castro Irmão — Lisboa

HISTORIA DAS LUTAS

LIVRO PRIMEIRO

Primeiras hostilidades, especialmente contra a Bahia

Preambulo — Illusão ácerca das vantagens com a sujeição do Brazil á Hespanha — Hostilidades de varias nações — Erradas providencias em vez de uma esquadra guarda-costas — Razão das hostilidades dos hollandezes — Vandale, Duchs, Usselincx — Organisação da companhia occidental hollandeza — Idéa de outra portugueza para lhe fazer face — Destino da expedição hollandeza conhecido com precedencia — Idéa do Brazil n'esta epocha — Providencias tomadas pelo governador Diogo de Mendonça — Rivalidades por parte do velho bispo D. Marcos — O inimigo acommette a Bahia — Desembarca, toma a cidade e prende o governador sem nenhuma capitulação — Juntam-se os moradores nos arredores e começam a hostilisar os intrusos — São mortos successivamente dois governadores da cidade — Primeiras providencias vindas da côrte — Mando de Nunes Marinho — Morte do bispo — Governo de D. Francisco de Moura — Chega a esquadra auxiliadora — Sitio posto á cidade — Sortida do inimigo — Sua capitulação — Regresso da esquadra auxiliadora — Governo de Diogo Luiz — Dois ataques do bravo Piet Heyn contra o Reconcavo, em 1627 — Providencias insufficientes tomadas pela côrte — Real d'agua.

Quando em 1580 Portugal se viu reunido a Castella, ou antes assentiu em aceitar por soberano o rei da demais Hespanha, vencido pela astucia de Filippe II, favorecido pelo poder das suas armas e pelo apoio, em Portugal, de uma nobreza egoista e pouco patriotica, não faltaram pensadores que supposessem que as colonias até então dependentes d'aquelle pequeno reino, sob cujo dominio iam prosperando a passos agigantados, só

teriam a ganhar ficando sujeitas a um chefe mais poderoso, cujos estados, já vastos e riquissimos, se iam engrandecer com todos os até então regidos pelos reis da dynastia d'Aviz nas diversas partes do mundo.

Ao Brazil, principalmente, essa união devia parecer um dom providencial, toda em seu beneficio. Por meio d'ella desappareceriam as duvidas e questões que, tarde ou cedo, deveriam surgir de novo ácerca da demarcação e traçado da sua raia, segundo a linha recta designada pelo tratado de Tordesilhas; ao passo que, vassallos do mesmo principe que todos os demais estados da America do sul, poderiam os povos do Brazil livremente commerciar com os seus visinhos, mandando-lhes seus productos, e gosando, contra os piratas e entrelopos, da protecção das mesmas esquadras que, indo para o Prata ou para o Pacifico, tinham forçosamente de velejar ao longo de suas costas.

Fatal engano, que dentro em pouco tinha de produzir crueis decepções! Aquelle pequeno reino, bem que um tanto desorientado com a revolução social que n'elle haviam occasionado as fortunas facilmente adquiridas na Asia, havia tido sempre o bom senso, quanto á politica do continente europeu, de procurar aproveitar-se da independencia que lhe dava a sua situação em um canto d'elle, a fim de manter paz com todos; em quanto, pelo contrario, os herdeiros de Isabel a Catholica, não contentes com extender suas conquistas pelos dominios que lhes offerecera o genio perseverante de Colombo, haviam sido levados, pela ambição, a sustentar guerras não só na Italia, na França, na Allemanha e nos Paizes Baixos, como até contra a Turquia.

E claro está que, sendo a maior parte d'estes inimigos nações maritimas, a propria vastidão, quasi immensa, da nova monarchia a cujos destinos se havia associado a nascente colonia brazilia, difficultava a sua defensa, e a deixava vulneravel, como uma das paragens a que menos lhe interessava attender. E com effeito, o Brazil, onde ainda não haviam sido descobertas as minas de ouro e diamantes, o Brazil com a sua escassa producção de assucar e do páo que lhe dera o nome, não podia ser guardado pelos novos reis estrangeiros, com o mesmo empenho com que tratavam de guardar o Mexico e o Perú, dominios que, com o enorme producto de inexgotaveis minas de ouro e prata, os ajudavam em tantas guerras.

Assim, desde 1581 em diante, começaram a emprehender maiores ou menores hostilidades em nossos portos alguns navios francezes, inglezes e hollandezes; e teriam tambem vindo turcos, se poucos annos antes (em 1571) não tivesse tido a fortuna de lhes dar em Lepanto D. Juan d'Austria tão tremenda rota.

Já em 1587, isto é, seis annos depois de haver o Brazil passado ao dominio do rei de Hespanha, dizia Gabriel Soares:

«Vivem os moradores tão atemorisados, que estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o mato, como fazem com a vista de qualquer náo grande; temendo serem corsarios: a cuja affronta S. M. deve mandar acudir com muita brevidade; pois ha perigo na tardança, o que não convem que haja; porque, se os estrangeiros se apoderarem d'esta terra, custará muito lançal-os fóra d'ella, pelo grande apparelho que tem para

n'ella se fortificarem; com o que se inquietará toda a Hespanha, e custará a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões de ouro em armadas, e no apparelho d'ellas, ao que agora se póde atalhar acudindo-lhe com presteza devida.»

D'ahi a vinte e cinco annos, em 1612, ponderava o judicioso autor do livro Razão do Estado do Brazil que a Bahia, capital do mesmo, era verdadeiramente uma aldeia aberta, exposta a todos os perigos, que estava fortificada sob principios mui atrazados, que os fortes não se prestavam mutua defensa, e alguns se achavam tão apartados que, em momentos de apuro, não poderiam ser soccorridos, e só serviriam, com sua facil perda, a desmoralisar os demais. Reflexionava que, como praça de guerra, continha a mesma Bahia em si demasiados clerigos e frades, e mais gente inutil á defensa: pelo que, acrescentava, «até o anno de 1604, havia sido acommettida quatro vezes de armadas inimigas, e duas se livrára mais por boa fortuna que por guerra.»

Decretára o governo, em 30 de outubro de 1592, um excesso de 3 % nos direitos de entrada e sahida dos generos das colonias, para o costeio de uma esquadra effectiva de doze navios, que servisse a comboiar e proteger os navios de commercio que d'ahi viessem. Estes impostos chamados do Consulado, que então tiveram origem, seguiram-se cobrando sempre, mas a esquadra de comboio não apparecia!

Em vez de enviar essa esquadra, o governo mandava ordens.—Já restringia [1] ou impedia absolutamente [2],

[1] Prov. de 9 de fevereiro de 1591.
[2] Res. de 18 de março de 1604, 16 de julho e 28 de novembro de 1606.

sob pena de morte, a navegação dos estrangeiros para as conquistas; já ordenava que não fossem elles tolerados no litoral, mas internados [1] a doze leguas da costa; já finalmente prohibia todo o commercio com os hollandezes [2], devendo ser sentenciados no mesmo Brazil os estrangeiros que ahi se prendessem [3]. Ao mesmo tempo recommendava toda a vigilancia com os christãos novos, desconfiando que podessem ter relações perigosas; sobrecarregava os povos com imposições, que depois se fariam perpetuas, sobre os alimentos, os vinhos e demais bebidas espirituosas, a fim de dispender tudo em grossas muralhas e trincheiras, cuja artilheria não podia alcançar aos cruzadores; aos quaes então mais interessava tomarem, á sahida dos portos, os assucares preparados e promptos, do que occuparem a terra para lidar com escravos africanos e com os duros trabalhos de derrubar matas, e de cortar e moer canna.

Onde estava o remedio bem o conhecia o governo, e ninguem melhor que os povos do Brazil que, por tradição de seus avós, sabiam como ás esquadras de Christovam Jacques, de Martim Affonso, de Thomé de Sousa e de Mem de Sá é que devêra a terra ver-se livre dos entrelopos, que então eram francezes, como agora eram pela maior parte hollandezes ou flamengos, em guerra com a Hespanha, cujo dominio tratavam de sacudir.

As hostilidades dos hollandezes, herdadas por Por-

[1] Prov. de 27 de setembro de 1605.

[2] C. R. de 5 de janeiro de 1605.

[3] A C. R. de 30 de julho de 1614 estranhou o governador do Brazil por não ter feito executar logo a sentença contra dois inglezes e dois francezes que tinham ido ao Rio, acrescentando porém que, já que tinham consultado á côrte, a pena lhes fosse commutada para galés perpetuas.

tugal, em virtude de sua annexação á Hespanha, eram mui legitimas.

Depois de haverem figurado como estado independente, os Paizes Baixos haviam passado a fazer parte do imperio de Austria, por occasião do casamento de sua princeza Maria de Borgonha com o imperador Maximiliano, conservando os povos seus foros e privilegios constitucionaes, não identicos em todas as cidades.

Com o imperio herdou Carlos v o dominio d'elles; mas, ao abdicar, preferiu deixal-os á corôa de Hespanha, e não á de Austria.

Eram varios milhões de habitantes laboriosos, dedicados á agricultura, á navegação e ao commercio, que não desejavam senão viver em paz e no goso de seus foros.

Filippe ii, preoccupado com a idéa de ter nos seus dominios uma só religião, pretendeu levar em todos elles ávante aquella idéa, sem deter-se nos meios. Encontrou, porém, nos Paizes Baixos resistencia nos povos, e seguiram-se motins, dos quaes tirou o rei justificado pretexto para contra elles enviar tropas hespanholas, ás ordens do Duque d'Alba.

A carnificina começou; mas a reacção apresentou-se temivel, e dentro de pouco teve um digno chefe. Tal foi o principe d'Orange. Seguiu-se, como era natural, a guerra; e n'ella as Provincias Unidas se conduziram com tanta energia que chegaram a tomar, com grande vantagem, a offensiva, tanto no mar, como nas colonias de Hespanha.

Cançados primeiro na luta os oppressores do que os opprimidos, foi ajustada uma tregua de doze annos.

Celebrou-se ella em 1609, reinando já Filippe III, e de tal modo foi redigida que não comprehendeu nenhuma clausula, resalvando de todo as hostilidades contra as colonias portuguezas.

D'esta falta se aproveitaram logo os hollandezes, caindo sobre a India portugueza, e apoderando-se quasi de todo o commercio do Oriente. Ao mesmo tempo avivaram suas hostilidades contra o do Brazil, de fórma tal que anno houve (o de 1616) em que chegaram a apoderar-se de vinte e oito navios da sua carreira. Recommendou a metropole, por varias vezes [1], a execução das ordens dadas no reinado de D. Sebastião, a fim de que os navios para as conquistas navegassem armados, mas com isso não fez mais do que dar ao inimigo mais valiosas e requestadas presas.

Um ou outro barco hollandez chegára a ser apresado; porém mais fôra calamidade que beneficio. Os prisioneiros, levados á Bahia, vendo o estado precario da defensa d'esta praça, quando conseguiam libertar-se, iam á Hollanda dar conta da facilidade com que, com grandes lucros, poderiam os seus vingal-os das perseguições recebidas.

De um d'estes, chamado Manuel Vandale, encontrámos o nome em varios documentos officiaes. Chegára a naturalisar-se portuguez; e pedindo licença para ir buscar sua mulher, foi-lhe essa licença negada, ordenando-se que se recolhesse ao reino; mas, no caminho, teve a fortuna de ver-se libertado por um navio de sua nação. Francisco Duchs, preso no Rio e logo conduzido á

[1] 19 de abril de 1616, 7 de março de 1619, etc.

Bahia, tambem d'ali conseguia escapar-se para a Hollanda, onde as suas informações não deixariam de fomentar o plano de novas hostilidades contra o Brazil[1].

Figurou, porém, como principal autor e sustentador d'esse plano de hostilidades, iniciado já alguns annos antes, o celebre Guilherme Usselincx. Propoz e defendeu este a idéa da formação de uma nova companhia, semelhante á Oriental, que na India havia adquirido tantos lucros e vantagens. Apezar da resistencia que á formação da nova companhia oppozeram os interessados na Oriental, influentes nas municipalidades, e menos favoraveis ao poder dominante, vingou a final o plano, e aos 3 de janeiro de 1621, anno em que justamente acabava o prazo da tregua ajustada por doze annos, se outorgava a patente para a creação da nova companhia do commercio. Era concedido á mesma companhia por vinte e quatro annos o monopolio do commercio da America e Africa, com o direito de nomear governadores, concluir pactos com os moradores e construir fortificações.

Em quanto a nova companhia hollandeza se organisava, não faltou quem lembrasse a formação de outra na Peninsula hispana, para lhe fazer face. Eram autores da idéa varios judeos portuguezes, residentes na mesma Hollanda, e em cujo coração as injustiças e perseguições não haviam ainda apagado o amor da patria. Em 7 de janeiro dava Pedr'Alvares Pereira conta d'esse plano, que lhe era proposto por um Duarte Gomes de Solis, o qual

[1] O seu nome encontra-se nada menos que entre os dos chefes que capitularam na Bahia em 1625. D. Manuel de Menezes escreve Duquesme, em vez de Duchs.

punha para elle a condição unica de que se outorgasse aos judeos o direito de commerciarem nas colonias; direito que, aliás, a troco de um donativo de duzentos mil cruzados, lhes havia sido concedido em 1601 (C. de 31 de julho), se bem que pouco lhes durasse o beneficio; pois foi logo revogada a concessão em 1610, sem que o dinheiro se lhes restituisse. O certo é que o pensamento de uma companhia geral para o commercio do Brazil, em opposição a essa da Hollanda, e que veiu contribuir a hostilisal-a, só chegou a levar-se a effeito muito depois [1], e sempre com alguns capitaes de judeos [2].

Organisada a companhia hollandeza e preparada a correspondente expedição, foi esta confiada ao experimentado Jacob Willekens, tendo por immediato o bravo e venturoso Piet Heyn [3], devendo encarregar-se do mando superior das forças de desembarque o coronel João Van Dorth, valente soldado.

Não era mysterioso o destino immediato da mesma expedição. Em um paiz de imprensa livre, como já eram as Provincias Unidas, não devia ser facil conservar-se o segredo em um assumpto em que tantos estavam interessados. Todas as noticias desde 1621, em que a companhia fôra outorgada, eram concordes em assegurar que a mesma expedição se destinava ao Brazil, e desi-

[1] Em 6 de fevereiro de 1649, graças ás suggestões do padre Vieira.

[2] Assim se deprehende de um alvará da mesma data da fundação, e das polemicas do padre Vieira a esse respeito.

[3] Este appellido anda escripto muito errado nos nossos autores. No Portugal Restaurado diz-se Moyno; nas Memorias Diarias Noynio; F. Manuel de Mello chama-lhe Pedro, Petri, Tein, assim como D. Manuel de Menezes, ambos os quaes erradamente o suppozeram inglez de nação.

gnadamente á Bahia ou a Pernambuco. Era principal defensor d'essa idéa Jan Andrew Moerbeeck. Em janeiro de 1622 [1] fôra até secretamente ouvido em Madrid, a tal respeito, o governador que havia sido do Brazil, Gaspar de Sousa, cujos bons conselhos lhe valeram o ser feito então donatario da capitania desde o Caité ao Turiassú, por carta de 26 de maio d'aquelle anno.

Largaram os expedicionarios, ao cabo de não poucas difficuldades, dos portos da patria; e, em quanto os deixamos seguir pelo Atlantico, releve-se-nos uma pequena interrupção em nossa narrativa para, encolhendo os vastos horisontes que hoje temos á vista, fazermos uma ligeira idéa do que era então o paiz a que lançava miras ambiciosas a nova companhia de commercio hollandeza.

O territorio do Amazonas ao Prata, ainda mal devassado pelos sertões, constava, ao longo da costa, de quatorze capitanias, formando tres governos geraes separados: o do Maranhão, que comprehendia o Pará, de recente creação; o da Bahia, e o do Sul, que se reduzia ao Espirito Santo, Rio e S. Vicente.

Por todas essas quatorze capitanias a população util compunha-se dos moradores, isto é, dos colonos portuguezes ou descendentes d'elles, em pequeno numero; dos indios mansos, uns livres, outros administrados e alguns ainda captivos; dos escravos pretos, principalmente trazidos da costa d'Africa fronteira; e da gente de côr, provinda do cruzamento e mescla de todas estas raças, e cuja condição seguia a do ventre materno. Em numero, os escravos africanos já começavam a sobrepujar, e va-

[1] Bibl. Egert. no Museu Brit. n.º 1131, fl. 37.

rios milhares d'elles se importavam nas principaes capitanias [1]; mas muitos dos mais ladinos, principalmente do sul de Pernambuco, fugiam para os quilombos ou mocambos d'elles, cujos nucleos se haviam já formado nos palmares, ao depois mui nomeados, do sertão da actual provincia chamada das Alagôas, ás bandas de poente das duas maiores [2] das quaes proveio á provincia o nome.

A agricultura reduzia-se principalmente á da canna chamada crioula, algum tabaco de rolo e pouco gengibre; além da mandioca, que era o pão da terra, e de algum milho e outros legumes. A producção do assucar servia principalmente a aquilatar a riqueza proporcional de cada districto, excepto na capitania de Sergipe que só produzia gado.

As leis vigentes em todas as capitanias eram, em geral, as mesmas que regiam na metropole, e, para o tempo, das melhores. Depois de Filippe II os reis, ainda que na fórma absolutos, não governavam; as leis e as providencias de mais importancia eram commettidas aos tribunaes; e aos ministros do rei apenas vinha a caber a prerogativa das nomeações dos empregados, como ainda hoje succede em alguns governos monarchico-constitucionaes de nossos dias, aliás mui liberaes.

Depois de extincto o Conselho da India, as ordens da metropole para o Brazil emanavam principalmente do governo de Portugal, umas vezes exercido por um vice-rei, e outras por varios governadores, assistidos de um conselho d'Estado, outro da Fazenda e Mesa da

[1] Só pelo porto do Recife, segundo os registos, já passavam, termo medio, de cinco mil por anno.

[2] Mandahú ou do Norte, e Manguába ou do Sul.

Consciencia, ou tambem de um Conselho de Portugal, que residia em Castella com o rei.

Havia em todo o Brazil um só bispado, com a sé na Bahia. O Rio de Janeiro tinha entretanto uma administração ecclesiastica separada. No Maranhão só annos depois [1] foi creada definitivamente uma administração semelhante, e em Pernambuco tinha outra tido logar pouco antes (desde 1616), mas acabava de ser declarada sem effeito.

Os rendimentos principaes eram os dizimos. Embora estes segundo o direito canonico pertencessem á igreja, eram administrados pela corôa, obrigando-se esta a manter oculto, em virtude de concordatas com a Santa Sé. Esse rendimento que, em todo o Brazil, fôra em 1602 arrematado por cento e seis mil cruzados, havia crescido, como era natural, com o augmento da cultura da terra; de modo que, sendo de novo em 1608 separado o Brazil em dois governos, pela mesma raia que servia de divisão ás duas capitanias de Porto Seguro e Espirito Santo [2], subíra a renda só do do norte, em 1611, a cento e vinte cinco mil cruzados; e já em 1620, segundo os dados que nos transmitte um escriptor autorisado, se computava a receita total das quatorze capitanias, incluindo as duas mais recentes do Maranhão e Pará, em cincoenta e nove contos trezentos e dez mil e oitenta e

[1] C. R. de 8 de agosto de 1640. Foi primeiro administrador o superior dos jesuitas padre Luiz Figueira, escriptor conhecido.

[2] O rio Cricaré ou de S. Matheus. Aquelle nome, que se acha correctamente escripto em um dos mappas da Razão do Estado do Brazil no exemplar da Bibliotheca Portuense, lê-se erradamente Circacem no exemplar que possue o Instituto Historico do Rio, o que deu azo a duvidas entre os estudiosos.

nove réis [1]; e a despeza em cincoenta e quatro contos trezentos e oitenta e oito mil duzentos e noventa e cinco réis;—sommas equivalentes hoje, pela depreciação dos metaes, a outras nominalmente muito maiores.

A cobrança estava commettida aos provedores e almoxarifes subordinados a um provedor mór.

O regimen das povoações competia ás camaras dos municipios, eleitas triennalmente, e com attribuições, não só administrativas, como em certos casos judiciaes, e com direito de dirigirem por escripto representações ás principaes autoridades e até ao proprio soberano. Além dos juizes subalternos, não letrados e inherentes ao systema municipal, havia, como juizes letrados e de maior alçada, os ouvidores; e na Bahia se creára pouco antes uma relação ou tribunal de segunda instancia, composta de dez desembargadores e subordinada ao tribunal supremo em Lisboa, a qual funccionava regularmente, na conformidade do seu regimento [2].

Para quanto respeitava á milicia havia junto a cada governador (que era ao mesmo tempo de toda ella o capitão mór) um sargento mór, a quem estava principalmente commettida a sua inspecção e alardos, bem como a boa conservação das fortalezas. Compunham a mesma

[1] Bahia, 18:541$840 réis; Maranhão, 9:706$920 réis; Pernambuco, 8:956$400 réis; Espirito Santo, 6:094$040 réis; Pará, 6:000$634 réis; Rio Grande (do N.), 3:518$581 réis; Parahiba, 2:069$381 réis; Rio, 1:806$520 réis; Seará, 741$000; Sergipe, 624$080 réis; Tamaracá, 611$840 réis; S. Vicente, 360$480 réis; Ilheos, 159$053 réis; e Porto Seguro, 121$320 réis. Total, 59:310$089 réis. Parecem-nos, porém, n'este computo as rendas de Pernambuco muito menores do que se deduzem de outros documentos, e do facto de possuir já então uns cem engenhos de assucar.

[2] De 7 de março de 1609.

milicia especialmente as ordenanças, na qual estavam alistados todos os moradores ou colonos, sendo de cavallaria os mais ricos e nobres. Tropa de linha, ou de presidio, como então se lhe chamava, havia mui pouca, e só depois da guerra que vamos historiar tomou em toda a colonia maiores proporções.

Quando chegou ao Brazil a noticia dos intentos hostis da expedição hollandeza, estava de governador geral na Bahia Diogo de Mendonça Furtado, que havia ácerca d'ella recebido avisos directos da metropole, com ordens mui antecipadas para fortificar especialmente as entradas dos portos da Bahia e do Recife. Para dar o devido cumprimento a taes ordens teve o governador que arbitrar uma nova contribuição; e apezar de ter encontrado na cobrança d'ella alguma opposição [1], seguiu providenciando ácerca da defensa da Bahia o melhor que soube: fez guarnecer de artilheria os fortes já feitos; levantou outro novo em uma lagem que havia no porto em frente da cidade, e que veiu a receber o nome e invocação de Nossa Senhora do Populo e S. Marcello; mas que então tinha apenas á flor d'agua uma cerca de fachina e de cestões, dos quaes alguns ainda vazios.

Existiam n'esse momento na cidade uns tres mil homens d'armas; havendo o governador, pouco antes, ao receber as primeiras noticias de que para ali se dirigia o inimigo, convocado dos arredores todos os da ordenança, muitos dos quaes haviam acudido de menos boa vontade; e assim o manifestavam, com o apoio do proprio bispo da diocese, D. Marcos Teixeira que, aca-

[1] Embargos que julgou improcedentes a côrte, ouvido o Dezembargo do Paço. C. R. de 20 de julho de 1623.

bando de ter com o mesmo governador conflictos de jurisdicção e disputando-lhe até a precedencia [1], aproveitava este ensejo para lhe fazer opposição e alcançar popularidade.

Apezar de mui adiantado em annos [2] era o bispo ainda escravo dos estimulos da ambição. Por seus esforços, depois de propôr que se creassem alguns officiaes do Sancto Officio no Brazil, «que os havia mister pela muita povoação e qualidade da gente que n'elle habitava» tinha conseguido fazer-se nomear inquisidor commissionado no mesmo Brazil, e oppondo-se ao pensamento manifestado pela corôa de criar um bispado no Maranhão, reunindo-se a esse novo bispado a administração ecclesiastica de Pernambuco e Parahiba, havia alcançado [3] que tudo lhe ficasse sujeito. Encontrando alguma contrariedade da parte do desembargador Francisco Mendes Marecos, procurador da corôa, e que em desempenho de seus deveres defendia d'esta os fóros, havia, pouco antes, chegado ao excesso de excommungal-o.

No dia 8 de maio de 1624 foram avistadas as velas inimigas, e desde logo mandou o governador tocar a rebate, e, juntando-se de novo a gente, a distribuiu como julgou mais acertado. O bispo apresentou-se n'essa mesma tarde, com uma companhia de ecclesiasticos ar-

[1] Que dois mezes depois lhe era concedida, por C. R. de 3 de julho de 1624.

[2] D. Marcos Teixeira, doutor em canones, fôra conego arcediago de Evora, e depois ahi inquisidor em 30 de dezembro de 1578. D'ali passou á Casa da Supplicação e á Mesa da Consciencia, e em 9 de junho de 1592 era deputado do Santo Officio.—Devia ser octogenario.

[3] C. R. de 8 de fevereiro de 1623, e 23 de fevereiro de 1624.

mados e, percorrendo as estancias, exhortava a todos á defensa, o que igualmente, a seu exemplo, praticaram varios individuos das ordens religiosas, as quaes aliás bastante faziam então avultar o numero dos moradores da cidade.

Na madrugada do dia seguinte o inimigo, com vento favoravel, enfiou a barra, passando longe do alcance do canhão dos fortes. Eram trinta e tres navios. Cinco d'elles fundearam logo defronte de Santo Antonio; em quanto os demais, com a almiranta, seguiram até pôr-se em linha defronte da cidade. Então disparou a mesma almiranta com polvora sêcca, e despediu um batel com bandeira de paz; mas á salva e ás indicações pacificas responderam os fortes com alguns tiros de bala; o que vendo os atacantes, começaram a disparar por bandas contra o forte do mar e a cidade, e os quinze ou dezeseis navios que estavam junto á praia, e cujas tripulações trataram logo de desamparal-os, depois de lançar-lhes fogo; mas tão mal posto este que, com tres lanchas apenas, conseguiram os inimigos atalhal-o em oito d'elles, dos quaes se apoderaram á boca da noite. Parece que projectaram os atacantes abalroar o forte do mar; porém, receosos dos baixos, deram fundo, e começaram a batel-o, despedindo logo depois de bordo quatorze lanchas armadas. Por fim conseguiram assenhorear-se do mesmo forte, com perda apenas de quatro mortos e dez feridos.

Entretanto, desde as duas da tarde, uma força de mais de mil homens, com duas peças de artilheria, effeituára outro desembarque, do lado da barra, perto do pontal de Santo Antonio, e assenhoreando-se do forte

ahi situado, se dirigia para a cidade, sem encontrar a menor resistencia, em varios desfiladeiros no caminho, onde houvera sido facilimo apresental-a.

Para mais favorecer os atacantes, ao entrar a noite ainda os arredores da Bahia se viam allumiados pelo clarão que despediam os navios que se incendiavam, e cuja combustão, facilitada pelo alcatrão dos massames, era alimentada pela carga de assucar que abarrotava alguns d'elles.

Os que por terra vinham do lado da barra seguiram até ás portas da cidade, e foram sem a menor resistencia alojar-se em S. Bento, extra-muros; e toda a gente de cavallo que o governador mandára ao seu encontro havia desertado.

Os moradores já aterrados com o grande estampido dos canhões, com o incendio de uns de seus barcos e tomada de outros, e finalmente com a perda dos dois fortes, ao ter noticia de achar-se o inimigo tão perto, tomaram-se de extraordinario panico e começaram logo n'essa noite todos a fugir, sem poder contel-os o governador. O proprio bispo, que tão valente se mostrára na vespera, se dirigiu ao collegio dos Padres da Companhia, e os induziu a que fugissem com elle, levando comsigo quanto de mais precioso possuiam, arrebanhando dest'arte apoz si muitas familias.

Detiveram-se estes fugitivos um pouco na quinta do mesmo collegio, a meia legua da cidade; e logo seguiram d'ali até o rio Vermelho. Levava este rio bastante agua e não se podia vadear. Achavam-se na sua margem milhares de pessoas, incluindo muitas mulheres e crianças. Aos lamentos de quem já chorava tanta desgraça,

vieram então juntar-se os ais e suspiros de todos, quando, alta noite, apoderados de medo, chegaram a crer realmente o que viam na fantasia; a saber que o inimigo vinha em perseguição d'elles, e ali os ia alcançar a todos em breve.

Entretanto os hollandezes pernoitavam no forte do mar e no convento de S. Bento, fantasiando, por sua parte, os perigos que ainda teriam que passar no ataque da cidade, que reservavam para a manhã immediata.

Ouçamos agora o que nos diz uma testemunha presencial, cujo conceito não é dado pôr em duvida. São palavras do padre Antonio Vieira na «Annua da Provincia do Brazil,» mandada ao geral da Companhia de Jesus em Roma, e datada da Bahia a 30 de setembro de 1626. Diz assim: «Tanto que o sol saiu em 10 de maio, julgando os hollandezes da muita quietação da cidade estar sem defensores, deliberam-se a entrar, e entram, não sem receio de algumas ciladas; mas a cidade, ou para melhor dizer o deserto, lhes deu entrada franca e segura, indo logo tomar posse das casas reaes, onde estava o governador, desamparado de todos, e acompanhado só de um filho e tres ou quatro homens. —Presos estes, e postos a recado na almiranta, cobram todos os despojos, que tanto a mãos lavadas lhes offereciam liberalmente as casas com as portas abertas, tudo roubam, a nada perdoam; empregam-se no ouro, prata e cousas de mais preço, e despedaçando o mais, o deitam pelas ruas, como a quem custára tão pouco.»

A singela narração de Vieira é apoiada por uma representação official feita por varias autoridades inimigas, em 31 de agosto d'esse mesmo anno de 1624, em que dizem que o governador «fora encontrado em

sua casa, com um seu filho e outros, queixando-se da falta de auxilio dos seus.»

São no mesmo sentido as palavras da exposição, tambem official, do almirante D. Manuel de Menezes, quando diz que, vendo-se os atacantes dentro das muralhas da cidade, se dirigiram logo «á casa do governador, que acharam desamparada de todos e o prenderam»[1]. Ainda mais: o proprio governador, solto na Hollanda em 23 de novembro de 1626, dirigindo em meiados do anno seguinte uma supplica ao rei[2] allega simplesmente que quando o inimigo o prendera «não sacara comsigo mais vestido que o que tinha no corpo.»

Não faltaram escriptores que, talvez com vistas de denegrir os hollandezes, disseram que o governador capitulára, e que elles haviam faltado ás condições da capitulação. Se fosse isso verdade, todos os contemporaneos o teriam dito, e o governador não o houvera por certo calado na supplica a que nos referimos, e não deixaria logo de haver acrescentado algum qualificativo á sua prisão, se para effeitual-a houvesse o inimigo violado algum pacto para elle governador honroso. É verdade que o facto de ter havido capitulação, depois de inventado pelo primeiro[3], foi repetido por muitos[4];

[1] Quasi pelas mesmas phrases se explica Bartholomeu Guerreiro.

[2] Docum. do Mus. Britannico.

[3] Valencia y Gusman.

[4] Em presença dos argumentos que agora reproduzimos com a extensão que nos não era permittida na Historia Geral reconhecerá o leitor se ao nosso digno consocio sr. conego Fernandes Pinheiro assistiu a justiça quando (na Rev. do Instituto do Rio, Tom. 23, pag. 75) se oppoz ás nossas opiniões, acrescentando, sem nenhum fundamento, que

mas todos os bons criticos sabem que o valor do criterio não se aprecia pelo numero dos autores, senão pelo valor e importancia da autoridade; e que tal caso haverá em que a asserção de um só (no presente caso são quatro autoridades) fará mais fé do que o testemunho falso de um bando de plagiarios ou de seus preconisadores.

Achavam-se ao lado do governador em palacio, quando foi preso, e com elle, além de seu filho Antonio de Mendonça, o sargento mór da cidade Francisco de Almeida, o ouvidor geral Pedro Casqueiro e o capitão Lourenço de Brito.

D'este modo, a milicia do paiz, sem a necessaria disciplina, abandonava os seus postos, á medida que o perigo d'elles se aproximava; e os moradores, vendo fugir os que deviam defendel-os, fugiam tambem, abandonando os seus lares, e procurando levar comsigo quanto podiam; « vendendo d'este modo, como diz um escriptor contemporaneo, por nenhum preço, a sua terra, as suas casas, a sua quietação e até a veneração das cousas sagradas, aos maiores inimigos da igreja. »

A muita facilidade encontrada pelo inimigo em assenhorear-se da cidade não o fez adormecer, nem descuidar-se de prover sem demora a augmentar a sua defensa; a fim de resistir aos que, em tão grande numero, a tinham abandonado, e podiam, cobrando brios, procurar recuperal-a. Tratou logo de entrincheirar-se,

haviamos negado ao governador Mendonça qualidades de bravura ou coragem, e por ventura fazendo conceber ao leitor a idéa que deviamos « pertencer á escola que julga do merecimento dos homens pelo resultado mais ou menos prospero que remata seus esforços. »

cavando fossos, levantando parapeitos, construindo baterias e plataformas, e artilhando-as convenientemente. Reforçou os parapeitos com pentes e palissadas, e accumulou nas entradas infinidade de estrepes. E todo o systema de defensa ganhou muito, amparado por uma especie de lagôa invadeavel, que engenhou do lado da terra, represando ahi as aguas correntes por meio de um dique levantado defronte do convento de S. Francisco, e defendido por uma bateria. Ao mesmo tempo eram lançados bandos e proclamações, convocando os habitantes a regressar ás suas casas, promettendo-se-lhes a maior tolerancia e respeito á propriedade.

Em abono da verdade, cumpre dizer que mui poucos dos moradores acudiram ao chamamento.

A maior parte dos que haviam deixado a cidade se passaram do rio Vermelho á aldeia do Espirito-Santo, hoje Abrantes, a umas seis ou sete leguas da mesma cidade. Reunidos ahi ao bispo varios desembargadores, tendo a certeza da prisão do governador, decidiram que este se devia considerar morto para o estado, e que, n'este conceito, elles se achavam autorisados a abrir as vias de successão. Encontrou-se n'ellas designado Mathias d'Albuquerque, capitão mór em Pernambuco, que desde logo foi d'isso avisado; assentando-se, porém, que, em quanto este novo governador não chegasse, ou não indicasse quem o devia substituir, obedecessem todos [1] ao desembargador Antão de Mesquita de Oliveira, o qual entretanto se appellidaria capitão mór, e seria auxiliado,

[1] «De accôrdo com os officiaes da camara da Bahia, que estavam retirados na Pitanga,» diz Bartholomeu Guerreiro.

no que respeitava á milicia, por seis capitães que foram tambem nomeados.

Desagradou, segundo parece, a eleição do desembargador ao bispo D. Marcos, o que se nos apresenta como bastante provavel, ao lembrarmo-nos das provas de ambição que dera antes, disputando preeminencias ao proprio governador, nomeado pelo soberano. O certo é que Antão de Mesquita foi dentro de poucos dias [1] deposto [2] pelos officiaes da camara da cidade reunidos na Pitanga, os quaes elegeram por capitão mór ao mesmo bispo, e por coroneis de toda a milicia da terra aos moradores Antonio Cardoso de Barros e Lourenço Cavalcanti d'Albuquerque, ambos naturaes do Brazil e que por ventura ajudariam tambem a depôr Antão de Mesquita. De ambos diz D. Manuel de Menezes que eram «sem nenhuma consciencia,» informação esta que lhe transmittiria o proprio desembargador, de quem o mesmo Menezes se mostra amigo, e que estaria queixoso contra os dois, como o estava, e muito [3], contra o bispo. A

[1] Como os chronistas dizem que o governo do bispo foi de quasi quatro mezes, e elle o havia entregue já a Marinho a 12 de setembro, segue-se que seria poucos dias depois de sahir da cidade.

[2] O padre Vieira é bem explicito, quando diz: Fez (Antão de Mesquita) «tudo que poude, mas impossibilitado pelo estado das cousas, não poude chegar ao muito que pretendeu. Passados alguns dias o sr. bispo...... determinou trocar o baculo com a lança, o roquete com a saia de malha, e de prelado de ecclesiasticos, fazer-se capitão de soldados;» e D. Manuel de Menezes, talvez por sua posição official, contenta-se em dizer que «n'este tempo deviam os vereadores, a modo de scisma, de eleger por capitão mór ao bispo...... vista a impossibilidade de Antão de Mesquita, por sua idade e achaques, etc.»

[3] «Em uma carta de 12 de setembro (1624), em que Antão de Mesquita dá novas a...... Mathias d'Albuquerque de ser chegado o capitão

respeito de Lourenço Cavalcanti, que era já um dos seis capitães escolhidos para auxiliar a Antão de Mesquita, nada transpirou que chegasse á nossa noticia; porém não podemos dizer outro tanto ácerca de Antonio Cardoso, tendo conhecimento de uma ordem vinda da côrte [1] para se devassar contra elle, «por delicto commettido na guerra,» o qual não suppomos fosse outro [2].

Apoderado do governo, desenvolveu o bispo a maior actividade. Ordenou que seiscentos homens escolhidos em vinte e sete guerrilhas, ou companhias de emboscada, de vinte e cinco a quarenta individuos cada uma, se aproximassem da cidade, ás ordens dos mesmos coroneis; os quaes teriam á sua conta, um o districto do Carmo, e outro o de S. Bento, unicas paragens por onde, em consequencia do dique, a cidade era accessivel. E pela sua parte, elle bispo com os demais soldados, em numero passante de mil, deixando a aldêa do Espirito Santo, se aproximou tambem da cidade, a uma legua d'ella; assentando arrayal junto ao Rio Vermelho, fortificando-o com fossos e trincheiras dobradas, «sendo o primeiro que, para as fazer, tomou a enxada e cesto.»

mór Francisco Nunes Marinho, falla como apaixonado e resentido, alegando muito o que mereceu ao serviço de S. M. na paciencia com que dissimulou os aggravos que recebia do bispo (a quem carrega muito com synonimos grammaticaes de ambicioso) e se queixa do odio que lhe tinha mui antigo, por razão das contendas com a relação sobre querer usurpar a jurisdicção real» (D. Manuel de Menezes).

[1] C. R. de 7 de agosto de 1625. Na mesma C. R. são mandados elogiar Marinho e Moura.

[2] No antigo cartorio da thesouraria da Bahia ainda em 1867 vimos, em letra já bastante apagada, o livro das vereações da camara em quanto fôra da cidade. Conviria acudir-se-lhe quanto antes, tirando, se ainda é possivel, uma copia. Por ventura só elle poderá dar muita luz ácerca da revolução contra Antão de Mesquita.

—Ainda em seu tempo, no mesmo arrayal foram assestadas «seis peças de artilheria, seis roqueiras e tres falcões de bronze.»

Entretanto as companhias de emboscadas se aproximavam muito da cidade e, do lado do Carmo, por vezes surprehenderam o inimigo, e lhe mataram ou aprisionaram alguns. Chegaram até a idear (no dia 13 de junho) entrar pelo convento, e passar d'elle á cidade, surprehendendo-a; mas não correspondeu o resultado aos desejos. Aventurado foi, porém, o capitão Francisco Padilha, natural do Brazil [1], armando defronte de S. Filippe uma cilada ao governador da praça, Van Dorth, quando vinha de visitar Monserrate. Disparando contra elle, e matando-lhe o cavallo que montava, arremeteu a pé e o degolou. Dias depois (1.º de agosto) foi igualmente surprehendido e aprisionado o commandante do forte de Itapagipe.—Seguiram-se outras emboscadas, mais ou menos felizes, sendo uma na ilha de Itaparica, onde, passando os hollandezes a fazer carnagem, os capitães Affonso Rodrigues Adorno e Pero de Campos os foram surprehender, tomando-lhes duas lanchas e cinco roqueiras; e outra (3 de setembro), em que o inimigo deixou no campo, entre mortos e feridos, quarenta e cinco, graças ao arrojo do dito capitão Padilha e de tres outros mais, todos pelo bispo armados cavalleiros. Provavelmente foi n'esta refrega que morreu o coronel Albert Schott, successor de Van Dorth.

Em principios de setembro chegou ao arrayal Francisco Nunes Marinho, mandado de Pernambuco por Ma-

[1] D. Manuel de Menezes.

thias d'Albuquerque, já de posse do governo, para servir de capitão mór, cargo este que havia servido na Parahiba, onde estava residindo. Trazia algum soccorro de munições, e poderes para que o seu mando se extendesse tambem a Sergipe, Ilheos e Porto Seguro. No mesmo arrayal o bispo lhe entregou o governo, e d'ahi a um mez proximamente (8 de outubro) entregava a alma a Deus. Não faltou quem dissesse [1] que o haviam envenenado, boato mui frequente de levantar-se quando, em momentos de exaltação dos partidos, tem logar a morte de algum de seus principaes chefes. Por mais natural temos attribuir essa morte ao resultado de tantos trabalhos, em idade tão avançada, ou ainda ao sentimento de deixar, quando menos o pensava, o mando quem tanto o saboreava e fizera por elle.

Para ajudar a Francisco Nunes Marinho mandára Albuquerque a Manuel de Sousa d'Eça [2], antes capitão no Ceará, e já despachado para o Pará.

Nunes Marinho assignalou-se por novas emprezas felizes, não só do lado do Carmo e de Itapagipe e ilha de Itaparica, como do lado de S. Bento e até da Villa Velha, o que obrigou os sitiados a roçar o mato e a cortar as arvores ao redor da praça, até onde poderam, e a abandonar o forte da barra, que ainda então occupavam. Notou-se que a favor dos hollandezes combatiam já muitos pretos, havendo sido até organisado,

[1] Veja-se o Sermão prégado na sé da Bahia, em 5 de maio de 1625, por Fr. Gaspar da Ascensão, que corre impresso.

[2] Em nenhum documento official vemos que se junte o appellido Eça a Nunes Marinho. Foi esse appellido, por alguma confusão, acrescentado em uma das relações impressas, e depois copiado em outras, incluindo a Annua do padre Vieira.

dentro da cidade, um regimento dos escravos que se apresentavam. Os nossos denominavam estes soldados Tapanhunos ou Tapanunhos.

O mando de Marinho foi ainda de menos duração do que o do bispo, pois não chegou a ser de tres mezes, passando-o (no dia 3 de dezembro) a D. Francisco de Moura, natural de Pernambuco, e que militára em Flandres: era sobrinho do famoso D. Christovão de Moura, e acabava de governar em Cabo Verde; estava já pelo rei nomeado e prestes a partir, quando em Lisboa havia chegado a parte de Mathias d'Albuquerque de haver escolhido a Nunes Marinho,—pela muita confiança que n'elle punha. Trazia D. Francisco de Moura o titulo de «capitão mór do Reconcavo,» e era portador de promessas e esperanças de um soccorro consideravel. Por quanto havendo chegado (em julho), a Lisboa e a Madrid, a noticia da occupação da Bahia, todos se haviam alarmado muito, já pela perda d'ella em si, já, principalmente na Hespanha, pelo perigo que d'essa perda resultava a todas as suas colonias da America.

Em conselho pleno de estado e guerra se havia resolvido [1] o apresto de uma poderosa esquadra para seguir para a Bahia, com um corpo de oito até doze mil homens de tropas, devendo ouvir-se a tal respeito a D. Fadrique de Toledo, como já predispondo-o ao mando d'ella. Para a esquadra e para o reforço de gente deviam concorrer não só Portugal, como tambem os demais estados subordinados á mesma corôa, incluindo Napoles.

Bem saberia a côrte que um tão grande soccorro não

[1] Simancas, Consultas Orig. Minist. de Guerra, Legalho 1325.

se podia mui depressa arranjar só em Portugal; e a consciencia lhe diria que esta calamidade só a recebia aquelle reino por lhe estar sujeito.

Em quanto porém a esquadra se ficava preparando, enviava a côrte o dito D. Francisco de Moura. Além d'isso, havia expedido a favor de Mathias d'Albuquerque alvará de confirmação no governo do Brazil, dispensando-o da obrigação de residir na Bahia, segundo fôra ordenado desde 19 de março de 1614.—Igualmente recommendára a Francisco Coelho de Carvalho, que estava nomeado governador do novo estado do Maranhão, e já em caminho para elle, que, com a gente que levava, se detivesse em Pernambuco. Ao governador do Rio de Janeiro, Martim de Sá, ordenára que acudisse á Bahia com quanta gente e mantimentos podesse. Havia sido encarregado de trazer estas ordens Francisco Gomes de Mello, natural do Brazil e pouco antes (13 de julho de 1624) nomeado capitão do Rio-Grande do Norte; não havia tardado elle em partir, com duas caravellas, em companhia de Pedro Cadena [1], de Villasanti, casado na Parahiba, e que ao depois (1637-1638) veiu a ser na Bahia provedor mór [2].

Por sua parte os hollandezes não deixavam de receber tambem promessas, e deviam já considerar como prova da muita importancia que a Companhia Occidental ia dar á sua nova conquista, um extenso regimento, para o seu governo, datado de 19 de novembro; e que, se bem d'esta vez não teve applicação,

[1] Não Pedro Cudeña, como se diz na tradução allemã da sua Descripção do Brazil em 1634, impressa em Brunswink em 1780.

[2] Brito Freire, § 171 e 900.

veiu mais tarde a servir de modelo para outro de Pernambuco [1].

Consolavam-se tambem os hollandezes com os reforços que recebiam, e com as prezas que faziam, algumas das quaes, sem trabalho, indo alguns navios, ignorando que elles se achavam de posse do porto, ahi fundear. N'este numero se contou um em que vinha, com sua familia e cabedaes, D. Francisco Sarmiento de Sotomayor, que havia sido governador do Potosi. E mais que tudo se consolavam os hollandezes com as noticias que recebiam, de que tambem já nos portos de Hollanda se ficava aprestando uma grande armada para soccorrel-os.

O mando de D. Francisco de Moura se assignalou pela occupação de varios postos fortificados do Reconcavo, de que elle era capitão mór, empreza que commetteu a Manuel de Sousa d'Eça, e pela conveniente organisação, para melhor proteger os engenhos, de uma pequena esquadrilha de lanchas canhoneiras e barcos armados, da qual fez cabo a João de Salazar d'Almeida. O inimigo ainda em seu tempo intentou uma sortida, do lado do Carmo, mas foi escarmentado, como sempre; pelo que ordenou, sob pena de morte, que nenhum mais devassasse as muralhas da cidade. Durante o governo de D. Francisco de Moura teve logar (a 27 de janeiro de 1625), n'uma casa fóra da cidade, onde se haviam recolhido os padres da companhia, a morte do seu reitor, o venerando padre Fernão Cardim, escriptor de bastante merito, e mestre do padre Antonio Vieira.

[1] Groot Placaert Boeck de 1664.

Dois mezes depois (22 de março) se descobriram, fóra da barra, nas aguas da Bahia, muitas velas. Com a tendencia do espirito humano, de acreditar-se mais o que mais se deseja, cada uma das duas parcialidades imaginou que era a soccorrida. Porém embalde se alvoroçaram os hollandezes. Aproximou-se a esquadra, começaram os nossos a fundear, e pelos pavilhões todos reconheceram que era a promettida da côrte catholica contra os hollandezes, tendo por chefe o valente D. Fadrique de Toledo [1]

Na totalidade vinha a mesma esquadra a compor-se de cincoenta e dois navios de guerra, dos quaes vinte e dois de Portugal, dezeseis da armada de Castella, sendo onze da chamada do Oceano e cinco da do Estreito, quatro da Biscaya, seis das Quatro-Villas, e finalmente quatro de Napoles. Isto sem contar os transportes, cujo numero era proporcionado á conducção da gente de soccorro, que na totalidade consistia em doze mil quinhentos e sessenta e tres homens, dos quaes uns quatro mil correspondiam ao contingente portuguez; onde era tanta a nobreza, segundo o testemunho unanime dos escriptores, que se chegou a asseverar que, desde as expedições de D. João I a Ceuta, e de D. Sebastião a Tanger, não houvera exemplo de outra que de tão luzida e bem nascida gente se compozesse.

Fundeada a frota, ao nordeste da barra, foi logo a bordo D. Francisco de Moura e outras pessoas principaes do acampamento, e no conselho, que então teve logar, se assentou de fazer desembarcar primeiro quatro

[1] Não «Francisco Toletano,» como escreveu o eloquente Barlæus.

mil homens, a saber: mil e quinhentos portuguezes, dois mil hespanhoes, e quinhentos napolitanos.

Na manhã seguinte melhoraram os navios para dentro da bahia, tomando-lhe a barra em linha de noroeste a sueste, a fim de evitar que se escapasse a frota hollandeza, que constava de vinte e cinco navios; pelo que esta se limitou a coser-se com a terra, buscando o amparo das baterias da praça.

No dia 30 se effectuou o desembarque folgadamente, com auxilio dos grandes barcos dos engenhos, cada um dos quaes conduzia junta uma companhia. Com os primeiros que desembarcaram seguiu D. Francisco de Moura. Tambem foi conduzida para terra alguma artilheria, a fim de ser assestada nas novas baterias que logo se começaram a construir.

Com a tropa chegada de reforço, o cerco da cidade se regularisou pela occupação de todas as alturas de redor. Em cinco paragens, porém, concentraram suas forças os sitiantes.

No Carmo, com um terço de portuguezes e outro de castelhanos, se alojou o chefe da expedição D. Fadrique de Toledo.

Seguia-se uma bateria, na peninsula formada pelo dique, defronte de S. Francisco, a que chamavam das Palmas ou das Palmeiras, em virtude de algumas que ali havia. Horta dos Corrieiros era o nome que até ali davam ao sitio os da cidade. Indagando escrupulosamente, cremos poder assignar a essa bateria o logar que hoje occupa a igreja do Desterro ou a de Sant'Anna.

D. Francisco de Moura, com as tropas brazileiras,

em numero de mil e quatrocentos soldados, e quatrocentos indios, occupava o morro que segue para a banda de S. Bento, onde ainda hoje existem alguns quarteis, e as igrejas de Santo Antonio da Mouraria e Conceição dos Militares.

Seguia-se a estancia do convento dos Benedictinos, no qual se alojaram tres terços, ou regimentos; sendo um de portuguezes, outro de castelhanos, e o terceiro de napolitanos.

Finalmente a extrema esquerda da linha de sitio era occupada pela bateria feita pelo almirante D. Manuel de Menezes, no local onde hoje vemos a igreja de Santa Thereza.

Ameaçado por tantas forças, tratou o inimigo de concentrar as suas, abandonando os fortes de Monserrate, e o da Agua dos Meninos, entre aquelle e a cidade. Com a occupação d'este ultimo forte adquiriram os nossos um porto commodo para o desembarque das tropas e da artilheria, o qual até então se effectuára junto da barra com difficuldade.

Por outro lado certo desleixo dos novos sitiadores, confiados excessivamente na superioridade do numero, lhes veiu a custar bastante caro. O hollandez descobrindo que a estancia de S. Bento se achava mui desguarnecida, e que os soldados ahi estavam em grande numero desarmados e trabalhando em terraplenar o caminho, e pouco vestidos, em virtude do calor, intentou sobre essa estancia, pela volta das onze horas da manhã, uma arrancada dirigida pelo capitão Kijf, a qual nos custou a perda de trinta e seis mortos e noventa e dois feridos, pela maior parte castelhanos, e alguns

de maior graduação [1]. Menos felizes foram no dia seguinte, que intentaram outra saida; porém encontraram já todos de sobreaviso.

No dia 6 de abril se acercou da praça a esquadra libertadora, soffrendo vivo fogo das baterias, e expondo-se ao de tres brulotes que contra ella despediu a esquadra hollandeza; os quaes houveram podido incendiar as capitaneas, se não dão pressa a fazer-se de véla, apartando-se da direcção que traziam os mesmos brulotes de fogo. Afim de atacar a frota inimiga, cosida com a praia, para dentro do forte de S. Marcello, julgou-se preferivel o estabelecimento da bateria em terra, foi executada, defronte da direita da linha inimiga, tão felizmente que foram logo sete navios hollandezes a pique, incluindo a capitanea. O cerco foi-se apertando tanto que paragens havia onde não mediava entre os amigos e inimigos mais que a distancia do fosso ou cava, que a uns e outros servia de resguardo.

Cumpre não esquecer de consignar que, durante o sitio, chegaram, com soccorros, de Pernambuco, Jeronymo de Albuquerque Maranhão, filho do conquistador d'este nome, e do Rio de Janeiro o brioso joven Salvador Corrêa de Sá, neto do de igual nome, e a quem seu pae, o governador Martim de Sá, confiára o mando de duzentos homens, conduzindo muitos mantimentos, tudo em duas caravellas e quatro canoas remadas por indios, havendo percorrido ao longo da costa umas quatrocentas leguas. No Espirito-Santo havia Salvador Corrêa tido occasião de medir-se, com vantagem, com tre-

[1] D. M. de Menezes conta 195 entre mortos e feridos.

zentos hollandezes que ahi tinham desembarcado de oito navios que no dia 10 de março [1] se haviam apresentado ameaçando a villa.

Em um momento se vira esta desamparada de mulheres e crianças, que se foram retirando para as roças. Mandára o capitão Francisco de Aguiar Coutinho tocar a rebate: compareceram os moradores; mas havia poucas espingardas. Chegando, porém, Salvador Corrêa, fez desembarcar quarenta colonos e setenta indios, e uns e outros, com a gente da capitania, guarneceram tres estancias ou trincheiras que se levantaram na praia. Desembarcado entretanto o inimigo, travou-se a peleja durante um quarto de hora, e o hollandez se viu obrigado a retirar-se com alguma perda, limitando-se a nossa á morte de um soldado. Tentaram os aggressores outro desembarque no dia seguinte: porém não lhes foi melhor. Resolveram então assaltar as roças, e com quatro lanchas se foram rio acima, e tomaram varias canoas e um caravelão de Salvador Corrêa quasi desguarnecido. Festejavam ainda esta presa no dia immediato, quando cairam em uma cilada que os nossos, dirigidos pelo mesmo Salvador Corrêa, lhes armaram; n'ella foi abalroada a lancha principal, ficando só dois com vida, e as outras lanchas apenas poderam escapar-se com grande perda. Desenganados os hollandezes na presença de tantas tentativas mallogradas, fizeram-se de vela, ao cabo de oito dias. Durante elles metteram na villa mais de oitocentos pelouros, sem causar damnos de considera-

[1] Veja Manuel Severim na Rel. Universal de 1625 a 1626. Bart. Guerreiro, Jornada etc. fol. 34.

ção. Ainda quando os podessem causar, taes damnos são sempre menores que os resultantes do desembarque e occupação do paiz, quando os habitantes, acovardados pelo primeiro panico, não se resolvem a apresentar a tempo a resistencia necessaria á natural defensa.

Voltando, porém, ao sitio da Bahia, digamos como elle terminou. Familiarisando-se os sitiantes com os sitiados, disseram alguns d'estes que tratavam de capitular. Avançaram cabos dos nossos, e lhes foi perguntado se vinham munidos de poderes. Responderam que não, mas que podiam dirigir-se a D. Fadrique. Acceitou o inimigo o arbitrio, e no dia seguinte mandou um tambor, com uma carta nos seguintes termos:

«Nós, o coronel e mais individuos do conselho d'esta cidade, havendo sabido que da parte de v. ex.ª chamavam um tambor nosso para lhe fallar, enviamos este para saber o que v. ex.ª nos quer dizer, e confiamos em que v. ex.ª consentirá que volte, segundo os usos da guerra.» Respondeu logo o general, dizendo que de sua parte nenhuma indicação fizera; mas que se «conforme a pratica dos sitios, tinham os sitiados que fazer algumas propostas, as ouviria cortezmente quando não se oppozessem ao serviço de Deus e d'el-rei.» A nobreza d'estas phrases, a generosidade que ellas respiravam, o modo como D. Fadrique dissimulava o estratagema do inimigo para não confessar sua fraqueza, lhes devia inspirar muita confiança em favor das negociações. Convocados conselhos de uma e outra parte, a final os occupantes da Bahia, esmorecidos, trataram de ver se, em quanto era tempo, obtinham uma capitulação honrosa, e propozeram como essencial condição a sahida da praça

com armas, toque de tambor e murrões accesos. Resistindo, porém, D. Fadrique mui firmemente á concessão d'estas honras, vieram os intrusos a acceitar as condições que, no quartel do Carmo, lhes dictou o vencedor, e que foram as seguintes:

—Que entregariam a cidade com toda a artilheria, armas, bandeiras, munições, petrechos, bastimentos, e os navios que estivessem no porto.

—Que n'esta entrega se incluiria todo o dinheiro, ouro, prata, joias, mercancias, utensilios, escravaria, e tudo o mais que houvesse na cidade e nos navios.

—Que se restituiriam todos os prisioneiros.

—Que os vencidos não tomariam armas contra a Hespanha até chegarem a Hollanda.

—Que poderiam voltar impunemente para a patria com toda a sua roupa.

—Que lhes seriam dadas embarcações em que se retirassem, com mantimentos para tres mezes e meio, e armas com que se defendessem, depois de deixar o porto; não podendo usar d'estas, em quanto ali estivessem; excepto os officiaes que levariam suas espadas.

—Finalmente que n'aquella mesma noite entregariam uma das portas da cidade, recebendo em troco refens a contento.

Assignadas as capitulações, no dia primeiro de maio entravam os nossos na cidade.

Na disposição e conducção das baterias de sitio distinguiu-se bastante o contingente napolitano ás ordens do marquez de Cropani, tendo por sargento-mór Giovano Vicenzo Sanfelice, que com o titulo de conde de Bagnuolo veiu ao diante a representar papel importante.—

Porém devemos declarar que, geralmente, os sitiantes não se recommendaram pela boa ordem, disciplina e fiscalisação nos fornecimentos; e cada parcialidade procedia com demasiada independencia, o que podéra ter prejudicado muito, se tambem entre os inimigos não houvesse falta de homogenidade; pois contavam em seus terços ou regimentos soldados flamengos, allemães, inglezes, francezes e até polacos,—tudo gente adventicia e mercenaria.

Não foi por falta de munições, nem de provisões, nem de soldados que a praça se rendeu: foi por falta de união e de disciplina; foi por não ter um chefe superior de prestigio. Haviam deposto tumultuariamente a Schottens, elegendo ao capitão Johan Kijf, que era dado a bebidas espirituosas, e pouco antes havia recebido de um dos do conselho uma cutilada, e se achava tudo sem o prestigio necessario [1].

Segundo o testemunho de D. Manuel de Menezes, a guarnição constava ainda de mil novecentos e dezenove homens, incluindo cincoenta e seis officiaes: e «todos mancebos, gente escolhida para luzir entre qualquer infanteria do mundo.»

Não foi, pois, sem razão que, attendendo ao pouco trabalho que houve para a recuperação da cidade, se lembraram alguns da esquadra que D. Fadrique podia de si dizer, parodiando a phrase de Cesar:

«Vim, vi e Deus venceu.»

[1] A respeito da entrega da guarnição hollandeza diz Laet, Novus Orbis, lib. xv, cap. 23: «Partim Præfecti militaris ignavia, partim quorundum tribunorum et militum perfidia, utrorumque non levi infamia.»

Tres semanas depois de effectuada a capitulação, estavam á vista da Bahia trinta e quatro navios hollandezes, que vinham soccorrer a praça, e tiveram mais uma occasião de apreciar a conhecida maxima da guerra, de que muitas vezes algumas horas desaproveitadas podem decidir do exito de uma empreza.

Informado o almirante Hendriksoon da rendição da cidade, ainda assim entrou no porto, como desafiando os nossos a uma acção. D. Fadrique hesitou a principio, e quando talvez ia a decidir-se, fez-se o inimigo na volta da ilha de Itaparica, do que resultou tocar nos bancos um navio de cada uma das esquadras, dos que demandavam mais agua. Hendriksoon, aproveitando-se da noite tratou de retirar-se, havendo D. Fadrique desistido do intento que teve de seguil-o, com tal prudencia que poderia chegar a qualificar-se de falta de confiança na superioridade de suas forças.

Esta armada hollandeza, passando á vista de Pernambuco com 28 vélas, não ousou ahi fundear, e seguiu até a Parahiba, onde o temporal e a pouca franquia da barra lhe impediram tambem de aportar. Velejando, pois, para o norte, entrou na espaçosa bahia da Traição, para fazer aguada e refazer-se de mantimentos. Aqui desembarcaram em terra uns seiscentos homens, em tres alojamentos que entrincheiraram; e eram os doentes em tão grande numero que a principio morriam aos quinze e vinte por dia. Informado de tudo Mathias d'Albuquerque, enviou de Pernambuco, para desalojal-os, uma força de sete companhias de Pernambuco e da Parahiba, com trezentos indios, ás ordens do governador nomeado para

o Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, filho de Feliciano Coelho [1].

Ao sentir a sua aproximação embarcaram-se os hollandezes, fazendo-se de véla no dia 1.º de agosto, e deixando compromettidos os indios que se lhes haviam unido, e que foram acossados por Francisco Coelho, auxiliado por Antonio d'Albuquerque, capitão da Parahiba, e por Francisco Gomes de Mello, capitão do Rio Grande. Foi n'esta occasião que entrou no serviço o ao depois tão famoso heroe André Vidal.

Ficaram assim infructuosos para os hollandezes todos os gastos feitos com esta expedição de soccorro, e com mais razão ainda ficou sem ter effeito um edicto ou proclamação [2] aos povos do Brazil, que no dia 26 de maio haviam promulgado os estados geraes, promettendo tolerancia religiosa, liberdade de commercio, segurança da propriedade e outras garantias, aos que se submettessem.

Aos da capitulação foram guardados pontualmente os ajustes; e D. Fadrique, entregando o governo da cidade a D. Francisco de Moura, e deixando ás suas ordens mil portuguezes da expedição, se fez de véla com a armada. O temporal que lhe sobreveiu, o esgarramento de muitos navios, a perda de outros, tomados pelos inimigos, ou vencidos pelos elementos, não pertence já á nossa historia.

D. Francisco de Moura bem que, como dissemos, filho do Brazil, não ficou no mando de muito boa von-

[1] Barlæus escreve Ceca em vez de Coelho.

[2] Assignada por E. van den Marck, e referendada por G. van Goch. Veja-se o livro impresso em 1664, com o titulo Groot Placaert Boeck, vol. 2, col. 2299—2302.

tade, e não tardou a entregal-o a Diogo Luiz de Oliveira que, como diz um escriptor distincto, em Flandres aprendera e ensinára a milicia.

O dominio hollandez na Bahia, ainda que passageiro, produziu a suppressão da sua relação (alv. de 5 de abril de 1626) cujos gastos foram mandados applicar para a tropa [1].

O governador Diogo Luiz votou-se com actividade a restaurar as fortificações da cidade e a construir outras novas; mas empreza difficil, senão impossivel, era, com os meios de que dispunha, pôr-se a coberto do valor e audacia do inimigo. Em março de 1627 o valente Piet Heyn se apresentava outra vez nas aguas da Bahia, e burlando-se das suas novas muralhas e de mais de quarenta canhões n'ellas assestados, ahi atacava, com feliz exito, a frota de vinte e seis navios [2] (dos quaes quatro armados ou de guerra) que se achava fundeada junto á terra. O venturoso almirante, por um rasgo de audacia (imitado d'ahi a perto de dois seculos pelo intrepido Cochrane), adiantando-se da sua esquadra com a sua náo, foi com ella fundear entre os dois principaes

[1] Ficou no Brazil de ouvidor geral Antão de Mesquita, deixando de ir para Angola, para onde já estava despachado; sendo depois nomeado provedor mór dos defunctos o desembargador Diogo de S. Miguel Garcez que, em quanto existia a Relação, desempenhava já n'ella as funcções do novo cargo. Foram estes os unicos dois desembargadores que seguiram na Bahia.

[2] Dando o numero de vinte e seis navios, seguimos a Laet, em geral bem informado e bastante imparcial. Além d'isso é o termo medio entre dois extermos que vemos citados, dando Brito Freire e os que o seguiram só dezeseis (numero que aliás corresponde aos que se achavam na Bahia á chegada da frota hollandeza em 1624, e tambem aos que diz Jaboatão tinham a bordo tres mil caixas de assucar), e uma relação contemporanea em francez, nada menos de trinta e dois.

navios de guerra da mesma frota, e apezar das desvantagens do combate, tendo contra si não só o fogo dos navios, como o da artilheria e fuzilaria de terra, conseguiu metter a pique a sotacapitanea da frota, e inspirar tal terror aos demais navios, que todos se lhe renderam, excepto tres menores que conseguiram escapar-se. A almiranta de Piet Heyn ficou tão crivada de ballas, que se afundou até dar em secco, pelo que teve de incendial-a, dando-se por bem indemnisado com a victoria, e com os demais navios com carga de assucar, de que em troco conseguiu assenhorear-se. Segundo Jaboatão dezeseis d'esses navios tinham a bordo tres mil caixas [1].

Depois de se demorar no porto uns vinte e quatro dias, e de enviar carregadas quatro das melhores presas para Hollanda, queimando as que julgou menos aproveitaveis, e reforçando com varias a sua esquadra, seguiu o feliz almirante para o sul, a avistar o Cabo Frio, e havendo feito aguada em um porto visinho, entrou de novo na Bahia no dia 10 de junho, com quatro navios de guerra, e foi tomar dois mercantes que estavam fundeados em Itapagipe, d'onde passou em lanchas armadas a captivar outros tres, que haviam buscado refugio no fundo do Reconcavo, sendo hostilisado por forças postadas nas margens, das quaes conseguiu burlar-se, empavesando as mesmas lanchas com coiros de boi, que nos proprios engenhos encontrára.

De novo se demorou Piet Heyn incolume senhor do porto por mais de um mez, até o dia 14 de julho, em que resolveu recolher á Europa.

[1] Part. I, pag. 61.

Tão brilhantes successos e outros que os mesmos hollandezes adquiriram não podiam ser offuscados pelos pequenos revezes que no Amazonas, Ceará, e ilha de Fernando de Noronha recebiam alguns entrelopos hollandezes que por essas bandas se apresentavam.

Os desastres no Brazil eram, para os portuguezes, acompanhados de outros ainda maiores na sua India. Debalde havia a carta regia de 10 de dezembro de 1624 (aproveitando até certo ponto a idéa offerecida pelos judeus portuguezes da Hollanda quanto ao Brazil) tentado organisar, para lhe acudir, uma «Companhia de navegação e commercio da India, Mina e Guiné.»

Para a Bahia sómente encontramos que se ordenasse mandar reforços de homens e munições, em maio de 1628, devendo com uns e outros attender-se tambem a Pernambuco.

Entretanto escassos seriam esses esforços, se nos guiamos pelas supplicas, que n'esse mesmo anno (em 17 de fevereiro e 6 de julho) dirigia o soberano ás camaras do reino, solicitando meios com que acudir ás colonias portuguezas, onde o inimigo pretendia arraigar-se.

Corresponderam as camaras, ao menos com boas intenções, ao chamamento; pois que então teve origem a idéa, por ellas suscitada, do imposto chamado real d'agua, que devia consistir no tributo de um real por libra de carne ou canada de vinho, que se vendesse para o consumo, o qual depois, para a cidade de Lisboa, foi elevado a cinco réis em libra de carne, e a sete em canada de vinho. Mas esse imposto só depois começou a cobrar-se.

LIVRO SEGUNDO

Desde a perda de Olinda até a deserção do Calabar

Fundos subministrados por outra victoria de Heyn — Novos planos contra o Brasil — Preferencia dada a Pernambuco — Falta de prevenções adequadas — Nomeação de Mathias de Albuquerque — Sua partida, com insignificantes soccorros — Providencias d'este governador — Chegada das forças hollandezas — Desembarcam ao norte de Olinda — Tomam esta capital, e dias depois o Recife — Entrincheiram-se os hollandezes — Albuquerque organisa guerrilhas e se fortifica no Arrayal do Bom Jesus — Onde ficava este — Repelle o primeiro ataque — Toma Albuquerque a offensiva — Elogia o inimigo o valor dos pernambucanos — Estende a sua linha — Constroe um forte em Itamaracá — Providencias tomadas pela côrte — Armada de Oquendo — Combate naval com Pater, que morre na acção — Boatos a este respeito — O inimigo abandona Olinda — Intenta em vão tomar a Parahiba, e depois o Rio-Grande e o forte do Cabo de Santo Agostinho.

O saque do reconcavo da Bahia, alcançado com tanta vantagem por Piet Heyn, sería por si um grande estimulo para a companhia occidental não desistir de novos ataques contra o Brazil. Achava-se porém escassa de fundos, e porventura não se arriscaria outra grande expedição, com tropas de desembarque, se lhe não vem em auxilio um grande thesouro, que lhe caiu nas mãos, graças a uma nova victoria alcançada no mar pelo proprio invasor do Reconcavo Piet Heyn, contra D. Juan Benevides, tomando-lhe varios galiões, que continham o valor de uns nove milhões de ducados, preza considerada

das mais valiosas de que ha exemplo nos annaes maritimos [1].

Com tão grande auxilio de capitaes, a companhia se decidiu a mandar uma nova expedição ao nosso littoral.

Resolveu, porém, não insistir em occupar a Bahia, que provavelmente encontraria prevenida, e que, escarmentada com a ultima invasão, peor receberia de novo o seu dominio. Lançou pois de preferencia suas miras cubiçosas a Pernambuco, mais perto da Europa, e cuja occupação julgou mais facil e mais rendosa, em consequencia até das devastações que acabava de soffrer a Bahia, e de outros dados que deviam na Hollanda ser mui conhecidos, a ponto de publicar um escriptor hollandez contemporaneo [2] que um seu compatriota, que vivera trinta annos no Brazil, lhe assegurára que só Pernambuco produzia annualmente sessenta mil ducados, afóra o tabaco, pau Brazil, etc.

O plano da preferencia dada a Pernambuco não se teve na Hollanda em grande segredo, e foi mui a tempo communicado para Madrid e para Lisboa.

Se immediatamente a côrte se decide a tomar as unicas providencias adequadas, se inspirada pelos factos recentes da perda da Bahia, e da sua recuperação pela armada de D. Fadrique de Toledo, se resolve a mandar logo outra poderosa frota ás costas de Pernambuco, tal-

[1] Heyn levava vinte e quatro vasos de guerra. A 9 de setembro de 1628 atacou a Benevides tomando-lhe dez barcos. Os outros oito ou nove entraram no porto de Matanzas e ahi foram tomados. A presa se avaliou em *quinze milhões de turnezes*

[2] Laet, Hispania, ed. Elzevir de 1629, pag. 212.

vez haveria conseguido deixar de todo escarmentada a Companhia Occidental. A propria demora que teve, para organisar-se e para partir, a esquadra hollandeza, e os tropeços que ainda se lhe apresentaram na viagam, vendo-se parte d'ella obrigada a combater com uma esquadra hespanhola que encontrou, casualmente mandada pelo proprio D. Fadrique de Toledo, pareciam estar providencialmente favorecendo o Brazil para ser soccorrido mui a tempo.

Em vez porém de se decidir logo a fazer um esforço maior, enviando nova esquadra restauradora, a côrte limitou-se a dar ordens para Lisboa que d'ali mandassem algum soccorro a Pernambuco; e, como se achasse então accidentalmente em Madrid Mathias de Albuquerque, o qual, por occasião da invasão anterior, substituindo no governo a Diogo de Mendonça Furtado, dera de si tão boa conta, lhe ordenou que para lá regressasse como «superintendente na guerra, e visitador e fortificador das capitanias do norte [1]» com isenção do governador da Bahia, devendo passar por Lisboa, e levar d'ahi os soccorros que se haviam mandado aprestar.

Albuquerque partiu immediatamente. Porém á foz do Tejo viu, com tanta surpreza como pena, que taes soccorros promettidos se reduziam apenas a vinte e sete soldados e algumas munições.

Sem embargo, conforme lhe era ordenado, fez-se de

[1] A patente de Albuquerque como «Superintendente na guerra e fortificador das capitanias do norte» sómente se lavrou em Madrid com data de 24 de maio 1630. O posto de superintendente das fortificações foi mais tarde conferido a João Fernandes Vieira, depois de regressar de Angola.

véla; e no dia 18 de outubro (1629) já se achava em Pernambuco dando providencias [1].

E tal havia sido a demora da partida da esquadra hollandeza que o proprio regimento para o governo politico e judicial [2], que se devia observar na projectada conquista, não se expediu na Hollanda senão a 13 de outubro, cinco dias antes que Albuquerque chegasse a Pernambuco. Constava de sessenta e nove artigos, e fôra modelado sobre outro outorgado no 1.º de novembro de 1624 aos que então estavam senhores da Bahia.

Varios contemporaneos são concordes em assegurar [3] que Albuquerque fez por então quanto estava ao seu alcance.

Já passou felizmente o tempo de serem os escriptores obrigados a inventarem faltas aos agentes dos governos, para desculpar os erros d'estes. Quando appareceram os desastres, não deixou de haver quem por elles increpasse unicamente a Mathias d'Albuquerque, e ainda,

[1] Mathias d'Albuquerque foi desembarcar em Jaraguá, nas Alagôas, no dia 4 de outubro, e d'ahi proseguiu por terra. Assim consta do titulo de uma relação (que não vimos) que existia na bibliotheca de Castello-Melhor.

[2] Este regimento encontra-se no Groot Placaert Boeck imp. na Haya em 1664, Part. I, Col. 1235.

[3] Veja-se a Relação verdadeira e breve da tomada da villa de Olinda, que n'esse mesmo anno se imprimiu em Lisboa, por Mathias Rodrigues, além do parecer do Conselho de Estado, adiante citado. O conde da Ericeira diz que Albuquerque «dispozera tudo o que julgara util para a defensa, porém como havia de animar sessenta leguas de costa... não fora possivel que o effeito correspondesse á diligencia.» Omittimos o testemunho do autor das Memorias Diarias, porque essa parte das Memorias (até a chegada do donatario conde de Pernambuco com Oquendo) foi aproveitada do diario que o proprio general a principio escrevia e remettia regularmente á côrte.

em nossos dias, varios escriptores o tem censurado de haver perdido tempo festejando, com salvas de artilheria, a noticia do nascimento de um infante; como se, ainda quando assim fosse, não podesse, d'esse mesmo apparato bellico, resultar um pretexto para o alardo de toda a milicia. A verdade, em todo o caso, é que o novo governador, nos cinco mezes menos quatro dias que esteve no seu posto, antes de se apresentar a esquadra inimiga, fez quanto podia. Proseguiu fomentando as obras da defensa do porto, trabalho em que já encontrou o proprio capitão-mór que ali estava, André Dias da Franca, ajudado pelo sargento-mór do estado Pedro Corrêa da Gama, que servira em Flandres, e que antes fôra mandado ahi da Bahia pelo governador geral Diogo Luiz de Oliveira. Attendeu ao armamento e disciplina da milicia da terra, a qual constava de tres companhias de linha, com cento e trinta praças unicamente, e mais quatro companhias de milicias na villa e uma no Recife, todas com seiscentos e cincoenta praças. Organisou mais duas companhias de gente de mar. Recommendou, por toda a capitania e pelas visinhas que os homens de armas e os indios amigos estivessem de sobreaviso, a fim de acudirem onde se mostrasse o inimigo. Mandou que pela costa se postassem atalaias para, por meio de fogueiras de distancia em distancia, darem signal dos navios que se avistassem. Ordenou ao sargento-mór das milicias, Ruy Calaza Borges, que fosse desalojar alguns hollandezes que estavam formando um estabelecimento na ilha de Fernando de Noronha, o que elle executou com tanta felicidade que d'elles aprisionou sete, tomando-lhes uma lancha, com seis roqueiras. E por fim, quando chegou o

momento do perigo não fugiu d'elle; pelo contrário tratou de sair-lhe ao encontro.

No dia 9 de fevereiro chegou ao Recife um patacho, enviado pelo governador das ilhas de Cabo-Verde, João Pereira Corte Real, trazendo a Pernambuco a segurança de que para ali partira a esquadra inimiga. Immediatamente o governador deu a todos o grito de álerta. Espalhou os competentes avisos, para dentro e fóra da capitania, convocando a gente á capital, e publicando até bandos, concedendo em nome do soberano perdão aos reus homisiados que se apresentassem a tomar as armas. Melhorou ainda mais a defensa dos fortes, armando-os de palancas ou palissadas, e flanqueando-os por novas baterias. Attendeu tambem a fechar, por meio de barcos, reunidos ou mettidos a pique, a principal entrada do porto e as suas duas barretas. Distribuiu as forças pelos differentes postos, nomeando os competentes chefes superiores e subalternos, e, com a sua presença, procurou acudir a toda a parte, e dar calor a tudo.

Cinco dias depois de chegar o aviso, aos 14 de fevereiro, apresentava-se a esquadra hollandeza com cincoenta e seis navios. Era d'ella chefe o veterano na milicia do mar Henrique Cornelis Loncq.

De accordo com o commandante das forças de terra Theodoro Weerdenburgh, foi resolvido effeituar-se o desembarque por duas partes; encarregando-se Loncq de dirigil-o pelo porto, em quanto Weerdenburgh iria com outras tropas ás praias ao norte de Olinda.

Não conseguiu Loncq o intento. Um dos seus navios, que mais se adiantára, encalhou na barra. As lanchas que iam com gente, encontrando o porto fechado, e bem

defendido pelos fortes, tiveram de retroceder. Foi, porém, mais feliz Weerdenburgh; pois levando comsigo uns tres mil homens, poude facilmente desembarcar além de Olinda, nas praias chamadas do Pau Amarello. Saltaram as tropas em terra na tarde do dia 15, sem que a isso se oppozesse, como devia, o ex-capitão-mór Dias da França, a quem fôra incumbida a guarda d'esse lado, tendo ás suas ordens sufficiente gente armada, incluindo cem de cavallo. Em vez de empregal-a em cargas repetidas contra os que desembarcavam, regressou Dias da Franca á villa, com os de cavallo, deixando o inimigo dormir tranquillamente essa noite na praia.

Na manhã de 16 seguiu o inimigo, pela costa, caminho de Olinda, em tres columnas, fazendo-se acompanhar ao longo da mesma costa por barcaças armadas, e tendo por guia Antonio Dias Papa-robalos, judeu que estivera annos antes commerciando em Pernambuco e passára á Hollanda.

O governador, confiando a defensa do Recife ao sargento-mór do estado Pedro Corrêa da Gama, dirigiu-se pessoalmente para o lado atacado, e pretendeu apresentar resistencia na margem do rio Doce, onde a maré cheia detivera o inimigo. Tinha comsigo oitocentos e cincoenta homens, e os collocou em ordem de batalha. Ao baixar a maré, lançou-se o inimigo á passagem do rio, protegido pela artilheria de suas lanchas ou barcaças. Aguentaram os nossos o primeiro impeto; mas logo começaram a retirar-se, de modo que Albuquerque, vendo-se apenas com uns cem combatentes, teve de recolher-se a Olinda, tomando posição na plataförma do convento de S. Francisco, que dominava o caminho da praia.

Chegando ahi o inimigo, preferiu ir occupar primeiro a parte alta da villa, apoderando-se do collegio dos jesuitas, onde se haviam recolhido muitos moradores.

Perdido, porém, o mesmo collegio, e sendo as trincheiras da praia ameaçadas por novas forças, viu-se Albuquerque obrigado a retirar. Assim ficou o inimigo senhor da villa, havendo os nossos tido de perda quarenta e cinco mortos e cincoenta e seis feridos, entrando no número dos primeiros o bravo capitão de linha Antonio Pereira Temudo.

Leiamos agora, como dá officialmente conta d'esta occupação de Olinda o general inimigo Weerdenburgh.

« Achámo-nos em força de cincoenta e seis vasos e, depois de madura deliberação, resolvemos atacar por duas partes. Eu, com dois mil e quatrocentos soldados, trezentos marinheiros, e outros trezentos para o trem, em dezeseis navios devia desembarcar a duas leguas proximamente ao norte, e o general, com os outros navios e dois outros bons corpos, occupar o Recife. Foi isto levado á execução no dia 15 de fevereiro, dirigindo-se o mesmo general para o Recife. Mas os dos fortes, prevenidos da nossa chegada, tinham feito encalhar alguns navios na passagem, e não poude o general levar ávante o seu intento, ainda que fez para isso todos os esforços a tiro de canhão. Pela minha parte, apesar de ter divisado muita gente de pé e de cavallo nas praias, dirigi-me, depois do jantar, nas lanchas, com a vanguarda e, á vista do inimigo, desembarquei, sendo seguido de toda a mais gente dos navios, dos quaes se tiraram duas peças de calibre tres.

« Vindo a noite, foi-nos necessario dormir na praia.

Mas no dia seguinte, depois de despedir todas as lanchas, dividi as minhas forças em tres divisões. A da vanguarda, na qual, tanto no desembarque como na marcha, estive em pessoa, era commandada pelo tenente coronel Elts, a da batalha pelo tenente-coronel Stein Callenfels, e a retaguarda pelo major Honcks. [1]

« Marchando ao longo da praia para a villa, chegámos a um pequeno rio chamado Doce, o qual foi necessario passar com agua pela cintura. Ahi teve logar o primeiro encontro com uns mil e oitocentos homens de pé e de cavallo [2] que se apresentaram. Mas, depois de uma forte refrega, dando em resultado varios mortos e feridos, em menor numero da nossa parte, pul-os em fuga, apesar da vantagem que tinham do rio. Mais adiante encontrei ainda tropa na praia, mas retirou-se logo para o mato, apresentando pequena resistencia. Ainda por terceira vez se mostraram, mas sem se atrever a esperar-nos; de modo que, vendo-os tomados de espanto, marchei para a villa; e ao chegar, subi com a vanguarda e o corpo de batalha ao convento dos jesuitas, cujas portas estavam entrincheiradas; mas nós as tomámos por escalada, e as abrimos. Os que ahi se defendiam, vendo o valor dos atacantes, e varios dos seus como dos nossos mortos e feridos, procuraram a salvação na fuga. Ao mesmo tempo os que estavam nos fortes, na baixa, informados do que occorria, e vendo chegar a nossa rectaguarda, dados alguns tiros de canhão, que mataram e

[1] Este nome encontra-se escripto nos auctores com mui varia orthographia. Alguns escrevem Foulcke Hounckes. Richshoffer escreve (pag. 57) Honcx Fouques. Nas M e m. D i a r i a s lê-se Honcx Foucques.

[2] Aliás oitocentos e cincoenta, incluindo os indios, como vimos.

feriram varios, largaram tambem a fugir, abandonando os fortes, dos quaes nos apoderámos. Assim, com a graça de Deus, nos assenhoreámos da villa, não tendo perdido, tanto na marcha, pelo grande calor, como no ataque da villa, senão cincoenta ou sessenta soldados. Fortifiquei o convento dos jesuitas com algumas trincheiras contra qualquer surpreza, e n'elle me acho alojado. »

Perdida a villa, todos os moradores e suas familias fugiram de Olinda para os matos. Albuquerque se recolhia ao Recife, acompanhado unicamente de vinte homens, e desamparado de todos os mais.

Tambem do Recife todos fugiam, e só á força de rigor foi possivel pôr algum cobro a essa tendencia.

Vendo em torno de si tão poucos defensores, Mathias d'Albuquerque tomou a resolução de augmentar com elles as guarnições dos dois fortes, do Picão (S Francisco da Barra) e de S. Jorge, que no isthmo lhe ficava fronteiro [1], de fazer recolher n'elles a maior parte das munições, e de incendiar os armazens do Recife e os navios que estavam carregados, fazendo encalhar alguns d'estes no canal da barra, a fim de, ao menos, privar o inimigo de utilisar-se dos grandes valores que elle não tinha forças com que defender. O importe dos objectos consumidos pelas chammas foi orçado em quatro milhões; mas não se queimou tudo quanto havia; por quanto o inimigo fez alarde [2] de haver-se apoderado ainda de mil e quinhentas caixas de assucar e de tres mil pipas de vinho.

[1] Com pouca differença no local em que hoje está a igreja do Pilar.

[2] *Kurze Erzählung*, etc., folheto ou gazeta do tempo, em allemão, traduzido ao que parece, do hollandez.

Que differente teria sido a sorte dos aggressores e a dos pernambucanos, se estes se houvessem desde principio prestado com obediente abnegação á defensa de seus lares, e se o governador houvesse podido limitar-se a defender o porto do Recife!

Não fazemos recriminações. Os proprios pernambucanos se encarregaram de ser, quinze annos depois, os severos juizes de si proprios e de seus paes.

No manifesto que redigiram, pouco depois do levantamento de 1645, e que corre impresso, consignaram elles estes periodos: «O clamor fez empatar a muitos e fugir a todos, sem bastar o esforço de alguns para fazer tornar a outros do sobresaltado accidente...»

Estas palavras são reproduzidas, com pouca differença, pelo conde da Ericeira [1] do seguinte modo: «Não tolerando o medo dos moradores alguma obediencia, foram desamparados os postos e tratando de salvar nos matos o mais precioso das fazendas.»

Pelo que respeita a Mathias d'Albuquerque, o mencionado manifesto faz-lhe justos elogios, dizendo: «O valor do general Mathias d'Albuquerque fez recordar a nobreza d'este povo dos sustos que tão divertidos os tinham.»

E mais explicitos foram os conselheiros de estado em Portugal que, dando seu voto em consulta de 29 de abril, disseram: «E todos de conformidade notaram que, pelo que se entendia d'estes avisos, Mathias d'Albuquerque tinha procedido com toda a satisfação, e que se deve ter por cousa muito util e importante, no de-

[1] «Portugal Restaurado» etc.

semparo em que se achou da sua gente, e tão rodeado de inimigos, tér accordo e industria para queimar os navios e a carga dos assucares. »

Parece, porém, innegavel que outra houvera sido a sorte de Pernambuco, se a Mathias d'Albuquerque tivesse sido possivel abandonar de todo Olinda, recolhendo-se, com a gente que tinha, a fortificar-se bem no porto do Recife, até receber soccorros; como depois praticaram os hollandezes, na conformidade do que já, dezoito annos antes, havia sido indicado no livro da R a z ã o do E s t a d o do B r a z i l, cujo autor bem insistiu, com a previsão de verdadeiro estadista, na necessidade de deixar-se crescer no mesmo Recife a povoação; ao que muito se oppunham os officiaes da camara de Olinda, os quaes « com todo o seu poder, lhe estorvavam o seu crescimento, com ciumes da dita villa (de Olinda) onde tinham casas, e temiam que, ficando-lhe menos trato, tivessem perda; e assim tinham p r o h i b i d o c o m p e n a s g r a v e s, que ninguem edificasse na dita povoação [1], nem n'ella consentissem mais justiça que o juiz da vintena. »

Seja-nos permittido transcrever ainda aqui, a este respeito, as seguintes palavras d'esse autor: « Crescendo a povoação (do Recife) por terra e pelo salgado até o forte velho, o numero dos moradores e da gente do mar

[1] Os documentos que possuimos não nos autorisam a crer que estava bem informado Barlæus quando disse : « Cum Brasiliæ imperium teneret præfectus Albuquerquius, d e l i b e r a t u m s æ p è, num expediret Olindam longius à portu marisque aditu remotam, negligi, incolasque in Reciffam et Vazii insulam transferri, cui fini insulam necti Reciffæ perutile foret, cum et fluminum circumlabentium oportunitate et Oceani appulsu invicta hæc loca crederentur. Verum, sive imperitia militaris architectura », etc.

fóra, sem outra guarda, mui respeitado, e mui defendido o sitio; e só para os fortes, sem mais presidio, bastaram trinta soldados; de maneira que, com as alfandegas aqui postas, e licença para edificarem, bastará, pela natureza do sitio, a se fazer um logar mui honrado, mui rendoso, e sustentado com mui pouca custa, em consideração que a villa de Olinda, em nenhum tempo póde ter fortificação que assegure suas cousas por ser, como se vê, em assento alto e barrancoso, as casas esparzidas de modo que a trincheira da Praya, que é a menor fortificação, não é de nenhum effeito para os casos repentinos de gente resoluta, quanto mais para um caso pensado, no qual ainda os altos muros e largas cavas não asseguram totalmente um povo bisonho. Pelo que, torno a dizer, que as alfandegas e a sustancia d'estes visinhos mais a proposito ficam na dita povoação do Recife. »

E o mais é que esses ciumes de Olinda com o Recife não se exterminaram durante os vinte e quatro annos de dominio dos hollandezes, em que, não só o bairro do Recife, mas tambem o de Santo Antonio, se levantaram como por encanto. E nem valeu o incendio, posto pelos mesmos hollandezes á velha Olinda, para acabar com taes ciumes, nem sequer para atenual-os; como no seculo seguinte se viu, por occasião da resistencia que tiveram que apresentar os moradores do Recife, e que degenerou na guerra chamada pelos Olindenses dos Mascates, como por insulto aos ditos moradores; guerra a respeito da justiça da qual, seja dito de passagem, o amor á verdade nos impelle a abrigar hoje opiniões differentes das que antes tinhamos, e em outro logar manifestámos.

Sem dúvida Mathias d'Albuquerque errou em não se haver recolhido, com toda a gente, ao Recife logo que, não havendo sido possivel impedir o desembarque ao inimigo, este se apresentou em terra com forças tão superiores, mais pela disciplina e habitos de guerra, que pelo número. Fortificando-se os pernambucanos bem no Recife, o inimigo, vendo-se sem um bom porto, inquietado por frequentes emboscadas, e falto de mantimentos, não conhecendo o paiz, nem os demais portos visinhos (pois não havia d'elles cartas hydrographicas publicadas), talvez se enfada e se retira. Que a defensa do porto do Recife foi então por alguns reconhecida como a mais importante, o confirma o proprio chronista donatario da capitania, irmão de seu governador e general, com os seguintes periodos: «E depois de ir-se intrincheirando o logar do Recife, começou outro forte á sua entrada, como encabeçamento principal de toda aquella defensa; porque aquelle era o porto onde desembarcava quanto vinha de fóra por mar, e onde tambem se carregavam as drogas da terra...» «A todos pareceu que o porto de Recife era sómente o que com mais cuidado se devia guardar, por ser o principal, e onde estavam dois fortes de el-rei e todo o thesouro de assucar, pau brazil, algodão, tabaco, gengibre e outras fazendas.» E em outros logares: «Como era n'elle que tudo consistia, por ser o principal d'aquella praça, convinha acudir-se-lhe...» «Subito o general montou a cavallo, por mais que lh'o vedavam com protestos, deixando o Recife...» «Os que cercavam o general lhe protestavam que era necessaria a sua presença para a salvação do Recife.» Vê-se pois que, se tinha havido

escriptor que previsse, dezoito annos antes, o que cumpria fazer-se com pausa, em tempo de paz, não faltou tão pouco quem propozesse, até com protestos, que ao menos se fizesse, na hora do perigo, o que cumpria para salvar os habitantes.

Em favor, porém, de Mathias d'Albuquerque, cumpre dizer que não faltaram outros que n'esses momentos o quizeram obrigar a cuidar antes da defensa da capital, e com os quaes teve de transigir; pois diz Manuel Calado mui expressamente que os da villa [1] «persuadiram ao general que não tivesse encontro com o inimigo no caminho, nem na praia, senão na villa (de Olinda) onde tinham seus reparos e trincheiras; e isto (prosegue) diziam a gritos, porque como na villa lhe ficavam suas mulheres e filhos, e suas riquezas, queriam pol-os a salvo, e a suas pessoas tambem, tanto que ... viu-se o general tão perseguido de... protestos que... veiu com toda a gente retirando á villa, e d'ahi mandou com alguma fornecer o Arrecife (Recife)». Assim, repetimol-o, o erro de Mathias d'Albuquerque, n'esta conjunctura, proveiu do desejo de satisfazer antes de tudo aos proprietarios de Olinda, quando o seu dever sagrado era oppor-se ao inimigo, embora descontentando aos moradores.

E não foi infelizmente a última vez que o desprezo dos conselhos de escriptores previdentes, ou os empenhos

1 «... Ricaços e de inchadas barrigas que, como não estavam costumados a morrer», As phrases «barrigas inchadas, e a de não estarem costumados a morrer» (costume que não conhecemos nos filhos de Adão) são empregadas por Calado, pag. 10; e tanta affeição tinha a ellas, que as repete logo adiante, pag. 11.

de alguns interesses dos poderosos foram causa de grandes calamidades!

Incendiado o Recife, passou o governador a residir na casa da Asseca, situada do outro lado, em frente do forte de S. Jorge, do qual se podia n'aquelle tempo passar a ella na baixa-mar. Ao mesmo tempo mandou occupar o posto visinho de Santo Amaro, confiando a tarefa ao capitão de linha Martim Ferreira, com vinte soldados. Igualmente resolveu organisar, á maneira do que se praticára seis annos antes na Bahia, varias guerrilhas, com o nome de companhias de emboscadas, entrando em cada uma d'ellas alguns indios, afim de vedar as communicações dos habitantes com a villa occupada pelo inimigo, de impedir que estes se fossem espalhando e estudando os arredores, e de fazer a todos, pelo simples facto de se familiarisarem nas hostilidades, menos propensos a reconciliar-se com o invasor.

Pela sua parte igualmente tomava este as prevenções que pensava mais a proposito. Seguro de que, recobrados os moradores do primeiro panico, reunidos a outros que convocassem, não deixariam de ir atacal-o, tratou de se fortificar principalmente na parte alta de Olinda. Vendo, porém, que não era atacado, que começava a ser sitiado por terra, e que sem porto, quando o inverno se aproximava, estava já quasi bloqueado por mar, resolveu assenhorear-se do Recife. Tentou pois, de novo, tomar este porto, forçando-lhe a entrada.— Procedendo, porém, a reconhecel-o, no dia 19, confirmou a impossibilidade da empreza, em consequencia dos muitos barcos ahi mettidos a pique, e das baterias dos fortes que defendiam a mesma entrada. Resolveu

pois começar por occupar o forte principal (o de S. Jorge), dirigindo-se a elle de Olinda pelo isthmo. Commandava-o Antonio de Lima, e não tinha mais que trinta e sete homens de guarnição. Teve logar o ataque depois da meia noite, e tão vigorosa foi a resistencia que o inimigo viu-se obrigado a afrouxar e a retirar-se, ao cabo de duas horas, havendo os nossos perdido cinco mortos e oito feridos.

Eis o que ácerca d'este ataque diz Weerdenburgh, na sua participação official, que se publicou logo por toda a Europa, nas relações ou gazetas do tempo: «No dia 20 de fevereiro, em virtude de resolução do conselho, ordenei ao tenente-coronel Stein Callenfels [1] de tomar de noite o forte situado na terra firme, junto ao Recife. Desempenhou-se elle, atacando o forte durante duas horas. Entretanto as escadas sairam curtas e, havendo tido de perda vinte mortos e quarenta feridos, e doze o inimigo, julgou-se melhor tocar a retirar para não expor mais gente.»

O exito obtido n'esta defensa augmentou o valor aos nossos e, levada a noticia aos districtos visinhos, porventura apressou a marcha dos que se preparavam a acudir. Das aldeias dos indios correram muitos com o padre Manuel de Moraes, e lhes foi dado para defender o posto de Santo Amaro, deixando-o Martim Ferreira. Á freguezia de Ipojuca foi buscar gente Antonio Ribeiro de Lacerda, ahi querido e respeitado. Da Villa Formosa veiu, com cincoenta homens, o seu valente capitão Pedro

[1] Não Esten Calvi, como se lê nas *Memorias*; nem Estevão Calvi, como se diz na traducção portugueza.

d'Albuquerque. Da Parahiba chegaram cem homens ás ordens de Mathias d'Albuquerque Maranhão, a quem foi dado o mando superior da estancia de Santo Amaro.

Intentou o inimigo, no dia 24 de fevereiro, um reconhecimento até perto da casa onde estava Albuquerque, mas viu-se obrigado a retirar precipitadamente, deixando muitos mortos. Naturalmente tinha este reconhecimento por fim proteger tambem por esse lado o ataque, que na vespera fôra pelos do conselho, que já funccionava em Olinda, resolvido que se désse ao forte de S. Jorge, por meio de aproxes em regra. Ácerca d'este novo ataque diz Weerdenburgh na sua parte official:

« Immediatamente ordenei que se fizessem fachinas e cestões, os quaes estiveram promptos a 25; e no dia 27 comecei a obra, com quinhentos homens, ás ordens do tenente-coronel Elts, que n'esta noite levantou uma trincheira contra o forte... E no dia seguinte, tendo conduzido a artilheria, quando o major Honcks acabou de tarde o serviço, eu ahi me dirigi e fiquei até o dia immediato, em que, ao alvorecer, a bateria estava concluida, e assestados n'ella tres meios-canhões, que dispararam todo o dia.

« Na manhã seguinte, de 2 de março, depois de ter ainda disparado desde mui cedo, pela volta das nove horas, inçaram do forte uma bandeira branca, como signal de querer parlamentear, e mandaram um capitão; ao qual concedi que deixariam toda a artilheria, munições de guerra e viveres (os quaes não encontramos, e cremos que de noite os lançariam ao mar), e sairiam sem bandeira, morrão apagado, e prestando juramento de não tomar as armas contra os estados geraes por seis mezes. »

Pouco depois entregou-se, como era natural, o pequeno forte do mar ou do Picão, que ficára de todo desamparado. O commandante do forte de S. Jorge, Antonio de Lima, e todos os seus officiaes e soldados obraram, como da primeira vez, prodigios de valor. A guarnição estava d'esta segunda vez muito mais reforçada, achando-se até dentro os poucos soldados de linha que restavam da companhia que fôra do bravo Temudo, ora mandada por Francisco de Figueiroa.

Da capitulação dos fortes se lavrou no dia 2 de março um termo ou assento, que assignaram o almirante Loncq e o commandante Weerdenburgh, e pela nossa parte Manuel Pacheco de Aguiar, commandante do forte do mar, Antonio de Lima e Pedro Barbosa [1].

O forte sómente se entregou na ultima extremidade, e quando caidas as muralhas e descavalgadas as peças, que eram de ferro e assestadas em plataformas engenhadas sobre vigas, e feridos ou mortos um grande número dos defensores, não se podia mais sustentar. Assim acreditamos que, se não tinham entendido que nas condições da capitulação entrava a de não servirem por seis mezes, teriam infallivelmente de haver-se submettido a isso, insistindo o vencedor. Porém, tanto Antonio de Lima, como Francisco de Figueiroa e outros, preferiram entregar-se á prisão, sem prestar o juramento de não tomar as armas por seis mezes. Reteve-os, pois, o inimigo, e só vieram a passar ao nosso campo d'ahi a pouco mais de quatro mezes, sendo Antonio de Lima mandado preso

[1] Richshoffer (pag. 64 e 65) publica o theor d'essa capitulação, e no artigo 4.º se inclue a condição de não tomarem armas por seis mezes.

á Bahia, a responder, segundo os usos, a conselho de guerra [1].

Com a occupação dos fortes, ficou o inimigo senhor do Recife e do porto, que logo tratou de pôr expedito e livre. Ao engenheiro Commersteyn foi confiada a fortificação. Os armazens e casas do Recife, que se não haviam incendiado, foram postos a coberto dos tiros que lhes podessem do continente ser dirigidos. E tendo, no dia 3, sido feito um reconhecimento na ilha visinha, chamada de Antonio Vaz, nome do seu primeiro dono, ou tambem de Santo Antonio, por um convento que ahi tinham os capuchos, e achando-se essa ilha desamparada até pelos frades do mesmo convento, logo o inimigo a occupou e a incluiu no plano do systema de defensa por elle adoptado para assegurar a posse do porto. Aqui, entre pantanos e areaes, achavam-se os hollandezes como na sua terra, e por isso tiraram de tudo tanto proveito. Uma planta do Recife foi logo levantada pelo engenheiro Van Buren, e outra da ilha de Santo Antonio pelo engenheiro Drewis.

O convento foi fortificado por meio de um recinto abaluartado rectangular, a que deram o nome de forte Ernesto; fizeram-se mais outras trincheiras; reparou-se o forte de S. Jorge; e se acabou adiante d'este, e defronte da barra, um que já estava pelos nossos em construcção com o nome de Diogo Paes, e que o inimigo, reformando-o, veiu a denominar do Bruyn, nome que injustamente adoptámos, bem que alterado no de Brum.

Todas estas obras eram pelo inimigo effectuadas com grandes difficuldades, por falta de madeiras e de mate-

[1] C. R. de 25 de outubro de 1630.

riaes, e em virtude dos grandes calores; de modo que diariamente lhes crescia o número dos doentes entre os soldados destinados aos trabalhos.

Por sua parte Albuquerque, vendo-se com mais gente, se limitou a augmentar o número das guerrilhas ou companhias de emboscadas, com seus capitães, entre os quaes se achavam os benemeritos pernambucanos Estevão de Tavora, e Simão Figueiredo, ao depois jesuita. Subordinou as quatro instituidas contra Olinda a Mathias d'Albuquerque Maranhão, com estancia em Santo Amaro; algumas novas a Lourenço Cavalcanti d'Albuquerque, da Goiana, com estancias nas Salinas e Asseca, e o titulo de governador d'esse districto, outra (com estancia em umas casas de João Velho Barreto, no actual bairro da Boa-Vista) ao valente pernambucano Luiz Barbalho, e finalmente tambem algumas a Antonio Ribeiro de Lacerda, da Ipojuca, com estancia nos Afogados, a fim de resguardar a Varzea.

Para quartel general escolheu a paragem mais a proposito nos arredores, bastante central, quasi a igual distancia de Olinda e do Recife, e onde se reunia a maior parte dos caminhos d'estas duas povoações para o interior, em consequencia das voltas do Capiberibe e das cheias do Biberibe.

Aproveitando-se de uma casa que ahi havia, de um Antonio de Abreu, augmentou-lhe os meios de defensa, fazendo cortaduras nos caminhos, e acrescentando-lhes depois varios postos e baterias. A este posto, assim fortificado, tambem remeniscencia do arrayal do rio Vermelho na Bahia, no tempo do bispo D. Marcos, se deu o nome de Arrayal do Bom Jesus. Ainda d'elle ahi descobre

manifestos vestigios o antiquario entendido, procurando-os pelas evidentes indicações que da posição do mesmo posto nos deixou, em varios logares, o proprio donatario da capitania, seu minucioso chronista; a saber: á margem esquerda do Capiberibe, além, um tiro de arcabuz, do riacho Paranamerim, ás vezes secco; proximo de um outeiro, sobre o qual (por occasião da cheia do Capiberibe em 1632) se addicionou ao mesmo Arrayal um forte reducto, e finalmente áquem do engenho do Monteiro, nome este bem conhecido, pelas suas casas de campo, nos suburbios do Recife [1].

Com tal empenho se votou Albuquerque a fortificar esta paragem que, intentando, no dia 14 de março, contra ella um ataque o tenente-coronel Van der Elst, a encontrou já em estado de apresentar resistencia, até que acudiram, com as tropas de suas estancias, Luiz Barbalho e Lourenço Cavalcanti, e fizeram pagar caro ao inimigo a retirada, deixando no campo muitos mortos; não havendo sido a nossa perda senão de dezeseis, entre mortos e feridos.

Com esta victoria, apesar dos novos reforços que de contínuo, e quasi por cada navio da Europa, recebia o inimigo, os nossos cobraram brios, e começaram a emprehender ataques de surpreza, distinguindo-se os que tinham logar no proprio isthmo [2], perturbando a commu-

[1] Enganou-se manifestamente o sr. conego Fernandes Pinheiro quando affirmou (no T. 23, p. 81 da Rev.) que o Arrayal ficava no isthmo que separa a antiga da nova capital.

[2] Entre estes, menciona Albuquerque um, a 11 de maio, em que o chefe inimigo, depois de uma grande chuva que inutilisou as armas de fogo, esteve a ponto de cair prisioneiro, tendo o cavallo ferido. Richshoffer distingue, porém, dois ataques semelhantes; um a 5 de abril, e

nicação entre a villa e o Recife. Não tardaram até a atacar formalmente os intrincheiramentos que o inimigo proseguia na ilha de Santo Antonio. Commetteram a empreza Luiz Barbalho e Antonio Ribeiro de Lacerda que, com as tropas de suas estancias, foram atacar a um tempo as trincheiras por dois pontos differentes. Teve logar este ataque simultaneo na madrugada de 24 de maio [1]. Accommetteram os nossos com tal impeto que, em menos de um quarto de hora, haviam entrado na primeira e segunda trincheira mais de trezentos. Ahi se travou a peleja corpo a corpo. Os nossos conseguiram a principio maior vantagem: descavalgaram as peças e feriram quasi todos os officiaes inimigos, incluindo o tenente-coronel Van der Elst, e o principal engenheiro Commersteyn. Sendo porém mortalmente ferido, de uma bala de artilheria, o chefe Ribeiro de Lacerda, começaram todos a retirar-se, deixando dentro das trincheiras dezenove mortos. Depois já o chefe inimigo se viu obrigado a declarar de officio, que combatia com um «povo valoroso e agil.»

outro a 15 de maio; havendo no primeiro sido atacado o general, indo para a villa, e tendo o cavallo ferido de duas frechadas; e no segundo o almirante Loncq, vindo da villa para o Recife em meio de grande chuva, etc.

[1] Assim o assegura Weerdenburgh em officio de 27 de julho. Nas Mem. Diarias se diz que tivera logar a 24 de março. Se assim fôra o mesmo Weerdenburgh houvera tido occasião de dar conta d'elle no officio de 8 de abril, ou no de 14 de maio. Que o ataque foi em maio se deduz tambem de uma relação dada por Silvestre Manso em 14 de agosto de 1630 (Doc. 12.º da 1.ª Ed. d'este livro, pag. 294),

Cumpre aqui notar que até á chegada de Duarte d'Albuquerque a Pernambuco, as Memorias contêem outros equivocos. Assim dão como recebida, depois de 14 de março d'esse anno *de* 1630, uma carta regia de 26 de janeiro *de* 1631.

Este assalto não foi o unico emprehendido pelos nossos, com mais audacia que fortuna e bom discernimento. Em logar de estudar quaes eram os pontos mais importantes, para os guarnecer e intrincheirar, abdicava em geral o chefe esse cuidado ao inimigo, e apenas este os havia occupado e se achava em estado de apresentar n'elles resistencia, era resolvido o ataque, tendo n'este o inimigo as vantagens da defensiva. Foi assim que, apenas o forte fronteiro á barra se viu levantado e guarnecido de artilheria, já com o nome de forte do Bruyn [1], ordenou Albuquerque ao intrepido Luiz Barbalho que fosse, com a sua gente, assaltal-o de noite das duas para as tres da madrugada. Executou Barbalho a ordem (8 de julho), e por tal fórma que o juizo do chefe ácerca dos pernambucanos foi ainda mais favoravel [2].

Perto de um mez depois, quando o inimigo levantava do outro lado da ilha de Santo Antonio o forte das Cinco-Pontes, a que se deu o nome de Frederico Henrique, acudiram logo os nossos a atacal-o, com oitocentos homens, incluindo trezentos indios; e foram obrigados a retirar-se, com perda de quatorze mortos e oito feridos, dando azo aos contrarios a conhecer os fracos da sua fortificação, que depois melhoraram, com

[1] Depois lhe addicionaram os hollandezes a obra cornea, que estava concluida em 31 de março de 1631, segundo participa Weerdenburgh n'essa data.

[2] « Acho este um povo de soldados vivos e impetuosos, aos quaes nada mais falta que boa direcção: e que não são de nenhum modo como cordeiros... o posso eu affirmar porque por vezes o tenho experimentado » (Weerd. offi. de 27 de julho). Este ataque teve logar na madrugada de 18 de julho, e não de 13 de junho, como se lê nos Mem. Diarias. Veja-se a nota [1] da pagina antecedente.

revelim e hornaveque, e mais um reducto avançado a que deram o nome de Amelia.

E o mesmo succedeu mais ao diante quando, ao mando de Callenfels, occuparam o pontal da Asseca [1]; e levantaram ahi o forte de Tres-Pontas que denominaram de Weerdenburgh. Os nossos atacaram logo no proprio dia 3 de fevereiro de 1631, e tiveram que retirar-se, ao cabo de duas horas, com perda de treze mortos e vinte e um feridos. Repetiu-se ainda semelhante erro d'ahi a perto de cinco mezes, quando o inimigo se lembrou de construir o forte do Buraco, a que deu o nome de «Madame Bruyn»; pois ainda que Luiz Barbalho o desalojou, não tendo mantido o posto, foi elle de novo investido com mais força, e depois tenazmente guardado.

E se, em semelhantes ataques, o inimigo apreciava melhor o valor dos nossos, era isso uma desvantagem, porque melhor se prevenia; e se d'elles resultava o irem-se os nossos familiarisando mais com o fogo e fazendo-se aguerridos, não ha dúvida que identicos fins se poderiam conseguir, adquirindo a tempo vantagens decididas os que expunham tão heroicamente as vidas.

Nos intervallos que mediaram entre estes ataques, em que os nossos tomaram a offensiva, tiveram logar outros, nos quaes esta veiu da parte contraria, quasi

[1] Ilha seca se dizia tambem. Era o pontal que formavam, em sua juncção, as aguas dos rios Biberibe e Capiberibe do lado do continente, e que se ilhava com a maré. Os hollandezes o ilharam de todo por um fosso aquatico. Segundo os mappas hollandezes, ficava na linha tirada do Brum á paragem do continente onde terminava a ponte da Boa-Vista; e sendo assim, ficou de fóra da linha da rua da Aurora, e o seu local deve estar coberto de agua em frente da fundição do Star.

sempre em sortidas para fazer fachinas, etc., e duas vezes para accommetter o nosso posto nas Salinas, chegando até a assaltal-o (10 de agosto); e depois (23 de setembro) a incendiar a casa que n'elle havia, o que dava sempre logar a pelejas. Tambem faziam os inimigos excursões pelos arredores para colherem fructas, e uma vez (16 de janeiro de 1631) foram apanhados pelos nossos nas matas de cajueiros, perto de Olinda, causando-lhes grande perda, da qual elles pretenderam tirar desforra atacando-os durante quatro dias successivos, de 28 a 31 de janeiro.

Entretanto haviam recebido os invasores frescos soccorros, bastante consideraveis; ao passo que mui diminutos recebera Albuquerque; se bem que eram grandes as recommendações da metropole para se resistir de todos os modos, e que se promettia uma armada, da qual já se indicava que viria por almirante D. Antonio de Oquendo.

Ao chegarem a Lisboa as noticias da perda de Olinda e do Recife, achava-se interinamente de governador de Portugal D. Diogo de Castro, que logo fez ouvir com urgencia o conselho de estado, e ao remetter para Castella a consulta, a acompanhava da supplica ao rei de que em pessoa baixasse á costa (a Lisboa) para, com a sua presença, vir alentar o apresto dos soccorros, que tanto importava aos proprios dominios de Castella se expedissem em grande força e com a promptidão possivel, ponderando ao rei que então no mar estava principalmente a sua sorte [1].

A primeira providencia que acudiu á mente do go-

[1] Cas. da cor. A. 29, m. 1.º n.º 149.

verno de Madrid foi uma ordem para que em Lisboa se fizessem preces, e se castigassem os delictos, inclusivamente pela repartição do Inquisidor Geral. Não nos indignemos, nem nos riamos. Eram as idéas do tempo na metropole e na côrte, e demo-nos por mui felizes de não termos vindo ao mundo no tempo em que a nossa terra estava sujeita a taes influencias. O proprio rei, em meio de seus folguedos proverbiaes, era escravo submisso da inquisição.

O certo é porém que a noticia não deixou de causar bastante abalo em Madrid. Não podendo ou não querendo baixar a Lisboa, o rei decidiu mandar ahi um seu irmão, o infante D. Carlos, mas nunca chegou a partir. Ao mesmo tempo creou junto a si tres ministerios, exercidos por portuguezes, para os negocios de Portugal e suas colonias; e com esta providencia houve muita actividade nos despachos.

Não devia deixar de contribuir para tantas providencias o modo como Weerdenburgh terminava o seu officio de 7 de março, que logo corria publicado por toda a Europa: « É esta uma paragem (dizia) da qual todo o Brazil se póde conquistar; e espero, ao vêr o medo com que está o paiz, que poderei fazer progressos que dêem a vv. s.as nome eterno. Porque d'aqui se póde enfrear e guardar o Brazil todo com poucos gastos, arruinar a navegação do inimigo nas costas... e attrahir os habitantes a mutua amisade e alliança. »

Ás camaras de Portugal, e com especialidade á de Lisboa, escreveu o rei, [1] recommendando a pontual co-

[1] C. R. de 28 de maio 20 e 30 de junho e 9 de agosto de 1630.

brança do real de agua, e exigindo-lhes novos tributos, que perfizessem um milhão de renda fixa, com que se podessem manter duas armadas nas conquistas, indicando, por primeira vez, a idéa do estanco do sal, que veiu depois a estabelecer-se. Mas d'esta vez os povos não se prestavam de boa vontade a novos tributos e esforços extraordinarios, como em 1624, quer porque ficassem exhaustos, quer porque discorriam mais contra a dynastia que era para elles causa de tantos trabalhos.

Em quanto, porém, em Hespanha e Portugal se demorava o apresto da armada promettida, a companhia hollandeza, que tinha d'ella noticia, mandava a toda a pressa apparelhar outra, ás ordens do valente almirante Adrian Janssen Pater, e ao mesmo tempo começou a enviar a Pernambuco varios navios com muitos soccorros de provisões e de tropas, perfazendo o numero total d'estas, em fins de 1630, uns tres mil e quinhentos homens.

Julgando os do conselho que podiam dispor de parte d'estas fôrças, e tirar proveito dos navios chegados, em quanto a armada de Oquendo se não apresentasse, resolveram tentar a occupação da ilha de Itamaracá, a qual ao menos lhes serviria a provel-os de lenha.—Prepararam pois a expedição, confiando o mando dos navios a Maerten Teyssen e o das tropas de terra ao tenente-coronel Callenfels. Fizeram-se de véla no dia 22 de maio; e chegando ao porto do sul da ilha, contentaram-se de occupar uma restinga, quasi ilhada, fronteira á barra; levantando um forte de quatro frentes abaluartadas, com um revelim ou hornaveque, do lado de um isthmo que se extende para a ilha. A esse forte deno-

minaram de Orange. Ahi ficaram de guarnição, ás ordens do official polaco Crestofle d'Artischau Arcizewsky, quinhentas e tantas praças [1].

Tambem só quando n'essa ilha appareceu a aggressão, se lembrou Albuquerque de acudir-lhe com remedio, despachando immediatamente, com alguma tropa, ao capitão Bento Maciel Parente, que em Pernambuco se criára, e acabava de chegar da Europa, com os primeiros soccorros; indo com elle os senhores de engenho da Goiana, Jeronymo Cavalcanti, com a gente que servia ás suas ordens; a fim de por ahi organisarem tambem companhias de emboscadas para incommodar o inimigo. Mathias d'Albuquerque Maranhão chegou tambem a ir até ali, com os da Parahiba, mas foi mandado retirar para os arredores do Recife logo que se entendeu que os hollandezes se limitavam a conservar o forte que haviam levantado.

Passado mez e meio (1.º de julho) intentava o inimigo assenhorear-se do nosso porto dos Afogados. Commandava-o Francisco Gomes de Mello, tendo ás suas ordens, entre outros capitães, a Francisco de Figueiroa. O ataque foi repellido valentemente, ainda que com perda de tres mortos e cinco feridos, sendo a do inimigo, por elle confessada [2] de um morto e vinte e tres feridos.

Quando assim os hollandezes se faziam senhores d'esse pontal da ilha de Itamaracá e pretendiam extender a sua linha, desde o Recife até o posto dos Afogados, já velejava no Oceano a esquadra de Oquendo,

[1] Off. de Weerdenburgh de 31 de maio de 1631.
[2] Off. de Weerdenburgh de 3 de agosto de 1631.

comboiando um soccorro de tropas para todo o Brazil. Conduzia uns mil homens para Pernambuco, duzentos para a Parahiba, e oitocentos para a Bahia, que deviam primeiro ahi desembarcar. Se como seis annos antes, em vez de soccorros, manda a côrte ao Brazil uma poderosa armada de restauração, os intrusos houveram agora sido expulsos, e não teriam dominado ainda por vinte e tres annos, e sido causa de tantas perdas para o estado e de tantas calamidades para os particulares.

Chegou Oquendo á Bahia aos 13 de julho, e aos 18 de agosto seguinte deixou o valente almirante Pater as aguas do Recife, para sahir-lhe ao encontro.

Em quanto não chegaram a avistar-se, occorreram no Recife dois pequenos successos dignos de menção. Foi o primeiro o incendio de todo o deposito de fachina, que tinham no isthmo, á sombra do forte de Brum, realisado pelo valente Luiz Barbalho no dia 24 de agosto. Cinco dias depois teve o outro logar. Havia o inimigo construido na ilha de Santo Antonio quatro redutos avançados do lado do continente, que faziam como sua primeira linha de defensa por esse lado. Resolveu Albuquerque o ataque de um d'esses redutos, e deu o encargo ao capitão Martim Soares Moreno, que havia tres mezes chegára ali vindo do Ceará com muitos indios. Accommetteu Martim Soares o reduto, e o tomou por assalto, levando á degola parte da guarnição e aprisionando o sargento.

As esquadras de Oquendo e de Pater não se avistaram senão a 12 de setembro. Cada um dos dois chefes, ao examinar as forças do contrário, julgava a victoria segura: Pater fiado na maior pujança de algumas de

suas naus, em não ter barcos que comboiar, na sua resolução e audacia e no plano, que já levava, de deixar a esquadra contraria sem chefe, accommettendo a um tempo a capitanea e a almiranta, e tomando-as por abordagem com muita gente que para isso trazia. Oquendo, fiado na superioridade numerica de suas fôrças, contando dezoito vasos de guerra e mais cinco fretados; pelo que chegára a dizer, ao avistar as dezeseis naves inimigas, que eram ellas (palavras formaes) pouca roupa. [1]

A um tiro da capitanea de Oquendo se dispozeram os navios de guerra em batalha, collocando-se os transportes ao abrigo d'elles, e, a um novo tiro de bala da mesma capitanea, içou esta o pavilhão real, e viu dirigir-se a ella o chefe inimigo; ao passo que o vice-almirante Thysoon tomava á sua conta a vice-almiranta hespanhola, de vinte e seis peças de bronze, a qual [2] antes de fazer fogo, recebeu uma tremenda banda, além de outra de um galeão, que veiu em auxilio da de Thysoon, e que, ao passar-lhe pela popa, disparou sobre ella de tal modo que a abriu e metteu a pique; havendo-lhe sido de nenhum soccorro o que atravessando-lhe a proa, pretendeu subministrar-lhe o galeão S. Boaventura, que foi victima de sua zelosa intenção, accommettendo-o o inimigo até o tomar.

A capitanea hollandeza, de cincoenta e seis canhões, buscando a hespanhola, de trinta e quatro, atravez do fogo de quatro navios, que ficavam a barlavento, atra-

[1] Mem. Diarias Set. 12. 1631.

[2] Em toda esta narração seguimos a Relacion de Jornada, impressa em Sevilha por Francisco de Lyra n'esse mesmo anno de 1631, comparada com as narrações hollandezas.

cou-se-lhe por bombordo, deitando-lhe arpéo, para segurar a que já julgava presa sua. Travou-se então mais renhido este combate parcial: um galeão inimigo veiu, em auxilio da sua capitanea, abordar a nossa por estibordo, e um navio portuguez, o Prazeres-Menor, ao mando de Cosme do Couto, querendo soccorrer a Oquendo pela proa, foi mettido a pique, e o seu commandante caiu prisioneiro [1].

Durava a acção desde as oito da manhã, e eram já quatro da tarde, quando se manifestou o incendio na Principe Guilherme, capitanea inimiga. E o fogo ia já communicando, por seis ou sete partes, á hespanhola a ella aferrada, quando a conseguiu salvar o capitão João do Prado, subministrando-lhe um cabo ou rajeira.

Abordou ainda com outro inimigo um dos galeões da frota hespanhola; e os demais contentaram-se de impedir que elles fossem soccorrer a sua capitanea ou caissem sobre os transportes. O inimigo perdeu, além da propria capitanea, outro navio denominado P r o v i n c i a d e U t r e c h t, do qual apenas cincoenta pessoas conseguiram não afogar-se. A capitanea de Oquendo salvou-se; mas ficou impossibilitada de marear. E por esta circumstancia, e pela de julgar preferivel a tudo deitar a salvo em terra os soccorros que vinham para Pernambuco e Parahiba, tratou Oquendo de evitar novo encontro, que aliás anciava ter o inimigo.

A circumstancia de ter conseguido deixar impunemente estes soccorros deve ter sido a mais attendida

[1] Só d'ahi a um anno poude escapar-se do navio em que o retinham preso, atirando-se ao mar, e nadando para terra sem ser sentido.

para haver sido pela Hespanha contada esta acção como victória, e ainda hoje é considerada como tal em um quadro d'aquella época, pintado a oleo, que se vê em Madrid, no museu naval [1]. A perda total de um e outro lado se avaliou em mais de mil homens. Da parte da frota hespahola faltaram, entre afogados e prisioneiros e mortos, quinhentos e oitenta e cinco e ficaram feridos cento e um. Do almirante Pater se conta que, ao vêr incendiada a sua capitanea, não se quiz salvar, podendo fazel-o; e que, preferindo a morte nas aguas, elemento das suas glorias, á das chammas, «se envolveu no estandarte da Hollanda e se deitou ao mar e morreu afogado.» [2] Porém Antonio Thysio, autor d'aquelle tempo de uma mui apreciada historia das batalhas navaes mais celebres dos seus compatriotas, tratando d'esta, nada diz a semelhante respeito, e sim que abandonado o almirante «perfidamente pelos seus, succumbiu em meio das ondas de cansaço.» [3] Em todo caso é sem duvida que Pater morreu durante a acção, e que, como diz um de nossos classicos, perdeu «primeiro a vida, que a victoria;» não faltando quem assegure [4] que, no seu

[1] E' o n.º 716, e tem o titulo: «Combate naval ocurrido el 12 de Sep. de 1631 sobre la costa del Brasil en que la armada española mandada por Don Antonio de Oquendo **venció y dertrozó** á la holandeza bajo las órdenes del general Hanspater que morió en la accion.»

[2] Calado, pag. 13.

[3] «Perfide à suis desertus, diū fame aprehensus tandem lassitudine confectus animam oceano dedit, flutuans que elementum pro vasto sepulchro accepit.» Barlæus expressa-se do seguinte modo: «Cruentæ pugnæ inter primos immixtus desertusque à suis, partita ferè cum hoste victoriâ, gloriose occubuit, hoc uno infelicior, quod prælio non superfuerit.»

[4] J. A. Plaza, Mem. para a historia de N. Granada, Bogotá, 1850, pag. 245.

navio, se submergiram com elle os canhões de bronze e os vasos sagrados que pouco antes trouxera do saque de Santa Marta.

O soccorro trazido por Oquendo para Pernambuco foi deixado na Barra Grande, a trinta leguas do Arrayal, e como era todo de tropas novas no Brazil, só chegou a ser utilisado depois de algum tempo, e de não pequenos trabalhos.

No emtanto o inimigo o julgou mais importante, e só depois d'elle se resolveu a abandonar Olinda, como, desde mais de um anno propozera por vezes [1] Weerdenburgh.—Foi a villa despejada no dia 24 de novembro, sendo barbaramente entregues ás chammas todas as casas que não foram pelos proprietarios resgatadas pelas sommas que arbitrou o inimigo. Alliviados do grande cuidado de guarnecer essa villa, no que tinham empatada parte de suas fôrças, conseguiram os invasores reunir algumas para emprehender um ataque contra a Parahiba. Já, porém, ahi haviam sido recebidos os soccorros trazidos por Oquendo, quando se lhe apresentaram os atacantes, effectuando a 9 de dezembro um desembarque, nas immediações do forte do Cabedelo; e começando logo uma trincheira, a fim de o bater em brecha. Commandava as forças hollandezas o tenente-coronel Callenfels.

Á trincheira do inimigo resolveu o commandante do forte, João de Mattos Cardoso, oppor outra trincheira na distancia de oitenta passos da sua muralha. A direc-

[1] Off. de 27 de julho de 1630 e 12 de fevereiro e 24 de março de 1631.

ção d'essa trincheira foi confiada ao engenheiro Diogo Paes, vindo de Pernambuco. Esforçou-se Callenfels por impedir a sua construcção, e n'este esforço travou uma primeira lucta, em que perdeu, mortos, vinte e tantos.

Não conseguindo o empenho, voltou no dia seguinte ao ataque, intentando-o por quatro pontos differentes, na hora da maior calma: de novo foram todos repellidos, bem que a confusão chegou a ser grande, havendo-se visto misturados amigos e inimigos, em muitos ataques parciaes e corpo a corpo; tendo, porém, os sitiantes contra si a metralha dos canhões do forte, viram-se obrigados a tocar a retirada, tendo mais de cento e quarenta mortos, incluindo o franciscano fr. Manuel da Piedade, que com um crucifixo nas mãos se lançára no meio da refrega.

Preparava-se o hollandez a dar uma nova investida, quando temendo ser tambem encommodado pela artilheria de um forte que da outra banda tomára a seu cargo o velho morador Duarte Gomes da Silveira, companheiro de Feliciano Coelho nas guerras do sertão, e ahi dono de extensas fazendas de criação de gados, ou imaginando maior o reforço que pelo rio vinha da capital, se embarcou para o Recife, com perda de cincoenta mortos e cento e quarenta feridos, e mais quarenta enfermos; havendo tido os pernambucanos [1] mais de oitenta feridos, quasi igual número de mortos, entrando n'esta conta varios indios, inclusos dois principaes. [2] Apesar d'este revez os senhores do Recife não tardaram a pre-

[1] Off. de Weerd. de janeiro de 1632.

[2] Fr. Paulo do Rosario no seu escripto (em estylo de sermão) dá uma lista de todos os nomes.

parar-se para uma nova expedição contra o Rio-Grande do Norte. Propondo-se o chefe militar Weerdenburgh lavar a affronta das suas armas, quiz ir n'ella em pessoa: partiu a vinte e um do mesmo mez de dezembro, mas, passando á vista da Parahiba para o norte, foi logo ali suspeitado o plano de uma tentativa contra o Rio-Grande, e para ahi seguiu immediatamente Mathias de Albuquerque Maranhão, com tres companhias e uns duzentos indios, os quaes chegaram tanto a tempo, que nem Weerdenburgh ousou tentar ataque.

Viram-se, pois, os hollandezes obrigados a regressar ao Recife a comer fiambres salgados, e a seguir outra vez a este respeito como se estivessem navegando; apesar de acharem-se em terra firme havia quasi dois annos.

Não querendo dar-se por escarmentados, intentaram ainda d'ahi a dois mezes, um novo ataque. E fazendo primeiro negaça contra a ilha de Itamaracá, foram depois fundear na calheta ao norte do Cabo de Santo Agostinho, cuja defensa estava confiada ao capitão Bento Maciel Parente, com sessenta homens; os quaes foram depressa soccorridos por mais de cem, que do porto dos Afogados levou em pessoa Francisco Gomes de Mello; o qual, apesar de já haver sido capitão no Rio-Grande, e ser de jurisdicção superior a Maciel Parente, quiz a bem do serviço dar exemplo de muita abnegação, collocando-se sob as ordens d'este. Ajudados pela localidade, conseguiram os nossos em dois redutos, cada um com duas peças, impedir o desembarque tentado por tres vezes pelo inimigo, com tão grande perda, que teve de tornar de novo para o Recife.

Esta tentativa fez aos pernambucanos reflexionar no

muito que perderia o inimigo, se lhes faltasse o porto do Cabo de Santo Agostinho, por onde o arrayal principalmente se provia então. Foi pois resolvido que o conde de Bagnuolo, com o seu terço de trezentos napolitanos, passasse a defendel-o bem. Infelizmente toda a defensa reduziu-se á construcção do primitivo forte da Nazareth, em um medão ao norte do porto, em sitio arido, e que nem defendia o porto, nem a barra; deixando de occupar-se, com grandes forças e trincheiras, o Pontal, onde se faziam os desembarques e havia já algumas barracas de homens do mar.

LIVRO TERCEIRO

Desde a deserção do Calabar á perda da Parahiba.

Deserção do Calabar — Suas consequencias — Surpreza de Igaraçú — Varias escaramuças — Perda do Rio Formoso — Proposta ao Calabar — Partida de Weerdenburgh — Perda dos Afogados — Ataque do Arrayal — Apresentação de Henrique Dias — Toma o inimigo Itamaracá — Novos encontros e sortidas — Primeira invasão ás Alagoas — Soccorros aos nossos e providencias da côrte — Toma o inimigo o Rio Grande — Ameaça a Parahiba e segue para o cabo de Santo Agostinho — Ataque frustrado contra o Recife — O inimigo occupa o Pontal e o defende — Ataca sem exito o Arrayal — Recebe reforços — Assenhorea-se da Parahiba — Capitulações com os moradores.

Mais de dois annos haviam decorrido desde a chegada dos hollandezes, e se encontravam elles ainda encurralados dentro do Recife e do pequeno forte de Orange na ilha de Itamaracá, e já na Hollanda se começava a discutir a idéa do abandono do Brazil, quando uma lamentavel occorrencia veiu mudar a face dos acontecimentos, atiçar a guerra e prolongar a duração do dominio estranho. Referimo-nos á deserção, das fileiras dos nossos para as do inimigó, de Domingos Fernandes Calabar, natural de Porto-Calvo. Consta, pelo testemunho de dois escriptores que conheceram pessoalmente o mesmo Calabar, e que deram seus depoimentos ante a posteridade, alguns annos [1] depois da morte do mesmo

[1] O seu confessor na hora da morte fr. Manuel Calado, doze annos depois: o donatario da capitanea, d'ahi a seis annos mais.

Calabar, que a origem da deserção procedeu de temor do castigo, em virtude de grandes crimes commettidos. —Esses crimes, segundo uma das duas testemunhas, que foi nada menos que o sacerdote que ouviu o reu de confissão na hora da morte, foram «grandes furtos», em virtude dos quaes o desertor receava ser perseguido «pelo provedor André d'Almeida.»

Contra depoimentos tão explicitos, não nos é permittido, sem offender os principios do criterio historico, oppor conjecturas, para, com mal entendida generosidade, pretender desculpar essa deserção, origem de tantas lagrimas para a patria. É inquestionavel que como militar, ajuramentado ás bandeiras, o Calabar foi perjuro, desertando d'ellas, e que, como subdito, abrindo o exemplo á deserção, e prestando serviços na guerra contra a sua patria e os seus concidadãos, foi ao mesmo tempo traidor. Ao effectuar a deserção, no dia 20 de abril de 1632, fel-o de um modo tão pouco justificavel aos proprios olhos do chefe contrário que, quando já lhe estava prestando valiosos serviços, o mesmo chefe desconfiava da fidelidade do novo transfuga, e de officio [1] o tratava de negro (een em Neger) e com certo desprezo (dom Volck). E, poucos annos depois, o eloquente historiador hollandez [2] não duvidava declarar que no patibulo havia o mesmo Calabar expiado a sua infidelidade e deserção [3].

Havia sido o Calabar um dos primeiros pernam-

[1] Off. de Weerdenburgh de 9 de maio de 1632.

[2] **Barlæus** Rerum, etc., ed. de 1647, pag. 37.

[3] A rehabilitação do Calabar não seria mais justificavel do que a de qualquer official inferior que, por commetter alguma falta ou por mera ambição, desertasse para o inimigo paraguayo na ultima guerra.

bucanos que se alistára no serviço contra os hollandezes, e fôra até honrosamente ferido no primitivo ataque intentado pelo inimigo contra o Arrayal do Bom Jesus, em 14 de março de 1630. Vamos agora a vêr como á sua infeliz deserção deveram os hollandezes os immediatos passos que deram, com exito decidido, no empenho de assenhorear-se do paiz.

A primeira empreza, concebida e dirigida pelo Calabar, foi a de um ataque de surpreza contra a villa de Igaraçú. O conhecimento que tinha do local e do facto de que um rio navegavel para canoas partia d'aquella villa a desembocar não longe da paragem occupada pelos hollandezes com o seu forte de Orange, em frente da mesma ilha, cujas cimas se avistam da propria villa de Igaraçú, levaram o Calabar a lembrar as vantagens que os intrusos poderiam alcançar realisando aquella surpreza, em que não correriam risco algum; tendo simplesmente a cautela de ordenar que do dito forte de Orange se enviassem com antecipação algumas barcaças para transportar por mar os expedicionarios, depois de darem a assaltada.

Acceitou Weerdenburgh o plano, e tudo se preparou, segundo dispoz o Calabar, que se offereceu a acompanhar em pessoa a expedição, o que Weerdenburgh aliás houvera exigido, para d'este modo tel-o em refens. Prepararam-se quinhentos [1] homens, levando uns trinta e tantos pretos [2] para conduzir os feridos; partiram todos

[1] Não 1500, como dizem varios autores. Seguimos n'esta narração ao proprio Weerdenburgh, no off. de 9 de maio de 1632.

[2] Não 400, para conduzir os despojos, como escreveu Southey (I, 480), e se lê, sem nenhum correctivo, na traducção (II, 254).

no dia 30 de abril, acompanhando a atrevida expedição o proprio Weerdenburgh. Encaminhou-os o Calabar por junto de Olinda, onde foram presentidos pelas vigias, que deram logo aviso ao Arrayal.

Como tinha chovido antes, estavam alguns rios mui crescidos, e a custo poderam ser passados a váu. Se n'essa noite, depois que estavam já em caminho, houvesse chovido como nas anteriores, ahi teria ficado toda a expedição, sem poder passar para diante nem para traz, e sería encontrada pelas forças de D. Fernando de la Riba Aguero, mandadas por Mathias d'Albuquerque, apenas avisado d'essa ousada tentativa. Este perigo avultado pela escuridão da noite, sobre tudo desde que, pela volta das tres da madrugada, se poz a lua, chegou a ser presentido por Weerdenburgh, por cuja mente mais de uma vez passaria n'essa conjunctura a idéa de que o Calabar lhe teria armado uma traição, quando ao dar officialmente parte da empreza escrevia: «em todos estes perigos estavamos dependentes da fidelidade ou infidelidade de um negro, que nos servia de guia, e não deviamos pôr muita confiança n'essa gente estupida.» [1] O proprio Weerdenburgh confessa que se ali o encontram os inimigos, não só o projecto se teria frustado, como «houvera custado a cabeça a todos.» Com esta idéa proseguiu no maior silencio que poude, sem alarmar os habitantes dos povoados e engenhos por onde passava. E encontrando, já pela madrugada, uns carros, para

[1] Alle dese piricülen rüsten doen ter tydt op de troüwe ofte ontroüwe van eenem Neger, die mij als güijde diende, op welck dom Volck sich nochtaus weynich is te verlaten,» — Weerdenb. off. de 9 de maio de 1632.

que os carreiros não fossem dar noticia da marcha, nem se encommodar com o ter que conduzil-os presos, commetteu a barbaridade de ahi os mandar assassinar mui a sangue frio, barbaridade que deveria desculpar-se pelo medo, se o mesmo Weerdenburgh não se regosijasse d'ella ainda dias depois.

A final só na manhã seguinte (1.º de maio) poderam apresentar-se diante de Igaraçú. Weerdenburgh, deixando tres companhias ás ordens do major Rembach, accommetteu com a demais tropa. Foram logo mortas « varias pessoas de distincção », e presos alguns ecclesiasticos. A insignificante resistencia que, em meio da surpreza e sobresalto, vieram ainda os moradores a apresentar, custou mesmo assim aos atacantes oito mortos e mais de vinte feridos, comprehendendo varios officiaes, incluso o major Rembach.

Weerdenburgh fez recolher as mulheres « bonitas em grande numero, » segundo elle, na igreja da misericordia, mandou vasar umas duzentas pipas de vinho que foram encontradas, para evitar que, com a embriaguez, a sua gente não podesse proseguir na marcha, permittiu o saque da villa, e, depois de lançar fogo a todas as casas, recolheu-se a toda a pressa para o forte de Itamaracá, deixando burlados os que já do Arrayal chegavam a fim de atacal-o.

Como era natural, o exito d'esta empreza augmentou muito a força moral dos hollandezes e o credito para com elles do Calabar, que continuou sendo o seu fiel guia, a princípio por todos os contornos do Recife, e mais tarde por toda a capitania e pelas visinhas.

Tiveram logar as primeiras sortidas, umas vezes

para atacar as estancias[1] dos nossos, outras para fazerem fachina, com particularidade no sitio das Salinas, e finalmente outras para apanhar fructas nos pomares que havia nos arredores de Olinda. Tambem, á imitação dos nossos, executaram os hollandezes com felicidade duas embuscadas, uma na Tacaruna[2], e outra na ponte do Biberibe, junto á villa, conseguindo n'esta ultima fazer prisioneiro o capitão Francisco Rebello.

Emprehenderam mais duas sortidas por mar ao Rio-Formoso, preando e queimando quanto encontraram, motivo por que se resolveu o governador a fortificar esse porto com um reduto, cujo mando confiou a Pedro d'Albuquerque, ahi capitão d'auxiliares.

Pouco depois foi Bagnuolo assestar uma bateria contra o forte d'Orange, em Itamaracá. Reforçado porém o mesmo forte pelos do Recife, e vendo-se que nenhum resultado se obtinha com os tiros que contra elle se disparavam, retirou Bagnuolo a bateria, regressando aos acampamentos.

Entretanto haviam sido attendidas na Hollanda as instancias de Weerdenburgh, pedindo reforços, e em fins de 1632 chegavam não poucos, devidos por ventura aos raios de esperança que começavam a bruxulear na nova conquista. Mas para mandal-os, havia a companhia tido que emittir acções no valor de mais de um terço do capital; e isto quando já as mesmas acções se cotavam com sessenta por cento de perda. Vinham com

[1] O ataque emprehendido contra Luiz Barbalho em 21 de Dezembro não teve logar em 1633, nem com 1800 homens (como diz o sr. Mello) mas em 1632, e com menos de uma terça parte d'esse número d'elles.

[2] Tacoarana se lê, menos correctamente, nas Mem. Diarias.

os novos reforços dois emissarios escolhidos d'entre os proprios directores; sendo Mathias Van Ceulen, de Amsterdam, e João Gysselingh [1], de Middelburg, os quaes trouxeram a Weerdenburgh a licença, que, em consequencia da morte de seu pai, havia solicitado para regressar á Europa; como executou apenas deu todas as convenientes informações aos dois commissarios.

Estes, por sua parte, entregaram-se aos assumptos do governo com a maior actividade. Despacharam, para serem deitados nas costas do Rio-Grande, afim de ahi attrahirem os Indios descontentes, tres que já haviam estado na Hollanda. Logo, conservando toda a confiança no Calabar, resolveram valer-se d'elle, para extenderem o seu dominio.

A primeira paragem contra que se dirigiram foi a do Rio-Formoso, de cujo reduto, segundo ha pouco dissemos, fora feito commandante Pedro d'Albuquerque. Teve logar o ataque na madrugada de 7 de fevereiro de 1633. A defensa foi heroica, e constitue entre nós uma lenda semelhante á do passo das Termopylas entre os gregos. De vinte homens se compunha apenas a guarnição; mas opposeram-se a quatro ataques de um numero mui superior. Mortos porém desenove dos combatentes, o que restava, Jeronymo de Albuquerque, parente do capitão, escapou a nado com tres feridas, ficando o capitão estendido no forte, com duas, e assim caiu prisioneiro. O inimigo respeitou tanto valor. Conduziu-o ao Recife; d'onde, depois de são, foi mandado levar ás Antilhas, e d'ahi passou á Europa; onde permaneceu até ser no-

[1] Vancol e Guezelin escreve Albuquerque; Vancol e Chisilim diz Calado.

meado governador geral do Maranhão, de cujo conquistador era neto natural; vindo pouco depois a fallecer no Pará em 1644.

A occupação do Rio-Formoso, a idéa de que ella devia ser seguida da de outros pontos, e principalmente a notícia dos tratos já entabolados com os indios, para os quaes poderiam ser ao inimigo de muito auxilio as artes e astucias do Calabar, obrigaram ao governador a capitular com a traição. Procurou pois, diz o donatario da capitania, «por todos os meios possiveis reduzil-o; assegurando-lhe não só o perdão de seu delicto, mas ainda mercês, se voltasse ao serviço d'el-rei; e esta diligencia repetiu por muitas vezes;» mas nada conseguiu.

Comprehende-se a repugnancia e negativa do Calabar de voltar para o serviço dos seus patricios, depois de haver-lhes causado tamanhos males. O general sustentaria a palavra dada, de acolhel-o bem; o rei poderia enchel-o de graças e mercês; mas o Calabar não ficaria com isso tranquilo e seguro. Em cada familia mal tratada em Igaraçú e Rio-Formoso devia por certo contar alguns inimigos, da represalia dos quaes poderia sempre recear-se.

Com a partida de Weerdenburgh, o mando das tropas ficou entregue ao velho Lourenço Rembach, seu companheiro na arriscada tentativa de Igaraçú, da qual saiu ferido, segundo vimos.

Chegado á Hollanda, exhibiu o mesmo Weerdenburgh á companhia [1] um relatorio ácerca dos assumptos da colonia indicando a conveniencia de serem a ella

[1] Em 11 de julho.

mandados mais tres a quatro mil homens adestrados, a fim de occuparem todos a ilha de Itamaracá, plano que por sua parte haviam apoiado[1] os mencionados dois governadores, que logo o fizeram extensivo aos portos do cabo de Santo Agostinho e Parahiba.

Em quanto porém não chegavam a esse respeito novas ordens e mais forças, foi resolvida a occupação do posto dos Afogados, paragem importante, e que os nossos haviam descuidado de fortificar bem. Atacou o inimigo em tão grande força que conseguiu occupal-o, apezar de um pequeno reforço que do Arrayal mandou Albuquerque. A perda d'esta posição foi de mui fataes consequencias. O inimigo construiu um forte abaluartado de quatro frentes (a que depois deu o nome de Principe Guilherme), e desde logo ficou o Arrayal exposto a ser flanqueado, e sem os recursos que lhe ministravam os visinhos moradores da Varzea, os quaes todos julgaram mais prudente abandonar suas casas e sitios. O inimigo não tardou (21 de Março de 1633) a surprehender o posto que havia n'um engenho na Varzea, logo além da ponte da Magdalena e perto do Arrayal. E tres dias depois, em quinta feira santa[2], guiado pelos conselhos do Calabar, emprehendeu um ataque contra o proprio Arrayal, ás 11 do dia, hora em que fazia a todos na igreja. Avançou pela Varzea, passando o Capiberibe, junto ao riacho Paranamerim, então quasi secco. O ataque foi rechassado de modo que o inimigo soffreu grande perda, deixando quinze prisioneiros, e

[1] Em off. de 14 de fevereiro.

[2] Enganam-se os que dizem que foi a 23, e tambem os que assignam o dia de sexta feira santa, que foi a 25. O ataque teve logar no dia 24.

tendo varios officiaes feridos, contando n'esse número, e mortalmente, o seu chefe Rembach. Os nossos tiveram vinte e cinco mortos e quarenta feridos, incluindo os capitães Martim Soares e Estevam de Tavora.

Seguiram-se duas acquisições feitas pelos Pernambucanos.—A primeira foi a do valente capitão Francisco Rebello; depois de haver permanecido quatro mezes preso a bordo de uma náo conseguiu escapar-se lançando-se ao mar e seguindo a nado para terra. A segunda foi a de um corpo de valentes pretos, mandados pelo bravo Henrique Dias da mesma côr, e que logo d'ahi a dois mezes (15 de Julho) começou a derramar seu sangue pela causa que abraçára, sendo ferido, na Varzea, de uma balla de mosquete.

Encontramos escripto, em papel não bastante autorisado, que estes sairam, por trato pactuado precedentemente com Mathias d'Albuquerque, primeiro organisados em corporação a principio em numero de vinte apenas, dos mocambos dos Palmares, onde se achavam; e por ventura poderiam fazer inclinar a dar a isso algum credito as palavras com que o chronista d'esta campanha nos dá conta d'este facto. «Bem se prova, diz o mesmo chronista, o apuro em que nos tinha posto a continuação do que contrastavamos, pela acção que um preto chamado Henrique Dias praticou n'esta occasião, e foi parecer-lhe que necessitariamos da sua pessoa; pois veiu offerecel-a ao general, e este acceitou-a para servir com alguns da sua côr.»

Se não andasse n'esta apresentação algum mysterio, não cremos que teria o chronista necessidade de dar tantas satisfações, por maiores que fossem as prevenções

contra os descendentes dos africanos, prevenções que aliás os serviços de Henrique Dias e dos seus vieram a amortecer, em todo o Brazil, talvez mais do que o havia conseguido o proprio christianismo, com suas santas maximas de paz e tolerancia.

Mas não podiam estas acquisições mudar a sorte da guerra que o Calabar havia feito pender para o inimigo, e que era sustentada pelos novos reforços e pela actividade dos dois commissarios, interessados na prosperidade da companhia.

Resolveram estes apoderar-se de toda a ilha de Itamaracá, e com mui pouca perda sahiram-se bem da empreza, rendendo-se-lhes a villa da Conceição, sua capital, que guarnecia com cento e tantos homens Salvador Pinheiro, capitão e ouvidor do donatario, que então era o conde de Monsanto. Esta insignificante villa, situada em um monte, do lado do sul do canal que cerca a ilha, havia sido defendida por um extenso recinto que contorneava toda a chapada do mesmo monte, recinto que necessitaria, para ser defendido, de uma guarnição dez vezes maior. Assim, ao ser accommettida, teve de render-se. Em reconhecimento ao chefe, Sigismundo Schkoppe [1], que dirigiu o ataque, os commissarios deram á povoação o nome de villa de Schkoppe; e, para defendel-a, entrincheiraram a igreja, e do lado opposto, por onde seguia o caminho para o interior da ilha, levantaram uma torre castrense. Afim de evitar que da ilha se extendessem ao continente, mandou logo Albuquerque algumas tropas a Igarassú, as quaes havendo

[1] Escup se lhe chama nas Mem. Diarias.

contido o inimigo por esse lado, não poderam alcançar a defender a Goiana, onde foram pilhar quanto poderam, queimando quatro engenhos.

Ao mesmo tempo os do Recife intentavam, do lado dos Afogados, duas sortidas a engenhos situados d'ali a uma legua de distancia, tendo logar, das duas vezes, pequenas escaramuças, sahindo da primeira ferido o chefe preto Henrique Dias. Pouco tempo depois propunha-se o inimigo atacar de novo o Arrayal, com grandes forças. Saindo do forte dos Afogados, aproximára-se pela margem direita do Capiberibe, e se fortificára em tres pontos, já diante do mesmo Arrayal, e quasi ao alcance da sua artilheria. Porém, havendo feito vir embarcada do Recife alguma artilheria e munições, ao subirem estas o Capiberibe, em um barco e tres lanchões, foram estes atacados e tomados á viva força pelos nossos, que se apoderaram de seis canhões de bronze e cinco de ferro, todas as munições e mantimentos. Com este revez o inimigo levantou campo e se retirou sem ser perseguido.

Albuquerque foi, por este successo, louvado e premiado com uma commenda lucrativa; e com tanta maior razão, quanto esta victória havia sido alcançada, apezar do voto de Bagnuolo, mandado por escripto do cabo de Santo Agostinho. Opinava Bagnuolo, e talvez com razão, como a experiencia veiu a provar, que melhor fôra concentrar todas as forças em outro arrayal junto ao mesmo cabo; a fim de poderem reunidas prestar-se mutuo auxílio, e tambem defender aquelle porto, então da maior importancia.

Do mencionado pequeno revez, vingou-se o inimigo

intentando novas sortidas. Foi a principal a que fez contra Igarassú o tenente coronel Byma, logo auxiliado pelo coronel Sigismundo, com maior força, ao ter noticia das que contra Byma havia enviado Albuquerque, ás ordens do Camarão, e depois de Luiz Barbalho e Riba Aguero. Mandou Albuquerque novas forças, com outros cabos, incluindo Henrique Dias, que por esta occasião foi outra vez ferido e com duas balas. — Tanto Byma, como Sigismundo, depois de pequenos encontros, recolheram-se do lado de Itamaracá, regressando por seu turno os nossos aos acampamentos.

Outras sortidas emprehendeu o inimigo para o lado do sul; em uma d'ellas, matou o antigo sargento mór de milicias Ruy Calaza Borges, que vinha da Ipojuca (onde era casado) a apresentar-se: saindo-se porém mui mal de outra emprehendida pelo tenente coronel Byma, em 21 de outubro, com cento e setenta [1] homens, contra o engenho de Santo Amaro na Moribeca. A tempo foram mandadas forças nossas a perseguil-o. E marchando por um lado primeiro Barbalho, com cento e cincoenta, e obrigando-o a recolher-se, veiu, já perto do posto dos Afogados, a encontrar-se com o sargento mór Pedro Correa da Gama que, com duzentos homens, ahi lhe embargou a passo, de modo que perdeu mais de setenta [2] homens e todo o producto do saque, conseguindo escapar-se, abandonando o cavallo que montava, e escondendo-se, até se aproveitar da noite para se metter no forte; havendo capitulado em uma casa uns dezenove, com direito de regressarem ás suas proprias fileiras.

[1] Não 700, como se lê nas Memorias Diarias.
[2] 180 se lê nas Mem. Diarias.

Antes d'esta última sortida havia deixado o Recife o Calabar, guiando o commissario Gysselingh em uma invasão, por elle Calabar ideada, desde o Porto das Pedras até ás duas Alagoas.

Embarcando-se com uns seiscentos homens, em alguns navios ao mando de Lichthardt, foram todos aportar na Barra Grande, no dia 11 de outubro [1]; e, no dia seguinte, passaram ao Porto das Pedras, onde só chegaram á meia noite. Depois de ahi tomarem o assucar que encontraram, incendiando os barcos, que não lhes poderiam servir, passaram ao Camaragibe, preando os gados e entregando ás chammas o que não poderam conduzir comsigo. Seguiram logo ao porto dos Francezes, onde igualmente queimaram varios barcos fundeados, e mais de cem caixas de assucar; e d'ahi tomaram até a Alagoa do sul ou Manguaba, lançando fogo á villa de Nossa Senhora da Conceição (hoje cidade das Alagoas), que, apesar de recentemente fundada [2] já contava, segundo

[1] Esta expedição deve ser a mesma que o autor das Memor. Diarias dá como succedida em 14 de março e 20 de agosto. Seguimos a mui circumstanciada parte escripta pelos Commissarios hollandezes em 5 de janeiro de 1634. O equivoco do autor das Memor. Diarias procedeu naturalmente de haver, segundo parece, o proprio Calabar feito no mez de agosto do anno seguinte outra expedição á Barra-Grande.

[2] Sem dúvida desde 1611: por quanto no mappa respectivo da Razão do Estado etc., que se deve considerar d'este anno, ainda a villa se não acha designada, e só sim a de Santa Luzia na outra Alagoa. Ao mesmo tempo, em uma escriptura de 25 de novembro do mesmo anno de 1611, se declara que a villa se fazia então: «—que se ora (isto é agora, actualmente) faz.» Poder-se-hia entretanto suspeitar que a jurisdicção de villa lhe não fôra concedida mui legalmente, quando o donatario Duarte d'Albuquerque julgou dever outorgal-a em 1635, ordenando que a villa se chamasse da Magdalena; nome que porém havia já sido imposto pela escriptura de 5 de agosto de 1591, que autorisou a Diogo de Mello de Castro a povoar esse districto; mas que então não se deu,

a propria confissão dos invasores, edificios de bonita architectura; e o mesmo pretenderam fazer á villa de Santa Luzia, na Alagoa do Norte; mas não o poderam realisar em virtude da resistencia que ahi oppoz o valente capitão Antonio Lopes Filgueiras, á custa da propria vida. Por fim regressaram ao Recife, a 9 de novembro, trazendo por despojos duzentas e cincoenta caixas de assucar e noventa e oito toros de Brazil.

No emtanto recebia Mathias d'Albuquerque algum soccorro, que não deixava de ser de valia, no meio da penuria em que se achava. E ao mesmo tempo lhe chegavam reiteradas promessas de que outros novos soccorros se ficavam apromptando, e a certeza de que, tanto em Madrid como em Lisboa, se esmeravam os governantes em tomar providencias para que os mesmos soccorros se enviassem.

Já antes de regressar Oquendo havia a Côrte deliberado que, á custa dos dois reinos, se preparasse outra frota de cincoenta galeões, vinte e quatro dos quaes deveriam ser armados por Portugal, consignando para isso o quinto das tenças e outro quinto dos bens da corôa, o subsidio das camaras, junto a um emprestimo forçado em Lisboa de quinhentos mil cruzados. Havendo encontrado muita opposição a idéa d'este último emprestimo, foi na capital do Tejo creada uma Junta [1] para reunir os necessarios fundos, cobrando certos atrazados, fazendo

nem agora vingou, como tão pouco vingaram os outros dois que deu o mesmo donatario n'essa occasião, a saber: o de Bom-Successo o Porto-Calvo e o de S. Francisco ao Penedo, já denominado antes villa do Penedo de S. Pedro.

[1] Regim. em 26 artigos de 26 de junho de 1631.

composições com os devedores, etc. Ao mesmo tempo criou-se de novo [1] o estanco do sal, já ephemeramente [2] ensaiado no reinado de D. Sebastião e que d'esta vez ficou como imposto permanente, e se fez extensivo á Bahia [3] e a todo o Brazil.

Parece porém que, em virtude do mau humor em que estavam os povos, todas as providencias mencionadas não produziram os effeitos promptos que se desejavam, de modo que, havendo a Côrte, ao regressar Oquendo, resolvido que com a maior brevidade partisse a nova armada, confiando o mando d'ella ao restaurador da Bahia, dirigiu (no dia 1.º de dezembro de 1631) a seguinte carta regia:

«Vendo o que se me tem representado, com occasião da chegada de D. Antonio de Oquendo e recontro que teve a sua Armada com a dos inimigos no Brazil; e considerando o muito que convem acudir logo áquelle Estado com o maior soccorro que poder ser, e a tempo que se fôr possivel não haja chegado soccorro aos inimigos:

«Tenho resoluto que logo com toda a brevidade parta D. Fadrique de Toledo, direito á Bahia, com a Armada d'esta Corôa, e os navios que se aprestam por essa—para o que se porão em ordem, com toda a brevidade, como tenho mandado, para que se não detenha a partida de D. Fadrique um ponto.

«E desde logo se começarão a aprestar, pelo menos, outros seis galeões, de força de dois pataxos, por conta

[1] Alv. de 4 de agosto de 1631.
[2] Revogada por alv. de 2 de setembro 1578.
[3] Prov. de 7 de maio de 1632.

d'essa Coróa, que partirão, ao mais tardar, um mez depois de D. Fadrique, em seguimento seu, com quatrocentos homens, ao menos, dos bons da Armada, satisfeitos e contentes, os quaes vão buscar a D. Fadrique á Bahia, para d'alli tratar dos effeitos que se lhe encarreguem.

«E por quanto, de mais d'isto, para que haja forças bastantes no mar, com que impedir os desenhos do inimigo, tenho resoluto que para S. João tenha essa Coróa armados vinte galeões de força, e eu pela de Castella lhe assistirei com quantos possa—e isto não se póde fazer sem cabedal, e effeitos de que se tire dinheiro prompto: e o estado presente das cousas necessita d'este esforço; e juntamente de enviar á India, em fevereiro, quatro náos abastecidas e fortes, e tudo com gente boa e escolhida, e experimentada na guerra, ou pelo menos as Cabeças:

«Vendo que para estas cousas se ha mister dinheiro, e que d'onde se me disse que não havia nenhum dinheiro meu para as armadas, ha mostrado o Secretario Diogo Soares, por papeis authenticos, quinhentos mil cruzados, de renda minha propria, que por partidas meudas não se fazia conta da mais d'ella:

«Vos quiz dizer por esta carta que eu gastarei esta minha fazenda n'isto—porém que faltará, para restaurar o Brazil ao seu primeiro ser, por o muito poder com que os inimigos se acham n'elle, pelo menos, outros quinhentos mil cruzados de renda fixa—e que os meios que se hão offerecido, são os do sal, e os do emprestimo para o prompto.

«E havendo quasi dois annos que se perdeu Per-

nambuco, e que eu tenho resoluto que se executasse desde então, se não ha feito.

«Com todas estas considerações, e com o cuidado a que me obriga o perigo em que está o Brazil, de se apoderarem de todo os inimigos d'elle, inficionando as mais conquistas d'estes Reinos:

«Houve por bem de ordenar expressamente, que, entretanto que se executa um meio de renda fixa, n'esse Reino, para os effeitos referidos, se suspendam, na quarta parte, todas as tenças e rendas da Corôa, Commendas, e mercês redituaes, que eu tiver feito, e os Senhores Reis meus antecessores, n'esse Reino e Ilhas adjacentes:

«E que, logo que se execute o meio do sal, ou outro em que se conformem esse Governo, o Conselho d'Estado, o Conselho de Fazenda, ou a Junta d'ella, ou eu com o que se me propozer, cesse esta suspensão que tenho dito —e se se executar logo, não se introduza a suspensão.

«Mas advertindo a todos que se ha de executar o que fica dito, ácerca do soccorro que se ha de enviar a D. Fadrique, em seu seguimento, e o da Armada que ha de estar feita para S. João, e o soccorro da India, infallivel e irremissivelmente:

«E parece que não sería razão, que, dando eu para isto quinhentos mil cruzados de renda, proprios, sem tirar um real para outra cousa nenhuma, nem para o sustento de minha casa, as doações grandes, que os Senhores Reis meus antecessores e eu temos feito n'esse Reino, se gozassem com descanso e commodidade, e se perdessem as Conquistas gloriosas d'essa Corôa, com tanta indecencia de meu Governo, e descredito de meus Reinos e Vassallos; em quanto, como em Castella e em todos os

outros Reinos do mundo, se impoem outras rendas ou tributos, que escusem o gravar estas; tanto mais não querendo eu escolher quaes sejam, senão as que parecerem melhor, como acima se refere.

«E se parecer que é necessario suspender maior quantidade de tenças, commendas, e mercês minhas e de outros Reis, se poderá fazer.

«E porque da breve execução do que fica referido, depende muita parte do bom successo dos intentos que se levam n'este negocio—vos encomendo que, depois de haver communicado com o Conselho d'Estado esta minha resolução, a façaes executar logo, avisando tambem d'ella ao Conselho da Fazenda ou Junta d'ella, para que por sua parte satisfaça no particular de apontar os meios, como está dito; procedendo-se no mais em conformidade do que por esta carta se ordena.»

Os resultados obtidos pelas instancias d'esta carta regia não foram porém ainda de efficacia sufficiente, de modo que a esquadra não se apromptava, e, perto de dois annos depois (16 de set. de 1633), o rei escrevia a todas as camaras a seguinte nova carta [1], para que se ensaiasse outro expediente:

«Juiz, vereadores, e procurador da camara de..... Eu el-rei vos envio muito saudar.—Havendo considerado os trabalhos d'esse Reino, e o muito que está infestada a India, e opprimidas as Conquistas d'elle, das Nações estrangeiras da Europa, que navegam áquellas partes com grandes Armadas e grossos empregos, tendo-se com

[1] Vimos d'este documento além da cópia impressa (da dirigida á camara de Ponte de Lima), outra ms. da dirigida á d'Evora cidade, á vista da qual fizemos as correcções que se notarão.

isso apoderado do mais do commercio; e que particularmente attendem a conservar Pernambuco, que é uma das principaes Capitanias do Estado do Brazil, de que depende toda a conservação d'elle, por poderem d'alli procurar os rebeldes de Holanda, que de presente a occupam, estender-se pelos mais portos d'aquelle Estado; do que resulta e tem resultado grandes damnos á minha Fazenda e a meus Vassallos, que no mar são roubados, e na terra não podem gosar dos ganhos e riquezas que de antes tinham:

«Tendo enfraquecido o commercio, de maneira que as rendas de minhas alfandegas vieram a grandissima baixa e diminuição; com que se acabarão, se não se acudir ao Brazil com Armadas e poder bastante, para desalojar o inimigo; soccorrendo-se outrosim a India com o cabedal necessario para se conservar; e juntamente com este meio de Armadas se restaurar o commercio perdido e se dominarem os mares:

«E tambem para se restaurar a Mina, que sendo o primeiro patrimonio d'essa Corôa, e de que tantos proveitos se tiravam, é hoje a principal substancia que tem e possuem as Nações estrangeiras do Norte, demais do proveito que tiram do trato de Guiné e Costa de Angola:

«Mandei com grande cuidado, por varias vezes e diversos ministros, considerar o remedio effectivo que se devia dar a tão grande damno — e concluindo todos que o unico e total para conservação das Conquistas d'esse Reino, era haver n'elle Armadas poderosas, e cabedal com que se podessem conservar:

«Houve por bem de assim o resolver, vendo o muito que estava arriscada a India e Conquistas, sendo a subs-

tancia do mesmo reino; e que, se o mal passa adiante (o que Deus não permitta) não só faltará a essa Corôa um Imperio tão dilatado e rico, que com tanta reputação dos Senhores Reis meus predecessores, e do Nome Portuguez, e tanto sangue dos naturaes, se ganhou e conquistou; mas sobre tudo se perderão as Christandades que estão plantadas por tão remotas e diversas partes, e tão gloriosos fructos de constantes Martyres; que foi o intento principal que moveu aos Senhores Reis meus predecessores a continuar o descobrimento da India e Conquistas, com tanto trabalho e despesa—em cujo proseguimento é justo e devido que se faça da minha parte, e da de meus Vassallos, o maior esforço possivel:

«Para o qual tenho mandado applicar tudo o que ha de minha Fazenda, livre de consignações, que, conforme ao que se verifica, monta a quinhentos mil cruzados—e assim o direito das meias annatas e extracção do sal, e boa parte do rendimento da Cruzada, e outras partidas de importancia:

«E considerando o muito que esse Reino tem occorrido ás necessidades publicas com diversas contribuições; e lastimando-me, com grande sentimento meu, e amor devido a leaes Vassallos, de suas perdas e trabalhos—e desejando consolal-os e allivial-os, tudo o que me fôr possivel—sendo-me presente a boa vontade e fidelidade com que em todas as occasiões me tem ajudado e aos Senhores Reis meus predecessores, á custa de suas vidas e fazendas—e ainda que os mais meus Reinos não são com menos força e oppressão infestados dos inimigos—tendo sempre com particular desvello diante dos olhos a conservação d'essa Corôa:

«Houve por bem de applicar ás Armadas, com que convém que seja soccorrida, das rendas dos Reinos de Castella, um milhão em cada um anno.

«E porque toda esta despesa não é bastante para se sustentarem as Armadas; e é precisamente necessidade que estejam sempre em toda a occasião promptas— confio da lealdade e grande amor com que sempre os Vassallos d'esse Reino me serviram e aos Senhores Reis meus predecessores, que de vossa parte n'esta occasião acudaes a meu serviço e bem commum, com tudo o que poderdes.

«E para vos communicar o aperto presente, e poder significar o muito que me magôa a pobreza d'essa Corôa, e melhor ter intendido os meios mais suaves com que me podereis servir; querendo só o que todos abraçarem com a menos molestia que fôr possivel: desejei que désse logar a necessidade que tem a Monarchia de minha assistencia n'esta côrte, para poder ir a esse reino, a fazer Côrtes:

«E porque não é possivel esta jornada, por a falta que faria ao governo universal de meus reinos; e a importancia d'esta materia é o que vêdes que convém, para que com toda a brevidade se acuda a atalhar os damnos presentes, e os maiores que se experimentariam ao diante, não se fazendo tão forte opposição, para que os intentos de nossos inimigos não logrem em seu beneficio a nossa maior perdição—pois pelo de cá se obra o que havereis entendido, sem embargo dos accidentes que em tantas partes se offerecem:

«Vos rogo e encarrego que da vossa vos disponhaes e esforceis a me servir, e acudir á conservação e bene-

ficio d'esse Reino, como posso fiar de vossa Fé, e zelo, na occasião mais apertada, e a que com maiores veras e presteza é necessario soccorrer:

«E para isto dareis vossa procuração e poder ás quatro Cidades e Villa de Santarem, do primeiro banco; e cada uma d'estas Cidades e Villa de Santarem elegerá dois Procuradores, e o Ecclesiastico cinco, e a Nobreza outros cinco—e juntos todos, communicareis o que parecer mais conveniente, para que com mais facilidade se disponha e execute o que é necessario a meu serviço, e se possam prevenir os damnos que resultariam do contrario.

«Estai certos que disto me terei por servido mui particularmente, procurando que em vos fazer mercê e em guardar vossos privilegios e estilos, me não leve vantagem nenhum dos Senhores Reis meus antecessores.

Escripta em Madrid, a 16 de setembro de 1633.—Rei.»

Esta carta regia, cujo cumprimento dependia de tempo, foi seguida de outra, de 3 de outubro, requisitando que cada villa ou logar de Portugal désse desde logo um ou dois recrutas para o Brazil. E, a fim de mais estimular a apresentação de voluntarios para servirem n'este Estado, se resolveu [1] que para as nomeações de seus officios seriam d'ali em diante preferidos os que servissem n'esta guerra.

Repetidas instancias para a partida de voluntarios e collecta de soccorros foram pela côrte ainda feitas posteriormente, autorisando de novo o imposto do real

[1] C. R. de 2 de novembro de 1633.

d'agua[1] e o acrescentamento da quarta parte do cabeção da siza.

Independentemente porém dos reforços que, em maior escala, se esforçava a côrte de preparar, chegavam algumas tropas, alistadas na ilha da Madeira, em uma pequena frota de duas naus e cinco transportes, commandada por Francisco Vasconcellos da Cunha; porém viu-se perseguida pelos navios hollandezes por fórma tal que teve que pelejar, e uma das naus foi a pique, e a outra e os transportes viram-se obrigados a varar em terra, para salvar a gente. Sairam a prestar soccorro quatro sumacas, porém com tão pouca felicidade que o inimigo conseguiu incendiar tres. Tantos foram os contratempos passados que de seiscentos homens que vinham, se extraviaram duzentos e vinte, e apenas chegaram ao Arrayal cento e oitenta, havendo ficado na Parahiba duzentos. Pouco tempo depois chegou mais alguma gente em duas caravellas.

Estes pequenos reforços que recebia Mathias d'Albuquerque longe de fazer esmorecer o inimigo, parece que contribuiam a lhe augmentar os brios. Desde que em 9 de novembro haviam voltado os navios idos ás Alagoas, começou a aprestar-se para emprehender novos ataques do lado opposto. Julgou facil o do Rio-Grande, e assentou de começar por elle a conquista do littoral além da ilha de Itamaracá.

No dia 5 de Dezembro saiu do Recife o commissario Van Ceulen, com quatro companhias de fuzileiros e

[1] C. R. de 26 de setembro de 1634; Alv. de 17 de junho de 1635; C. R. de 23 de abril e 12 de julho de 1635.

quatro de mosqueteiros, sob o mando superior do tenente coronel Byma [1] em uma esquadrilha dirigida por Lichthardt, que depois de deitar as tropas junto do Cabo-Negro, tres leguas do sul da foz do Rio-Grande, seguiu a forçar a barra, e a desembarcar pelo rio acima alguns marinheiros armados os quaes logo, protegidos pela infanteria, que atravessava os médãos a marcha forçada, combinariam o ataque do forte dos Reis-Magos. Aberta a brecha, e ferido o capitão Pedro Mendes de Gouvêa, a guarnição veiu a capitular, no dia 12 de dezembro, com as honras da guerra [2]. A partecipação official do inimigo [3], que hoje conhecemos, não nos autorisa a crer que houvesse na entrega o menor assomo de traição. Ao forte dos Reis-Magos passou o inimigo a denominar de Ceulen.

Bagnuolo achava-se na Parahiba [4], activando a cons-

[1] Não Schoppe, como se deduz das Mem. Diarias. Os outros officiaes hollandezes que concorreram, segundo Barlæus, foram Cloppenburg, Vries, Garstmann e Mansfeldt.

[2] Escreve o donatario da capitania que para essa entrega concorrera o sargento do forte, de acordo com um preso; e que ambos haviam de noite furtado ao capitão (como se se tratasse de algum dispenseiro) as chaves do forte, entregando-as ao inimigo. Entendemos porém que se o capitão estava impedido, bem poderia o mando competir ao sargento, não havendo na praça outros mais graduados; e não foi a rendição tão vergonhosa, quando se fez depois de aberta a brecha. — Em todo caso não ha fundamento para se dizer (como na traducção de Southey tom. 2.º p. 225) que houvera venda da praça e barganha com o Calabar.

[3] Rel. de Van Ceulen e Gysselingh, de 5 de janeiro de 1634.

[4] Não é exacta a asserção de Southey de que tambem Albuquerque estava então na Parahiba; seu irmão diz mui claramente que no dia 13 soube o general, pela Parahiba, que o soccorro havia d'ali partido, e que só cinco dias depois tivera noticia da perda do forte.

trucção do forte ao norte da barra, e poz-se em marcha, mas com tal lentidão que chegou tarde.

Os moradores dos campos recolheram a um engenho de Francisco Coelho, onde se dirigia a atacal-os o Calabar, com alguma força, quando lhe armaram uma cilada, e teve de retirar-se. Receando emprehender outro ataque, mandou o mesmo Calabar novos convites ao poderoso chefe Janduy, que vivia nos sertões, a umas oitenta legoas, a fim de que viesse á costa, onde encontraria muito gado e tudo quanto podesse desejar. Baixou Janduy com os seus indios, e, caindo inesperadamente no engenho de Francisco Coelho, ahi assassinaram a este bem como á mulher e cinco filhos, e a uns sessenta moradores que no mesmo engenho se haviam reunido. Depois passou o Janduy ao forte, onde foi mui agasalhado pelo Calabar, em pago de suas atrozes selvagerias. O terror e medo dos gentios começava a fazer cada dia mais supportavel a idéa do jugo dos herejes. Não conseguiu porém o inimigo arrebanhar outros indios visinhos, que já estavam de pazes com os moradores. Sem darmos inteiro credito a todos os raciocinios ácerca da fidelidade e constancia que os nossos chronistas, e Southey com elles, attribuem ao principal Simão Soares Jaguarary [1], depois de ter estado preso e cruelmente mettido em ferros, é sem dúvida que elle e outros, apezar da proverbial volubilidade dos barbaros, não se passaram aos hollandezes; para o que não contribuiria pouco o facto de estar entre os nossos, e tão considerado, o seu sobrinho Puty ou Camarão, já agra-

[1] Não Jaguary, como se lê na traducção de Southey.

ciado com brazão d'armas, e quarenta mil réis de soldo, e feito [1] capitão-mór, não só dos Petiguares, de cuja nação [2] era, mas de todos os indios de Brazil. O Jaguarary veiu, d'ahi a poucos annos [3], a receber uma penção de cento e cincoenta reaes de soldo.

Engodados os hollandezes com a facil occupação do Rio Grande, disposeram-se a emprehender a da Parahiba.

Fizeram os convenientes preparativos, e, passado pouco mais de dois mezes, se apresentavam diante do Cabedelo.—Julgando porém mais prudente apoderarem-se primeiro do forte ds Santo Antonio, na margem opposta, foram desembarcar uns mil homens na enseada de Lucena, os quaes marcharam logo em direito ao forte; mas, quando menos o pensavam, encontraram-se no caminho com uma trincheira que acabavam de construir os da Parahiba.—Atacada a trincheira, sahiu logo do forte em seu auxilio o capitão Lourenço de Brito Corrêa, que, solto ahi pouco antes pelo inimigo, preferira não seguir para a Europa no momento do perigo. Levantou então o aggressor em frente outra trincheira, mas de tal sorte se viu n'ella inquietado, principalmente pelo flanco e retaguarda por uma partida de tresentos soldados e duzentos indios, com que acudiu o capitão-mór Antonio d'Albuquerque, que preferiu levantar campo, e ir tentar fortuna do lado do Cabo de Santo Agos-

[1] C. R. de 14 de maio de 1633.

[2] E não Carijó, como disseram Southey e o Sr. conego Fernandes Pinheiro. Vej. a traducção de Southey, T. 2.º 210 e 288.

[3] C. R. de 14 de setembro de 1638. Não de setecentos e cincoenta como se lê nas Mem. Diarias.

tinho, havendo quem pretenda que este ataque á Parahiba tinha antes por fim provocar ahi uma diversão de forças.

D'esta ausencia de tantas tropas do Recife pensaram aproveitar-se os nossos, afim de intentar um ataque contra esta praça, na noite do 1.º de março (1634).—Encarregou-se Martim Soares de o dirigir. Em quanto alguns davam rebate do lado do forte das Cinco-Pontas, passavam outros o Biberibe a váu, entrando uns no Recife pelo lado fronteiro da ilha, onde havia uma simples estacada, e outros pela porta do lado do Brum.—Chegaram muitos a passar o rio e a entrar nas trincheiras; mas vendo-se em pequeno número, e o inimigo já advertido, e tocando por toda a parte a rebate, apressaram-se a retirar, antes que os impossibilitasse a maré, e conduziram comsigo os feridos.

D'ahi a tres dias, a esquadra hollandeza, que deixara a Parahiba, chegava ao Cabo de Santo Agostinho. Fôra a defensa d'este confiada ao sargento mór Pedro Corrêa da Gama, com tresentos infantes. Porém Mathias d'Albuquerque mandou logo ahi algum soccorro, e seguiu em pessoa, levando comsigo toda a gente disponivel. De ordinario, n'estas expedições para o sul e para o norte, os hollandezes as levavam á execução, aproveitando favoraveis cordas de vento; de modo que chegavam sempre antes que os soccorros mandados por terra, mas d'esta vez os defensores se apresentaram a tempo.

Os atacantes quizeram effeituar com a primeira divisão o desembarque na praia de Itapoã, ao norte do Cabo; mas encontrando ahi resistencia, deliberaram ir fazel-o um pouco mais ao norte. Foram porém seguidos

ao longo da costa pelos defensores do Cabo, ajudados de outros que vinham do Arrayal, ás ordens do capitão Riba Aguero; de modo que tiveram prudentemente que desistir do desembarque e mudar de plano. A segunda divisão, composta de onze navios (dos quaes se perdeu um) forçou a barra, e seguiu pelo lagamar, para onde era o porto dos navios, a occupar o Pontal, não artilhado, nem guarnecido. A terceira divisão, confiada ao capitão Calabar, constava de todas as lanchas, com o maior das tropas de desembarque, em número de mil homens.

Occupado o Pontal, era chegado o seu turno de obrar. Em vez de enfiar pela barra, defendida pela artilheria dos fortes, ordenou o Calabar que as suas lanchas entrassem pela barratinga ou aberta, pouco ou nada frequentada, que, meia legua ao sul, havia no Recife que ahi se estende e fórma o porto ao sul do cabo, e foi occupar todo o terreno na ilha fronteira, entrincheirando-se em um forte que vemos appelidar, ora com o nome de Gysselingh, ora com o de Thysson, havendo-se dado o nome de Duss ao do Pontal.

Tendo o inimigo o pé já assim posto em terra, não parecia empreza facil o desalojal-o. Tentou-o sem embargo Albuquerque com o mau fado com que se lançava sempre ao ataque dos postos depois de fortificados. — Com perda de uns oitenta, entre mortos e feridos, comprehendendo neste número o capitão de emboscados Estevam de Tavora, a quem já tantas outras vezes anteriormente haviam procurado as ballas, teve de retirar-se.

Escarmentado com este revez, e ainda com outro em

um novo ataque contra o Pontal, que intentou dias depois, contentou-se Mathias d'Albuquerque de velar á defensa dos fortes da Nasareth e da Barra, e de levantar um reduto na praia por onde ia o caminho para o Pontal.

Occupada porém a ilha fronteira, então denominada do Borges, d'ahi veiu o inimigo a tentar sortidas contra o districto da Ipojuca no qual já havia quinze engenhos d'assucar. Para se oppôr a estas sortidas, deliberou Albuquerque crear tambem ali, com auxilio dos reforços que recebeu da Bahia e da Parahiba, companhias de emboscadas, á maneira das que de tanto proveito haviam sido antes.

Quando foi sabido no Recife que Mathias d'Albuquerque e muita da sua gente se haviam ido para o Cabo, foi intentado um ataque ao Arrayal. Na madrugada do dia 30 de março se havia apresentado em frente d'este, com uma trincheira feita, o tenente coronel Byma, e dahi começára o bombardeo. Dirigiu porém contra elle tão habilmente o commandante do Arrayal uma sortida, que o obrigou a retirar-se, com perda de muita gente e munições. N'este accommettimento recebeu Henrique Dias uma quarta ferida de bala.

Convencidos os dois commissarios que, com mais dois mil homens de tropas, poderiam reduzir tudo á sua obediencia, assentaram de passar á Hollanda, a fim d'ahi agenciar pessoalmente estes reforços, por meio da convicção que não se consegue infundir senão de viva voz. Tão felizes foram que já em fins de outubro estavam de regresso, trazendo comsigo o dito reforço ao mando do polaco Christovam Arcyzewski, antigo commandante do forte d'Orange na ilha de Itamaracá.

Desde logo foi resolvida a occupação da Parahiba. A expedição partiu do Recife no dia 25 de novembro, indo encarregado do mando das tropas Sigismundo Schoppe, levando ás suas ordens o mesmo Arcizewski e o tenente coronel Hinderson, e de almirante da esquadra o perseverante Lichthardt.

A Parahiba achava-se então mui bem fortificada. Além de ter guarnecido o forte do Cabedelo e o de Santo Antonio, do outro lado da barra, se havia levantado na ponta da Restinga, do lado do Cabedelo, uma bateria de sete peças, com bastante munição e bastimentos. Além d'isso da barra para o sul e para o norte, bem como no Varadouro e no alto da Capital havia varias baterias; e para se oppôr ao ataque nada menos que oitocentos homens estavam sob as armas.

No dia 4 de dezembro se apresentou o inimigo com umas cincoenta barcaças, com tropa de desembarque diante do cabo Branco; e, ao signal de içar uma bandeira vermelha, lançava a gente em terra na enseada visinha de Jaguaribe, á vista do governador Antonio Albuquerque; o qual, não podendo impedir o desembarque, pretendeu apresentar depois resistencia, com forças muito menores e sem auxiliar-se de nenhumas trincheiras, mas foi desbaratado, perdendo quinze mortos e vinte e tres feridos, e ficando, entre outros, em poder dos contrarios Bento do Rego Bezerra. O inimigo se foi logo aproximando do forte do Cabedelo, e já passou a noite meio fortificado com uma guarda avançada mui junto d'elle.

Antonio d'Albuquerque reconheceu que era na guarda dos mesmos fortes que podia pôr a maior confiança, e

menos debil se houvera sentido para a defensa se a capital da Parahiba se encontrasse junto ao mesmo Cabedelo, como a Fructuoso Barbosa havia primitivamente sido ordenado pelo rei que a construisse, no regimento que lhe deu. Em uma peninsula defensavel, de melhor porto, não dependente das marés, e lavada dos ares do mar, ainda em nossos dias sería esse local, onde se vão agrupando grande número de moradores, o preferido para a residencia das autoridades e o estabelecimento da alfandega muito mais facilmente fiscalisada, se á mudança não se opposerem os mesmos estorvos que Olinda oppoz muito tempo á prosperidade do Recife.

Tratou pois Albuquerque de reforçar as guarnições dos fortes; a do Cabedelo já o não conseguiu senão de noite, e com grande perigo pela guarda que o inimigo tinha ali embuscada. Com este reforço foi mandado entrar no forte o engenheiro Diogo Paes, para dirigir as obras durante o sitio, que se previa como inevitavel.

Acudiu tambem o governador ao forte da ilha da Restinga, e ao de Santo Antonio, que logo assentou ser o mais a proposito para d'elle passar os soccorros aos outros dois.

O inimigo foi avançando para o forte do Cabedelo por tres partes, estabelecendo os competentes aproxes e baterias. Como do forte da Restinga lhe faziam muito fogo e o tomavam de flanco, resolveu primeiro apoderar-se d'elle, tarefa que foi incumbida ao major Hinderson, com algumas companhias, em sete barcos e varias barcaças, as quaes entraram a barra de madrugada, e foram investir o mesmo forte da Restinga pela retaguarda, por onde era aberto. Como não havia n'essa

bateria mais de quarenta defensores, teve de render-se, morrendo vinte e seis, deitando-se alguns á agua para escapár-se a nado. O commandante Pedro Ferreira de Barros, talvez por não saber nadar, caiu prisioneiro.

No dia seguinte proseguiu o inimigo atirando fortemente contra o forte do Cabedelo, o que não impediu que durante a noite se continuasse mandando alguns soccorros, e tropas de refresco, conduzindo-se os feridos para serem tratados no forte de Santo Antonio, onde não tardaram a ter por companheiro o commandante João de Mattos Cardozo, ferido em um queixo.

Seguia o inimigo com o sitio, arrojando já muitas bombas, e continuava a remessa de soccorros, cada vez mais a custo introduzidos.

Entretanto chegou á cidade o conde de Bagnuolo, e convocando ali ao governador, para com elle conferenciar, foi assentado em que se mandariam, ás ordens de Riba Aguero, duzentos e cincoenta homens, que ultimamente tinham chegado, pela parte do Cabedelo, a inquietar o inimigo pela retaguarda. Quando Riba Aguero se aproximava do forte no decimo quinto dia de sitio, viu-se já n'elle arvorada a bandeira hollandeza; pois tivera que capitular, depois de cinco dias de privações, e dois sem ter já quem manobrasse a artilheria, desde que fôra ferido o novo commandante Francisco Peres do Souto, com uma bala igualmente nos queixos, como o seu predecessor. A guarnição se rendeu com todas as honras da guerra, saindo com as bagagens, bandeiras despregadas, morrões accesos, bala em boca e toque de caixa.

O sitio do Cabedelo custou aos defensores oitenta e

dois mortos e cento e tres feridos. O fortim de Santo Antonio, na margem fronteira, apenas resistiu quatro dias mais. O seu commandante Luiz de Magalhães, depois de tomado o Cabedelo, representou que lhe faltavam munições, e que não contava com os artilheiros, que eram inglezes e hamburguezes, e, intimando-lhe o inimigo a rendição, passou a consultar a este respeito ao governador. Quiz este ainda applicar-lhe o unico remedio possivel, que era tirar-lhe o mando e confial-o a outro; porém o novo chefe, achando já a guarnição desmoralisada, não poude contel-a, e foi obrigado a capitular, apenas se viu que o inimigo ia tentar um desembarque. Este forte se entregou com as mesmas clausulas que o do Cabedelo.

Rendidos os fortes, conheceram os moradores que a capital não poderia apresentar nenhuma defensa, e começaram a tratar de obter do inimigo salvos-conductos; servindo-lhes de intermediario o mencionado Bento do Rego Bezerra, que depois de prisioneiro havia entrado em accommodações com o invasor.

Tambem o proprio governador reconheceu a impossibilidade de se defender na cidade e andou procurando paragem mais apropriada, onde fixar um arrayal do qual com auxilio dos moradores podesse incommodar o inimigo. Porém não tardou a reconhecer que n'esse empenho não encontraria, entre aquelles, fieis e decididos auxiliares. O veneravel Duarte Gomes da Silveira, um dos companheiros de Feliciano Coelho, que tanto o ajudára contra os indios da Capaoba (actual Serra da Raiz), para cujas bandas era possuidor de uma fazenda de gados, e que tantos serviços prestára no ataque an-

terior, em que até perdêra seu unico filho, foi apresentar-se ao inimigo, e vindo depois a Antonio d'Albuquerque, este, sem lhe respeitar as cãs, o prendeu, e em ferros ia remettel-o ao Arrayal, quando deveu o ser libertado a uma força hollandeza, disposta expressamente para esse fim. Já a intolerancia dos seus o fizera á força amigo dos contrarios, que bastantes serviços lhe deveram, durante o seu dominio; felizmente não (como a Calabar) mortes e sofrimentos de compatriotas, mas pelo contrario de tolerancia, de mansidão e de paz. Foi por esta occasião que o jesuita Manuel de Moraes, o amigo e catequisador do Camarão, já sacerdote e confessor, se bandeou com os hollandezes, e tão de véras que, indo para a Hollanda, se fez calvinista e casou em Amsterdam.

O governador Antonio d'Albuquerque, reconhecendo que já de nada podia servir na Parahiba, foi apresentar-se a Mathias d'Albuquerque, com Bagnuolo e Martim Soares Moreno, que estava de guarnição no Cunhaú.

O inimigo tomou posse da Capital da Parahiba, e pretendeu mudar-lhe o nome de Felipea no de Frederica, em honra do Stathouder da Hollanda; mas tal nome ficou, do mesmo modo que o primeiro, só no papel. Logo, reconhecendo que lhe resultaria vantagem de não vêr a terra desamparada e os engenhos abandonados, continuou a dar salvos-conductos a todos os que os pediam, e até se prestou a fazer com os habitantes uma especie de pacto, pelo qual lhes assegurava as suas propriedades e o uso livre de sua religião, uma vez que elles se obrigassem a satisfazer os mesmos tributos que antes. Este pacto ou antes outorga, de que

se lavrou um apontamento ou certidão em 13 de janeiro (1635), do concedido «aos senhores d'engenho, lavradores e mais moradores da Parahiba» pelos governadores, em nome do Principe d'Orange, dos Estados Geraes e da Companhia, serviu como de norma ás capitulações, com que se foram depois submettendo outros moradores.

Achamol-o transcripto, em portuguez, appenso a um requerimento que, dois annos depois, fazia Duarte Gomes da Silveira, pedindo o seu cumprimento no tocante á religião. Está porém ahi tão mal redigido, e em uma linguagem tão estrangeirada, que faz suppôr que haverá sido traduzido e mal do hollandez, em cuja lingua se escreveria o original. Eis o resumo de cada um dos artigos:

1.º Afiançamento da liberdade de consciencia e do serviço do culto como anteriormente, com a devida protecção ás imagens e sacerdotes.

2.º Garantia de paz e de justiça e de protecção contra quaesquer inimigos.

3.º Segurança da propriedade, mediante a continuação da paga dos mesmos direitos e alcavalas, não se impondo novos tributos.

4.º Concessão de toda protecção aos tratos e negocios.

5.º Franquia de passaportes aos que para seus negocios se quizessem ausentar por mar ou por terra.

6.º Isenção aos moradores e seus filhos de serem obrigados a tomar armas contra forças vindas da metropole, permittindo retirarem-se a tempo os que não quizessem ficar na terra, se ella estivesse em risco de ser recuperada.

7.° Direito de recorrerem aos tribunaes do paiz contra os proprios governantes, nos casos contenciosos.

8.° De terem juiz seu nas questões entre uns e outros, que sentenciasse segundo as ordenações e leis portuguezas.

9.° Finalmente de poderem trazer comsigo armas, inclusivamente para se defenderem dos salteadores e levantados.

Termina o documento com estas palavras que tiravam a tantas concessões muito valor:

«Estas condições se hão-de cumprir de parte a parte. E todos que as quizerem aceitar serão obrigados de chegar diante dos ditos senhores do governo ou seus deputados a fazer o juramento de lealdade e segurança. E os que não quizerem aceitar serão perseguidos e (declarados) rebeldes da paz e quietação. Aos 13 de janeiro de 1635.»

Em quanto estes acontecimentos se passavam na Parahiba, repellia Luiz Barbalho dois ataques dirigidos contra o Arrayal, no segundo dos quaes foi ferido (pela quinta vez) o valente Henrique Dias.

LIVRO QUARTO

Desde a perda da Parahiba até á nomeação de Nassau

É submettido o territorio desde a Parahiba até o Arrayal — Ataques infructuosos contra este — Albuquerque occupa Serinhaem e manda guarnecer Porto-Calvo — Perda d'esta posição — Sitio do Arrayal e sua capitulação — Sitio e rendição da Nasareth — Texto da capitulação — Retira-se Albuquerque de Serinhaem — Emigrações — Vence Albuquerque em Porto-Calvo — É justiçado o Calabar — Retiram-se os nossos ás Alagoas — O inimigo occupa Porto-Calvo e guarnece a Peripueira — Soccorros aos nossos — D. Luis de Rojas rende a Albuquerque — Elogio d'este chefe — Rojas marcha para Porto-Calvo — Retira-se Schkoppe — Rojas é batido por Arcizewski e morre na acção — Succede Bagnuolo no mando — Vem a Porto-Calvo, e manda avançar guerrilhas que chegam até a Parahiba — Apuros da Côrte para enviar soccorros — Tumultos de Evora — Carta do rei a este respeito — Considerações.

Submettida a Parahiba, resolveram os hollandezes occupar todo o territorio intermedio até o Recife, e foi d'essa tarefa incumbido o coronel Arcizewski, entregando-se-lhe as forças disponiveis, com as quaes marchou para o sul.

Foram encarregados por Albuquerque, senão de lhe fazer face, pelo menos de irem pouco a pouco retirando-se com os indios, destruindo quanto não podessem transportar, primeiro Martim Soares, e depois Luiz Barbalho, os quaes ainda conseguiram apresentar resistencia, bem que fraca, o primeiro em Mossurepe, e o segundo em S. Lourenço e depois na Moribeca, re-

tirando-se depois para junto d'Albuquerque. Passou este chefe a entrincheirar-se em Serinhaem, a fim de tratar de conservar assim o unico porto que lhe restava, proximo do Arrayal. Ao mesmo tempo reforçou quanto poude o mesmo Arrayal, conservando no commando d'elle a Andres Marin. Logo depois foi mandado Luiz Barbalho a reforçar a fortaleza do Cabo, ficando n'ella como governador adjuncto ao sargento mór Pedro Corrêa da Gama, que já ahi se achava.

Além d'estas tres paragens, resolveu tambem Albuquerque fazer occupar a de Porto-Calvo, como chave dos districtos meridionaes, donde julgava poder receber mantimentos e soccorros. A situação de Porto-Calvo, em uma especie de peninsula, entre dois rios que nas margens se alagam e empantanam, e cujo isthmo se defende até por uma camboa ou esteiro, parecia além d'isso mui defensavel, por meio de uma linha de fortes exteriores, mas necessitava de muitas forças para guarnecel-a. Albuquerque poude porém apenas destacar para ahi, ás ordens de Bagnuolo, umas companhias do terço italiano, que unicamente serviram a chamar para essa paragem, patria do Calabar, a attenção d'este, e por consequencia a do inimigo; de modo que das quatro paragens a que Albuquerque se propoz reduzir toda a defensa, foi justamente esta a primeira perdida.

O almirante Lichthardt, entrando na Barra-Grande, soube que Bagnuolo occupava Porto-Calvo; e por suggestões do Calabar, propoz-se a atacal-o n'aquella paragem, que o mesmo Calabar conhecia muito.

No dia 13 de março (1635) partiram pois Lichthardt

e o mesmo Calabar, levando ás suas ordens duzentos e oitenta homens [1].

Bagnuolo apenas fôra informado de que barcos hollandezes haviam entrado na Barra-Grande, desembarcando tropas em terra, começou á pressa a entrincheirar-se na igreja velha da povoação; mas no dia 15, recebendo aviso de que o inimigo se aproximava, destacou, ás ordens do capitão D. Fernando Riba Aguero, uns quarenta homens para occuparem um pequeno cerro na vanguarda, mas á vista da povoação. Quasi ao mesmo tempo chegava ahi Lichthardt e o derrotava, obrigando Riba Aguero, para não cair prisioneiro, a metter-se por uns alagados, e depois por matos e desvios, a fim de ir onde estava o general Mathias d'Albuquerque.

Durante esta primeira escaramuça o Conde que ficára a meia distancia da povoação, com duzentos homens, em logar de ir com elles em auxilio da sua vanguarda, esperou a pé quedo que o inimigo o viesse buscar. E ao começarem os primeiros tiros, o seu sargento mór, Mancherio, tambem napolitano, montado em um cavallo não costumado a elles, introduziu de tal sorte a desordem nas proprias fileiras [2] que com ella apressou a derrota e fuga de todos e a entrada do inimigo em Porto-Calvo, ao passo que Bagnuolo, com a gente que poude reunir, seguiu para o Rio das Pedras, e d'ahi para a Alagoa do Norte.

[1] Off. de Lichthardt e Ridder, de 19 de março de 1635. Assim exaggera o donatario da capitania quando eleva a seiscentos o número dos atacantes.

[2] Esta circumstancia foi observada pelo proprio inimigo do seu campo.

No Arrayal o inimigo, dirigido por Arcizewski, começava a apertar o sitio tanto quanto podia. Primeiro se apoderára de um engenho (do Monteiro) que ficava á retaguarda do mesmo Arrayal, além de mais dois postos, um na frente a tiro de canhão, e outro que assegurava a sua communicação com o forte dos Afogados. D'ahi a dias conseguiu occupar o outeiro que chamaram «do Conde de Bagnuolo» que ficava a tiro de mosquete, e mui provavelmente sería o que está entre os riachos Paranamerim e Agua Fria. Ahi collocou tres canhões, com os quaes, e com outros que já tinha assentado em um dos portos do Capiberibe, começou a ferir vigorosamente.

Passado pouco mais de um mez, o inimigo, á custa de uma refrega da qual sahiu Arcizewski ferido em um braço, occupou uma paragem a tiro de pistola do forte, na qual assentou tres morteiros, com que logo começou o bombardeo; de modo que foi necessario no forte do Arrayal fazer subterraneos o paiol e hospitaes.

Dentro de pouco, o grande aperto do sitio trouxe aos defensores a inevitavel escacez, e logo a falta completa de mantimentos. Para alliviar a fome começaram a fazer-se sortidas, cada vez com mais frequencia e mais mortiferas. Por outro lado dentro da praça, como succede em todas as praças quando o sitio começa a apertar-se, não havia animal de que se não tirasse partido para alimento. Não só os cavallos, os cães e os gatos, mas até os proprios ratos se aproveitavam. Começaram logo a escacear as munições, e não tardou a faltar a polvora. Era chegado o momento de propôr capitulação. Teve esta logar, ao cabo de mais de tres mezes de sitio, no

dia 6 de junho [1], sahindo a guarnição com as bagagens e todas as honras da guerra. Eram quinhentos e quarenta e sete praças, além dos escravos e paisanos, que foram entregues á descripção do vencedor, o qual impoz barbaramente a todos preços para seu resgate, mui superiores aos que elles poderiam satisfazer. O número dos feridos dos do Arrayal, durante o sitio, passou de cento e quarenta.

A Companhia decretou uma medalha de prata em honra de Arcizewski, da qual ainda ainda se encontram exemplares na Hollanda [2].

Seguiu-se a rendição da fortaleza da Nasareth, no Cabo de Santo Agostinho. Dirigiu ahi em pessoa o sitio o valente Sigismundo Schkoppe, primeiro coronel e governador das armas oppressoras, tendo o quartel general no engenho dos Algodoaes, quasi uma legua da mesma fortaleza. No dia 11 e 12 de março á noite intentara o inimigo apoderar-se de improviso d'esta fortaleza: havendo porém os defensores repellido os assaltos com denodo, começou a sitial-a mais em regra, e não emprehendeu novo ataque, senão dahi a mez e meio, accommettendo um reduto feito nas casas de João Paes Barreto, então um dos mais ricos proprietrios do Brazil. Repetiu quinze dias depois, infructuosamente, outro ataque contra a trincheira d'Agua, que ficava a tiro de mosquete da praça. Mas não tardaram os sitiados a

[1] Em uma copia da participação de Sigismundo datada do Cabo em 22 de junho se diz que a 9; mas damos aqui a preferencia ao donatario da capitania, que diz a 6, e accrescenta haver seu irmão sabido do facto no dia 7.

[2] Netscher pag. 189, citando Van Loon, II, pag. 24.

ser os aggressores forçados pela necessidade. Começaram a sentir falta de mantimentos, e a fome os obrigou ao recurso das sortidas, para buscar o necessario. D'est'arte pareciam mais fortes justamente quando se achavam nos ultimos transes.

A final a rendição do Arrayal veiu precipitar a da fortaleza da Nasareth, que teve logar perto de um mez depois. Não tanto porque influisse ella para diminuir a força moral dos defensores, como porque o inimigo, com grandes reforços que recebeu das tropas, que tinha sitiando o mesmo Arrayal, conseguiu apertar muito mais o sitio, reduzindo os sitiados á escacez e á mingua. A capitulação foi assignada no dia 2 de julho, e com a sua incorrecta redacção, se conservou inedita até nossos dias, nos archivos da Hollanda, para onde foi remettida por Sigismundo Schkoppe, em officio de 16 de julho d'esse anno [1].—O seu texto consta de dez artigos que aqui resumiremos:

1.º A fortaleza e sua artilheria, vitualhas e munições seriam entregues a Van Schkoppe ou a seus deputados.

2.º Os governadores, capitães e mais officiaes, soldados e pessoas de guerra poderiam sahir com as insignias, armas e bagagens, bandeiras tendidas, cordas e caixas temperadas. Vinte escravos se tirariam para se repartirem pelos officiaes, os outros se haviam de entregar.

3.º Sahiriam tambem os religiosos com suas mobilias.

4.º A infanteria toda, e os religiosos, seriam em-

[1] Foi textualmente dada á luz na 1.ª edição d'este livro pag. 88 e 89.

barcados para as Indias de Castella, e teriam no caminho bastimentos e ração, como soldados. O capitão de artilheria Lourenço Vaz, condestaveis e artilheiros sahiriam como a infanteria.

5.° O governador mandaria cinco companhias tomar a entrega de dois baluartes, antes de começar a sahir a guarnição.

6.° Com os moradores que entrariam na fortaleza antes cercada, não se entendiam estes artigos; e com suas fazendas, ficariam á ordem do governador e dos conselheiros.

7.° Dos seus escravos se trata no artigo segundo.

8.° Os individuos a quem se achasse alguma fazenda illicita, ou pertencente aos moradores presentes ou ausentes, não seriam comprehendidos n'estes artigos.

9.° Estes não se entenderiam com os rendidos.

10.° O capitão D. Joseph de Soto Ponce de Leon ficaria por fiador do ajustado, e como em refens.

É de notar que ainda que em vista da letra do artigo 4.° parecia que Barbalho devia embarcar-se, com a guarnição que se rendera, para as Indias-occidentaes, os inimigos o levaram para a Hollanda, segundo consta officialmente por duas cartas regias [1]. A dita guarnição consistia em uns seiscentos homens.

Já não restava a Albuquerque outro recurso senão o de retirar-se de Villa Formosa, do melhor modo que lhe fosse possivel. A firmeza com que procurou susten-

[1] Em principios de 1637 achava-se em Portugal; — pois em 31 de janeiro d'este anno o vemos elevado a mestre de campo, com o fôro de fidalgo, habito de Christo (8 de maio) e promessa do governo do Rio de Janeiro (30 de maio) de uma commenda de lote de duzentos mil réis.

tar-se na fraca posição em que estava, só para com a sua retirada, que todos aconselhavam, não desmoralisar os defensores do Arrayal e do Cabo, é para nós o acto d'esta campanha que mais nos excita por elle a nossa admiração e sympathia. Não abandonou esse posto senão justamente depois de lhe chegar a noticia que a fortaleza de Nasareth se havia rendido.—E o mais é que durante os quatro mezes que permaneceu em Villa Formosa não deixou de achar-se tambem a braços com o inimigo, que reunira uma grande força no visinho engenho da Pindoba. O expediente das companhias de emboscada, que tanto lhe havia aproveitado em outras occasiões, ainda lhe valeu n'esta, prestando de novo mui valiosos serviços o heroe indio Camarão.

Uma d'essas companhias foi a dos Baptistas, treze irmãos (de pai e mãi) d'este appellido, de que era chefe o mais velho, Manuel;—sendo que quasi todos se sacrificaram em defensa da patria.

Começou Albuquerque a retirada de Villa Formosa no dia 3 de julho; tomando o mando do districto Gaspar Van der Ley, que ahi se casou e ficou estabelecido.

Agora era de vêr aquella marcha de retirada militar: como uma emigração de patrio lar, deixando abandonados bens, fazendas e parentes. Com effeito, acompanhavam a Mathias d'Albuquerque muitos dos moradores com suas mulheres e filhas, em quasi todas as quaes o valor se lhes redobrava no momento do perigo, como tantas vezes succede ás do seu sexo.

Rompiam a marcha, para descobrirem melhor o caminho e os matos visinhos, sómente indios armados, que em ambos os exercitos, exerciam a um tempo as

funcções de exploradores e de gastadores. Seguiam-se algumas companhias de tropa regular, e logo os moradores, com uns duzentos carros, acompanhados de outros das mesmas companhias.—Cubriam a retaguarda, ás ordens do Camarão, outros indios, em número de oitenta.

Entre os moradores que emigravam contavam-se muitos proprietarios de engenhos, tanto da Parahiba, como da Goyana e Pernambuco, com grande número de escravos, e muitas senhoras que pela primeira vez se viam por caminhos pouco frequentados e inhospitos, sujeitas á inclemencia dos tempos, e até aos ataques das feras, quando se extraviavam. Figuremo-nos que scenas de dôr e de ternura se não passariam n'esta triste transmigração, atravez de paizes de montanhas, quasi não trilhados, e onde as melhores bellezas da natureza virgem pareciam horrores e abysmos aos que levavam os animos contristados. Aqui ficava desfallecido o ancião respeitavel, a quem já as forças physicas não igualavam as do patriotismo: ali se via com os pés feridos a donzella, que apenas em sua vida passeára a distancia de sua casa até á igreja: acolá a joven esposa, que vendo o momento de dar á luz o fructo de seu amor, tinha de misturar as lagrimas das dores do parto com as da de perder o filho ao exhalar o primeiro suspiro... Mesquinha condição humana, que ao menor sopro do infortunio tanto tem de padecer!

Todos se dirigiram a Porto-Calvo, sabendo que esse passo se achava fortificado e guarnecido por uns trezentos e cincoenta defensores ás ordens do major Alexandre Picard, que esperava a cada momento ser reforçado,

quer de outros tantos, situados na Barra-Grande, quer da banda do Cabo, onde, desde que se entregára a fortaleza da Nasareth, deixára de ser necessaria a presença de tanta tropa.

No decimo dia de marcha chegava todo o immenso comboy ás immediações de Porto-Calvo, cujo ataque estava decidido; pois por ahi passava o caminho de carros, unico que havia para as Alagoas.—Talvez n'esse logar houvesse ficado sepultado Mathias d'Albuquerque, com todos os seus, a não lhe valer então o auxilio de um dos moradores, por nome Sebastião do Souto.

Ao ter Souto conhecimento da aproximação da nossa gente, veiu fallar com Albuquerque e informal-o do que havia, offerecendo-se a ajudal-o, e dando-lhe um plano para atacar o inimigo. Ao regressar Souto a Porto-Calvo, chegou com reforço de uns duzentos homens o Calabar; e Souto para o fazer saber a Albuquerque, expoz-se aos tiros dos piquetes ou avançadas, ás quaes conseguiu atirar uma carta contendo o aviso.

Guiada por Souto, a gente de Picard caíu nas ciladas que armára Albuquerque, o qual logo mandou sitiar e escalar a igreja velha de Porto-Calvo, que o inimigo havia cingido de um parapeito de fórma quadrilonga, com estacada e fosso e artilheria nos quatro angulos.

A desesperação dos atacantes lhes ministrou valor mais que usual, e, sem nenhuns auxilios usados nos sitios e escaladas, lançaram-se ao forte, e o galgaram, tomando prisioneiros quarenta e seis do inimigo; havendo conseguido retirar-se uns duzentos, deixando seis peças e muitas munições. Na embriaguez da victória, quize-

ram os vencedores perseguir os inimigos, pretendendo tambem levar de assalto a igreja nova, a que se haviam recolhido; mas tiveram que retirar-se com alguma perda. Mais felizes foram porém no Varadouro, perto do visinho Rio-das-Pedras, onde havia um reduto guarnecido de vinte soldados, que logo o abandonaram, fugindo pelo rio abaixo, e depois em outros postos e casas a que o inimigo se recolhêra. Foi então que o donatario da Capitania, que ali tambem ia, resolveu mudar no de Bom Successo o nome da villa; mas o do Porto-Calvo ficou prevalecendo sempre.

Mathias d'Albuquerque, fazendo logo seguir para as Alagoas os emigrados e os feridos e bagagens, assentou de expôr-se ao risco de encontrar-se com forças superiores que o inimigo mandasse, mas não seguir, sem que primeiro capitulasse Picard, nos edificios a que se refugiára com o Calabar, cujo merecido castigo esperava que Deus permittisse dar ali na sua terra natal, em pago dos males que havia causado a tantos de seus compatriotas e ao muito sangue que tinha derramado por todo o Brazil.

No sexto dia de sitio (19 de julho) o inimigo mandou um tambor propondo capitulação. Foi esta admittida, concedendo-se que os estrangeiros sahiriam livres com suas bagagens, e seguiriam para a Bahia, d'onde seriam conduzidos á Hollanda. O inimigo exigia que na capitulação fosse tambem comprehendido o Calabar; mas, resistindo a isso Albuquerque, foram as condições aceitas, entregando-se, além do major Picard, vinte e cinco officiaes e officiaes inferiores, trezentos e sessenta e sete soldados armados, vinte e sete feridos e enfermos,

não passando os sitiantes de cento e quarenta, fóra os indios.

A entrega do Calabar [1] haverá sido, sem dúvida, pouco generosa da parte de Picard; mas não foi o primeiro caso, nem será o último, de realisar-se o proverbio a respeito do differente apreço que se dá á traição e ao traidor.

Se da parte dos hollandezes teve tal pago, quando já lhes servia mais de carga que de proveito, da parte dos seus compatriotas tinha caido debaixo da espada da lei. Não faltou quem dissesse que o Calabar não fez muito empenho em não ser sacrificado, acreditando estar de Deus que viesse a morrer entre catholicos e com todos os sacramentos. Não é porém impossivel que elle confiasse na frase com que nas condições da entrega se conveiu por fim a seu respeito de que «ficaria á mercê de el-rei,» esperançado talvez de ter algum meio de escapar-se, se em tempo de guerra andassem com elle, de uma parte para outra, á espera de ordens da metropole.

Submettido a conselho de guerra, este foi de opinião que unica mercê que devia esperar era a de preparar-se a bem morrer, assistido pelo padre Frei Manuel do Salvador, autor (com o nome de Calado) do livro intitulado «Valoroso Lucideno»; no qual assegura haver-se o mesmo Calabar confessado «com muitas lagrimas e compuncção, segundo demonstrava,» e «com

[1] «Sem que os Hollandezes fizessem muita força por lhe libertar a vida nos concertos que trataram antes de se renderem, que este é o pago que elles costumam dar aos que d'elles se fiam, que se servem d'elles emquanto acham mister e no tempo de necessidade e tribulação os deixam desamparados e entregues á morte.» (Calado.)

muito e verdadeiro arrependimento de seus peccados, segundo o que o juizo humano póde alcançar.» D'esses peccados o Todo Pedoroso lhe tomaria contas, e com a sua immensa misericordia poderá tel-os perdoado; porém dos males que causou á patria, a historia, a inflexivel historia lhe chamará infiel, desertor e traidor [1], por todos os seculos e seculos.

Mathias de Albuquerque deixou no oratorio ao Calabar, confiado aos da retaguarda, mandou enterrar os canhões encontrados no forte (e que não se decidiu a levar) em certo sitio junto ao rio: promoveu ao posto de alferes a Sebastião do Souto, e começou a marcha para as Alagoas.

Ao cabo do terceiro dia aos 22 de julho, a justiça tirou o Calabar do oratorio, e lhe deu morte de garrote, deixando o seu corpo esquartejado na povoação, que n'esse momento abandonava aos hollandezes, que já vinham chegando.

Apenas foi justiçado o Calabar, o restante das tropas seguiu para as Alagoas, ainda pelo caminho da costa, Pouco depois entrava o inimigo em Porto-Calvo. O seu primeiro cuidado foi tributar as honras funebres ao Calabar. Depois publicou bandos convocando os moradores a seus lares; e por fim, á voz de Arcizewski, seguiu

[1] O historiador do lado hollandez, Barlæus, foi o primeiro a dar-lhe o justo pago, quando disse: «Dominico Calabari qui Lusitanus, cum á Regiis partibus ad nos descivisset, in arce captus, strangulatus que, jugulo *defectionem expiavit*, et dissectos artus *infidelitatis ac miseriæ suæ* testes ad spectaculum reliquit.» Quando aquelles a quem prestou serviços assim o julgam, não póde julgal-o menos severamente a historia nacional.

tambem para o sul, chegando no dia 15 de agosto, á Peripueira, dez leguas de distancia da Alagoa do Norte, e ahi fez alto e se entrincheirou: occupando d'este modo o caminho de Pernambuco para as Alagoas pela costa.

A 29 de agosto tinham chegado os nossos á Alagoa do Norte, e ahi, de accordo com Bagnuolo, haviam resolvido passar á do Sul, mais defensavel, e mais central para os tres portos visinhos, Jaraguá, Francezes e Alagoas.

Durante tanto tempo decorrido se haviam feito de todo prestes e partiam da Hespanha as fôrças que dissemos ficarem-se apromptando. Eram apoiadas por uma esquadra combinada de vasos das duas corôas e da de Napoles. Vimos como o rei contava que sería d'esse novo reforço chefe o heroe da restauração da Bahia em 1625, D. Fadrique de Toledo. Este experto general porém declarou que não se comprometia a aceitar o mando, a menos que lhe dessem doze mil homens de tropa de desembarque. Houve então idéa de nomear-se D. F. da Silva, portuguez, que muito se distinguíra nas guerras de Flandres; porém este novo cabo declinou aceitar o mando, a pretexto de lhe ser estranho o exercicio da guerra no aquem-mar. Foi então nomeado D. Antonio d'Avila e Toledo, marquez de Velada, grande de Hespanha, que dera de si boa conta governando Orán. Não podendo porém este chefe partir immediatamente, foi o mando das tropas confiado ao seu immediato D. Luiz de Rojas y Borja, que havia militado em Flandres, e acabava de ser presidente em Panamá.

Diminuto como era este reforço, se em fins de no-

vembro, ao passar pelo Recife, ataca a esquadra inimiga, seguramente a bate; mas, em logar de assim o praticar, foi até as Alagoas, a desembarcar em Jaraguá.

Os hespanhoes que vinham ficaram ahi, e marcharam depois para Porto-Calvo; os portuguezes, em numero de setecentos, seguiram para a Bahia.

D. Luiz de Rojas y Borja trazia o posto de mestre de campo general. O conde de Bagnuolo ficaria no de capitão general da cavalleria (arma que não havia), e da artilheria, que toda se reduzia á que então chegava, isto é a doze canhões de varios calibres e alguns artilheiros, mandados pelo tenente de mestre de campo general (tenente coronel) Miguel Giberton, official que muito se distinguíra nos sitios em Flandres. Vinham tambem alguns sapadores subordinados a um flamengo chamado André. Para o Camarão mandava o rei o titulo de Dom, que d'aqui em diante lhe daremos. A Duarte d'Albuquerque vinham ordens para que tomasse a seu cargo o governo civil de Pernambuco, de que era donatario, e seu irmão Mathias d'Albuquerque era chamado á Côrte.

Deixou este conspicuo chefe o exercito em 16 de dezembro de 1635, depois de haver militado com tanta constancia e firmeza no Brazil, d'esta vez durante seis annos. O sentimento geral que observou na sua partida serviria de fazer-lhe esquecer alguns desgostos anteriores. Não cobrára jámais ordenados, e grangeára sempre merecida reputação por sua honradez e prudencia. Regressando á metropole, não foi porém gosar de descanso, nem de dias felizes. A Mesa da Cons-

ciencia lhe mandou tirar devassa pela perda de Pernambuco [1] e por todo o seu procedimento como governador. Foi tirada a mesma devassa pelo Doutor Francisco Leitão, aggregando-se a ella depoimentos [2] de testemunhas que não descubriam seus nomes [3], como na inquisição.

A esquadra em que vinha D. Luiz de Rojas passou á vista do Recife, e os hollandezes que ahi se achavam, recearam um desembarque, do qual não sería impossivel que tivesse resultado o recobrar-se essa praça, então quasi desguarnecida; visto que as forças se achavam no sul na passagem da Peripueira: mas o general D. Lopo de Hozes y Cordova [4] preferiu proseguir a effectuar com mais segurança nas Alagoas o desembarque dos soccorros que trazia, e juntamente o novo governador do Brazil D. Pedro da Silva, acompanhado de Filippe Bandeira de Mello; a quem, pelos serviços que

[1] C. R. de 31 de julho de 1640.

[2] Ainda seguia o processo no juizo dos cavalleiros, em 1640, quando a restauração veiu a necessitar da espada do valente general, e todos os cargos se desvaneceram, e elle foi elevado á grandeza e feito conde de Alegrete, etc.

[3] Note-se porém que a questão da perda de Pernambuco devia estar fóra do pleito, quando já o governo a havia julgado por meio da seguinte carta regia. «Mathias de Albuquerque: Em attenção ao zelo e cuidado com que sempre me haveis servido, e ao bem e valor com que ultimamente procedestes na occasião do ataque de Pernambuco, submergindo e queimando os navios; hei por bem fazer-vos mercê de vos nomear do meu conselho de guerra, esperando que em tudo cumprireis com as vossas obrigações, como até aqui o haveis praticado, do que vos hei querido advertir, para que assim o tenhaes entendido. Madrid 26 de janeiro de 1631.»

[4] V. «Relacion del felice sucesso que ha tenido el armada que llevó el socorro al Brasil el año passado de 1635 de que fué por general Don Lope de Hozes y Cordoba.» Sevilla 1636, in 4.º—(2 folhas.)

prestou no desembarque em Jaraguá, nomeou capitão e ouvidor de Porto-Seguro.

D. Luiz de Rojas, desembarcando no porto de Jaraguá, começou desde logo a trabalhar com a maior actividade. Mandou para a villa de Santa Luzia á artilheria e bagagens, que não queria conduzir comsigo; dispoz a abertura de um novo caminho para marchar até Porto-Calvo, sem passar pela costa, onde o inimigo occupava o passo da Peripueira; ordenando que seguisse adiante, com vinte homens, a recolher noticias, o alferes Sebastião do Souto.

Antes de emprehender a marcha, convocou os officiaes a conselho, e Bagnuolo se oppoz a ella; prevaleceu porém o voto da maioria, com o qual se conformou. E, deixando a guarda da villa de Santa Luzia a Bagnuolo, com setecentos homens, emprehendeu a marcha para Porto-Calvo, em janeiro de 1636, com o restante, que perfazia mil e quatrocentos, fóra os Indios.

Sigismundo Schkope, que se achava em Porto-Calvo, ao ter noticia da marcha de Rojas, abandonou á pressa essa paragem; e foi, na Barra-Grande, embarcar-se para o Recife. Ao mesmo tempo Arcizewski, informado da marcha de Rojas, vinha da Peripueira em auxilio de Schkope, que suppunha em Porto-Calvo. Se Rojas estava resolvido a emprehender um ataque, com razão deviam os seus brios augmentar-se com a retirada de Schkope. Assim pois, deixando quinhentos homens em Porto-Calvo, e levando só comsigo uns oitocentos, fóra a troça do Capitão-mór D. Antonio Camarão, partiu, entendendo que ia tomar o inimigo pela retaguarda, julgando-o na Peripueira.

A instancias de Martim Soares Moreno, mandou, á boca da noite, explorar os arredores por alguns indios; e o resultado foi saber, d'ahi a pouco, que o inimigo já estava a seu lado, e tinha realisado com elle Rojas o proposito que a seu respeito levava este general. Logo ali houve um pequeno tiroteio em que cairam, de um e outro lado, varios mortos, feridos e prisioneiros.

Reconhecendo-se Rojas com forças menores que as do inimigo, julgou, contra a opinião de outros, que menos mal lhe resultava em arriscar uma acção que no emprehender uma retirada. Deu pois as ordens para o ataque, no dia immediato, 18 de janeiro. Occupava o inimigo certa espessura junto a um bosque, e começaram os nossos o ataque, despedindo tropas para um e outro flanco. Sustentou o inimigo vigorosamente as posições que occupava, até que, notando desordem em nossas fileiras, carregou sobre ellas, e as poz em debandada; não podendo contel-as o proprio general Rojas, que, ao querer acudir-lhes, foi ferido em uma perna; e logo, quando o punham de novo a cavallo, recebia outra bala no peito, e caía redondamente morto.

A derrota dos nossos foi tão grande que muitos só deveram o escapar-se a um precipicio pelo qual se arrojaram, sem por elle quererem igualmente precipitar-se os vencedores.

Não faltou quem acreditasse e até escrevesse que Rojas havia caido victima de uma bala dos seus proprios soldados;—acrescentando que elle assim o julgára ao expirar; mas basta uma ligeira idéa do modo como se passou a acção para se propender a acreditar que as balas que recebeu viriam antes do campo ini-

migo. Pois ainda quando entre os seus houvesse algum queixoso capaz de vingar-se covardemente, não é provavel que procurasse para cumprir seus desejos o momento em que já, como todos os demais, deveria antes cuidar de salvar-se. Sabemos que dias antes, na marcha, havia o general feito arcabuzar um indio, só pela falta de haver sahido do caminho a uma roça; excesso de rigor que fôra levado a mal por todos os outros indios; mas nem com esta consideração nos atrevemos a admittir, sem muitas provas, propositos tão infamantes [1]. Demais a suppôr que um tal assassinato viesse dos indios, não houvera a morte provindo de uma bala, mas sim de uma frécha.

Na referida acção, que se chamou da Mata-Redonda, tiveram os nossos trinta e tantos mortos, e igual número de feridos; contando-se entre os últimos os capitães João de Magalhães e João Lopez Barbalho: o sargento-mór dos italianos Heitor de la Calce caíu prisioneiro. Arcizewski ficou senhor do campo, e os nossos se retiraram á povoação sem ser perseguidos. Talvez o inimigo se via falto de munições, pois nem sequer voltou ao posto da Peripueira, mas sim a Villa-Formosa, deixando entretanto n'aquelle uma pequena guarnição.

Por morte de Rojas, as vias de successão, que logo se abriram, confiavam o mando ao conde de Bagnuolo. Immediatamente foi este avisado, e se poz em marcha, por um novo caminho que fez abrir [2], pelas cabeceiras

[1] Com mais razão propendemos a este juizo quando nas paginas do donatario nenhum indicio se encontra de semelhante facto narrado por Calado.

[2] Este caminho se acha marcado nas cartas hollandezas, e designado com o nome de Caminho do Conde (assim escripto *em portuguez*).

dos rios Santo Antonio Grande, Camaragibe e Tatuamunha, mais para o sertão, mas muito mais secco e nivelado que o outro mais á costa, que seguíra Rojas, tão cheio de pantanos e morros que dia houve em que se haviam transposto sessenta e seis d'estes, tão ingremes que alguns cavallos os não subiam.

No dia 19 de março chegou a Porto-Calvo; e immediatamente fez avançar alguma força a occupar a linha do Una, d'ali dez leguas, com ordens de despachar para a frente pequenas escoltas, que tivessem em contínua alarma o inimigo. A Martim Ferreira, já sargento-mór, ordenou que fosse governar o deposito e quartel que deixára na Alagoa do Norte. Depois mandou a Francisco Rebello, com quatrocentos e cincoenta homens, dos quaes duzentos indios [1], que igualmente avançasse para arrebanhar os moradores que quizessem reunir-se e assolar e queimar tudo até onde lhe fosse possivel. Chegou o Rebello de improviso a um engenho de João Paes Barreto no Cabo, e ahi surprehendeu setenta soldados hollandezes, dos quaes foram trinta passados á espada, entregando-se quarenta. Em vez de os enviar desde logo a Bagnuolo, proseguiu com elles até S. Lourenço, cinco leguas do Recife, onde fazendo alto, viu-se a seu turno atacado inopinadamente (no dia 25 de abril [2]) por uma força de oitocentos homens destacada do mesmo Recife, e guiada pessoalmente pelo membro do conselho Jacob Stachower, que

[1] Não 500 soldados e 400 indios, como diz Sigismundo, em officio de 8 de junho.

[2] Officio de Weerdenburgh de 8 de junho de 1636.

o bateu e conseguiu libertar os quarenta presos. Este Jacob Stachower [1] se fizera lavrador, associando a si João Fernandes Vieira, a quem muito favoreceu para chegar este a adquirir grandes cabedaes e fazer-se notavel na provincia, como veremos.

E mandava Stachower as tropas que ahi atacavam, porque, pouco antes, os cinco individuos do Conselho politico haviam assentado, a fim de darem as providencias com mais promptidão, de se derramarem, com todos os poderes, por toda a extensão que occupavam, incumbindo-se o mesmo Stachower de seguir as tropas em operações; ficando Ipo Eysens encarregado do mando desde Itamaracá para o norte; Schott do districto do cabo de Santo Agostinho até o rio de Jangadas; e Balthazar Wintjes, com Elias Herckman, do Recife [2].

A expedição de Rebello produziu no emtanto, entre outros favoraveis resultados, o de permittir que se lhe reunissem alguns que o dezejavam; e n'este número entrou Henrique Dias, com sua mulher, filhos e varios parentes; pois, havendo aquelle chefe capitulado no Arrayal, fôra pelo inimigo conservado em liberdade, e aproveitava a occasião para reunir-se ás antigas bandeiras. Quasi ao mesmo tempo que o Rebello invadia até S. Lourenço, eram os nossos atacados, sem importantes resultados, nas margens do Una, bem como os

[1] Morava Stachower (Estacour escreve Calado) no Recife, em umas casas na rua da Cruz n.º 62-64, detraz do Corpo Santo, casas que depois passaram a João Fernandes Vieira. Ainda na fachada se vê um busto de Santiago, por baixo do qual se lê (em hollandez) «Chamo-me San Thiago.» *(S. Jacob ben ick genaemt.)* A imagem alludia sem dúvida ao dono primitivo da casa por nome Jacob.

[2] Expos. de Servaes Carpentier de 2 de julho de 1636.

que se achavam na Alagoa do Norte o eram pela guarnição hollandeza da Peripueira.

Pouco depois emprehendiam-se novas correrias, que chegaram a pôr o inimigo em grandes cuidados e apuros.

Primeiro sahiu, com trezentos e cincoenta homens, o capitão João da Silva e Azevedo; mas não foi muito longe, porque não era elle, nem a sua gente, a mais a proposito para similhantes emprezas, e regressaram immediatamente, em virtude de umas grandes chuvas que lhes impossibilitaram as marchas.

Partiram logo D. Antonio Camarão, com uns trezentos indios, e Henrique Dias já condecorado com o titulo de «Governador dos pretos,» os quaes fizeram proezas, chegando até a Goyana; e ao regressar, defenderam-se, durante dois dias (23 e 24 de agosto), contra mui superiores forças regulares, com que junto a S. Lourenço os atacou Arcizewski. Voltaram a Porto-Calvo, d'ahi a trez mezes e meio, com um grande número de moradores, que preferiram os soffrimentos de acompanhal-os aos vexames e tyrannias do jugo de um conquistador cobiçoso, as quaes já haviam saboreado amargamente. Para tão feliz regresso não deixou de os favorecer outra excursão, que, para o lado d'onde vinham, ordenou Bagnuolo que fizesse o ajudante Sebastião do Souto, com oitenta homens.

Seguiu-se uma nova excursão de Francisco Rebello, acompanhado de João Lopes Barbalho e outros.

Ainda que a principio soffreu Rebello falta de mantimentos, com maior razão quando dos que levava teve que ir distribuindo com muitos emigrados, vindos de Goyana com D. Antonio Camarão, e que tinham ido

ficando exhaustos pelos caminhos, não deixou de chegar á Parahiba, e fazer ahi grandes avarias ao inimigo e seus engenhos e roças, matando até a Ipo Eysens [1], membro do Conselho que ahi governava.

Em auxilio de Rebello mandou Bagnuolo a Sebastião do Souto, já feito capitão, e ao governador Henrique Dias, os quaes, depois de reunidos, foram pelo inimigo encontrados em 17 de novembro, sendo derrotados ao cabo de duas horas de acção.

Recolhidos Sebastião do Souto e Henrique Dias, sahiram a outra excursão os capitães Francisco Peres do Souto e Paulo de Parada; [2] mas não passaram da Goyana, onde queimaram varios engenhos.

Seguiu-se uma nova excursão confiada ao capitão pernambucano Estevam de Tavora, que enviou Henrique Dias, com cem homens, até uma legua ao sul do Recife; e outra emprehendida pelo capitão Souto e o ajudante André Vidal, que chegaram até a Parahiba, patria d'este último, destruindo a ferro e fogo quanto encontraram, avaliando-se em quarenta mil arrobas o assucar que incendiaram. D'esta pasmosa excursão sahiram feridos tanto o capitão Souto, de uma frechada em um braço, como o Vidal de uma chuçada no peito. Este official a quem mais tarde novos meritos chega-

1 Nas Mem. Diarias se chama Enses este governador da Parahiba. Em 1639, um capitão Einse, depois de mandado com a sua companhia a Igaraçú, foi removido para perseguir a Luiz Barbalho; «Eintius quoque movere se ex Thuara (alias Iguaraçú, pelo que tem dito antes) jussus, et cum centuria sua adesse.» Já se vê que não podia ser o mesmo.

2 Mais tarde general da frota do Mexico e depois da artilheria na Catalunha.

ram a coroar com os louros da victoria e a adornar com a palma do civismo, orçaria então pelos trinta annos de idade, e contava já onze de serviços militares.

A sorte de Pernambuco dependia agora de quem primeiro, Hespanha ou Hollanda, mandasse uma forte armada com sufficientes tropas, para fazer n'esta conjunctura um esforço maior.

Bem o reconhecia a Côrte de Madrid; mas todas as suas ordens e recommendações para a cobrança de impostos extraordinarios (aliás muito menores do que os que se votaram em côrtes e se decretaram depois da acclamação de D. João IV) excitavam opposição e descontentamentos, e a Junta de Pernambuco (creada em 26 de junho de 1631) nada fazia. Chegou o rei a conceder que vendessem habitos e mercês [1] aos que prestassem soccorros, mas nada valia para obtel-os. Foi estranhado o Conde de Miranda, pela irregularidade com que procedia nos preparativos de mar e nomeado em seu logar o Marquez de Gouvea; mas os descontentamentos cresciam e chegaram a converter-se em motins e em tumultos, entre os quaes vieram a dar grandes aprehensões os que tiveram logar em 1637, principalmente em Evora e no Algarve, vindo taes tumultos a retardar pelo menos os preparativos de novas forças de soccorro de Portugal e a desviar sobre a fronteira d'este reino parte das que Castella dispunha para o Brazil.

No meio d'estas difficuldades foram indicados á Côrte dois arbitrios, um pelo povo de Lisboa e outro pelo conde do Prado; propondo este que el-rei deixasse

[1] C. R. de 14 de dezembro de 1636.

a Portugal livre o direito de administrar a sua receita, na certeza de que d'este modo esse reino não se poderia queixar, e sería o primeiro interessado a adiantar quanto fosse necessario á recuperação do Brazil, da qual resultaria grande augmento á receita do Reino.

Em 3 de dezembro escreveu o rei á Princeza Margarida, governadora de Portugal, dando-lhe conta de tudo, e recommendando-lhe que ouvisse, ácerca dos arbitrios que se propunham, o parecer dos tribunaes do reino. Transcreveremos aqui periodos d'essa carta que julgamos do maior interesse, e que até certo ponto serve a justificar o tão accusado governo de Filippe IV.

«Senhora Prima: Ainda que, depois que succedi n'esses Reinos, hei procurado como cousa mais propria de minha obrigação a satisfação de todos meus subditos, assim em seu Governo como na administração da Justiça, em que mais principalmente consiste sua quietação, com particular attenção hei desejado a d'esse Reino, e conservação de seus Estados, levando-me não sómente a isto a inclinação, e amor de tão bons Vassallos, senão o conhecer que como mais distantes de suas Conquistas, necessitam mais de minha assistencia e cuidado:

«O que n'esta parte hei obrado bem se deixa conhecer, com o que haveis experimentado depois que estaes n'esse Governo.

«E não foi pequena demonstração pol-o em pessoa tal, e independente de todo genero de respeitos, com que era força que a satisfação era maior; e que os inferiores conseguirão justiça, com igualdade, e sem contemporisações dos poderosos, não estando em seu

poder o Governo, por cujas mãos repetidamente se distribuia (qualidade totalmente opposta ás leis de bom governo) e tão conveniente para os livrar de oppressão, estar seu recurso em mãos de quem, tão livremente como vós, fareis administrar justiça: com que não pude obrar mais n'esta parte, depois de morto o Infante Dom Carlos, meu muito amado e prezado Irmão, que darlhes tal Governadora.

«E quanto mais me offerece a consideração dos beneficios que de minha mão hão recebido, tanto maior dôr me causa vêr desencaminhados os Povos, que, esquecendo-se de sua obrigação natural, hão faltado na fidelidade, pondo nota no restante d'esse Reino, que tão constantemente se conserva em sua lealdade e affecto a meu serviço.

«Meu intento, depois que hão succedido estas inquietações, ha sido sempre, que, conhecendo seu erro, os inquietos se reduzissem, com a persuadição de seu mau estado, e meios que applicariam os leaes e bem intencionados, ao que tinham antes que começassem os alborotos.»

«E que quando perseverassem em sua obstinação, experimentassem os damnos d'ella, com o valor e rigor que sollicitava a gente nobre e leal, por tão abominavel excesso, escusando a nota de entrar gente de outros reinos, com força de armas, a pôr remedio com que se confirmaria a sedição, sem gloria e honra que receberia Portugal, sendo seus naturaes os que, com exemplo grande no futuro, haviam conseguido acção tão gloriosa para elle, e de tanta estimação para mim, como seria confundir e castigar os inquietos e sediciosos.

«O vêr isto até agora desencaminhado me tem com summo sentimento; e cresce, quando reconheço effeitos tão contrarios a sua mesma obrigação, tomando pretextos tão contra toda a razão e justiça, como é levantar a paga de tributos que hoje não se impunham de novo, senão que assentadamente se pagavam para seu mesmo beneficio, que consiste na restauração do Brazil; pois se se perdesse, o que Deus tal não permitta, totalmente ficaria destruido o Reino.»

«Chegou-me aviso do alboroto de Evora, de que igualmente se fez pouquissima consideração, porque tumultos populares se vêem cada dia, sem nenhum inconveniente; o que mais novidade me causou foi a ponderação com que se escrevia d'esse Reino, e falava aqui na materia, e que moveram algumas circumstancias que de longe mal se podem julgar.

«Chegaram segundos e terceiros avisos, de que se estendiam os inconvenientes; e achando-me satisfeito da providencia com que o Duque de Bragança havia reparado em parte a materia, em Villa Viçosa e outros Logares seus, e offerecendo-se em tudo, lhe dei muitas graças, pois n'isto, como sempre, obrou seu sangue.

«Tambem agradeci aos Fidalgos de Evora sua vontade, e lhes encarreguei obrassem com minha authoridade.

«O Bispo de Portalegre e o Conde de S. João, seu pai, me deram um papel sobre o que convinha despachar a Armada ao Brazil, e meios para que não o embaraçassem as inquietações; e desejando que isto se conseguisse, como o unico para a restauração d'aquelle Estado, em que consiste o bem universal d'esse Reino,

o remetti, para que se visse e se considerasse com toda a attenção.

«Approvaram-n'o o Conselho de Portugal, e os Conselhos de Estado, Guerra, e Castella, e Junta de Pernambuco, que se compõem dos primeiros Ministros de minha Monarchia, por sua experiencia, zelo e attenção; e assim o resolvi, e remetti ao Conselho de Estado d'esse Reino, e Desembargo do Paço, deixando á sua eleição a execução.

«Não resolveram nada, e poucos votaram bem, muitos nada, e alguns mui mal—havendo passado mez e meio, e tratando-se de não dissimular mais; porque os inconvenientes cresciam, e o descredito e desauthoridade da justiça era grande.

«O Bispo de Portalegre e o Conde de S. João, havendo-se juntado com todos os Fidalgos Portuguezes que havia na Côrte, me deram outro papel, reconhecendo por summo favor o que eu olhava pela honra d'esse Reino, e pedindo-me que só o braço da Nobreza e os Ministros remediassem logo com effeito esta turbação, e se pozesse a justiça no logar que se deve, para que os que ouvissem que se havia levantado uma parte de Portugal ouvissem juntamente que se havia remediado pelos mesmos portuguezes.

«Agradeci-lhes seu zelo, e approvando sua proposta, a remetti a esse Reino, em que não se obrou mais que reproval-a, sem dispôr nenhum outro meio.

«Passou este fogo ao Algarve: então se me representou que era necessario força.

«Ordenei aos Fidalgos de Evora, que persuadissem áquella gente o estado em que se achavam, que era

certa sua perdição, se não se reduziam a seu primeiro estado, e recorriam ao refugio de minha clemencia e piedade; admirando que tanto tempo, como ha que durava aquella inquietação, não houvessem procurado separar o trigo da sisania, e reduzir com segredo a alguns dos indifferentes, e assegurar os bons, pois não podia deixar de haver muitos.

«Tambem lhes estranhei não me haverem dado conta de quem, e quantos eram os cabeças, e os mais prejudiciaes dos que os seguiam.

«Pediu Evora Justiças novas: parece que vós, o Conselho de Estado e o Desembargo do Paço viestes n'isso: e D. Diogo de Castro disse ultimamente que não convinha que por agora se usasse de rigor, nem pôr as cousas como antes, senão il-os reduzindo poucos a poucos, que é o mesmo que a ultima ruina, no estado presente da Monarchia, tão ameaçada e invadida de inimigos estrangeiros, e regra condemnada de todos os politicos, em semelhantes movimentos populares, em passando o primeiro impeto.

«De Lisboa, com o crescimento dos alborotos do Algarve, e alguns ruidos do Porto e Santarem, e alguma cousa em Vianna, me consultaram que arrimasse gente de Castella ao Algarve, e que a Armada do Brazil que ia a Cadiz corresse áquella costa.

«Hei enviado a Frei João de Vasconcellos, Provincial de S. Domingos d'essa Provincia, filho de Manoel de Vasconcellos, Regedor da Justiça, pessoa de publica satisfação e de muito exemplo.

«Vendo que de Portugal não se davam outros meios, nem executavam os que eu havia mandado por maior

favor d'aquelle Reino, senão sómente o de arrimar gente de Castella; e reconhecendo juntamente que com os cuidados presentes da Monarchia, tantos inimigos, e exercitos contra ella, nenhuma cousa podia ser tão prejudicial, como sustentar-se esta sisania, e inquietação—hei mandado prevenir ao Duque de Bejar, com Dom Diogo de Cardenas, do meu Conselho de Guerra, com a gente da Estremadura, e ordenado ao Duque de Nájera, e mais Cavalleria de Couraças, Arcabuzeiros e Dragões, na volta de Badajoz.

«Tambem tenho ordenado ao Duque de Medina Sidonia, que, com o Marquez de Valparaizo, se mova para o Algarve com a gente de Andaluzia que houver mister, e Cavalleria d'ella, e que em uma e outra parte se ponha trem de Artilheria de campanha—e que todos os postos e Castellos de Portugal se guarneçam com Infanteria, bastimentos e munições, em toda a fórma—que se ponha em ordem minha Casa, a Cavalleria d'ella, e das Ordens Militares, e toda a Nobreza da terra de Mancha, Estremadura, e seus Hijos de Algo, e a do Batalhão que está formado para sahir com minha pessoa, e que siga ao primeiro aviso:

«Que o mesmo façam os quatro Terços Velhos que estão em Guipuscua, e todos os Cabeças principaes, Cabos e Officiaes reformados de Infanteria, Cavallaria e Artilheria, e que se ache em todo este mez em Badajoz:

«Que o mesmo faça o marquez de Avila Fuente com a Infanteria e Cavalleria da Costa de Granada.

«Tambem hei mandado ao capitão general de Castella a Velha que se ponha em ordem com toda aquella

Milicia, e Artilheria necessaria — e o mesmo ao Duque de Bragança com a gente que podér juntar.

«Esta mesma ordem tem o Viso-Rei de Galiza, pelo que toca aos confins d'aquelle reino — e Dom Lopo de Hoses se acha na Corunha com numero de trinta a quarenta navios de Guerra.

«E ainda que se conhece que para os poucos logares inquietos em duas Provincias, em Portugal, sobeja muito do que está prevenido, pela fidelidade dos bons Vassallos, que tenho n'esse Reino, e pela pouca prevenção dos inquietos — se ha considerado que, sendo precisamente necessario aquietar os tumultos dos Povos levantados, de aqui ao Natal; e podendo-se temer que o mau exemplo, empeore cada dia as cousas, e cresça a inquietação — convém que a prevenção seja tal que não só remedeie o damno presente, senão o que póde occasionar á gente ordinaria o exemplo dos ruins.

«Estando prevenido isto, resolvi informar-me de vós, do governo, do conselho de estado, do duque de Bragança, dos fidalgos de Evora, e mais pessoas bem affectas que residem na parte inquieta, que poderão obrar com inteira seguridade, em o dito tempo, tendo as costas seguras, com a gente que chegar á raia, porque desejo até ao ultimo ponto, sendo possivel, que não se obre por outra mão o que se houver de executar.

«Tambem hei ordenado que se juntem os premios que se hão de dar ás Cidades, que hão procedido bem contra as amoestações dos sediciosos.

«Fica ajustado o perdão geral, com excepção das pessoas que não hão de deixar de ser castigadas pelo exemplo publico e authoridade de justiça.

«E entre tudo isto, o que faz admiração universal é que, depois de se haver perdido o Brazil, sendo conquista d'esse reino, com o Governo e Governos que tem havido, não ha sido possivel enviar Armada consideravel d'essa Corôa, a tratar de o defender e recobrar, estando em differentes vezes aparelhados muitos navios d'esta de Castella; e ao tempo de se aprestar, ficou pelos ministros portuguezes em tanto grau, que feita a conta, por esta Corôa de Castella se ha feito milhão e meio de gasto, em differentes aprestos para este fim, que ficaram perdidos, por não haver concorrido a Corôa de Portugal.

«E não havendo remedio para fazer este despacho, se ha tirado da substancia d'este e dos demais reinos meus, para pôr uma Armada de vinte Galeões, provida de tudo, que custa mais de um milhão.

«E porque não houve quem se encarregasse do apresto das armadas, o ordenei a quem com effeito o fizesse—e ao tempo de se concluir este e estar para navegar, não o havendo feito antes, se levantaram os povos que se vê, a titulo de tributos, ao parecer só para estorvar a partida da Armada—cousa tão rara, com um exemplo tão extraordinario, como é que meus Reinos de Hespanha e os demais da Monarchia, que tanta carga tem sobre si para se livrar dos inimigos presentes, os accrescentem, para que Portugal cobre suas Conquistas—o que os Povos d'esse Reino se levantem, porque se põem suavissimos, para com isto pôr uma de muitas partes que dá o resto da Monarchia.

«E não é muito que admire semelhante enormidade, pois em nenhum tempo se póde cuidar nem imaginar,

tal demonstração de amor, nem de affecto de tantos Reinos e Provincias de Hespanha e fóra, que até o dia de hoje não hão recebido nenhuma utilidade, assistencia, nem soccorro da Corôa de Portugal.

«Tolerando tambem com dissimulação tão graves excessos, encarreguei se tratasse bem da reducção dos sediciosos, encommendando-a á authoridade de justiça.

«E quando vi que esta não era bastante, encarreguei ao Conde D. Diogo de Castro, Marquez de Ferreira, Conde de Vimioso, e aos mais Fidalgos de Evora, que assistindo-a, se executasse o que conviesse.

«Havendo respondido elles que suas pessoas sós não podiam fazer sombra á Justiça, no estado em que se achavam as cousas; desejando eu que fosse a mão da Nobreza Portugueza a que sugeitasse essa abominavel sedição—lhes encarreguei levantassem gente com que se separar a sisania do trigo—em que escrevem acham impossibilidade.

«Estando n'isto a materia, e havendo-se feito por minha parte tão extraordinas demonstrações para reduzir os inquietos por mão dos do mesmo Reino, sem haver deixado de intentar nenhum meio bastante a reprimir esta gente ruim e inquieta: recebi uma carta do povo de Lisboa, em que, condemnando as inquietações dos logares levantados, com summa estimação, e confirmando-se em sua lealdade e affecto a meu serviço, me dão graças por assistir com vinte Galeões á restauração do Brazil.

«Juntamente se recebeu um papel, que vos deu o Conde do Prado, em que, excluido, pela guerra contra França e Saboya, o celebrar-se Côrtes n'esse Reino, pro-

põem o que suppõem ha muitos mezes que vos disse, havendo-o repetido diversas vezes—e é que eu tenha por bem de deixar a esse meu Reino de Portugal todos os effeitos de minha Fazenda livres de consignações ordinarias, e as novas composições da meia annata, o qual se applique tudo aos soccorros do Brazil—formando-se uma Junta de todos os Tribunaes, que me consultem tres Fidalgos, naturaes d'esse Reino, que em vossa presença se juntem cada dia a tratar da recuperação de Pernambuco, e demais conquistas, e a disposição da cobrança e paga dos effeitos referidos—entrando em arca separada, de d'onde se não tire um real sem ordem da Junta, que me irá dando conta do que se fôr dispondo, e tomando as ordens do que mais convier—que tudo isto é conforme aos privilegios do reino, e ás condições com que Lisboa e outros logares acceitaram o Real d'Agua, e crescimento da quarta parte do Cabeção:

«Que de não se fazer isto resulta a queixa geral que ha: e póde ser que as inquietações; pois havendo os povos concorrido de sua parte com tudo o que n'esta se lhes ordenou até agora, não entra o que resulta da extracção do sal na arca destinada para estes gastos; e que, ainda que os que bem intendem, julgam que é muito mais o que gasto nos vinte navios com que assisto á recuperação do Brazil, é tal a desconfiança do povo, que não admitte razão, e só quer os deixe com o cabedal do Reino, para que se gaste na guerra a que elles acudiram.

«O Conde considera esta proposta por mui de meu serviço, e mui em favor d'esta Corôa de Castella, pois, não gastando com a de Portugal, fica por conta d'essa

Corôa tudo o que for necessario—em que parece não póde haver fallencia, porque o Reino tem mui presente a importancia da restauração de Pernambuco—e quando vejam que se vae gastando o que falta, ninguem escusará o dal-o, e as repartições se farão com consentimento e gosto—e se tornará a acceitar o Real d'Agua, e disporá tudo como convém—e que achando-se com vinte e cinco galeões armados a Corôa de Portugal, e restaurado o Brazil, poderão passar ás Indias de Castella, ou ao Canal de Inglaterra; e juntando-se com os navios de Dunquerque, fazer guerra ao Olandez, e obrar outros effeitos que promettem o valor e lealdade dos Portuguezes.

«Que na disposição d'estas materias, ha outros pontos particulares, que se poderão dispôr no Brazil e Maranhão, gente que poderá sair das Ilhas, e outras prevenções, de enxarcia, breu, polvora e armas, que se podem fabricar em Portugal, a pouco custo, com grande utilidade da Monarchia, que, por falta de cabedal se deixa de executar; e estando á conta do Reino, se fará com grande commodidade e abundancia, o qual se poderá tratar a seu tempo:

«Que tambem é necessario que mande se trate do desempenho das tenças, applicando a elle as Commendas vagas, e que vagarem, e os proprios de minha Fazenda, e alguns officios que não sejam de Justiça, e outras mercês da Corôa, que pertendem muitos que tudo se póde applicar a este desempenho, que assim se me propoz, quando a imposição do Real d'Agua, e debaixo d'esta condição se concedeu—com que em breve tempo se desempenhará minha fazenda, e ficará em estado que

possa valer-me d'ella em outras partes; pois é certo que, recuperado o Brazil e as Conquistas, crescerão muito todas as rendas reaes.

«E que isto se conseguirá em breve tempo, segundo o estado das cousas; porque, havendo o inimigo tomado tantas praças em Pernambuco, e achando-se com gente tão pouca que não passa de seis mil homens para as conservar, é força que as desampare, apertando-o com uma armada grande e soccorros continuos:

«E que, conformando-me eu com o que propõe o Conde, convirá escrevel-o ao Senado da Camara de Lisboa, favorecendo-o e honrando-o, como se deve, pelo amor e lealdade com que sempre me serve:

«E com a copia de minha resolução, aquelle Senado escreverá ás demais Camaras principaes do Reino, encaminhando-as a que me agradeçam o favor que lhes faço, e a que tornem a assentar as imposições do Real d'Agua, e quarta parte do crescimento do Cabeção, que a seu sentir é o meio mais efficaz para que se socegue tudo.

«E sendo meu animo que a quietação d'esse reino se procure por todos os meios que poderem escusar os extremos a que obrigam o estado em que hoje se acham os Povos levantados; e reconhecendo juntamente que o que o Povo de Lisboa me escreve não é conforme ao que me propõe o Conde, em meio da duvida que se offerece vêr que quem preside na Camara de Lisboa, se aparta do sentir do Povo, que parece reconhece a summa conveniencia de que Castella lhe assista á recuperação e conservação de suas Conquistas, havendo gastado tão grandes sommas, em aprestos para isto, ainda que inutilmente, por defeito das disposições dos Ministros Por-

tuguezes, a que não equivale com muita mais quantidade o que ha montado a extracção do sal:

«Sendo certo que não haver vindo eu desde logo em que corresse esta administração como renda de Portugal, ha sido por deter as instancias que justamente me fariam os mais Reinos de minha Monarchia, pois com razão me poderiam representar que, tirando os inimigos communs, do sal que extrahem, cabedal consideravel, só em beneficio de Portugal, crescendo com isto suas forças, os obrigam a maiores tributos, para se defender d'elles, sem reparar em que de suas contribuições, e sangue de seus naturaes, se tomam e hão tomado partidas tão grandes para defender suas Conquistas, sem nenhuma utilidade sua, por os não admittir a nenhum genero de accrescentamentos n'essa Corôa— quando nos de Castella e demais Reinos de minha Monarchia occupam os Portuguezes, em seus Conselhos, em minha Casa e em outras partes, postos grandes—sem que deixem de significar-me que a desconsolação que n'isto recebem é grande;

«E os Tribunaes que em minha Côrte representam aquellas Provincias, hão tratado de que se faça viva instancia comigo para o remedio:

«E que, pois não querem participar aos demais de seus officios, mercês e honras, os escuse de contribuir para a Corôa de Portugal, applicando para suas conquistas o que se reparte entre os naturaes d'esse Reino, a titulo de bens da Corôa, pois são meus; e a gratificação e beneficio que recebem n'isto, incomparavelmente mais que o que consegue por via de mercê, todo e restante de meus Reinos; desobrigando-os tanto a separação com que vivem dos demais, sem assistir a nenhuma cousa de sua

conservação e defeza, nem achar a correspondencia que se lhes deve, nem a que acham em qualquer aliado meu, e ainda nos Principes neutraes, sendo tanta a differença da obrigação d'estes a um Reino proprio meu, unido á minha Monarchia inseparavelmente — deixando elles a recuperação de terras de seu proprio dominio, e particularmente Castella a Virginia e Ilhas de balravento, e outras praças que ha occupado o inimigo, sem cessar de infestar suas Indias:

«E com o que dá para Portugal para recuperar suas Conquistas perdidas, como se sabe, enfraquece suas forças, sem achar em nada genero de correspondencia.

«E eu, pelo amor que tenho a essa Corôa, e particularidade com que hei desejado e procurado seu bem, hei ido temperando todas estas instancias tão bem fundadas, e particularmente dos Reinos da Corôa de Aragão, que julgam por cousa dura que, não tendo Portugal união com Castella, com quem a tem, nem com elles, sirvam parte de suas rendas e serviços para assentos de Armadas, com que se assiste a Portugal — e mais quando se acham accommettidos de Francezes, em suas proprias provincias, como são Catalunha e Sardenha, sem esperar de Portugal nenhum homem, nem um real de soccorro.

«Não posso negar que a força d'estas considerações m'a fazem grande, para a conta que se deve ter a representações tão vivas e fundadas, como podem fazer todos meus Reinos — mas o olhar a esse, não só como Rei, senão como Pai, o que desejo escusar-lhes a nota, é causa que haja querido que se intende n'elle o que escreve o Povo de Lisboa, e o Conde do Prado, para que

se considere qual peza mais para sua conveniencia, no caso presente, e os que podem succeder ao diante; não podendo negar que, se bem me ajustarei no estado presente, ao que parecer a todos, sendo justo, effectivo e bastante, para recuperar o perdido de suas Conquistas; por escusar a nota de entrar armas de fóra a castigar esta desobediencia:

«Não parece que ao discurso offerecia cousa comparavel, o papel do Conde de Prado, á carta do Juiz do povo, nem em todo, nem em parte:

«Porém, communicando-se com os Tribunaes todos e Camaras obedientes, se me responderá com summa brevidade, porque os accidentes de fóra de Hespanha, a que eu não posso faltar, pedem que isto se conclua a toda a pressa.

«E se bem intendo que a Junta que suppoem o Conde do Prado, de tres Fidalgos do Reino, é para que fique á minha nomeação os que hão de ser, consultando-me os Ministros, pois de outra maneira bem se vê que não era eleição que me devia propôr tal Vassallo.

«E que ainda n'esta fórma se deve reparar muito, como se reduz só a um Estado, havendo de ser as contribuições geraes, em que o Ecclesiastico não quererá ficar excluido, nem seria razão o fosse o Povo, que é o que leva a maior carga nos tributos.

«Demais de que, sem concurrencia de Ministros meus de Justiça, a quem assiste a maior authoridade, pelo seu ministerio, e a quem incumbe a administração da Justiça, teria difficil execução e differente respeito o que se obrasse—me ha parecido adverti-vol-o:

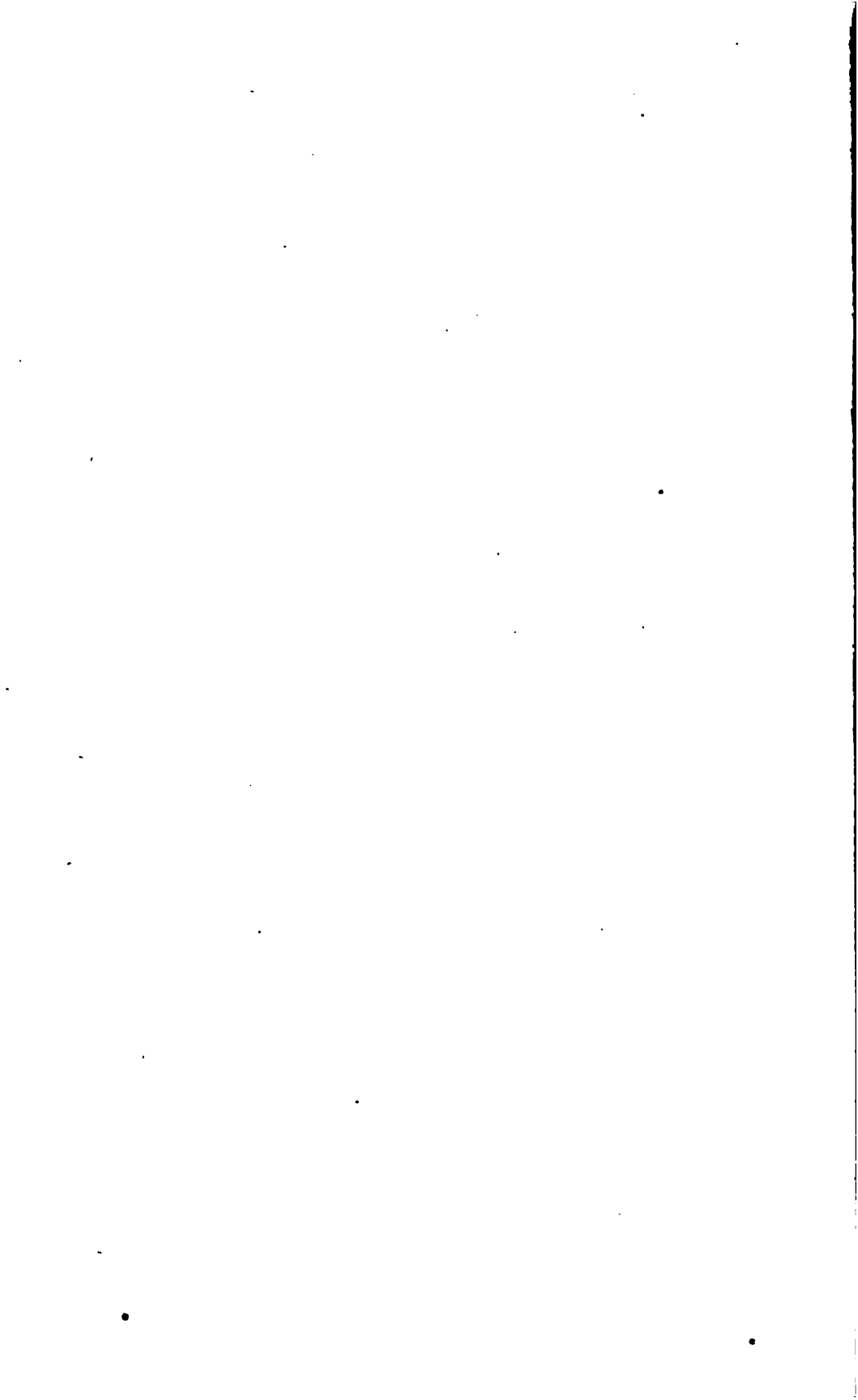
«E que não póde chegar a mais minha clemencia,

que a deixar ao mesmo Reino, precedendo consulta dos Tribunaes d'elle e Camaras obedientes, a eleição do meio de maior satisfação, como seja effectivo e bastante para que essa Corôa possa recuperar suas Conquistas — crendo que a ingratidão dos mal intencionados supprirá o affecto dos leaes, reduzindo-se a materia ao estado que tinha antes da sedição dos Povos inquietos, e com o exemplo que é justo, e que tanto importa á sua propria honra e reputação.»

Os tribunaes foram ouvidos, começando pela Meza da Consciencia. Não vimos os seus pareceres, mas provavelmente seriam, como outros que costumam dar certas corporações que só devem á rotina a sua existencia, mais de fórma e de palavras banaes que de substancia e de responsabilidade, como pedia o caso; pois deviam começar por confessar á Côrte que a razão do descontentamento dos povos era origem d'elles; e que os hollandezes não os hostilisariam, se tivessem outro rei.

Além de que, no Reino nenhuns tributos chegavam; porque havia muitos abusos e muitos desperdicios, de modo que, mais que novos tributos, se fazia necessaria a installação de um systema economico, começando-se a reforma pelos individuos dos proprios tribunaes cujos pareceres se pediam.

Os cargos, principalmente da Fazenda, se proviam mais pela qualidade e influencia da parentela dos agraciados do que pela sua capacidade; e nas accumulações havia tanto abuso que alguns mal podiam desempenhar todos os cargos que reuniam; e n'este numero entrava o presidente da Junta do soccorro do Brazil, e varios dos seus membros.

Assim pois, em quanto em Portugal se consultavam os pareceres de tribunaes, e as sempre morosas juntas pouco adiantavam, porque de ordinario não fazem mais que assignar o trabalho de um só, que aliás o activa e apura menos, por isso que não recebe integras para si, nem a responsabilidade, nem a gloria, e em quanto os povos continuavam descontentes, attribuindo, como era razão, a origem de tantas calamidades á sua união com a corôa de Hespanha, os hollandezes se mostravam cada vez mais empenhados em que fosse protegida pelos Estados Geraes a nova conquista em Pernambuco; e como povo essencialmente pratico, como todos os que são mais feitos ao mar que á terra, apparelhavam uma esquadra, organisavam um pequeno exercito auxiliar, e modificavam o systema de governo da mesma conquista, concentrando toda a autoridade em poder de um só chefe. E este chefe era nada menos do que um Principe que aos mais qualificados dotes de capitão prestigioso reunia os de prudente juiz e honrado administrador.

LIVRO QUINTO

Desde a nomeação de Nassau até a acclamação de D. João IV

Nomeação de Nassau — Tres Conselheiros supremos — Conselho Politico — Regimento do Governo — Chegada de Nassau — Elogia o paiz — Como encontra o Recife — Organisa um exercito de operações — Marcha para o sul — Bate a Bagnuolo junto a Porto-Calvo — Toma esta paragem, capitulando Giberton — Segue até o rio de S. Francisco — Erro em não haver proseguido até a Bahia — Regressa ao Recife, mandando a frota cruzar para o sul — Lichthardt incendeia Camamú e desembarca nos Ilhéos — Vota-se Nassau á administração — Falta ao capitulado com os moradores — Energico protesto de Duarte Gomes — Melhora Nassau o Recife — Duas Pontes — Palacios — Fortificações — Pintor Post — Litteratos Plante e Barlæus — Piso, Margrav e Ruiters — Escabinos — Escultetos — Brazões a quatro provincias — Occupação da Mina e do Ceará — Defende Nassau a liberdade do commercio — Visita os territorios até o Rio-Grande — Avança Schkoppe até Sergipe — Bagnuolo se retira á Torre de Garcia d'Avila — Schaap bloquea na Bahia — Noticias que recolhe — Por ellas decide Nassau o ataque da Bahia — Entra no porto — Desembarca — Acode Bagnuolo á cidade — Sitio d'esta — Ataques mallogrados — É levantado o sitio — Recompensas — Considerações.

Alguns grandes inconvenientes que a metropole hollandeza havia notado pela falta de unidade no governo da sua nova Conquista e a certeza de que taes inconvenientes se fariam mais sensiveis agora que a mesma Conquista se havia extendido tanto e ia carecer de maior guarnição e de um maior numero de empregados, fizeram nascer na mesma metropole a idéa de confiar d'ella o mando a um chefe superior de prestigio, com a autoridade e titulo de «governador capitão general e almirante de terra e mar,» sendo auxiliado pelas luzes de

tres conselheiros supremos intimos, cujas reuniões presidiria, com voto de qualidade em caso d'empate. Além d'este conselho supremo, haveria outro conselho politico, de nove membros, que seriam empregados como auxiliares em varios ramos da administração. Ao pensamento d'esta nova organisação se associou, desde logo, a idéa de que o chefe mais a proposito sería o conde de Nassau, João Mauricio, primo do Stadthouder principe d'Orange, e de que, como conselheiros intimos, deviam ficar, os dois que já estavam, Ceulen e Gysselingh, aggregando-se-lhes um novo, Adrian van der Dussen. No dia 2 de agosto de 1636, foi a offerta feita a Nassau, para durar cinco annos[1], com a retribuição de mil e duzentos florins por mez e 2 por $^0/_0$ de todas as prezas; e sendo a mesma offerta por elle aceita, se tratou de redigir, com sua acquiescencia, um regulamento para o governo da colonia, constante de 99 artigos, que leva a data de 23 d'esse mencionado mez d'agosto[2].

Por esse regulamento Nassau foi autorisado a preencher os postos militares quando estivesse em campanha, devendo ser conferidos pela junta ou concelho por elle presidido os empregos civis não providos da metropole.

O conde de Nassau chegou ao Recife aos 23 de janeiro de 1637. Alojou-se na ilha de Santo Antonio ou Antonio Vaz; e dez dias depois d'ahi escrevia que encontrára «o paiz dos mais bellos do mundo, e a situação d'aquella praça bastante forte e vantajosa.»

Ainda então o povoado do Recife, propriamente

[1] Off. de Nassau de 10 de janeiro de 1641, *in fine*.
[2] Groot-Placart Boeck de 1664, P. 2.ª p. 1247.

dito, era mui limitado; e em metade proximamente do seu solar, da banda meridional, não havia nenhuma casa. Estava entretanto bem defendido por uma trincheira levantada fóra das ultimas casas do lado do isthmo, e mais adiante pelo forte triangular de S. Jorge e pelo do Brum, com seu competente revelim, tendo por avançada o Buraco, então chamado Madama Brum. A ilha que hoje constitue o bairro de Santo Antonio tinha, por fóra do convento dos capuchos, um recinto de tres frentes, com dois baluartes e meio; e, para o lado do palacio actual, o forte Ernesto, abaluartado, com um reduto avançado, e mais adiante o forte ilhado de Weerdenburgh, na Asseca. Para a banda da terra firme ou actual bairro da Boa-Vista, estavam, mais além de uns alagadiços, tres redutos, dos quaes o ultimo ia cruzar seus fogos com o forte das Cinco Pontas, denominado de Frederico Henrique. Tinha este, assim como o seu revelim e hornaveque, os fossos aquaticos.

Tomando conta do governo, Nassau não tardou de organisar um corpo de tropas para a frente d'ellas sahir a campo. Esse corpo de tropas chegou a subir a tres mil soldados, oitocentos marinheiros armados e seiscentos indios e pretos.

Com uma parte d'esta força, ás ordens de Sigismundo van Schkoppe, marchou Nassau por terra até a foz do rio Una; seguindo outros, ás ordens de Arcizewski, embarcados até a Barra-Grande. Chegaram estes ultimos ao dito porto no dia 12 de fevereiro; e ahi esperaram que Nassau passasse o Una, d'ali cinco leguas, no dia 16.—No dia 17 as duas tropas, pon-

do-se de accordo, seguiam para Porto-Calvo, onde Bagnuolo se achava em força que não chegava a quinhentos homens.

Soube Bagnuolo mui a tempo que as forças inimigas eram mui superiores e que lhe sería impossivel obter sobre ellas vantagens em uma acção campal. Parecia pois natural que tratasse de evitar esta, destacando, como antes, guerrilhas, que fossem pelos sertões incommodar o inimigo e ameaçal-o pelo flanco e retaguarda. Em vez de seguir este plano, Bagnuolo propoz-se a defender Porto-Calvo, encurralando-se em dois redutos, ficando elle em um, e confiando o outro ao commandante da artilheria Miguel Giberton. Por excesso de precaução começou a mandar retirar para as Alagoas alguma roupa e bagagem, com o que contribuiu desde logo a introduzir, entre os seus, certa desconfiança, principio de desmoralisação.

Constando-lhe que se aproximava Nassau com grande força, não se atreveu a esperal-o com firmeza nos fortes em que se entrincheirára; e, a pretexto de o mandar reconhecer, destacou a encontral-o, ás ordens do seu immediato Almiron, um corpo de mais de oitocentos homens, incluindo os indios do Camarão, em numero de tresentos, e a troça de Henrique Dias, de oitenta. D'este modo nem ao menos alentava os seus dando-lhes o exemplo de ser o primeiro a afrontar o perigo. Tão cauto se mostrou a este respeito por vezes o mesmo Bagnuolo, que parecia ou temer as balas, ou julgar a sua vida muito essencial para o exito da guerra, ou ter falta de valor para tomar sobre si, sem compartilhar com outro, a responsabilidade de qualquer revez.

Avançou Almiron para o lado d'onde sabia vir o inimigo. Chegando á margem do Comendatuba, imaginou que ali o conteria, levantando uma estacada, com os flancos apoiados em dois entrincheiramentos semelhantes, avançados.

Á boca da noite appareceu o inimigo coroando as alturas pela frente, e no dia seguinte ao amanhecer, depois de observar bem todo o acampamento, dispoz-se ao ataque.

Ordenou que os seus indios fossem, escondidos pelos matos, contornear os nossos pelos flancos, passando o rio acima e abaixo do acampamento. E apenas notou que os mesmos indios haviam já introduzido confusão, ordenou ao seu regimento que atacasse pelo flanco esquerdo. A peleja durou mui pouco tempo. Os nossos começaram a fugir pelos montes que tinham á retaguarda e que conduziam á povoação ou ao caminho para as Alagoas que alguns logo tomaram. A maior parte das tropas do inimigo, incluindo os marinheiros todos, nem no fogo entraram; de modo que a sua perda não passou de seis mortos e trinta e cinco feridos[1], sendo a dos nossos muito maior, pois eram fuzilados quando corriam pelo monte acima. Almiron deveu o não perder-se ali de todo aos actos de bravura que praticaram alguns dos chefes subalternos, como Francisco Rebello e Henrique Dias. Este último chefe foi n'esta occasião, por sexta vez n'esta campanha, ferido de bala, que lhe acertou no punho esquerdo, occasionando-lhe a perda da respectiva mão, que veiu a ser-lhe amputada. F. Post,

[1] Em mais de 150 homens avaliou Albuquerque a perda do inimigo.

que acompanhava a Nassau, eternisou esta victoria do seu heroe em um bello quadro que foi gravado em 1644 e se acha na obra de Barlæus.

Depois d'esta derrota, Bagnuolo, em vez de passar a apresentar de novo resistencia nos dois postos que de ante-mão preparára em Porto-Calvo, ficou tão acovardado, que resolveu emprehender n'essa mesma noite uma vergonhosa fuga [1] para as Alagoas, abandonando um dos ditos dois postos, sem dar nenhum aviso aos que guarneciam o outro, ao mando de Giberton.

Nassau, depois de mandar perseguir até duas leguas a retaguarda de Bagnuolo, fazendo ainda alguns prisioneiros, tomou posse do forte abandonado, cujos tres canhões começaram logo a disparar contra o outro. Informado porém de que tinha diante de si no outro forte um soldado valente e experimentado, resolveu proseguir com tento. Estabeleceu uma parallela do lado de leste do forte, e, por meio da sapa foi avançando até o sul d'elle; commettendo a Schkoppe que avançasse por dentro da povoação, e ao abrigo d'ella, desde a igreja parochial, onde estabeleceu baterias de bater; e recommendando a Lichthardt que guardasse a retaguarda, occupando o ponto de juncção dos dois rios que cingem a Porto-Calvo.

Ao cabo de treze dias de sitio, em 4 de março, Nassau escreveu a Giberton em francez: «Senhor: por saber que sois tão grande soldado, não vos quiz render sem assestar primeiro baterias contra vós .... Bem conheceis que vos não podeis sustentar .... Vosso muito affeiçoado João Mauricio.»

[1] É a expressão usada por Barlæus.

Julgou Giberton dever submetter-se á capitulação, e no dia 5[1] de março se entregou com as honras da guerra, juntamente com oito capitães, tresentos soldados hespanhoes e cento e dez italianos, sem contar os doentes e feridos, os quaes todos foram transportados para a ilha Terceira.—Com a rendição do forte adquiriu o inimigo sete bandeiras, vinte e dois bellos canhões de bronze, além de outros de ferro, quatro grandes morteiros e muitas munições, incluindo quinhentas toneladas de polvora[2]; pois que n'esse local havia Bagnuolo feito reunir todos os depositos, julgando-o mais defensavel, como o teria sido, se não se retira, desmoralisando os que deixava sós em presença do inimigo.

Animado por tão facil victoria, não podia Nassau dar ferias a aproveitar-se da estrella que tanto para elle brilhava. Destacando para o sul por terra a Sigismundo Schkoppe, com alguma força, foi elle, com outras, embarcar-se na Barra-Grande, d'onde passou a desembarcar em Jaraguá[3]; e d'ahi seguiu por terra até o Rio de S. Francisco onde chegou a 27 de março.

Ahi fez construir no morro que domina a povoação do Penedo (de S. Pedro) um forte, a que deu o nome de Mauricio, e pela mesma occasião dispoz que, por meio de outros postos, fosse occupada a margem do grande rio, que por então escolheu por fronteira das

[1] Nassau, segundo uma copia da carta de 8 de março que seguimos, diz que a 3; mas póde ter havido engano. Preferimos a versão das Mem. Diarias.

[2] Carta de Nassau escripta de Porto-Calvo em 8 de março de 1637.

[3] Em Barlæus se lê erradamente Sergoæ; mas mais adiante, ao enumerar os portos, escreve correcto dizendo (no accusativo) Jaraguam.

suas conquistas,—e que ideou colonisar em grande, de modo que, no proseguimento d'essa idéa ainda, cinco annos depois, teve que voltar de novo a visitar este districto.

Bagnuolo foi-se retirando ou antes fugindo até S. Christovam de Sergipe, onde chegou no último de março; e nem ahi pararia, se Nassau não se houvesse proposto a não extender-se além do mesmo rio de S. Francisco; do que muito se arrependeu depois; accusando-lhe mais tarde[1] a consciencia que se tem d'esta vez continuado a perseguição de Bagnuolo, houvera até chegado a assenhorear-se da Bahia. Em vez d'isso Nassau, ordenando a retirada para a Hollanda do polaco Arcizewski, ao parecer por não estar com elle em boa intelligencia, confiou a Schkoppe a guarda da fronteira de S. Francisco, e dispondo, por dar alguma occupação á esquadra, que Lichthardt fosse cruzar para o sul, regressou ao Recife a entregar-se a regularisar a administração do paiz.

Lichthardt, por sua parte, tratou de fazer aos nossos o mal que poude. Fez avarias contra varios barcos do commercio da Bahia, passou a saquear e incendiar a Camamú[2] e chegou a effectuar um desembarque na villa dos Ilheos e a saqueal-a. Com o que, indignados os habitantes se alçaram, fazendo no invasor atroz carnificina, e obrigando-o a recolher-se aos seus barcos.

[1] Le Comte de Nassau après avoir pris Porto-Calvo se reprochait de ne pas s'être porté sur Bahia, comme Annibal à Cannes. (Aug. de Qvelen, Brieve Relation de l'Etat de Phernambvcq, etc., Amsterdam, Chez Louys Elzevier, 1640; 17 pag. além da introd. — F. Denis.)

[2] Camaniu escreveu erradamente Barlæus.

Na capital dedicou-se Nassau com empenho aos assumptos do governo, e a fazer prosperar o estado. Conciliando a severidade com a prudencia, conseguiu que todos os magistrados e empregados cumprissem com os seus deveres, premiando os bons, corrigindo e estimulando os tibios, e dimittindo os incorregiveis. Dest'arte restituiu á religião o devido acato, á lei e ás autoridades o necessario respeito, e deu a todos tranquillidade e segurança; e procurou assentar as bazes da organisação de uma nova sociedade livre, formada de elementos differentes, mas gosando todos de identicas immunidades. Reorganisou os hospitaes, attendeu aos orfãos, e despediu os indios, para que fossem cultivar a terra. Igualmente mandou pôr em leilão os engenhos abandonados por seus senhores, alcançando por esse meio a dupla vantagem de serem os mesmos engenhos de novo restaurados, e de ficar ao fisco o valor das vendas.

Aos antigos colonos que se haviam submettido, ou se quizessem submetter, assegurou o maior respeito á propriedade, tanto nos bens, como nos escravos; cohibindo porém que usassem com estes de rigorosas sevicias.

Empenhado entretanto em crear certa homogeneidade no estado, ordenou que tudo se decidisse conforme as leis hollandezas; introduziu os pezos e medidas de Amsterdam, e prohibiu ao clero o prestar obediencia ao bispo da Bahia, exigindo que os moradores corressem com os gastos do respectivo culto.

Foi então que o velho Duarte Gomes da Silveira (que na Parahiba tanto contribuira a que os moradores

se sujeitassem ás capitulações, de que em outro livro tratámos [1]) levantou a voz, dirigindo, em data de 1.º de junho, uma energica representação aos Estados Geraes, pedindo-lhes não fossem os moradores obrigados a mais contribuições que antes, e rogando-lhes dessem sacerdotes catholicos pagos; pois sem elles não podiam cumprir os deveres religiosos, nem gosar da liberdade que sobre isso lhes fôra afiançada.

As justas súpplicas de Duarte Gomes não foram ouvidas, mas archivaram-se: e archivadas permaneceram até nossos dias, e serão por toda a eternidade um protesto contra os quebrantadores da fé publica; protesto, ao qual nos associamos a gritos, ao notar que a constancia do mesmo Duarte Gomes, de Arnáu de Olanda, de Francisco Berenguer de Andrada, de Bernardim de Carvalho e de outros illustres pernambucanos, em reagir contra a injusta violencia, chegou a ser classificada de revolucionaria, pelo que o primeiro foi, já octogenario, mandado encerrar no forte do Cabedelo, e os demais uns igualmente presos, e outros deportados.

Queriam os do Conselho que a capital batavo-pernambucana se transferisse para a ilha de Itamaracá, imaginando por ventura que ali estaria mais segura contra qualquer ataque. Predominou porém contra tal projecto o voto de Nassau, de deixar a séde do governo no mesmo logar em que estava, na ilha de Santo Antonio; reforçando-a por novas fortificações, e unindo-a, por meio de pontes, ao Recife e ao Continente, e construindo mais adiante os edificios necessarios.

[1] Vej. ante pag. 119.

Ainda que todas estas obras foram sendo successivamente executadas durante os oito annos de seu governo, para não cortar mais ao diante o fio da narração, nos occuparemos desde já por uma vez d'ellas e de outros pormenores da administração.

A conclusão das duas pontes, uma da ilha para o Recife, onde ainda se acha[1], e outra da mesma ilha para o Continente, um pouco mais acima do logar em que hoje se vê a existente, ambas com capacidade para passarem até carros, apresentaram na execução, em consequencia da rapidez da corrente nas vasantes, difficuldades grandes, que não se houveram vencido a não ser muito ajudadas pelo empenho que n'isso poz Nassau, assistindo pessoalmente ás obras e até adiantando fundos para o seu acabamento.

A parte septemtrional da ilha de Santo Antonio, (no espaço que hoje occupa o palacio do governo, o theatro e a praça), reservou Nassau para a sua residencia, a que deu o nome de Vrijburg. Ficava, como uma especie de cidadella, separada do resto da ilha por fossos aquaticos, defendida na frente pelo convento dos capuchos já bem fortificado. Todo o dito espaço era occupado não só pelo palacio de residencia, com duas altas torres como de igreja, com frente para o Recife, isto é para o mar, d'onde se avistam na distancia de seis a sete milhas e serviam de baliza aos navegantes, como tambem por um

[1] Na que dava para o Recife se via não ha muito a seguinte inscripção:

Fundabat me illustrissimus heros Joannes Mauritius Comes Nassoviæ etc.: dum in Brasilia terra supremum Principatum Imperiumque teneret. Anno Dui MDCXXXX.

espaçoso quintalão, com ruas de coqueiros ou palmeiras, trazidas já grandes, em numero de setecentas, dos arredores; com viveiros para peixes, bananal, pomares de espinho e de outros fructos [1], etc.

Quando Nassau tomou posse do governo, havia na ponta do norte da ilha apenas um pequeno reduto, companheiro de outros tres que para o lado de terra faziam como uma linha interrompida, cuja esquerda se apoiava no forte das Cinco-Pontas, e ficavam além de uma esguia camboa (que vinha quasi desde Palacio até o forte das Cinco-Pontas) e varios charcos, que mediavam na ilha desde este ultimo forte até dois grandes revelins, que haviam sido construidos no centro da mesma ilha ao lado do forte Ernesto.

Nassau reduziu a uma só praça abaluartada todo o espaço desde o mesmo forte Ernesto ao das Cinco-Pontas, convertendo em fossos aquaticos a camboa e os charcos que ali havia, aprofundando-os n'uns logares e entulhando em outros, etc.

Além d'isso prolongou esse fosso até os Afogados, aproveitando as suas terras para um marachão ou aterro, do lado do mar, que servia ao mesmo tempo de estrada ou caminho publico.

Além do palacio de Vrijburg, com frente para o mar e um caes para essa banda, fez Nassau construir outro, com o nome de Boa-Vista, com a frente para o continente, e situado á direita do encontro da ponte que para o mesmo continente communicava. Era um

[1] Segundo Barlæus, que dá tambem o numero das outras arvores. — Veja tambem Calado, pag. 53.

edificio quadrado, com seis janellas por frente, tendo em cada canto um pavilhão que rematava em coruchéo. No centro d'este edificio se elevava outro, tambem quadrado, de mais dois andares, com tres janellas de frente em cada andar.

D'est'arte se viu, como por encanto, durante o governo de Nassau, levantar-se na ilha de Santo Antonio um novo bairro, tendo pessoalmente o mesmo Nassau o cuidado de traçar e alinhar as ruas [1].

Por todo o Brazil não houvera anteriormente obras tão consideraveis, e tão habilmente executadas; nem podiam encontrar-se para as obras melhores engenheiros do que na Hollanda, que á sciencia hydraulica deve a existencia de algumas de suas provincias. As obras publicas emprehendidas levavam em si mesmas o cunho da boa administração; e essas paginas do livro da civilisação de um paiz que primeiro lê o forasteiro, eram em Pernambuco todas em abono do chefe hollandez.

E não só a architectura foi protegida por Nassau, como tambem a pintura; e de seu tempo são talvez os primeiros quadros a oleo, que do natural se fizeram ácerca de assumptos do Brazil, e talvez da America. Francisco Post, irmão do mencionado architecto, e ambos filhos do pintor de vidraças João Post, de Harlem, fôra o individuo a quem Mauricio de Nassau escolhera para trazer comsigo.—A elle se devem muitos desenhos de paisagens e marinhas que ornam as obras hollandezas contemporaneas: e nas estampas da obra de Barlæus se vê algumas vezes sua firma.—Nos museus da Hollanda e

[1] Calado, p. 52.

nos de Hamburgo, Berlim e Praga, se conservam ainda quadros que pintou, dois dos quaes passaram á Baviera, e ahi se guardam [1]; e naturalmente outros paizes e esboços se vêem na preciosa collecção de uns mil quatrocentos e sessenta desenhos originaes do Brazil, que (em quatro volumes) existem na bibliotheca real de Berlim, por haver sido cedidos por Mauricio ao Principe Frederico de Brandeburgo [2].

Da litteratura era cultor (não fallando de Barlæus, que nunca foi ao Brazil) Francisco Plante, capellão de Nassau, e autor de um poema em latim a este dedicado, que depois se publicou [3].

Foi porém nas sciencias que se fizeram mais recommendaveis os serviços prestados pela influencia de Mauricio de Nassau no Brazil. O seu sabio medico Willem Piso angariara para o acompanharem dois jovens allemães: um mathematico H. Cralitz, e outro botanico G. Marcgrav.—Infelizmente Cralitz falleceu, pouco depois de chegar a Pernambuco, e a geographia ficou

[1] Martius: Versuch eines Commentars über die Pflanzen in den Werken von Marcgrav und Piso, etc. München, 1853, p. 9 (Aus den Abhandlungen der k. bayr. Akad. II. cl. VII. Bd. I. Abth.)

[2] D'esta collecção bem como dos trabalhos de Marcgrav, Plante e Post dá uma noticia circunstanciada o senhor Driesen, «Leben» etc. p. 102 e seguintes. É naturalmente a parte d'esta collecção que se refere Barlæus, quando diz: «Accessit etiam ista sedulitas, qua (Johannes Mauritius) animalia varii generis quadrupedum mirabiles formas ut et avium, piscium, herbarum, serpentum et insectorum, populorum habitus difformes et arma pingi artificiose fecit. Quæ cuncta propediem cum suis descriptionibus lucem visura certa expectatione tenemus.» («Res Gestæ,» etc.)

[3] Francisci Plante, Mauritiados, libri XII: cum figuris elegantissimis.—Lugduni Batavorum 1647. Este poema não se deve confundir com o «Mauritiados libri VI», de Gaspar Ens, imp. em Colonia, em 1612, obra em prosa.

privada de seus auxilios. É certo que não poucos recebera antes (1630) do cosmographo Ruiters, de quem, vimos [1], cartas hydrographicas originaes em Amsterdam. Os escriptos de Piso e de Marcgrav e os serviços que prestaram ás sciencias naturaes e medicas são bastante conhecidos, notavelmente pelos commentarios dos dois professores Lichtenstein e Martins. Piso os publicou ao regressar á Europa. Marcgrav falleceu em Loanda em 1644.

Em logar das nossas camaras municipaes, com seus juizes e vereadores, se instalaram, desde 1637, em todas as villas, com analogia ao que tinha logar na provincia de Hollanda, camaras de escabinos. O número d'estes parece que variava, segundo a importancia das povoações, de tres a nove [2], e cada uma das duas nacionalidades portugueza ou hollandeza, em separado, tinha igual número, sendo porém ordinariamente hollandez o esculteto que presidia; o que dava sempre a maioria em favor dos dominadores. O esculteto era a autoridade executiva, ou delegado da administração e promotor publico do logar; e ao mesmo tempo exactor da fazenda [3].

[1] 2 de setembro de 1853.

[2] Segundo documentos dos archivos da Haya, (que devemos ao nosso amigo o Sr. Dr. Silva e publicamos na 1.ª ed.) Olinda tinha pelo menos cinco escabinos, tres pernambucanos (carta aos do Supremo Conselho de 5 de dezembro de 1637); Goyana e Itamaracá quatro pernambucanos (c. de 5 de setembro de 1642); Igaraçú tres ditos (11 de setembro); Mauricia quatro ditos, entrando João Fernandes Vieira (c. de 14 de setembro); Porto-Calvo cinco ditos (c. de 18 de setembro); Cabo tres ditos (c. de 25 do dito). No 1.º de abril de 1643, escreviam da cidade Mauricia o esculteto e quatro escabinos, todos hollandezes. Assim vem a ficar confirmado por estes documentos a asserção de Calado (p. 148) de que houvera em Mauricia cinco escabinos hollandezes e quatro nossos.

[3] Hist. Ger., 1.ª ed., pag. 383—385.

Fiel ás tradições da Europa, em que tinham tomado tanta parte os seus antepassados, deu Nassau brazões d'armas a todas as provincias dependentes do seu governo, como antes practicára a Hespanha com todas as capitanias e provincias da America, que colonisára. A provincia de Pernambuco era representada por uma donzella, com uma canna de assucar na mão direita, vendo-se em um espelho, que sustinha a mão esquerda. Itamaracá, terra proverbial de boas uvas no Brazil, tinha tres cachos d'ellas; a Parahiba, já famosa pela bondade de seu assucar, contava d'elle cinco pães; e as campinas do Rio-Grande do Norte eram symbolisadas por uma ema. Estas concessões, cujo alcance não póde ser por ventura apreciado pelo vulgo, tinham origem em pensamentos elevados, de representar tambem o paiz na arte heraldica, a qual, se reduz a uma linguagem hieroglyphica e symbolica, que fala ao coração [1], e que por todos os homens civilisados é entendida, qualquer que seja a sua lingua [2].

Entregue se achava Nassau a fazer prosperar a ca-

[1] Sem mostrar nenhumas saudades de que se votassem ao esquecimento esses brazões impostos pelo dominio estrangeiro, não podemos deixar de sentir vêr abandonados os brazões da pomba da Arca e frechas do martyrio, concedidos por decretos ás nossas duas primeiras cidades, substituidos até nas obras de arte pelas prosaicas palavras: BAHIA e RIO DE JANEIRO.

[2] Não falta quem creia que a imprensa chegou a ser introduzida no Recife durante o tempo do dominio hollandez, fundando-se em que um ou dois folhetos d'esse tempo se dizem ahi impressos. Porém os bons criticos e bibliophilos hollandezes, que a este respeito consultamos, propendem a crer que essas publicações foram clandestinas e espurias, e que não sahiram do Recife senão da Hollanda, onde tambem foi provavelmente publicada a Historia de Nicolau I que se declara impressa em S. Paulo (do Brazil).

pital, e tinha já reconhecido a vantagem, para todas as obras de ter grande número de africanos, quando recebeu um aviso de Nicolau Van Ipern [1] commandante da colonia hollandeza Nassau, na costa da Mina, prevenindo-o da facilidade com que, mediante alguma força que fosse de Pernambuco, poderiam fazer-se donos do castello de S. Jorge da Mina.

Resolveu-se Nassau a tentar esta conquista e commetteu o exito d'ella ao coronel João Koen [2], confiando-lhe o mando de oitocentos soldados e quatrocentos marinheiros, em nove barcos, que se fizeram de vella a 25 de junho de 1637.

Fica a fortaleza da Mina em um pontal, entre o mar e um rio que se mette pela terra dentro. Dirigiu-se Koen contra a fortaleza, apresentando-se do lado do norte além do rio, occupando ahi um cerro, chamado de Santiago, d'onde fez disparar alguns tiros, e logo intimou ao governador que capitulasse.

A praça era fortissima, e tinha os fossos abertos em rocha; mas o covarde governador não apresentou n'ella a menor resistencia, e logo capitulou; esquecendo-se do exemplo que lhe havia dado, no fim do seculo anterior, o seu predecessor D. Christovam de Mello, quando com sós oitenta praças havia resistido a quinhentos hollandezes. «Se em vez d'isso, diz Nassau, elle se houvesse deitado a dormir, a praça não sería tomada, e os sitian-

[1] Assim se lê este nome na trad. allemã de Barlæus. No original latino se lê Iprensis.

[2] Pronuncie-se Kun: Kühn se escreve na traducção allemã de Barlæus. Coinius na edição latina do autor. Nas Mem. Diarias anda este nome errado a ponto de se desconhecer. Diz-se João Lonio.

tes, obrigados pelas doenças, se haveriam retirado em paz.»

Não conhecemos o nome do commandante, nem nos interessa averigual-o. Os que o cheguem a conhecer o stygmatisarão como convém para oprobrio de tanta covardia. A capitulação effectuou-se no dia 29 de agosto do anno supra mencionado.

Um resultado tão feliz, e tão facilmente alcançado, provocou em Nassau estimulos a aventurar-se a uma nova conquista: a do Ceará. Deram azo a ella os offerecimentos que d'ali lhe mandou fazer, por emissarios, um principal por nome Algodão, naturalmente a isso reduzido por varios indios que, levados da Bahia da Traição á Hollanda em 1625, haviam sido, já com essas miras, deixados em terra (no Ceará) em 1636.—Para com a Companhia, pretextou Nassau as vantagens que d'essa conquista resultariam, fornecendo não só ambar, como sal, genero este que tinham de ir buscar a uma das ilhas de Cabo-Verde.

Reduzia-se então o Ceará a uma pequena colonia, á margem direita do rio do mesmo nome, não longe de sua foz (no local ainda chamado Villa-Velha, quasi duas leguas ao poente da capital de hoje) assente em um campo á borda do mato. Não passava de uma pequena aldeia de ranchos, com quintaes e uma igreja; e, além dos indios, uns vinte soldados, que faziam a guarnição [1] de um forte quadrado, com quarteis e armazens dentro, flanqueado por dois pequenos baluartes, tambem quadrados, nos dois angulos diametralmente oppostos.

[1] Paucorum incolorum, qui arcem ipsam tenebant. (Barlæus.)

Foi confiada esta nova expedição ao major Joris (Jorge) Garstman [1] levando comsigo unicamente duzentos homens, força por certo mais que sufficiente.

Partiu Garstman do Recife em outubro [2], e em dezembro chegou ao seu destino. Depois de haver dado aviso ao principal Algodão (a quem os seus appellidariam provavelmente Maniú) e reunindo-se-lhe este, com duzentos dos seus [3], depois de vigorosa resistencia e perdendo alguns, deu o assalto, fazendo prisioneira a guarnição [4].

Em 1637 resolveu a Companhia reassumir a si, por monopolio, todo o commercio do Brazil.

Empenhou-se Nassau quanto poude para que o mesmo commercio se declarasse livre, a fim de que melhor se fomentasse o crescimento da população, sem prejuizo notavel immediato da mesma Companhia, que para o futuro poderia solidamente indemnisar-se de tudo, quando Pernambuco já estivesse mais rico e robustecido.—N'este empenho fez-se apoiar em representações dos moradores, sendo mui notavel uma (de 5 de dezembro) da Camara de Olinda; porque n'ella se insiste, não só nas vantagens para a Companhia de conceder

[1] Não Juari Gusman, nem coronel, como vimos escripto.

[2] Off. de Nassau de 16 de novembro 1637.

[3] Na Hollanda vimos, em 1853, uma planta inedita, que suppomos levantada nos ultimos annos do dominio hollandez, em que a colonia em poder dos hollandezes era defendida por um forte não quadrado, mas de cinco pontas, com o nome de Schonemborch, e na qual um rio proximo está designado com o nome de Marajaitiba.

[4] Nieuhoff. Diz Duarte de Albuquerque e o repetem outros que, por haver fallecido o capitão Domingos da Veiga, não houvera resistencia. É porém certo que o capitão era já então Bartholomeu de Brito, e lemos que resistíra nove horas, e só por falta de munições succumbira.

ella a dita liberdade de commercio, como todas as demais liberdades, excepto só a de receberem mais judeos, aos quaes preferiam que não se lhes concedesse na colonia, como succedia, mais larguezas e direitos do que gosavam na propria Hollanda. A questão foi resolvida definitivamente em 1639, sendo o commercio declarado livre, e ficando sómente á Companhia o monopolio do páu e dos escravos e munições.

Para melhor convalescer depois de uma violenta doença, emprehendeu Nassau uma viagem para o norte, e foi visitar a Parahiba e o Rio-Grande. Aqui recebeu a varios enviados dos indios que o mimosearam com um presente de suas armas e ornamentos de pennas. Na Parahiba, onde pozera de governador o illustrado Elias Herckmann, conhecido na republica das letras (e que depois (1641) viajou o sertão chegando a terras da comarca actual do Brejo d'Arêa) mandou reparar o forte do Cabedelo, ordenando que, em honra do nome de sua mãi [1], se ficasse chamando Forte Margarida.

Entretanto não deixavam de passar algumas novidades pelo sul, além de rio de S. Francisco.

Como Bagnuolo, durante sete mezes que permaneceu na capital de Sergipe, não deixava de mandar por capitães de emboscadas inquietar de contínuo por essa banda os hollandezes, resolveu Schkoppe reunir as forças que tinha dispersas, e, á frente d'ellas, em número de mais de tres mil, começou a avançar para Sergipe. Bagnuolo, que apenas teria então uns dois mil homens ás suas ordens, julgou preferivel retirar-se precipitada-

[1] Não de sua irmã (á sororis nomine) como diz Barlæus, seguido por Southey no tom. I pag. 548 (da 1.ª ed.)

mente, e não foi parar com as suas tropas, senão na Torre de Garcia d'Avila. E pouco depois, seguiu com todas as tropas para a mesma Bahia, a fim de a defender contra a aggressão que se lhe preparava.

Pelo mesmo tempo, o valente capitão de mar Schaap, que com varios navios vigiava a costa, encontrou alguns barcos hespanhoes, pela altura da mesma Torre, um pouco mais ao sul, e conseguiu capturar um, no qual apprehendeu importantes correspondencias em que se relatava o estado em que ficava Portugal, a opposição aos novos tributos, os tumultos de Evora, o descontentamento de todo o Alemtejo [1] e Algarve, as apprehensões da Côrte, em guerra com a França, e até se dizia que havia temores de favorecer-se muito o Brazil, para que com isso Portugal não se enriquecesse e se tornasse forte, e que, estando já preparada uma esquadra, que devia ser commandada pelo conde de Linhares [2], havia este sido envenenado, etc.

De todas estas noticias era Nassau informado apenas regressava ao Recife. Logo soube que Schkoppe havia entrado em S. Christovam, capital de Sergipe, no dia 17 de novembro, e que a retirada de Bagnuolo havia sido censurada pelo governador da Bahia, de modo que estes dois chefes estavam em completa desintelligencia [3].

[1] Alantæi et Algarucensium escreve Barlæus. A adulteração na primeira d'estas palavras, que se refere á provincia transtagana, obrigou ao interprete allemão a pôr Antlea, sem ligar a esta palavra nenhuma idéa.

[2] Veja ante pag. 145 e segs.

[3] Seria talvez por occasião d'esta retirada e d'esta desintelligencia que o bravo Camarão esteve a ponto de deixar o serviço e recolher-se

Em presença de tantas circumstancias favoraveis, Nassau que já sentia sobre a consciencia como um peso de não haver desde principio perseguido Bagnuolo até tomar a Bahia, assentou que a sua boa estrella o não desampararia na occasião, ao parecer, ainda mais propicia que agora se lhe apresentava.

Convenientemente preparadas as tropas e a esquadra, fez-se de vella das aguas do Recife no dia 8 de abril, e tão favoraveis lhe sopraram os ventos que d'ahi a seis dias se achavam todos os seus navios em frente da Bahia.

Antes de entrar, seguiu levado pelos ventos e correntes, ou por ventura de intento, mais para o norte, até a altura da foz do rio Vermelho. Em todo caso isso que parecia contrariedade redundou em seu beneficio; por quanto as tropas que já occupavam os suburbios da Bahia, acreditando que para essa banda ia ter logar o desembarque, tiveram que effectuar a toda a pressa uma inutil marcha, para terem de regressar no dia seguinte.

No dia 16, com vento e maré a favor, entrava pela Bahia toda a esquadra de Nassau, e velejando a distan-

para o seu ninho no Potigy. O certo é que chegou a mandar emissarios a Nassau, pedindo salvo-conductos: «ut in suas cuique sedes pagosque redeundi potestas esset.» (Barlæus.) Isto, em nosso entender, não quer dizer que elle se propunha a ir servir o inimigo, ou a ser outro Calabar, como entendeu o sr. conego Fernandes Pinheiro. Tambem Henrique Dias, depois da capitulação do Arrayal, havia aceitado o salvo-conducto do inimigo, e entretanto ninguem poz até hoje por isso em duvida a sua lealdade. Á aldeia de Potigy chamou Barlæus Contubernium Potigianum, nome este que difficilmente se reconhecerá nas edições do seu livro por se haver impresso Poligianum.

cia sufficiente do cidade para nada ter que recear dos tiros que lhe eram dirigidos, se metteu pelo Reconcavo; e ás 4 da tarde foi fundear, além de Itapagipe, defronte das praias entre as ermidas de S. Braz e da Escada, nas quaes desde logo começou o desembarque das tropas; de modo que, já n'essa mesma noite, poderam estas acantonar nos cerros visinhos, sem lhes faltar lenha, nem boa agua. O dia immediato foi destinado ao descanso e á necessaria distribuição das munições e etapes de marcha. Entretanto não deixou Nassau de ordenar ao capitão das suas guardas, Carlos Tourlon, que fosse, com tresentos homens, explorar o terreno pór onde devia romper a marcha para a cidade. Regressou o mencionado explorador, informando de como as tropas bahianas occupavam, não longe, uma especie de desfiladeiro, de dificil ataque, que já guarneciam com apparencias de o quererem defender.

Então lembrou-se Nassau de fingir que ia effectuar um novo desembarque junto da cidade; e ordenou ao commandante da frota, o vice-almirante João Mast, que, com quatorze dos navíos, se dirigisse contra para essa banda.

Este ardil não foi para Nassau de tanta vantagem como imaginára. Fez sim pensar na possibilidade de um ataque contra a cidade, então quasi desguarnecida, mas deu logar a que se reunisse no Pirajá um conselho, a que assistiu Luiz Barbalho (que da Europa, onde fôra ter, depois da capitulação do forte da Nasareth, regressára á Bahia no anno anterior, já feito mestre de campo [1]) e

[1] Não concordamos com o digno biographo de Barbalho, o S. J. A. de Mello, quando disse (II. 117) que já no Arrayal do Bom Jesus havia sido o mesmo Barbalho elevado a mestre de campo. O proprio donata-

do qual resultou a resolução a que talvez deveu a cidade o salvar-se. Triumphou n'esse conselho a opinião de Bagnuolo, que, escarmentado com a perda de Porto-Calvo, sustentou que sería menos prudente expôr a defensa da cidade ao revez que podia resultar de uma batalha, na qual toda a vantagem estaria a favor do inimigo, com tropas mais aguerridas; ao passo que, para a defensa da cidade, poderiam ajudar os seus proprios moradores.

Quando porém as tropas se retiravam, deixando livre a Nassau os passos difficeis, em terras de um engenho que havia em Itapagipe, de um Diogo Moniz Telles, alborotava-se em massa o povo da Bahia, tocando os sinos a rebate e protestando contra os que assim mais uma vez voltavam caras ao inimigo.

Acudiram a socegar os alborotados, entre outros, o bispo e Duarte de Albuquerque. «A muito custo finalmente calmou-se a explosão e cederam ás satisfações e ás esperanças do que se lhes promettia obrar.»

Para melhor os conter sahiram varias partidas a encontrar o inimigo, as quaes serviram igualmente a encaminhal-o onde os nossos os esperavam mais preparados:—a uma obra cornea que se havia levantado diante do convento do Carmo, e onde hoje se vê o forte de Santo Antonio.

rio diz, antes de 30 de março de 1633, que o general lhe confiára uma companhia de linha, em logar da de moradores que tinha; e acrescenta em 14 de maio de 1634 que sahiu feito sargento-mór em logar de Francisco Serrano, quando passou a governar o Arrayal. Quando foi para o Cabo era ainda sargento-mór, como o seu par Gama. Barbalho só foi elevado a mestre de campo em 31 de janeiro de 1637, pela Carta Patente que o proprio Sr. Mello publica. Antes tinha sido apenas coronel ou cabo de varios capitães.

De caminho para a cidade pôz o inimigo cêrco ao forte de S. Bartholomeu, de que logo depois se apoderou, bem como dos de S. Filippe e Santo Alberto, que haviam sido abandonados: e que estavam todos votados a ter essa triste sorte, desde a sua construcção, segundo os homens mais entendidos do tempo. [1]

Apresentou-se Nassau diante das nossas trincheiras no dia 20, e foi logo saudado por alguns tiros de bala. Tratou de assestar duas baterias nas alturas [2] fronteiras ao forte de Santo Antonio, que se melhorava cada dia, e cuja defensa cresceu consideravelmente com a protecção que lhe subministrou um reduto lateral, mais terra dentro, a construcção e defensa do qual tomou a si o valoroso Luiz Barbalho, cujo nome se perpetúa na fortaleza muralhada e de cantaria, que mais tarde veiu a substituir o mesmo reduto.

Para que os trabalhos n'estas trincheiras podessem proseguir com toda confiança, se dispozeram na frente, ao lado dos caminhos, varias companhias emboscadas, que vieram a prestar relevante serviço.

Logo no dia 21, ás oito horas da noite, accommetteu o inimigo a mesma trincheira de Santo Antonio, e cumpre confessar que tudo estava ainda então em tanta desordem que, se houvesse trazido maior força, poderia até haver-se mettido na cidade pela porta do Carmo, que nem se poude fechar; não só pelo seu máu estado, como porque por ella era a unica serventia com que se

[1] Veja a este respeito a opinião do A. da Razão do Estado do Brazil em 1612, Ante p. 6.

[2] Só exames escrupulosos locaes poderão indicar se na Lapinha, se na Soledade, ou se no Queimado. Não nos foi dado averigual-o.

podia soccorrer a paragem atacada. Entretanto o haver sido o ataque intentado com pouca força permittiu que o repellissem as companhias emboscadas, distinguindo-se então por seu valor o capitão pernambucano Estevão de Tavora, que, ferido gravemente no peito, morreu d'ahi a poucos dias, legando á patria um nome heroico, com a notavel circumstancia de lhe haver sido dado por successor no mando da companhia que lhe estava confiada o parahibano André Vidal, cujos grandes serviços e dedicação iremos commemorando.

Contido o inimigo com este revez, começaram os nossos a tomar a offensiva, emprehendendo sortidas para capturar prisioneiros e arrebanhar gados, dos quaes, com este recurso, houve sempre na cidade grande abundancia, ao passo que os sitiantes soffriam ás vezes mingua de carnes verdes. N'estas sortidas se distinguiram muito, além do mesmo André Vidal, os capitães Francisco Rebello (Rebellinho), Ascenso da Silva e Sebastião do Souto, o do ardil de Porto-Calvo, que pouco depois, no grande ataque d'este sitio, acabou, como Tavora, gloriosamente seus dias ferido de uma bala no peito [1].

Vendo Nassau que não podia prolongar muito o sitio, resolveu fazer um grande esforço para penetrar na cidade, e o emprehendeu, entrada a noite, aos 18 de maio. Mas de novo encontrou grande resistencia nas guardas avançadas que estavam emboscadas, e que lhes fizeram muitos prisioneiros. Favorecido pelo luar, voltou de novo o inimigo ao ataque, pelas oito horas da noite. Simulando primeiro querer accommetter o reduto de Barba-

[1] Calado, pag. 43.

lho, lançou-se, logo com toda a força, contra a trincheira de Santo Antonio; e muitos chegaram a entrincheirar-se n'uma parte do seu fosso que não podia ser batida pelos tiros dos parapeitos. E já d'ahi lançavam para dentro granadas, e se propunham a subir, quando se viram atacados pelos nossos que sahiram das trincheiras. Acudiram novas tropas a reforçal-os. Mas contra ellas sahiu do seu reduto, com toda a gente disponivel, o valente Luiz Barbalho, que, atacando o inimigo pela retaguarda, o desmoralisou e o fez retirar com tanta precipitação como desordem, havendo perdido o engenheiro Berchen, bem como o capitão Houwyn, que caíu traspassado de uma lança. Além d'estes officiaes perdeu o inimigo mais oito, tendo igual numero de officiaes feridos, incluindo entre estes, em uma perna, o major Hinderson; elevando-se o dos soldados, segundo o seu computo, a duzentos e vinte e dois. Cairam em poder dos nossos cincoenta e dois prisioneiros, os quaes se devem por ventura comprehender no número dos noventa e cinco soldados que o inimigo contou como havendo ficado mortos no campo. De nossa parte a perda não sería menor pela propria confusão do ataque effectuado de noite.

O dia immediato foi de treguas e de luto, e destinado para o enterro dos mortos.

Na noite de 25, Nassau mandava retirar todas as suas tropas, sem que d'isso tivessem os nossos a menor noticia; de modo que, ainda pela manhã, disparavam balas e bombas para o campo inimigo como se elle estivesse occupado.

Nassau encontrou-se como vexado ao dar conta [1],

[1] Em carta de 29 de junho seguinte.

depois de chegar ao Recife, de todo o desastre; e confessa ter emprehendido o ataque por lhe constar que Bagnuolo e o governador se achavam desavindos; porém que encontrára justamente o contrario; «pela mesma razão (acrescenta) que n'outro tempo Herodes e Pilatos tinham-se mostrado muito amigos;» — rasgo de erudição que não aquilata muito bom gosto.

E a verdade é que, se effectivamente existíra alguma rivalidade entre os dois chefes, ella desappareceu de todo na hora do perigo; havendo o governador chegado ao extremo de delegar em Bagnuolo o poder supremo que lhe confiára o rei, ou por verdadeira abnegação e patriotismo, ou por descarregar-se de toda a responsabilidade, se os resultados fossem desastrosos. Porém é certo que outra houvera sido a sorte da Bahia, se o inimigo, antes de a atacar, não lhe houvesse mandado os melhores defensores, expulsando de Sergipe para ahi as tropas de Bagnuolo, que se houvessem ficado em Sergipe não poderiam, ainda a marchas forçadas, acudir a tempo na hora do perigo.

Em Lisboa e em Madrid foi mui bem recebida a noticia d'este primeiro revez de Nassau; e, a mãos largas, foram recompensados todos os que para elle concorreram. Contentar-nos-hemos com fazer menção dos principaes. O governador foi feito conde de S. Lourenço [1] e Bagnuolo principe em Napoles; a D. Antonio Filippe Camarão foi concedido (C. R. de 4 de setembro de 1636), na ordem de Christo, uma commenda lucrativa [2] (dos

[1] Livro 37 de Filippe III, fl. 65 e 88.

[2] Por lhe faltar serviços em Africa occorreram dúvidas, e foi neces-

Moinhos de Soure em Portugal) que lhe fôra antes promettida, e a Luiz Barbalho foi conferida (C. de 15 de fevereiro de 1640) outra commenda, igualmente antes promettida.

O revez que recebeu Nassau no ataque da Bahia não deixou de influir bastante no seu animo, e pelo modo como d'elle procura justificar-se, nas correspondencias posteriores [1], se vê que sobre isso lhe pesava a consciencia, e os que de perto o trataram dizem que assim se lhe notava, por mais que elle pretendesse disfarçal-o [2]. Na Bahia perdeu, não só prestigio, mas muito boa parte de seu exercito, que veiu a fazer-lhe falta; pois ao regressar ao Recife, em vez de reforços, recebeu ordens de entregar ao almirante Cornelis Cornelissen Jol as forças que podesse, para uma expedição (que se mallogrou) ás Antilhas; e teve que privar-se da melhor parte da sua esquadra e de seiscentos soldados.

sario dispensa da Curia, de modo que a commenda só chegou a realisar-se a 3 de março de 1641.

[1] Em officio de 6 de outubro chega a allegar como vantagens que tinha alcançado sobre os nossos, o haver-se apoderado dos fortes de S. Bartholomeu, S. Filippe e Santo Alberto!

[2] «Estamagado do mau successo, ainda que quanto podia encobria o sentimento.» (Calado pag. 51.)

LIVRO SEXTO

Desde o sitio da Bahia até á acclamação de D. João IV

Rendimento cobrado pelos hollandezes — Esquadra para acudir á Bahia — Esteve para ter outro destino — Vem ao Brazil — Conde da Torre — Passa por Pernambuco — Demora-se na Bahia — Despacha por terra Vidal, o Camarão e Lopes Barbalho — Parte da Bahia — Fundeia nas Alagoas — Pretende desembarcar em Páo Amarello — É encontrado pela frota hollandeza — Quatro batalhas navaes — Desembarque no porto dos Touros — Prodigiosa marcha até a Bahia — Encontros durante ella — Bloquea o inimigo a Bahia — Ataca Itaparica e o Reconcavo — Em Sergipe sahe derrotado — Koen pilha e incendeia Camamú — Ataca o Espirito-Santo — Chega o vice-rei Montalvão — Castigo do conde da Torre — Expulsa Nassau os religiosos — Pactua treguas provisorias com Montalvão — Refens — Cidade Mauricia — Revolução do 1.º de dezembro de 1640 em Lisboa.

O revez experimentado por Nassau na Bahia não chegou quasi a ser sentido entre os povos dos districtos do norte sujeitos ao seu dominio. O número dos engenhos de assucar augmentava a olhos vistos; e em Pernambuco já moiam cento e vinte e um; em Itamaracá e Goyana vinte e tres, e na Parahiba vinte e um, em vez de dezoito que pouco antes ahi se contavam. — Os rendimentos publicos annuaes, procedentes dos tributos que pagavam os habitantes, iam crescendo. O producto das decimas, e do tributo dos engenhos e meúnças arrematados em hasta publica, perfazia duzentos e setenta

e seis mil e quatrocentos florins [1]; mas calculava-se dever subir a tresentos e cincoenta mil florins. O rendimento das alfandegas se orçava em setecentos mil florins, sendo quatrocentos equivalentes aos direitos da importação, e tresentos aos da exportação dos assucares. Os tributos dos escravos importados subiam a seiscentos mil florins; o valor das presas e despojos a tresentos mil, e finalmente o producto dos bens e engenhos vendidos a dois milhões e quatrocentos mil.

A não terem chegado á Hespanha as noticias dos apuros em que ficava a Bahia, quando sitiada por Nassau, nenhum grande esforço se houvera ali feito para mandar ao Brazil uma forte armada de soccorro; mas houve um momento em que as noticias idas do Brazil foram tão aterradoras que, dentro de poucas semanas, se improvisou uma esquadra, e se reuniram para ella sufficientes forças. Havendo porém chegado logo, antes de partir a esquadra, noticia de que o sitio da Bahia havia sido levantado, retirando-se envergonhado o inimigo, chegou a discutir-se em Madrid [2] o mandar a

[1] Southey, e com elle Warden, seguindo a Barlæus dão 4.500 florins mais, contando indevidamente o dobro nas pensões de Itamaracá e Goyana, que foram sim arrematados em 9.000 florins, mas durante dois annos. A somma dos 276.400 florins se compunha das parcellas seguintes: Decimas de Pernambuco 148.500 fl.; de Itamaracá e Goyana 19.000 fl.; da Parahiba 54.000 fl.; Pensões dos engenhos de Pernambuco (sendo arrematante J. F. Vieira) 26.000 fl.; de Itamaracá e Goyana 4.500 fl.; Meúnças de Itamaracá e Goyana 1.700 fl.; da Parahiba 3.000 fl.; de S. Lourenço, Igaraçú e Patatibe 4.800 fl.; da Varzea, Santo Amaro e Moribeca 3.700 fl.; do Cabo, Ipojuca e Serinhaem 4.300 fl.; de Una, Porto-Calvo e Camaragibe 2.700 fl.; das Alagoas até o Rio de S. Francisco 4.200 fl.

[2] «Ingens eodem tempore sexaginta navium classis Ulyssipone ad ostium Tagi amnis parabatur recuperandæ Brasiliæ destinata, cujus ma-

Fuenterrabia, contra os francezes, a mesma esquadra; mas por fim triumphou o pensamento de envial-a antes ao Brazil para tentar, por meio d'ella expulsar de todo de Pernambuco os intrusos.

Uma carta regia, de 11 de agosto (1639), creou uma junta para ultimar os apprestos, e, por meio d'ella, propoz-se o governo a fazer um contracto com certo capitalista, por nome Jorge Fernandes de Oliveira, que pouco depois se comprometteu a prover ao Brazil com a somma de um milhão, contribuindo para o resgate os bens ecclesiasticos e os das ordens militares. Para oppôr ao conde Mauricio de Nassau outro chefe altamente condecorado, resolveu a Côrte conferir ao da esquadra de soccorro o titulo de «Capitão general de mar e terra.» E havendo recusado este posto o conde de Linhares, que voltava de ser vice-rei na India portugueza, foi o cargo offerecido a outro conde, o da Torre, militar de prestigio e conselheiro d'estado.

D'estas ultimas resoluções não havia porém sido completamente informado o conde João Mauricio de Nassau; o qual, pelo contrario, sabendo como a Hespanha se achava então a braços com a França, que fazia pelo grande Condé sitiar Fuenterrabia, não julgava

ritimam oram penè omnem, expugnatis subitâ vi arcibus, pulsisque lusitanis colonis, ditionis suæ fecerant Batavi, alendo domi bello distrahere in longinqua vires novo exemplo, nec improsperé ausi.....»

....«Gusmano speciosa magis, & magnifica consilia placebant, prot fecisse satis Gallos, si decreta auxilia et imperii curas interturbassen-Latissimã Brasiliæ oram, & tam vasti tractus dominatum iniquè Fontirabiæ posthaberi; nec parem utriusque recuperandæ spem. Vastissimo oceano disjunctam Brasiliam, ea occasione elapsâ, recipiendi spem nullam reliquam, languescente curâ ergo procul dissita. etc.»

(**Moret**, De Obsidione Fonterrabiæ. Lib.) II.

possivel que ella podesse ao mesmo tempo attender ao Brazil. Apezar d'esta crença, não deixava Nassau de solicitar soccorros da Hollanda, para supprir as baixas que iam tendo logar. E representava que a não ter a Companhia em Pernambuco uma força de quatro mil homens para cima, não poderia elle afiançar ali a paz, a fim de que os moradores se entregassem com alguma confiança ás suas industrias. Além das forças de terra opinava que devia haver sempre na costa uma frota de dezoito bons vasos de guerra.

Apezar de todas estas representações, foi com verdadeira surpreza que Nassau recebeu a noticia de que uma poderosa esquadra composta de vinte e cinco baixeis de Portugal e oito de Castella, partira de Lisboa aos 7 de setembro (1638), e velejava para o Brazil, noticia que, no dia 23 de janeiro de 1639, viu por seus proprios olhos confirmada, ao descobrir nas aguas do Recife nada menos que trinta e tres vasos de guerra. Tão desprevenido se achava então, que não falta quem pretenda que se o conde da Torre intenta n'essa occasião um ataque contra o Recife, o houvera tomado, capitulando o mesmo Nassau.

Porém, por obedecer ás suas instrucções, o conde da Torre, como já antes praticára com igual infelicidade D. Luiz de Rojas, não se atreveu a intentar nenhum ataque, e seguiu para o sul, a entrar primeiro na Bahia.—Ao receber d'isso a certeza, Nassau respirou.—Já havia pouco antes despachado um barco veleiro para dar de tudo aviso a doze barcos que tinha bloqueando a Bahia, com o que, não só os salvou, como poude, com a vinda d'elles, preparar no Recife uma esquadra

a fim de fazer face á que se apresentava. A tudo deu logar a longa demora do conde da Torre na Bahia, provinda em parte da escacez que ahi foi encontrar de mantimentos e de tudo. Quem lesse as cartas[1] de lamurias que escrevia da Bahia e visse um generalissimo tão pae de necessidades, ao passo que os inimigos se mostravam tão habeis em crear recursos, daria desde logo pouco pelo exito da causa que lhe fôra confiada.

Entretanto os intentos do conde da Torre, de atacar a Pernambuco por terra e por mar, se descobrem nas disposições que tomou. Ordenou desde logo a André Vidal que, com alguma força, avançasse pelos sertões até a Parahiba, a fim de lhe dar noticias do que se passava em terra, em um ponto da costa em que se conveiu de chegarem á falla. Logo depois, em principios de agosto, depachou igualmente o Camarão, com os seus indios, ordenando-lhe, nas instrucções que lhe deu em 31 de julho, que, passando o rio de S. Francisco, e reunindo-se á gente que encontraria na aldeia que sabía, e provido ahi de bastimentos, fosse procurar entender-se com o chefe indio Rodella, e com elle e a sua gente seguisse, pelos sertões, até a Ipojuca, Cabo, S. Lourenço e Varzea a reunir gente e a inquietar o inimigo, sem jámais se expôr a ficar cercado. Devia tambem tratar de se conservar em intelligencia com Vidal, já mandado até a Parahiba, e ter espias para saber do seguimento da armada, a fim de servir a esta, quando necessitasse communicar com a terra.

Nos momentos de ir deixar a Bahia, achando-se até

[1] De uma d'estas cartas, de 26 de maio, póde vêr-se a copia na Bib. Eborense.

já embarcado em 17 de novembro, enviava o conde ao Camarão, por João Lopes Barbalho, que ora mandava tambem a Pernambuco por terra, novas instrucções, insistindo nas recommendações anteriores e acrescentando que não désse quartel, que incendiasse tudo quanto não lhe aproveitasse e que tratasse de guerrear só á maneira india, por meio de assaltos e emboscadas. Para governo de João Lopes Barbalho, que ia marchar á frente de cem infantes, entregava-lhe por essa occasião seu tio Luiz Barbalho umas recommendações escriptas no dia 16, em que lhe dizia que na importante commissão em que ia, «uma das maiores até então feitas na guerra,» não se fiasse nem de si mesmo, que obrasse em tudo com a possivel segurança, não dando quartel, mas tratasse de respeitar os engenhos de Gaspar de Mérida e de Antonio de Bulhões, não pensando em juntar despojos de fato nem de dobrões, mas unicamente de «negros e mais negros,» em seu nome, que elle comporia os soldados. Desculpemos em tão conspicuo varão este accesso de cobiça, tanto nas idéas d'aquelle tempo.

A marcha d'estes caudilhos, atravez do territorio sujeito aos hollandezes, bem como o desembarque de munições que depois effectuou o conde da Torre nas costas das Alagoas, não deixaram de dar logar a perseguições contra alguns dos moradores [1], accusados de

[1] Gabriel Soares, senhor d'engenho; Francisco Vaz e Gonçalo Fernandes da Alagoa do sul; e Simão Fernandes, Ruy de Sousa, Pedro Marcos e Domingos Pinto e seu filho João, da do norte. *Apolog.* de Liebergen, p. 14 e 15. — Calado diz erradamente Miguel e Manuel Pinto e Sebastião Ferreira, e Barlæus chama ao 2.º Franciscus Vastus, ao 5.º *Ruyus* de Sousa; ao 6.º Petrus *Marci* e ao ultimo Antonius Brasilianus.

haverem fornecido mantimentos e communicado com os nossos. O escolteto das Alagoas Arnout van Liebergen, (que havia para esse cargo sido nomeado por Nassau por patente de 28 de julho de 1638) foi o autor d'essas perseguições, não sem nascerem contra elle suspeitas de menos desinteressado, pelo que foi mandado para a Hollanda, onde tratou de justificar-se dando á luz em 1643, em Amsterdam uma extensa *Apologia* em um folheto de mais de duzentas paginas (XXXII—182 pag. in-4.º) com muitos documentos alguns até em portuguez, mais ou menos errado. De um d'estes (pag. 29) consta que Gabriel Soares, a poder de dinheiro, conseguiu ser sómente sentenciado a perder um terço da sua fazenda e a dez annos de degredo para o Rio Grande.

Não falta quem diga[1] que, com alguns d'elles, usaram os hollandezes, não só de rigor (o que elles confessam) mas de excessiva crueldade; pondo-os a tratos, e sendo causa de que viessem a ficar aleijados,—o que parece exaggeração.

Emquanto o conde da Torre na Bahia se preparava para passar a investir Pernambuco, não estava Nassau por sua parte ocioso no Recife. Equipava alguns navios, disciplinava a milicia e instava por novos reforços da sua metropole, d'onde, felizmente para elle, chegavam já alguns, ás ordens do polaco Arcizeusky; que por terceira vez vinha ao Brazil; e que por se conduzir, segundo o mesmo Nassau[2], menos circumspectamente elle conseguiu que os do Conselho annuissem a

[1] Calado, p. 141.
[2] C. do Nassau de 25 de julho de 1639.

fazel-o regressar, embarcando-se, pela Parahiba, em fins de maio (1639).

Ainda em 9 de julho instava Nassau por mais reforços, ao enviar para a Hollanda noticia individuada[1] das forças dos nossos, acrescentando que, pela correspondencia official que apresára, viera no conhecimento de que o conde da Torre trazia ordens, que não havia cumprido, de deixar as tropas de desembarque na Bahia, e que novas ordens lhe chegavam para, em todo caso, conservar-se com a esquadra nas costas do Brazil durante dois annos.—Dizia mais que na Bahia era, como em Pernambuco, mui grande a escacez dos mantimentos; e que por esse motivo não havia o conde podido seguir viagem. A final, em principios de outubro, recebeu Nassau a ainda illusoria noticia de que o conde da Torre havia deixado a Bahia no dia 15 de setembro; e no dia 8 acrescentava que havendo já passados vinte e tres dias sem elle apparecer, propendia a crer que se haveria retirado para a Hespanha comboiando a carga dos assucares. Provavelmente a sahida a 15 de setembro teria sido parcial de alguns navios, unicamente para cruzar; pois a frota não partiu definitivamente da Bahia senão aos 19 de novembro. Eram umas oitenta e seis velas que conduziam uns onze a doze mil homens, dos quaes porém apenas uns dois mil eram de desembarque[2].

[1] «Vidalium et Magalhainsium duces cum modico agmine in pagos Brasilianorum immisit, sparsis litteris,» etc. (Barlæus.)

[2] Barlæus diz que a força total que tinha o conde da Torre na Bahia consistia em tres mil homens, que comsigo trouxera, mais setecentos ahi recrutados; além de dois mil de Bagnuolo e de mil indios; e que esperava que se lhe aggregariam mais dois mil d'entre os moradores de Pernambuco.

Apenas Nassau foi da mesma partida informado, pela chegada ao Recife no dia 29 do mesmo mez de W. Cornelissen Loos com treze navios, tratou de guarnecel-os de tropas, e a outros barcos mercantes mais que ahi então tinham chegado, e que fez artilhar. E conseguindo vêr promptos e bem equipados quarenta e um vasos, deu ordem a que elles fossem, a quatro milhas ao mar de Olinda, esperar a esquadra do conde da Torre, dupla em força.

Este último chefe, depois de haver corrido a principio com os ventos para o sul, veiu a apresentar-se diante do porto das Alagoas no dia 13 de dezembro, com intento de communicar com a terra a fim de alcançar noticias do inimigo, e de deixar algumas munições para os que haviam seguido por terra. Soube o almirante inimigo que estavam ali alguns navios, e para ahi se dirigiu pensando surprehendel-os com vantagem, encontrando-os ancorados. Haviam-se já porém feito de vela a maior parte dos mesmos, e só haviam ficado quatro, effectuando a descarga projectada, os quaes, para salvar-se a gente, tiveram que dar á costa.

Á vista do que, a esquadra hollandeza, acudindo a todas as partes, partiu logo para o Recife em cujo fundeadouro já se achava no dia 10 de janeiro (1640).— N'esse mesmo dia chegou ahi a noticia de que o conde da Torre se aproximava da banda do norte. Como justamente d'essa banda soprava o vento, a esquadra hollandeza teve que fazer-se ao largo. Rodando porém o vento para o sul no dia 12, poude logo aproximar-se da costa, e viu pelas sete da manhã que os nossos se achavam diante das praias de Páo Amarello, com a pretenção

de effeituar um desembarque de tropa, parte da qual já se achava em lanchas [1].

Ao avistar a inesperada esquadra hollandeza, a nossa, que se havia dispersado um tanto, não teve outro partido senão deixar-se ir com o vento, correndo a costa para o norte e evitando combater. Animaram-se os hollandezes e foram-lhe na alheta com todo o panno, e em frente da ilha de Itamaracá a encontraram, ás tres da tarde, por serem os nossos galeões mais alterosos e ronceiros. O almirante hollandez atravessando valentemente pelo meio da nossa esquadra foi, como fizera o malogrado Pater contra Oquendo, em busca da náo almiranta do conde da Torre, e combateu com ella e com quatro galeões, que vieram em seu soccorro, durante tres horas; mas, não havendo tido de perda mais que quatro feridos e tres mortos, teve a infelicidade de entrar no número d'estes.

Esta primeira acção, que cessou pela noite, teve logar um pouco ao norte da ilha de Itamaracá defronte da Ponta de Pedras, paragem mais oriental de todo o Brazil.

Na manhã seguinte o pavilhão almirante hollandez foi arvorado pelo vice-almirante Jacob Huyghens, o qual observando ainda que a nossa esquadra evitava o combate, se dirigiu para ella, e a encontrou ás dez horas da manhã, entre a Goyana e o Cabo Branco. Esta nova

[1] N'esta narração seguimos a exposição de Nassau, excepto no acreditar, como elle, o boato espalhado pelos agentes dos nossos, de que vinham na esquadra sete mil homens de desembarque, sendo que pela confissão do proprio conde da Torre, em carta ao rei de 20 e de 26 de maio de 1639, não tinha mais de 2:500, dos quaes devia deixar uma parte guarnecendo a Bahia.

acção foi mais renhida que a primeira, e durou até a noite. Uma das náos inimigas (Geele Son) [1] foi a pique, afogando-se o commandante e quarenta e quatro soldados.

Ao terceiro dia as duas esquadras, decaindo sempre para o norte levadas pelo vento e as correntes, se achavam defronte, a duas milhas de distancia, do forte do Cabedelo ou de Margarida, como Nassau quiz nomeal-o. A almiranta hollandeza começou por metter-se entre as almirantas de Castella e de Portugal, que lhe fizeram fogo mui vivo, do qual resultou mais estragos ao velame e mastreação que á guarnição.

Entretanto a náo Swaen do vice-almirante hollandez Alderiksen, vendo-se desmastreada, teve que lançar ferro. Accommetteram-a logo varios de nossos navios, quatro dos quaes conseguiram dar-lhe abordagem, e d'entro d'ella se achavam duzentos ou tresentos dos nossos; quando o chefe inimigo se lembrou de mandar picar as amarras para escorrer com as aguas e dar á costa.

Apenas o notaram os atacantes, se foram desatracando. Só não fez outro tanto Antonio da Cunha d'Andrada, do soccorro das Ilhas, e commandante da náo Chagas, de vinte e um canhões; pois não havendo notado que a Swaen já havia encalhado, encalhou tambem, e veiu a ser levado prisioneiro para terra, com duzentos homens, incluindo quatro frades e quatro officiaes. Na Chagas encontraram os inimigos bastantes valores.

Seguiram-e dois dias sem hostilidades, porém no

[1] Navis Solis flavi traduz Barlæus.

outro, aos 17 de janeiro, resolveu-se Huyghens a atacar, quando as duas esquadras estavam na altura de Canhaú. O conde da Torre, accommettido violentamente, viu-se obrigado a retirar-se da acção—e fazer-se ao largo, sendo substituido por outros galeões, que trataram de fazer vigorosa resistencia ás duas vice-almirantas inimigas.

Os Hollandezes cantaram victoria e com razão. A sua perda, sem incluir o navio que foi a pique, ha sido quasi insensivel em comparação da nossa, pois tiveram apenas 22 mortos e 82 feridos. O pintor Francisco Post encarregou-se annos depois de commemorar estas quatro acções navaes, e as quatro gravuras d'ellas, com a sua assignatura, adornam a magnifica edição em folio da obra de Barlæus.

A nossa perda foi immensa; não tanto pela náo Chagas, que foi tomada, nem pelos mortos e feridos nos quatro combates, mas pelas consequencias. Pernambuco não foi restaurado, como podéra havel-o sido, se desembarcam convenientemente as tropas que para isso vinham; e toda a esquadra se desmantelou vergonhosamente. Dois galeões e um navio mercante tinham naufragado nos baixos do Cabo de S. Roque. Uns navios faltos de agua e de mantimentos, por seu proprio arbitrio, foram parar ás Antilhas; outros buscaram com os doentes e feridos refrigerio no Maranhão, e algum houve em que a guarnição succumbiu.—O grande almirante e generalissimo conde da Torre só com um bergantim que montava dez peças se atreveu, fazendo-se ao largo, a refugiar-se á Bahia; onde já se achava em fins de abril, quando ahi se apresentou de novo o inimigo com a sua

esquadra, levando tropas de desembarque, como veremos. Outros navios mais com tropas poderam ainda entrar na Bahia, e depois d'ahi passaram á Europa.

Com toda a razão, pois, não só Mauricio de Nassau cantou a victoria, como foi ella perpetuada em uma medalha, em que ainda hoje se lê em hollandez a seguinte modesta inscripção: «Deus abateu o orgulho do inimigo aos 12, 13, 14 e 17 de janeiro.» [1]

Os navios da desbaratada esquadra de soccorro que traziam ainda tropas de desembarque, conseguiram lançal-as em terra no porto dos Touros, que fica na paragem em que a nossa costa começa a tomar de um modo mais pronunciado para loeste. Esse desembarque porém parece ter provindo mais das necessidades que as mesmas tropas soffriam nos navios, por ventura de agua e mantimentos, que de nenhum proposito de emprehender com elles vantajosamente qualquer ataque. Eram umas mil e tresentas praças; e á sua frente se achou, por fortuna, para as commandar, o activo e destemido pernambucano Luiz Barbalho, tendo ás suas ordens, entre outros valentes officiaes, a Francisco Barreto, poucos annos depois por duas vezes vencedor nos Guararapes.

Bem sabía Luiz Barbalho qual era a missão que a Providencia lhe reservava, depois de tão grandes desastres, no retiro em que o haviam deixado com tantos dos seus compatriotas. Permanecer ahi defendendo esse posto, era-lhe impossivel. Em poucos dias pereceriam todos por falta de alimentos. Não lhe restava pois mais recurso que retirar-se por terra á Bahia, d'ali mais de

[1] Godo sloeg's vijands hoogmoed den 12, 13, 14 en 17 januarij 1640. (Netscher p. 112.)

quatrocentas leguas, abrindo-se o passo a ferro e fogo [1] entre os inimigos, e resolveu pôl-o em prática. Com valor e constancia se arrostou a essa retirada comparavel á dos dez mil gregos, ao regressar da Persia; sendo porém para sentir que o Xenofonte pernambucano nos não deixasse, como o atheniense, a narração dos serviços que então lhe deveu a patria. Sabemos comtudo que, no decurso d'essa jornada, teve muitos recontros e pelejas, primeiro logo no Rio Grande, investindo cem soldados e tapuias que estavam de emboscada, e dos quaes ficaram mortos trinta, sendo os mais postos em fugida; depois no assalto do engenho de Goyana, em que foram mortos mais de quatrocentos [2], com o sargento-mór Piccard e o capitão Lochman, recolhendo-se os mais a uma casa forte, contra a qual pelejou durante tres horas; seguindo-se outras refregas até o Rio de S. Francisco, com as tropas que Nassau, apenas teve dolorosamente noticia do desastre da Goyana, procurou reunir onde poude. Para isso fez desembarcar da esquadra, com o capitão Jacob Alard, mil e duzentos homens, entre soldados e marinheiros; ordenou aos majores Mansfeld e Hoogstraten que fossem para S. Lourenço, ao capitão Hous que levantasse gente na Moribeca, a Koen que fosse a Serinhaem, ao capitão Eins que de Iguaraçú se lhes unisse, com a sua companhia.—O commandante das guardas Tourlon chegou a fazer, com as suas tropas, dezesete leguas em doze horas, mas não podendo alcançar a Barbalho, que se havia mettido ao

[1] «Viamque sibi ferro invenire» diz Barlæus.

[2] Cem soldados de linha (gregarius ordinis centum) confessa Barlæus.

mato, contentou-se de fazer matar, sem dar quartel, aos estropiados que prendia.

Segundo encontramos em várias patentes de premios e recompensas concedidos aos que acompanharam a Barbalho n'esta prodigiosa jornada, os outros recontros tiveram logar em Serinhaem, no engenho do Salgado [1], nas Alagoas, além de mais duas acções «a peito descoberto» nos campos de Unháú.» Em 8 de maio já participava Nassau que o mesmo Luiz Barbalho, com todas as tropas que reunira, havia conseguido passar ao sul do Rio de S. Francisco; acrescentando que na marcha havia, como era natural, soffrido fomes, sêdes e miseria; sendo acossado de perto pelas tropas hollandezas, que n'essa perseguição haviam perdido, além dos dois officiaes já mencionados, mais outros tres, e haviam aprisionado, aos nossos, onze officiaes e poucos soldados; porque em geral a estes não se dava quartel [2]. Barbalho tinha nas Alagoas feito incendiar os dois unicos engenhos que ainda ahi permaneciam em pé.

[1] O engenho que se conhecia com o nome «do Salgado» ficava no districto da Ipojuca, pertencera a Cosme Dias da Fonseca, que d'ali se retirava antes; e havia sido incendiado pelos irmãos Taborda em fins de 1636.

[2] Que a tropa hollandeza não dava quartel aos soldados estropiados de Barbalho, o confirmou, em um officio, o proprio Nassau. Com elle andou d'esta vez pouco de accordo Barlæus quando chegou a dizer o contrario: «*Barbalio iter capessens ægros et sequi impotes, duræ necessitatis ac militiæ lege trucidari jussit, ne capti á nostris....*»

Que eram os hollandezes os algozes o confirma o Padre Vieira do seguinte modo: «Agora n'esta jornada última e milagrosa, *onde se não deu quartel*, o mesmo foi ser ferido que morto, deixando os amigos aos amigos, e os irmãos aos irmãos, por mais não poderem, ficando os miseraveis feridos n'esses matos, n'essas estradas, sem cura, sem remedio, sem companhia, *para serem mortos a sangue frio* e cruelmente despedaçados dos alfanges hollandezes, pelo rei, pela patria, pela honra, pela religião, pela fé.» (Vieira Sermões, tomo 8.º, pag. 403.)

Temos por mais que provavel que em sua retirada fosse Barbalho aggregando a si os differentes destacamentos que, ás ordens de Henrique Dias, André Vidal, D. Antonio Camarão e João Lopes Barbalho, se acharam disseminados por toda a extensão do territorio dominado pelo inimigo.

A gente que desembarcára com Henrique Dias havia sido encontrada, á borda de um mato, pelo capitão das guardas de Nassau Carlos Tourlon, que com setecentos homens fôra buscal-a, e lhe fizera um grande número de prisioneiros, ficando no campo oitenta e sete mortos, e constando que havia sido ferido o proprio Henrique Dias.

Quanto a Vidal sabemos que na Parahiba angariára aos senhores d'engenho, a fim de que tivessem preparado farinhas e mais alimentos [1] para quando chegasse a esquadra, e que então se alçassem contra os dominadores, e que conseguira hostilisar a muitos proprietarios, queimando engenhos e cannaviaes; pelo que

[1] «... Morabatur per id temporis in Præfectura Paraybensi Andreas Vidalius centurio, qui anté semestre huc è Sanctorum Portu missus, cum litteris ad Molarum dominos, clàm eos implebat seditionum studiis, ut adventante Classe arma caperent, in libertatem se pristinam sub Rege suo vindicarent, Belgarum se imperiis expedirent, in Classis potentissimæ adventum farinas colligerent. Non abnuebant complures, diversisque incitamentis corrupta fide, clandestinis colloquis deterrimum quemque et novarum rerum studiosos in partes suas pertrahebat. Cum in conspectu esset Classis, promtis et aliis seditionum ministris, Vidalius accensis molendinis aliquot. et cannarum struibus, hoc agebat, ut terrefactos subitis ignibus Belgas à littore vocaret, arcendis privatorum damnis, vacuumque illud et imbelle classi ostentaret.» .... «Vidalius cujus paulò ante memini, homo audax, callidus et prout animum intendisset, pravus aut industrius, in Paraibæ terris populationibus incendiisque grassatus, maximis damnis afflixerat Lusitanorum molas, agrosque cannis passim sacchareis consitos.» (BARLÆUS.)

Nassau resolvêra pôr a sua cabeça a preço, offerecendo por ella dois mil florins, ao que respondêra Vidal com editaes em que promettia seis mil cruzados «pela cabeça de João Mauricio, conde de Nassau [1].» Este último chegou a acreditar e a participar [2] que Vidal havia sido feito prisioneiro; porém o seu panegyrista, escrevendo annos depois, contenta-se em affirmar [3] que o mesmo Nassau offerecêra sobre isso premios aos soldados.

Do Camarão sabemos que se achava ás margens do Una, com os seus guerreiros, quando ao aproximar-se-lhe o coronel Koen, com mil soldados, se retirou mui a tempo pelos matos e sertões, evitando combate, segundo lhe fôra recommendado.

João Lopes Barbalho havia sido primeiro encontrado pelo capitão Tack, com duas companhias de atiradores, em um desfiladeiro da Ipojuca. Ahi resistíra por meia hora deixando alguns mortos, e causando aos hollandezes a perda de oito mortos e dezeseis feridos, conseguira retirar-se para o sertão de S. Lourenço. Havendo porém ido a perseguil-o o major Mansfeldt, logo á primeira carga se retirou com a sua gente para o mato, atirando esta fóra até as armas e tambores, para se escapar melhor. O proprio João Barbalho chegou a perder o chapéu, em cuja copa levava não só muitas cartas dos moradores, que assim ficaram compromettidos, como as instrucções que lhe dera seu tio e as que trou-

[1] Calado, Valor. Luc. pag. 117.

[2] André Fidal escreve elle (pronunciando provavelmente á allemã o V). C. de 28 de fevereiro.

[3] «In ejusdem Vidalii et Magalheinsi prædatorum capita, præmiis ingentibus exciti fuere circumquaque præsidiarii.»

xera para o Camarão; á qual circumstancia devemos o ter tido d'ellas conhecimento; pois que, havendo sido enviadas á Hollanda, ahi foram archivadas e conservadas até o presente.

Cumpre-nos acrescentar que entre essas cartas, perdidas na fuga por Lopes Barbalho, havia algumas contra o Camarão, a quem Nassau[1] julgou opportuno envial-as, a ver se lhe abalava com isso a lealdade. Não sabemos se foi n'esta ou em outra occasião que o mencionado major Mansfeldt, perseguindo a nossa gente, foi encontrando pelo caminho um grande número de embornaes, que estavam cheios de assucar, á falta da farinha, e que botavam fóra os que se retiravam para melhor poderem correr.

Não contente porém Nassau com o destroço da armada do conde da Torre e com a perseguição das tropas do Camarão, Henrique Dias e Barbalho, vendo-se favorecido por um reforço da Europa de vinte e oito barcos de guerra, com dois mil e quinhentos homens, assentou de mandar proseguir em toda a sorte de hostilidades contra os portos do sul, e principalmente contra a Bahia, já que, com as forças de que dispunha, não julgou prudente seguir a opinião dos do Conselho de acommettel-a de novo.

Em primeiro logar tinha feito partir para o rio de S. Francisco[2] com oito navios, levando setecentos sol-

[1] Assim o escreve o proprio Nassau, e o confirma o seu panegyrista Barlæus: «Inter litteras Barbalionis interceptas erant quibus in dubium adducebatur ejus fides... quas... ipsi transmisit Nassovius.»

[2] Portus Franciscus diz Barlæus, erro que fez o traductor allemão escrever (pag. 536): «Porto de los Francezes *oder den also genanten Haven der Franzosen.*»

dados e duzentos indios, o almirante Cornelio Jol (perna de pau)[1], a ver se ainda ahi encontrava em sua marcha a divisão do Barbalho, ou pelo menos alguns restos d'ella; parece porém que já chegou tarde.

Pouco depois fez partir para a Bahia o vice-almirante Lichthardt com os restantes vinte navios, levando comsigo dois mil e quinhentos homens de tropas, ás ordens do coronel Carlos Tourlon, com instrucções de ahi levar tudo a ferro e fogo, em represalia das que o conde da Torre havia dado ao Camarão, e que Nassau[2] vira de seus olhos.

Lichthardt se apresentou na Bahia em fins[3] de abril; e foram sem conto os destroços e mortes que causou na ilha de Itaparica[4] e no Reconcavo, dos quaes o proprio inimigo fez alarde: só engenhos foram queimados vinte e sete[5]. A propria cidade da Bahia esteve ameaçada, e talvez não deixaria de ser atacada e tomada, se mui a tempo ahi não chega Luiz Barbalho, com os seus cançados mil e duzentos homens, vindos prodigiosamente pelos sertões desde o porto do Touro, no Rio Grande do Norte. Ao mesmo tempo chegou ordem a Lichthardt para regressar com a esquadra a Pernambuco, a fim de ir com Jol a outra diligencia das bandas

1 Houtebeen.

2 «.... alsoo zyluyden het quartier gebrocken ende belast hadden allemael te vermoorden waervan ick di originale schriftelycke ordre van den Generael hebbe becomen etc.» (C. de Nassau de 8 de maio.)

3 A 28, segundo Nassau (C. de 11 de setembro de 1640); porém o conde da Torre (C. do 1.º de junho de 1640) diz que no dia 25 se mostrára ella em Itaparica, e que a 26 mandára um barco parlamentario que não fôra recebido.

4 Tapesiqua se lê erradamente em Barlæus.

5 C. de Nassau de 11 de setembro de 1640.

da ilha de Cuba, para onde proseguiu no mez de julho; e onde não foi por certo mui afortunada, mas cujos pormenores nos não importam relatar.

A essa esquadra se reuniram alguns dos navios que tinham ido ao Rio de S. Francisco, ficando outros ás ordens do coronel Koen, que foi mandado, com mais tresentos homens, invadir para as bandas do Rio Real; o que elle executou destruindo quanto poude, sem que lhe podessem oppor resistencia as forças ahi deixadas por Barbalho ás ordens do capitão Magalhães e do Camarão. Foram porém estas reforçadas por João Lopes Barbalho [1] e depois pelas do general D. Francisco de Moura [2] e pelas do proprio mestre de campo Luiz Barbalho, que investiu no mesmo Rio Real contra os hollandezes, causando-lhes grandes perdas. Os nossos proseguiram victoriosos, já no tempo de Montalvão, até a capital de Sergipe, onde foi o mestre de campo D. João de Sousa desalojar os hollandezes ahi fortificados [3]; sendo talvez então que caiu prisioneiro o major van den Brande, que ao depois, como coronel, morreu nos Guararapes.

Koen se viu pois obrigado a partir, com os navios que comsigo tinha, no dia 1 de outubro, e passou ás aguas da Bahia, informado, por uns pescadores que tomou, como sería imprudente entrar, ou conservar-se por ali, resolveu acommetter a Camamú, que invadiu e incendiou, no dia 17, seguindo viagem depois de ter

[1] C. do conde da Torre de 20 de junho de 1640.
[2] Mello, II, 152.
[3] Uma d'estas victorias teve logar no dia 1 de agosto. Veja-se Mello, I, 143.

feito aguada. Dirigiu-se ao Espirito Santo, e logo ahi se apoderou (no dia 27) de quatrocentas e cincoenta e uma caixas de assucar.

A guarnição e alguns habitantes haviam-se recolhido ao castello, situado em um alto; e Koen julgando-o mais accessivel, resolveu atacal-o com quatrocentos homens, no dia seguinte; porém, manobrando bem cinco pequenos canhões que n'elle havia, os defensores rechassaram rigorosamente o inimigo, que ahi teve sessenta soldados mortos e oitenta feridos, entrando n'este número o major Hous, ao depois derrotado nas Tabocas, feito prisioneiro na Casa Forte, e morto na primeira batalha dos Guararapes.

Depois de tentar incendiar a povoação sem o conseguir, por serem as casas de pedra e cal, Koen se fez ao mar no dia 13 de novembro (dia em que se viu no Brazil um notavel eclipse do sol), e para seu maior castigo deu d'ahi a pouco o escorbuto a bordo, e tiveram que recolher-se.

No emtanto havia chegado á Bahia, feito «vice-rei e capitão general de mar e terra, empreza e restauração do Brazil» o Marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas, e tomára posse em 5 de junho. Havia-o nomeado a Côrte apenas informada dos primeiros revezes soffridos pelo conde da Torre, a fim de proseguir na idéa de oppor ao prestigio do chefe hollandez outro chefe de prestigio e alta cathegoria. Só porém aos 22 de julho (1640) é que veiu a ser assignado pelo rei o decreto desautorando completamente o mesmo conde da Torre, privando-o do titulo, das commendas lucrativas e cargos que disfructava, e mandando-o preso para a Torre de

S. Julião, na barra do Tejo; onde permaneceu mui pouco tempo, por occorrer, logo depois de ahi entrar, a restauração do 1.º de dezembro; e haver o mesmo conde tido occasião de prestar a esta o serviço de fazer com que se rendesse o commandante da mesma Torre, não obstante ser castelhano [1].

Do lado dos hollandezes eram por esse tempo os conselheiros e directores Mathias van Keulen e Jo. Gũselingh rendidos por Hendr. Hamel e Dirck Kodd van der Burgh, e Adrian van Bullestrale.

Entre os effeitos lamentaveis, produzidos no Brazil pelos revezes da desastrada frota do conde da Torre, devemos ainda mencionar dois; a saber: o novo alento e ensoberbecimento que elles foram dar aos indios inimigos, e o pretexto a Nassau para expulsar do territorio conquistado a maior parte dos frades, que ainda n'elle residiam. Uns tres mil indios, com suas familias, entrando no número o Janduy [2], desceram até o Rio Grande, Goyana e Itamaracá, a reforçar as fileiras dos já arregimentados por Nassau, sob o mando do coronel Guilherme Doncker. Quanto aos frades, Nassau allegou que elles se haviam pronunciado, auxiliando os da frota, senão sempre com mantimentos, pelo menos com informações. Assim pois, fez reunir os benedictinos, carmelitas e franciscanos, em número de sessenta [3], na ilha de Itamaracá, e os embarcou a todos para as An-

[1] Fr. Ant. Seyner, Historia del levantamiento de Portugal, Zaragoza, 1644, pag. 96 e 97.

[2] Johannes de Wy, escreve Barlæus.

[3] «Numero sexaginta, ob clandestina cum hoste consilia, etc.» (Barlæus).—Veja tambem Calado pag. 51.

tilhas, o que não deixou de causar muita sensação no povo.

Nassau não tardou em reconhecer o mau effeito que produzira essa resolução; pois ás justas queixas dos moradores de nada poderem emprehender por falta de segurança individual, e com receios continuados das invasões dos campanhistas vindos da Bahia, se aggregava agora o não terem número sufficiente de ministros para a celebração do culto divino. Tratou pois de acudir ao primeiro mal, induzindo aos poucos ecclesiasticos que haviam ficado a fazerem-lhe uma representação, pedindo-lhe que usasse para com os prisioneiros a maior tolerancia e moderação. Deferiu Nassau, dizendo que quando o governo da Bahia ordenasse que os campanhistas se retirassem e não fossem incendiar os cannaviaes e os engenhos, elle resolveria favoravelmente. Pediram os ecclesiasticos licença para mandarem com essa resolução um corneta á Bahia; e sendo isso concedido por Nassau, foi a mencionada clausula aceita por Montalvão. D'esta fórma se havia insensivelmente chegado a entabolar uma tregua, que se tratava de formalisar, enviando-se refens de parte a parte, conforme foi exigido por Montalvão. Foram escolhidos para refens, por Nassau o tenente coronel Henderson e o major Day [1], e por Montalvão o já mestre de campo Martim Ferreira e o sargento-mór Pedro Arenas.

Ao dar Nassau conta d'este arranjo aos Estados Geraes, em carta de 10 de janeiro de 1641, data já esta carta, não da ilha de Santo Antonio ou Antonio Vaz,

[1] Day já estava no Recife em 1631, segundo resulta do Diario de Richshoffer.

mas sim da Cidade Mauricia (Mauritzstad), nome este que os conselheiros politicos e a camara haviam deliberado que passasse a ter, de então em diante, a cidade actualmente chamada do Recife.

E nessas negociações de treguas provisorias, precedidas de trocas de refens e de prisioneiros, se achavam tendo sido aplanadas todas as difficuldades pelo espirito conciliador de Montalvão e do conselheiro Dirk Kodd van der Burgh, que a isso fôra á Bahia, quando veiu inopinadamente surprehendel-os, em fevereiro d'esse mesmo anno de 1641, a noticia da revolução que se effectuara em Lisboa no 1.° de dezembro de 1640, e communicára, como chamma electrica, a todo o reino; em virtude da qual ficava acclamado rei, com o titulo de D. João IV, o Duque de Bragança, descendente dos reis avoengos portuguezes e successor legitimo do afortunado Manuel, por sua avó a senhora D. Catharina, neta d'esse rei em cujo reinado o Brazil se patenteára ao mundo civilisado.

Ao receber a noticia, por uma caravela entrada na Bahia no dia 15 de fevereiro, o vice-rei procedeu com a maior circumspecção e prudencia. Mandou pôl-a incommunicavel; e esmerou-se em tomar providencias para que se fizesse pacificamente a transformação que devia operar-se. Como faziam parte da guarnição umas seiscentas praças de tropas hespanholas e napolitanas, tratou antes de tudo de mandar que sómente estivessem em armas as demais. Ordenou a seu filho D. Fernando que com o seu terço occupasse o terreiro da companhia e a João Mendes de Vasconcellos, que estava de guarda, que com outras tropas fosse postar-se na praça do palacio.

Apoiado por estes preparativos, mandou pouco a pouco chamar o bispo, o capitão general de artilheria D. Francisco de Moura, os mestres de campo, o ouvidor geral, o provedor mór da fazenda e os prelados das religiões; e fazendo entrar um por um no seu gabinete, lhe lia em particular a carta regia que recebêra; e logo o fazia passar a outra sala, a esperar ahi, sem communicar com os que ainda não o haviam visto.—Depois de ter seguro o voto de todos, os reuniu ahi mesmo em conselho pleno; no qual se votou que se procedesse immediatamente á acclamação do novo rei [1]; partindo desde logo todos d'ahi para a sé, a assistir ao competente Te Deum de acção de graças.

Para felicitar o rei acclamado e dar conta do occorrido, ordenou desde logo Montalvão que, no dia 26, partisse o seu filho D. Fernando, indo em sua companhia os dois illustres jesuitas escriptores Simão de Vasconcellos e Antonio Vieira.

A acclamação de D. João IV fez-se com felicidade analoga por toda a extensão do Brazil, não submettido aos hollandezes. No Rio de Janeiro parece haver hesitado Salvador Corrêa [2], mas viu-se obrigado pelos jesuitas a proclamal-a. Em S. Paulo seguiu o povo com igual bom senso, graças, segundo a tradição, á abnegação de Amador Bueno.

O grande acontecimento da restauração de Portugal promettia fazer mudar a situação do Brazil. A guerra dos hollandezes lhe proviera de ser parte da Hespanha;

[1] Restauração de Portugal prodigiosa, por Gregorio d'Almeida; parte II, cap. 14, fol. 129 v. e seg.

[2] Fr. Antonio Seyner, Historia citada, pag. 46.

e a Portugal e á Hollanda interessava o alliarem-se para guerrear o inimigo commum.—Levado por estes instinctos, escreveu Montalvão a Nassau em 2 de março uma attenciosa carta dizendo-lhe que esperava começaria entre Portugal e os Estados Geraes «aquella paz e união com que sempre se trataram.»

Respondeu Nassau mui cortezmente no dia 12, abundando no interesse que tinha pela paz entre a sua nação e a portugueza, dando os parabens, e acrescentando que, pela sua parte, ia ajudar a festejar a nova; e que além dos seus delegados, que partiriam, mandava onze prisioneiros que ali tinha.

Aqui daremos os textos das mencionadas cartas, taes como foram impressas n'esse mesmo anno em Lisboa [1]:

«Chegou uma caravela de Lisboa com aviso que no Reino de Portugal ficava jurado e reconhecido por verdadeiro Rei e Senhor d'elle el Rei D. João IV, Duque que foi de Bragança, neto da serenissima Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte, a quem tocava o direito do Reyno por morte del Rei D. Henrique o Cardeal, seu tio, tomando Deus por instrumento para restituir a Sua Magestade á posse d'este seu Reino, a aflicção, que os vassallos tem delle padecido da sem-justiça da tirania, com que eram governados por alguns ministros; e accudindo Deus ao remedio para mostrar que vinha de sua mão, da oppressão tirou o poder, dispondo de tal maneira o effeito d'esta obra, que em todo o Reino não houve differença de vontade, nem contradic-

[1] Igualmente foram então publicadas em Amsterdam, traduzidas em hollandez, em um folheto com o titulo de «Copyen van drie Missiven» etc., trocando-se o nome de Montalvão em Montuval.

ção alguma; e havendo n'elle treze fortalezas, com presidio castelhano, todos se entregaram sem violencia, nem golpe de espada; e d'esta suavidade, e de outros mais efficazes testimunhos se presume bem que o intento foi grande poder de Deus, que em nada acha resistencia, com que nos fica justa confiança, que ha de ser segundo continua seu favor, conservando a Sua Magestade felizmente em seu Imperio, e em sua descendencia; e este Reino em sua liberdade, n'aquella antiga paz com que sempre se conservou com os Principes da Europa, a que Sua Magestade já tinha mandado embaixadores, e principalmente a Hollanda, França, Inglaterra e Catalunha.

«Pareceu-me que devia dar a V. E. esta nova, e representar-lhe que entre as razões e causas de estima, que devo considerar n'este successo, respeito particularmente a esperança de que este Reyno e os Illustrissimos Estados da Hollanda tenham aquella paz e união com que sempre se trataram, correspondendo-se com tão reciprocos beneficios, e com tão util commercio, como nos podemos lembrar todos os que ouvimos as felicidades dos tempos passados; em que eu terei dobrado interesse, podendo mostrar melhor a correspondencia das obrigações em que V. E. me tem posto, e quão verdadeiros são os propositos que tenho de o servir em tudo o que se offerecer em os tempos, e eu podér pretender as occasiões; e se d'esta presente resulta alguma cousa, que V. E. queira mandar-me, em tudo o que tiver logar me achará V. E. disposto ao servir como devo a quem Deus guarde, etc.»

P.S:—«Com este aviso mãdo João Lopez, que he

cabo desse barco em que vay, siruase V. Excellencia de mo mãdar logo para que traga nouas de V. Excellencia, porque agora as desejo com mais razão.»

«O Marquez de Montalvão.»

A resposta de Nassau foi a que passamos a transcrever:

«Dou a V. E. os parabens da nova, que me mandou, e quanto posso lh'a ajudo a festejar com particulares desejos de que Sua Magestade el Rei D. João o IV de Portugal permaneça por felices seculos em sua descendencia na possessão do Reyno, a que Deus nosso Senhor foi servido restituil-o n'estes nossos tempos, livrando ao Reyno da tirania que padecia, e tornando-o á sua antiga liberdade e senhorio natural.

«Com tanto desejo esperava a certeza d'esta nova, por me haver chegado aviso, cousa de um mez, aqui por carta que tive de Inglaterra, passando ali a ultima náo vinda de Hollanda para este porto, que lhe afirmo a V. E. me sinto mui seu devedor pela vontade, e favor com que me quiz certificar. D'ella me nasce o mesmo conhecimento que a V. E. de haver sido destino executado do poder divino, o qual devemos esperar, que com taes principios não haja de faltar nos meios da paz entre aquelle Reino, e os Principes da Europa, em cuja esperança me acho tam interessado, que lhe não concedo a V. E. vantagem alguma, por Portuguez, n'este desejo; e n'elles espero desempenhar-me da muita parte dos que a correspondencia de V. E. tem levantado em meu animo para seu serviço.

«Os delegados d'esta nossa parte, que vão a tratar

das conveniencias da guerra, estavam aviados, e o estão para partir: supposto que no Reino vejo mudança, me parece que não deve essa alterar alguma cousa, antes dispor mais suavidade nos meios das conveniencias da guerra; pelo que não tratei de emendar o estilo, e nossas proposições, ainda que no methodo pareçam a V. E. diversas ou dissonantes da jurisdição, que hoje corre n'essa Bahia na qual o conserve Deus felices annos, e a V. E. com tam nobilissimos progressos, e augmento, como sua illustre pessoa merece. Mauricia 12 de Março de 1641.»

Seguia-se este P. S. posto por Nassau de seu proprio punho:

«Mando a V. E. n'este barco nove marinheiros e dois passageiros portuguezes que aqui tenho prisioneiros; porque entendo que n'isso dou gosto a V. E. Estimarei haver outras occasiões de seu serviço em que possa dar-lho, como desejo, cuja pessoa Deus guarde muitos annos. Mauricio, Conde de Nassau.»

LIVRO SETIMO

Da acclamação de D. João IV á restauração do Maranhão e retirada de Nassau

---

É deposto Montalvão — Junta de governo — Embaixador portuguez na Haya — Consequente suspensão — Falta Nassau aleivosamente a ella — Manda occupar Sergipe, Loanda e ilha de S. Thomé — Protestos dos nossos — Carta de Montalvão a Nassau — Tratado de treguas — Rara estipulação quanto ao Brazil — É occupado o Maranhão — Morte de Bento Maciel — Chega a hora das represalias — Plano para restaurar-se Pernambuco e o Maranhão — Juizo ácerca de Fernandes Vieira — Serviços superiores de Vidal, dirigindo a conjuração — Porque se não realisa em Pernambuco e é levada a effeito no Maranhão — Vantagens dos nossos, nos primeiros recontros — Passam a sitiar a cidade — Soccorro vindo do Pará — Recebe tambem reforços o inimigo e emprehende uma sortida — Morre heroicamente Antonio Moniz — Succede-lhe A. Teixeira de Mello — Levanta o sitio — Derrota a Evers em Moruaby — Passa a Alcantara — Recebe novos soccorros — Aproxima-se do canal do Mosquito — Volve á ilha — Embarca-se o inimigo — Vidal é nomeado governador pelo rei — Miseria do donatario de Tapuitapera contra Teixeira de Mello — Retira-se Nassau para a Europa — Triumvirato no Recife.

As ordens para se effectuar na Bahia a aclamação de D. João IV foram acompanhadas de outras, confiadas pessoalmente ao jesuita Francisco de Vilhena, providenciando no caso de que o vice-rei do Estado se mostrasse contrário a ella. Effectuada porém sem novidade a mesma acclamação, parecia natural que se considerassem essas ordens nullas e sem valor.

Não o entendeu porém assim o jesuita. Haviam já partido para Portugal os emissarios encarregados de cumprimentar o novo soberano da parte do vice-rei e do povo, quando Vilhena, por ventura em virtude de

algum despeito ou resentimento por ambição de dominio mallograda, resolveu-se a exhibir em camara essas ordens. Em obediencia a ellas, o governador foi logo deposto e preso e enviado a Lisboa; sendo proclamada em seu logar uma Junta de Governo, composta do bispo, de Luiz Barbalho e de Lourenço de Brito Corrêa, que estava servindo de provedor mór.

Nas mãos d'este triumvirato se achava o governo geral do Estado, quando chegou á Bahia a noticia de que havia sido recebido na Haya como embaixador de Portugal Tristão de Mendonça Furtado, e que ficava negociando pazes e até uma alliança offensivo-defensiva [1] com os Estados Geraes.

A simples recepção do embaixador era um acto publico, em virtude do qual por direito de gentes, entre os dois Estados, as hostilidades se deviam considerar pelo menos suspensas. Porém os dois governos quizeram a este respeito deixar um ao outro bem manifestos os seus intentos. Os Estados Geraes ordenaram, em 13 de fevereiro de 1641, que os portuguezes fossem considerados como amigos; e por sua parte Portugal correspondeu immediatamente a essa declaração, por meio da carta regia de 20 de março, dispondo outro tanto com respeito aos hollandezes.

Para fixar melhor, durante a suspensão das hostilidades, os direitos de ambas as partes, resolveu o

[1] Na nota de Furtado exhibida, em 12 de abril, propoz elle um tratado de paz e alliança mediante: 1.º Uma indemnisação pela parte do Brazil occupada pelos hollandezes; 2.º commercio franco com Portugal, como d'antes; 3.º fornecer a Hollanda uma esquadra e officiaes para o exercito portuguez.

governo provisorio que desde logo passasse ao Recife o tenente-coronel Pedro Corrêa [1] da Gama, acompanhado do licenciado Simão Alvares de la Penha, restituindo desde logo uns trinta prisioneiros, ficando ainda na Bahia presos os majores van der Brande e Garstman. Ao mesmo tempo levou Pedro Corrêa da Gama autorisação para poder mandar recolher todos os guerrilheiros e campanhistas que não deixavam de infestar o territorio de Pernambuco; sendo que, ainda em maio, o Camarão se achava no Rio de S. Francisco, e em abril haviam pelos ditos campanhistas sido queimados tres engenhos, e até um grande número de carros, estes na propria Varzea do Recife. Admittida a suspensão das hostilidades, não tardou a apresentar-se no Recife, munido do competente salvo-conducto que recebêra, o tenente Paulo da Cunha Souto Maior, que pouco antes havia offerecido dois mil cruzados pela cabeça de Nassau, em represalia da offerta de quinhentos florins que este chefe fizera pela d'elle Paulo da Cunha [2]. Para se entenderem com os mencionados emissarios da Bahia ácerca dos direitos de cada qual durante a suspensão das hostilidades, nomeou Nassau os conselheiros Theodoro Codd van der Borch e Nunin Olfers, dando-lhes por interprete o secretario do Conselho Abraham Tapper, com recommendação de redigirem em latim quanto se pactuasse. A Paulo da Cunha, antes de seguir para a Bahia, convidou á sua meza, praticando com desenfado ácerca das ameaças que se haviam mutuamente feito, quando inimigos.

[1] Em Barlæus lê-se erradamente Corera.

[2] Calado, pag. 116.

Quem diria, em presença d'este proceder de Nassau, das expressões da sua carta a Montalvão, da nobreza de seu sangue, e dos seus precedentes, que elle obrava com duplicidade, e que necessitava da suspensão das hostilidades para, com fé punica, abuzar d'ella! Entretanto o facto passou-se, e não nos é hoje possivel duvidar d'elle, quando é cynicamente confessado pelo proprio Nassau, em carta aos Estados Geraes do 1.º de junho de 1641. Escreve o dito chefe que, antes de receber as ordens (de 28 de março) que lhe mandava a Assembléa dos XIX, prevendo que a revolução de Portugal deveria necessariamente conduzir ás pazes, e aproveitando-se do que pactuára e da retirada dos nossos guerrilheiros das fronteiras, havia elle disposto que das forças até ahi destinadas a fazer-lhes frente, passassem, umas a occupar Sergipe, e se embarcassem outras contra Loanda; justificando esta última ordem com a vantagem de ter, para os engenhos de Pernambuco, escravos mais baratos.

Em presença da propria confissão de Nassau, não podemos pôr em dúvida este facto da sua vida que nada o honra, e que veiu a fazer diminuir em nós o respeito e quasi estima que tinhamos por esse chefe inimigo. A historia, mestra da vida e conselheira dos povos e principes no porvir, não pode deixar de reprovar tão feio proceder que veiu a dar motivo para justas represalias.

Foi pois por ordem espontanea de Nassau, abusando dos ajustes para a mutua cessação das hostilidades, e antes de receber sobre isso, segundo elle proprio diz, as suggestões que não tardaram a chegar-lhe

da Hollanda, que o commandante das tropas no Rio de S. Francisco, Andreas, auxiliado de um reforço, que o mesmo Nassau lhe mandou em quatro barcos [1], passou a tomar aos nossos o territorio de Sergipe até o Rio-Real, fazendo ahi entrincheiramentos. E foi igualmente por deliberação de Nassau que se preparou a expedição contra Angola, ás ordens do almirante Cornelio Jol, o Perna de Páo, assegurando-se mentirosamente aos nossos commissarios que viam partir a frota, que ella era destinada a ir atacar, nas Indias occidentaes, o inimigo commum.

Sergipe foi logo occupada, não havendo ahi tropas para apresentar resistencia.

Outro tanto succedeu a Loanda, e ilha de S. Thomé. Partiu Jol do Recife aos 30 de maio, e no dia 25 de agosto, com perda apenas de tres mortos e oito feridos, se assenhoreou d'aquella cidade, e no dia 11 [2] de outubro seguinte conseguiu igualmente tomar a povoação [3] da ilha de S. Thomé, onde n'esta occasião deixou o mesmo Jol a vida, atacado das carneiradas da terra [4]. Outro tanto succedia a varios dos seus officiaes e a mais de duzentos indios de tresentos que levára do Brazil.

Apenas inteirado o governador da Bahia da occupação de Sergipe e depois da de Loanda, mandou ordens, para representar e protestar em Pernambuco con-

[1] Calado pag. 117.
[2] Dezeseis diz Nieuhoff.
[3] «Urbem cui Pavaosæ nomen etc.,» diz Barlæus, ignorando a significação da palavra.
[4] S. Thomé não tardou muito a libertar-se graças a uma força que em dois navios ás ordens de Lourenço Peres, partiu de Lisboa em julho de 1642.

tra ellas, ao licenciado Simão Alvares de la Penha [1]; mas Nassau eximiu-se de lhe dar nenhuma resposta por escripto [2]; allegando de palavra, quanto a Loanda, não estar Angola na sua jurisdicção [3], o que não era verdade. A noticia d'essas aleivosas occupações, feitas pelos hollandezes, haviam tambem em todo Portugal causado a maior consternação, e foi ordem para contra ellas protestar na Hollanda o embaixador portuguez. Entrètanto o marquez de Montalvão, que, depois de chegar á côrte, fôra pelo rei premiado, chamando-o aos seus conselhos, reconhecendo que Nassau melhor que ninguem podia desenredar, querendo, estas últimas complicações, resolvêra dirigir-lhe, mui habilmeute, em 12 de março de 1642, uma carta [4] em que o pretendia angariar com offertas para que se mostrasse favoravel aos portuguezes. Eis o teor d'essa carta:

«Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Estou tão penhorado do procedimento tido por V. E. para comigo, quando eu me achava de vice-rei do Brazil, que não posso consentir que esta caravella passe diante do Recife, sem que ahi toque, para informar a V. E. que cheguei a Lisboa de perfeita saude, e que S. Magestade q. D. G. se dignou conceder-me o favor e benevolencia, a que meus titulos e serviços podiam apenas dar-me direito, empregando-me na administração de assumptos importantes do seu serviço, como a das rendas da Corôa, equipo e organisação do exercito, e governo das conquistas, com

[1] Benha se lê em Barlæus.
[2] Calado pag. 118 e 119.
[3] Barlæus.
[4] Recebida por Nassau em 23 de abril.

entrada no governo e conselho d'estado. Mas a maior honra que me fez S. Magestade foi a de ter feito o Principe, meu Amo, coronel, e a mim tenente da nobreza do Reino.

«Como sei que V. E. terá satisfação de saber que estou d'este modo no serviço de S. M., me aprouve participar-lh'o, pensando que será isso do agrado de V. E., a quem asseguro que, se tivesse occasião de poder-lhe fazer algum serviço, V. E. poderá estar persuadido que a isso me prestaria com fervor e o mais vivo prazer.

«Por esta occasião devo inteirar a V. E. da mágoa que S. M., como todo este Reino, experimentou ao saber que no momento em que, por cauzas urgentissimas, Portugal se esforçava por estabelecer de novo a antiga amizade com os illustres senhores Estados Geraes da Hollanda, e quando era tão necessario que as armadas d'estes dois paizes e as de França se reunissem para ajudar a proteger e manter o reino de Portugal,—que n'esse momento, digo, se lhe tomasse uma de suas possessões. Persuado-me que V. E. nenhuma parte teria em um acto que tanto tem escandalisado o mundo, e não duvído que considerará como um dever o empregar todos os esforços para levar os senhores Estados Geraes a reparar promptamente esse acto injusto e iniquo commettido contra Portugal.

«Sua Magestade nutre por V. E., posso assegurar-lho, a mais profunda estima; e o seu mais vivo dezejo seria encarregal-o em grande parte do commando de seus exercitos; e já S. M. ia occupar-se d'esta negociação, quando se recebeu a notícia da expedição empre-

hendida contra Angola pelo tenente-coronel Henderson. V. E. terá a bondade de me fazer saber se lhe seria agradavel que eu désse seguimento a este negocio, que em meu entender é da maior importancia, tanto para V. E., como para os que houvessem de servir ás suas ordens.

«Portugal possue um forte exercito bem organisado, nossas praças das fronteiras estão convenientemente aprovisionadas de sufficientes guarnições, e estou pondo a marinha no melhor pé.

«Eis quanto se me offerece a communicar a V. E.: e hoje, que a paz está assignada por dez annos, rogo a V. E. que escreva ao coronel Henderson que arranje este assumpto de modo que sejamos obrigados a não levar á execução o que já se tinha começado a fazer em particular.

«Espero tambem que em tudo quanto respeite ao Brazil, V. E. obrará de modo que faça sentir os effeitos do credito de que gosa, de modo que S. M. e o Reino todo lhe devam ainda maiores obrigações. Deus guarde a V. E. muitos annos [1].»

Em abono da verdade cumpre acrescentar que Nassau não se deixou seduzir. Enviou lealmente cópia d'esta carta aos Estados Geraes; e com tanta maior razão quando, ao recebel-a, não era só Loanda que por seu influxo se havia perdido, mas tambem já o Maranhão. Corrêra porém que de Lisboa se lhe havia offerecido para captal-o o marquezado de Villa Real.

A mandar occupar o Maranhão se havia Nassau decidido, de accordo com outras novas ordens da Hol-

[1] Barlæus reproduz em latim pouco fielmente esta carta.

landa, ao experimentar com quanta facilidade e vantagem, á sombra da boa fé dos nossos, lhe era dado fazer a guerra, e depois de haver recebido o texto do tratado que em 12 de junho (1641) fôra assignado na Haya, estipulando a cessação das hostilidades por dez annos; as quaes (pelo art. 8.º) «nas terras e mares pertencentes ao districto da jurisdicção concedida pelos Senhores das Ordens Geraes á Companhia da India Occidental» (isto é no Brazil, e na Africa) só deveriam começar a contar em cada logar desde que ahi fosse apresentada a ratificação do tratado. D'este modo, tão mal concebido foi o mesmo tratado, e tal demora houve da parte de Portugal em ratifical-o, que mais justificada veiu a ficar a conquista do Maranhão, emprehendida depois de receber-se o teor d'elle, que a de Sergipe e de Loanda, effectuadas antes d'elle ser conhecido. A expedição contra o Maranhão partiu do Recife no dia 30 de outubro, e chegou ao seu destino a 25 de novembro, data em que ainda em nenhuma paragem do Brazil podia haver noticia da ratificação, que por parte de Portugal, só foi assignada aos 18 do mesmo mez de novembro.

O tratado constava de trinta e cinco artigos. Pelo 34.º foram reciprocamente admittidos os consules nos portos de uma e outra nação. O 26.º estipulou a liberdade religiosa. Pelo 21.º foi reconhecido, ao governo hollandez, o dominio adquirido pela conquista; assim como pelo 22.º o foi, aos subditos hollandezes, o direito ás propriedades e engenhos de que estavam de posse. O artigo 17.º estipulava que nenhum subdito portuguez poderia fretar nem comprar navio, para a navegação do

Brazil, que não fosse hollandez. Finalmente varios artigos tratavam da India-Oriental, e outros eram relativos a uma frota de vinte navios com que a Hollanda devia desde logo soccorrer Portugal [1].

Occupemo-nos porém do Maranhão. A esquadra destinada a assenhorear-se do porto e da cidade compunha-se de treze navios de guerra, tres bergantins e outros tres barcos menores. Era d'ella vice-almirante o conhecido Lichthardt, e ia por chefe da tropa, que consistia de uns mil soldados, o coronel Koen; tudo subordinado ao conselheiro politico [2] Pedro Bas. Fundearam primeiro todos no Preá, aquem do Maranhão, e d'ahi mandaram explorar o que se passava, para seguirem com mais confiança.

Aos 25 de novembro se apresentou a esquadra, sem bandeira, diante do porto. Foram de terra disparados primeiro alguns tiros de polvora secca. Porém não sendo içada ainda nenhuma insignia, e continuando os barcos a aproximar-se do ancoradouro, começou o forte da cidade a disparar com bala, e logo se travou o fogo de parte a parte; mas os navios passaram avante, havendo unicamente perdido dois homens, e foram fundear para a banda de dentro da ponta do Desterro, onde a terra faz volta para o Portinho, que fica além da cidade [3].

[1] Effectivamente os mandaram ao Tejo sob o almirante Adriau Gissels.— Veja-se o folheto «Copia da carta» etc. Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1641.

[2] Berredo entendeu provavelmente mal este titulo quando trata (§. 780) de um Pedro por antonomasia (!) Politico.

[3] Comparando os planos e desenhos feitos então pelos hollandezes com a cidade actual, vê-se que a povoação n'aquelle tempo se exten-

O governador Bento Maciel Parente, na presença de um ataque tão estranho como por elle inesperado, encarregou ao provedor mór Ignacio do Rego Barreto que, em companhia do jesuita Lopo do Couto, fosse avistar-se com o commandante da esquadra. Quando porém estes dois emissarios chegaram a bordo, foi-lhes dito que o chefe se achava em terra, com a força, que já ahi se formava, para marchar contra a cidade. Dirigiram-se pois para a paragem do desembarque, e, ao que se lhes apresentou como chefe disseram, de parte do governador, haverem ali sido recebidas ordens regias annunciando as treguas celebradas na Haya havia mais de cinco mezes. Bem conheceria o chefe inimigo o tratado, e o direito ás hostilidades que lhes dava o artigo 8.º d'elle, se ali não houvesse chegado ainda a notícia da ratificação, como bem presumia. Pediu pois para ver essas ordens; e com a maior boa fé sahiu o governador da fortaleza, levando-as na mão; pensando que, com isso, ia poupar muito sangue, e cumprir os seus deveres como leal cavalheiro e bom christão. Examinou o chefe inimigo as taes ordens, e desde logo se tranquillisou, ao ver que ainda n'ellas se não fallava da ratificação, a qual, como ora sabemos, apenas havia sido assignada por Portugal na semana anterior. Duvidou, ao

dia quasi até o mesmo Portinho, existindo já com muitas casas, as ruas do Giz, da Palma e Formosa até a Rua do Caminho Grande, que seguia ainda para fóra com algumas casas e povoação, do lado esquerdo, nas ruas da Cruz e S. João; bem entendido que muitas das casas eram ainda cubertas de pindoba.

Além do forte de S. Luiz havia duas baterias nos pontaes da outra banda do Anil e mais uma na saliencia que fica entre as extremas das ruas Direita e de Santa-Anna.

que parece, Maciel Parente, pouco ao corrente das fórmas diplomaticas, de seus argumentos, e resistindo-se a acreditar que o governo da metropole havia andado com pouca previsão e bastante negligencia. Viu-se porém obrigado a ceder ao número das forças desembarcadas, mediante uns simulacros de concessões, que lhe foram feitas, de que as hostilidades não proseguiriam, em quanto cada um dos chefes passava a pedir ordens á sua respectiva metropole; lavrando-se d'isso um termo, que foi assignado pelo governador e por Lichthardt e pelo director Bas. Os hollandezes entraram logo no forte e na cidade, e arriando as bandeiras, içaram as suas; e no dia seguinte foram apresentar ao governador para assignar um novo termo, rasgando o anterior, que diziam estava menos bem redigido.

O velho Bento Maciel foi logo embarcado, e conduzido para o Rio-Grande; donde, preso, o levavam por terra até o Recife, quando falleceu, antes de chegar á Goyana [1]. A guarnição que havia na praça, apenas de cento e trinta soldados, foi embarcada, dizendo-se a todos que para a ilha da Madeira; mas partiram em uns barcos tão máos que deram graças a Deus quando se viram chegados, uns á ilha de S. Christovam das Antilhas, e outros (uns quarenta), com o capitão Pedro Maciel, ás aguas do Pará, levados por um barco, a que se passaram no mar, pelo máo estado do em que iam.

Apoderaram-se os hollandezes, não só da artilheria dos fortes, que consistia em cincoenta e cinco canhões, e juntamente de muitas munições, como de quanto havia pertencente ao fisco e de toda a riqueza das igrejas.

[1] Calado, pag. 118.

Existiam então, no districto da cidade, cinco engenhos e tres engenhocas, que todos forneciam por anno umas seiscentas caixas de assucar. O conquistador multou aos moradores no valor de umas seis mil arrobas, valor que foi sem demora pago. Em cada um dos engenhos mandou pôr guardas, convertendo os donos d'elles em verdadeiros feitores seus.

O provedor mór esteve retido em custodia até ser embarcado para a Hollanda; onde, em 2 de agosto de 1642, apresentou ao embaixador extraordinario de Portugal Francisco de Andrade Leitão uma certidão, cuja cópia temos presente, de cujas informações se serviria o dito embaixador para a nota [1] que, em 13 de maio, dirigiu aos Estados Geraes reclamando contra esta nova violencia.

As tres aldeias da ilha, bem como os moradores de Tapuitapera (Alcantara), prestaram homenagem ao vencedor.

Apenas constaram na Hollanda as noticias da occupação do Maranhão, apressaram-se os Estados a enviar ordens ás suas autoridades no Brazil, em datas de 22 de fevereiro e 15 de março (1642), para que cumprissem e fizessem cumprir á risca o tratado de treguas.

Era porém chegada para os nossos a hora das represalias. Os hollandezes, fiados na validade do pactuado, em virtude das ratificações, iam dormir o mesmo lethargo da confiança em que os nossos haviam jazido, fiados na honra de Nassau; e da mesma sorte que elles tinham abusado da boa fé, iam ser victimas da sua con-

[1] Dada á luz n'esse mesmo anno em Lisboa no folheto «Discurso politico» etc.

fiança n'ella. A elles, que haviam ensinado o caminho, cabe toda a responsabilidade. E graças a Deus: porque a não haverem procedido tão mal, por ventura o norte do Brazil sería, senão ainda colonia d'elles, como Batavia, pelo menos mui provavelmente de nacionalidade differente da do sul. Ainda assim, tão amortecido se achava o espirito público, ou tão pequenos eram os recursos que tinham os povos submettidos para sacudir o jugo, que foi necessario ajudal-os das capitanias visinhas.

Os primeiros planos para se levar isso a cabo em Pernambuco, pelos esforços dos seus proprios habitantes, haviam tido logar antes de ser occupado o Maranhão, e até já antes das entrevistas de treguas entre Nassau e Montalvão. Se não foi André Vidal o autor da idéa, desde que no tempo do conde da Torre chegou, com um punhado de homens, quasi a dominar em toda a capitania da Parahiba e a ameaçar e aterrorizar as visinhas, elle veiu depois a patrocinar de tal fórma a mesma idéa que podemos dizer que a perfilhou, que a fez familiar na Bahia, e veiu a ser, por assim dizer, a alma do plano que foi posto em execução, depois de abraçado pelo governador Antonio Telles, que tudo sacrificou para esse fim, e a quem talvez algum dia Pernambuco honrará com uma estatua. Em todo o caso não ha a menor dúvida que não foi João Fernandes Vieira o autor da idéa da restauração de Pernambuco com apparencia de espontanea, como se chegou a acreditar, em virtude das asserções dos seus dois aduladores Fr. Manuel Calado e Fr. Rafael de Jesus. É o proprio Vieira quem declara, em uma notícia

que dirigiu ao Dr. Feliciano Dourado, que elle entrára na sublevação, fallado para isso não só por Martim Ferreira e Simão Alvares de la Penha, e por André Vidal, que todos lhe mostravam por escripto a segurança de que tal sublevação sería do agrado do governo, mas até por um frade bento por nome Fr. Ignacio, que lhe trouxera verbalmente sobre isso os avisos d'elrei D. João IV, e que por tal serviço foi eleito bispo de Angola. Transcreveremos as proprias palavras do mesmo João Fernandes Vieira, que dizem assim:

«Quem me trouxe vocalmente os avisos de S. M. foi um frade de S. Bento, por nome Fr. Ignacio, eleito bispo de Angola por este serviço: foi o mestre de campo Martim Ferreira e Simão Alvares de la Penha que n'aquelle tempo estavam na Bahia, e vieram disfarçados em embaixadores ao Recife, onde me falaram: e tambem n'outra occasião veiu o governador André Vidal de Negreiros a trazer-me o mesmo aviso em companhia do frade bento.

«Todos estes traziam por escripto, e m'o mostravam; mas com ordem que os tornassem a recolher, por não serem achados; que assim convinha. E nos escriptorios e secretarias de S. M. devem estar muitos papeis, que por elles se conhecerá o referido.... E quem disto dera certa noticia era o Sr. Antonio Telles da Silva, por cuja via corriam os secretos d'este negocio, de que tambem o pode dar o Sr. Salvador Correa de Sá e Benavides, a cujo effeito veiu na jornada do Galeão.»

Em Vidal obravam (como diz o grande panegyrista de Vieira Fr. Manuel Calado) não só os impulsos do patriotismo, como tambem os da religião. Nos districtos

de seu dominio iam os hollandezes, de dia em dia, reduzindo as igrejas catholicas, e creando em seu logar protestantes. No Recife e Mauricia tinham, além dos tres prégadores hollandezes Nicolas Vogel, Peter Ongens e Peter Grib, mais um quarto Jodocus Astett, que algumas vezes acompanhava as expedições e veiu a ser preso no rio de S. Francisco, todos obedientes ás regras do synodo de Dort; e além d'isso um inglez, Samuel Bachelor, e um francez Joach. Solaer. Em Itamaracá era ministro e prégador Johan Offringo; na Parahiba Hendrik Harman; no Rio Grande Jo. Theod. Polheim; além de mais seis igrejas protestantes estabelecidas no sul da capitania no Cabo, Santo Antonio, Serinhaem, Porto Calvo e Penedo, algumas das quaes estavam sem sacerdotes depois da partida de Nassau.

A preferencia com que os nossos procuravam captar a João Fernandes Vieira não tinha outra origem mais que o ser elle, de todos os moradores de Pernambuco, o que gosava de mais favor entre os dominadores, e um dos que ahi, em seu nome e do seu committente Jacob Stachower, mais fundos manejava. Por outro lado parecia Vieira de caracter bastante bazofio e mui accessivel aos estimulos da ambição; de modo que não foi dificil angarial-o, por meio de promessas de vir a receber postos e commendas lucrativas, e de ficar, juntamente com os filhos que viesse a ter, engrandecido e rico[1]. Não sabemos se já então se estipulou que sería desde logo feito mestre de campo, e que concluida a restauração sería elevado, como foi, a governador e capitão general; porém o que temos por certo é que o mesmo

[1] «Pension et promesses de le faire grand» etc. Moreau pag. 49.

Vieira exigiu, para tomar parte no movimento, ser d'elle o primeiro caudilho, com preferencia a todos os outros moradores, e ficar autorisado a declarar quites os que deviam aos hollandezes, em cujo número, segundo estes[1], entrava com uma avultada quantia elle proprio Vieira. Em todo caso Vieira assegurou que a promessa d'esta quitação fôra uma das que mais obrigára aos moradores a tomar as armas, e contra elle proprio depoz Diogo Lopes Leite, em 30 de junho, aos hollandezes que muitos dos seus patricios diziam que Vieira merecia as galés; pois «não tinha tido com a revolução outro intento senão de libertar-se das muitas dividas á companhia[2].» Ouçamos tudo quanto a este respeito é por elle revelado, na supra mencionada noticia ao Dr. Feliciano Dourado:

«A Magestade que está em gloria, por secretos avisos, me mandou que fizesse a guerra aos hollandezes, para com a occasião de eu a fazer, obrigar aos flamengos a alguma connivencia, ou por via das armas serem restauradas estas capitanias de Pernambuco....

«Foi a Magestade que está em glória servido mandar que tudo o que eu prometesse em compras de praças que fizesse, e cargos que provesse e titulos e commendas que désse, e lettras que passasse, sob sua real palavra, o havia por bem feito; e que todos os escravos

[1] Isto se comprova até pelo empenho com que a tal respeito procurou o mesmo Vieira justificar-se, não somente na carta que escreveu ao Principe regente em 22 de maio de 1671, como tambem na verba 24.ª de seu testamento, que no ultimo livro reproduzimos.

[2] *Alzoo hy dat verraet tot geen ander inzight gestight hat, als alleenliik, om dat hy de groote schulden aen de Kompagnie en koopluiden niet betalen Kon.* (Nieuhoff tom. I, pag. 81.)

que tomassem armas os houvesse por forros, e que poderia mandar enforcar e castigar todos os que impedissem a tal facção; e que a todos os moradores que tivessem fazenda, e ainda os ecclesiasticos, lhes poderia tomar por émprestimo, para fazer a guerra; e que lhes promettesse todos os favores necessarios.... E uma das cousas com que mais obriguei a tomar as armas foi prometter aos moradores todos que os empenhos de debitos que tivessem feito com os flamengos lhes não seriam pedidos.»

Sabemos que, no tempo de Nassau, não só a maior parte das vendas se fizeram a credito e pagaveis a largos prazos, mas que a muitos lavradores, principalmente depois de occuparem os hollandezes Angola, foram abonados, igualmente a credito, para ser o seu valor indemnisado em assucares, centenares de escravos; e não é de crer que, sendo João Fernandes Vieira um dos mais favorecidos e com mais creditos, como contractador de varios monopolios, fosse elle exceptuado de aproveitar d'estes beneficios. Assim aos debitos atrazados que poderia ter, pelas compras dos engenhos e moratorias que lhe haviam sido concedidas para o cumprimento dos contractos, em consequencia das perdas e damnos, causados pelas invasões dos campanhistas ou guerrilhas, viriam a juntar-se estes novos. Entretanto, partido Nassau, e levando, com os que o acompanharam, alguns capitaes, e começando os directores da Companhia a faltar com soccorros a Pernambuco, assentaram os do Conselho, para acudir ás necessidades da colonia, de exigir dos devedores promptos pagamentos. O dinheiro chegou a escassear a ponto que se

não obtinha a menos de tres a quatro por cento ao mez. D'ahi procederam muitas faltas nos pagamentos, e d'estas muitas vexações aos moradores, mandadas fazer pelos do Conselho; os quaes conhecendo em breve que não lhes resultavam d'essas vexações nenhuns beneficios, começaram a lavrar contractos particulares com os moradores, pelos quaes estes se obrigaram à pagar a prazos em assucares, etc.

Por meio d'este expediente, conseguiram elles um respiro contra as vexações. Logo veiu a revolução absolvel-os de todo d'essas obrigações, que alguns haviam contrahido sem dúvida já confiando n'ella.

Que a abnegação não era, como se tem pretendido fazer acreditar, a virtude mais saliente em João Fernandes Vieira, se confirmou logo depois da insurreição quando, como dono de muitos canaviaes, se oppoz a que elles fossem incendiados, e ainda melhor no fim da guerra, pelo seu proceder nos governos de Angola e da Parahiba [1].

Os panegyristas do mesmo Vieira, para exalçar-lhe a importancia, chegam até, em contradicção comsigo mesmos, a declaral-o de grande familia e mui nobre por sangue. Assim sería: mas nenhum nos diz como se

[1] Antonio d'Albuquerque, antigo governador da Parahiba, escrevia, em fevereiro de 1667, a seu irmão Mathias, que depois de Vieira fôra governar a mesma Parahiba. -- «V. M.cê se aproveitou pouco do tempo que governou a Parahiba.... Não succedeu assim a João Fernandes Vieira, que logo se empossou das fazendas dos Brandões e mandou buscar os nossos cobres;... e a este homem lhe correu a fortuna com monstruosidades; e em Angola grangeou grande cabedal; se lhe correr até o fim é um monstro dos nossos tempos.» (Mello, III, 135.)

Os Brandões a que acima se faz referencia seriam os irmãos Luiz e Jorge e sobrinho Francisco, emigrados da Parahiba em 1634.

chamava seu pae; e sómente que o mesmo João Fernandes passára da Madeira, sua patria, ao Recife, na idade de dez annos: que ahi servíra de caixeiro, sem nenhuma paga, e somente pela comida[1]; até que, para sahir d'essa humilde situação, preferíra, em serviço de outro patrão (talvez já Stachower) deixar o Recife. Moreau vae ainda além: diz que elle era liberto (affranchi), para o que não póde fazer dúvida a naturalidade; visto que então havia ainda escravatura na ilha da Madeira. —Parece que Vieira começou a fazer-se mais conhecido e a adquirir no paiz mais relações e creditos, entrando em varias confrarias, que, n'aquelles tempos, serviam de carta de recommendação, como em nossos dias a maçonaria.

Vieira não chegou nunca a ser o conductor da insurreição, como depois nunca foi o director da guerra. O seu papel restringiu-se antes ao que em linguagem vulgar se costuma designar por testa de ferro. Em vista dos factos, quem se nos apresenta como verdadeiro conductor da insurreição, e segundo dissemos, como verdadeira alma d'ella, é o parahibano André Vidal; embora a sua muita abnegação e modestia quasi o chegaram a occultar á posteridade; a ponto que não poucas resistencias e reacções temos encontrado para levantal-o, prestando culto ao merito e á verdade. Vejamos esses factos.

Sabemos, por documentos officiaes, que no dia 23 de maio de 1642, achando-se Vidal em Lisboa, e ao

[1] Calado, pag. 158. Ouvimos que o sr. Felner, em uma memoria que leu na Academia, apresenta a filiação de Vieira; mas não a conseguimos ver, por ora. (Veja a nota no fim.)

que parece já para regressar ao Brazil, d'onde tinha vindo, o rei D. João lhe fez pessoalmente promessa de lhe dar, quando se restaurasse, o governo do Maranhão, ainda então sob o dominio hollandez. Era ministro da corôa Montalvão, o qual, com a notícia de haver sido occupado o mesmo Maranhão, devia ter perdido toda a esperança de poder contar com Nassau, e haveria já reconhecido que não tinha outro remedio senão usar do recurso de autorisar as insurreições. Vidal, favorecido com a mencionada promessa, feita por ventura na propria hora da despedida, embarcou-se para o Brazil, acompanhando a Antonio Telles da Silva, nomeado para succeder no governo geral a Montalvão, como «capitão geral de mar e terra.» Chegado com este governador á Bahia no principio da última quadra do mez de agosto [1], foi logo Vidal pelo mesmo governador encarregado de passar ao Recife, a pretexto de entender-se com o conde de Nassau acerca dos assumptos de Angola, a respeito dos quaes lhe escrevêra Montalvão; mas com o verdadeiro intuito de tratar de fomentar ahi a insurreição, mostrando secretamente documentos para prova de como os serviços n'ella feitos seriam bem aceitos e recompensados pelo rei, e vindo já autorisado, pelo proprio rei, para distribuir para esse fim em Pernambuco até seis habitos de Christo [2], conseguiu Vidal conversar não só

[1] Na Gazeta de Lisboa de julho de 1642 se lê: «*Antonio Telles da Sylva foy a governar o estado do Brasil.*» Partiria pois em principios d'esse mez ou nos fins de junho.

Em todo caso deve Antonio Telles haver partido de Lisboa depois de 16 de junho, data do regimento que comsigo levou.

[2] Rel. de Frederick Flekissen, prisioneiro na Bahia, escripta depois de chegar a Hollanda, aos 6 de fevereiro de 1646.

com João Fernandes Vieira, a quem foi procurar em companhia do benedictino fr. Ignacio, mas tambem com outros moradores, e de tal modo contava já com a revolução no Maranhão (que aliás só rebentou no ultimo dia d'esse mez de setembro), que parece ter dado d'ella notícia como coisa assentada.[1], o que não deixou de alarmar muito o povo, que fallava de insurreição; chegando a acreditar-se que estava entre os conjurados o proprio commandante da guarda de Nassau, Carlos Tourlon[2], casado com a bella pernambucana D. Anna Paes, viuva de Pedro Corrêa da Silva.

Cumpre declarar que Nassau nada por então suspeitou contra Vidal, ora acompanhado do capitão Manuel Pacheco d'Aguiar[3]. Pelo contrário: quando chegaram, permittiu-lhes vender (ao que parece simuladamente a João Fernandes Vieira, para prover os que se insurreccionassem) os mantimentos que haviam trazido, e os deixou communicar livremente com os moradores, tanto nacionaes, como hollandezes;—e isto provavelmente porque estes dois emissarios ahi iam como em correspondencia de outros dois[4] que do Recife haviam

[1] «Hæc inter adversarum rerum nuntia Pernambucenses dominos turbavere, et partæ securitatis incommoda ostendère, relatum fide certa Maragnanos imperia nostra excusisse Lusitanos et Brasilianos.» (Barlæus.)

[2] Calado, pag. 61.—Tourlon deportado para a Hollanda por Nassau, ahi morreu; passando a sua viuva a desposar-se em terceiras nupcias com Gisbert de Witt, membro do Conselho politico.

[3] Veremos como, em virtude das muitas hesitações, Vidal teve que ir ao Recife outra vez e tambem á Parahiba, dois annos depois com Nicoláo Aranha, como escrevem Calado e Moreau.

[4] Cremos que os dois emissarios mandados d'essa vez á Bahia eram Manuel Codd e Abraham Taper, que Calado (pag. 112) dá como idos ali em outra occasião. Manuel Codd seria o que ficára detido tendo pa-

antes sido mandados á Bahia para entabolar as treguas. Não julgamos impossivel que existisse o pensamento de fazer rebentar no Recife a insurreição ao mesmo tempo que no Maranhão, quando chegou a ser tão público o boato de que de propositos subversivos se tratava, que Nassau deu d'isso conta para a Hollanda, em 24 do proprio mesmo mez de setembro, em que estalou a revolução no Maranhão [1].

Se tal concerto chegou a haver, só ás contemporalições de João Fernandes Vieira poderiamos attribuir o haver elle falhado. Se não chegou a haver o concerto para se levar ávante uma revolução, temos por seguro que Vidal poude obter que os moradores, incluindo Berenguer e Vieira, dirigissem uma carta ao rei D. João IV, pedindo-lhe que os mandasse soccorrer com gente e meios para ella, e que esta carta foi levada á Europa pelo filho de Berenguer, Antonio de Andrada Berenguer.—O joven Antonio de Andrada passou a Portugal, acompanhado de J. van North; que denunciou logo tudo para a Hollanda e que em Portugal haviam feito capitão ao dito Andrada; e de tudo isso mandou o Conselho dos XIX aviso a Nassau em carta do 1.º de junho (1642). Assim já Nassau na communicação de 24 de setembro, que citamos, trata d'essa carta.—Porém Vieira, sabendo-o,

rentes no Recife, segundo consta de uma carta dos do Conselho. Em resposta a esta carta é que Antonio Telles daria a Nassau rebaixa no tratamento, bem que não provocado como pensou Calado, pag. 121.

[1] «Perfidiam gentis Maragnonensis nuper illustri scelere prodidere, quæ etiam apud Pernambucenses erupisset, nisi oppressa in herba malè cœpta evanuissent desperatis nihil anceps horridum, ut quidvis tentaturi videantur, quo se expediant et nominibus Belgarum et imperio.» (**Barlæus.**)

resolveu tomar a iniciativa de fallar n'isso, e, no dia 13 de dezembro, se apresentou aos do Conselho, declarando-lhes que lhe constava quanto se dizia; e que era certo que elle e seu sogro haviam escripto ao rei, mas havia sido uma simples carta de recommendação, em favor do cunhado para ser promovido, e que d'essa carta tinha até o borrão no seu escriptorio. Julgaram os do Conselho que era chegada a occasião de surprehender em flagrante o delinquente, e lhe ordenaram que entregasse as chaves do escriptorio, e que se considerasse preso, em quanto se dava a busca. Vieira havia tido a cautela de deixar o borrão da imaginada carta, no sitio que indicou, e foi julgado innocente, de accordo até com as idéas de tolerancia em que já se achava Nassau, que, antes de deixar o governo, recommendava a Companhia a maior descripção ao ouvirem as denuncias contra os ricos [1].

Pouco depois, quando Nassau, reconhecendo que não poderia suster-se em pé o grande colosso que elle, com tanta fortuna, adquirira para a sua patria, preferiu (a fim de que esse colosso, mal cimentado não fosse desabando todo em suas proprias mãos) insistir pela demissão e recommendou para substituil-o ao conselheiro Drick (Theodoro) Codd van der Burgh, o mesmo Vieira não duvidou associar a sua voz á de Nassau, pedindo tambem aos Estados Geraes da madrasta-patria hollandeza pelo mencionado Codd. E mais tarde, partido Nassau e ficando por successor, não o mesmo Codd mas um triumvirato,

[1] A este facto allude a certidão dos moradores a favor de Vieira passada em 7 de outubro de 1645.—Veja Calado, pag. 247, e tambem Nieuhoff.

ainda Vieira apresentou taes difficuldades, que por duas vezes esteve a insurreição de Pernambuco a ponto de mallograr-se de todo, como veremos.

Sabemos que em sessão do Conselho de 16 de fevereiro de 1643 declarou Nassau ter noticia de uma conspiração cujos chefes estavam na Varzea, resolvendo-se porém recolherem-se as guarnições e acautelar-se o Recife.

Não succedeu assim felizmente no Maranhão. O jugo dos oppressores era ahi mais forte, o espirito publico, por isso mesmo que esse jugo havia durado menos (apenas dez mezes), não estava tão amortecido, e a conspiração teve a fortuna de encontrar á sua frente nobres caracteres, como foram os senhores de engenho Antonio Moniz Barreiros e Antônio Teixeira de Mello.

Que essa insurreição no Maranhão foi realisada com previo assentimento da Côrte, o deduzimos nós, não tanto do facto da promessa do governo d'esse Estado, feita quatro mezes antes a Vidal, e do pensamento que chegou a haver, segundo parece, de secundal-a em Pernambuco e de se dar ahi d'ella noticia antes de rebentar, como principalmente do facto de haver sido soccorrida do Pará [1] de gente e de munições, apenas ahi chegou a noticia do seu rompimento; sendo que as autoridades se não haveriam atrevido a tomar a responsabilidade de mandar taes soccorros, se a esse respeito não houvessem já recebido ordens. E esta foi tambem a opinião do inimigo;

[1] Na *Gazeta de Lisboa* de julho de 1642, pag. 3.ª, se diz como em um patacho haviam chegado do Grão-Pará varios moradores «a pedir armas e polvora», os quaes diziam «que não ha por aquellas partes poder que os descomponha.»

pois Nieuhoff diz mui expressamente, que a perda do Maranhão em 1644 «para confessar a verdade, foi devida á combinação dos portuguezes, com os habitantes do Grão-Pará e os naturaes da terra.» — Sigamos porém narrando como se operou essa insurreição no Maranhão.

Haviam ahi os hollandezes imposto aos senhores de engenho exacções tão arbitrarias *que maliciaram* não seriam ellas cumpridas sem que em cada engenho houvesse uma escolta. Estavam porém os soldados d'estas mal armados, mal pagos e alguns até soffrendo de febres e outras molestias. Facil era obter sobre elles, com toda a segurança, uma primeira victoria. Planisáram pois os conspiradores um levantamento geral, e desde logo elegeram por chefe a Antonio Moniz Barreiros, possuidor de dois ou tres dos cinco engenhos da terra e que já havia sido antes capitão-mór do mesmo Maranhão a pedido de seu pae, do mesmo nome, habitante de Pernambuco e que, no governo de Diogo de Mendonça, fôra feito provedor mór da fazenda, com a condição de que faria construir no Maranhão por sua conta dois engenhos de assucar, encargo que elle commettera ao dito seu filho. Aprazou-se o rompimento, segundo dissemos, para a noite de 30 de setembro. N'essa noite foram a um tempo surprehendidas e feitas prisioneiras ou degoladas as guarnições dos cinco engenhos, e de madrugada se foram todos reunir diante do forte do Calvario, do Itapicurú, que conseguiram surprehender, aprisionando o seu commandante, que dormia segundo costumava em uma casa fóra do forte, e passando a apoderar-se do mesmo forte, matando simplesmente algumas sentinel-

las. A uns cincoenta ao todo[1] das guarnições dos hollandezes foi pelos nossos dado quartel, e n'este numero entrou o dito commandante do Calvario, Maximiliano Schade, o seu immediato e um soldado por nome Cornelis Jansen, que foi pelos nossos considerado de toda confiança. A Schade somos devedores de uma exposição[2], apresentada em Amsterdam em 4 de novembro de 1644, em que, contando quanto lhe passou, subministra varios dados que hoje servem á historia.

A não ter sido tão habilmente combinada e feita de surpreza a occupação do forte do Calvario, não se houvera a sua posse alcançado facilmente. Era situado em um cotovelo ou pontal á margem do rio. Sobre o mesmo tinha uma frente flanqueada por dois orelhões, que formavam como dois baluartes. Para a banda da terra seguia o mesmo forte estreitando e afucinhando, sempre com flanqueamento mutuo, terminando em uma especie de revelim; o que constituia tres recintos que os atacantes teriam que tomar para d'elle se apoderar, se antes não fossem soccorridos da cidade, como era natural.

Os sublevados passaram sem demora á ilha, acommettendo e levando á degola a primeira guarda dos hollandezes que n'ella encontraram. Logo foram assentar campo a tres leguas da cidade[3], com avançadas junto

[1] Já se vê que muito se enganou o padre José de Moraes quando disse (pag. 157 da edição C. Mendes) que de todas as guarnições «nem um só escapou com vida».

[2] Um summario d'esta exposição foi impresso em 1646, no folheto «Extract ende Copye», etc.; porém foi do proprio original que tomámos as notas de que aqui nos valemos.

[3] «Entre a Ibacanga (Bacanga) e Garaú, junto do sitio que chamam Tayáçú-coaratim», diz o padre José de Moraes, pag. 158.

do rio Cotim [1], certos de que o inimigo não deixaria de vir atacal-os, e de terem d'esta fórma, quando ainda não eram mais de duzentos a seu favor, a escolha do sitio para a acção.—Assim succedeu. Moniz foi a tempo avisado de que, no dia seguinte, uma força inimiga, de cento e vinte homens, o iria atacar no logar em que se achava. Preferiu pois desde logo levantar campo, e ir ao encontro do inimigo, armando-lhe junto ao mesmo rio Cotim, uma cilada, onde ella fosse menos esperada.

Foi o plano tão bem executado que dos hollandezes apenas escaparam seis, perecendo todos os mais, e com elles o seu commandante [2].

Com esta victoria, que ministrou aos sublevados armas e munições, animou-se Moniz a ir sitiar a cidade. Com a pouca gente que lhe restava, limitaram-se os hollandezes a guarnecer a parte alta da mesma cidade, entrincheirando-se nas immediações do actual palacio [3] do governo, e deixando de fóra varias casas e igrejas, inclusivamente o convento do Carmo, que logo occupou Moniz, ordenando que outros se postassem em um edificio [4] no canto da rua que vae para Santo Antonio.

[1] Provavelmente no isthmo formado entre as vertentes do rio Cotim e as do Rio das Bicas.

Ha quem pretenda que foi junto ao *Outeiro* chamado *da Cruz*, onde ainda por memoria se conserva uma arvorada.

[2] Segundo Berredo, era este um escocêz por nome Sandalim. Não encontramos este nome nos documentos hollandezes, e, em abono da verdade, mais nos parece turco (lembrando Saladim) que escocez.

[3] Avançando apenas um tanto do lado do beco de João Val, comprehendendo o local onde hoje se acham o paço do bispo e o jardim publico, e ficando já de fóra o espaço onde actualmente estão as ruas da Nazareth e Barbeiros e o Largo do Carmo.

[4] «De um Antonio Vaz», diz Moraes: «De Antonio de Morus» lemos em uma copia da participação hollandeza, que vimos. Não seriam casas

Seguiram-se alguns tiroteios sem nenhuns resultados até que no dia 3 de janeiro chegaram do Pará, em auxilio dos maranhenses, os capitães Pedro da Costa Favella, Bento Rodrigues de Oliveira e Ayres de Sousa Chichorro, em cincoenta e quatro canoas, conduzindo cento e treze soldados, seiscentos indios, alguma artilheria e poucas munições [1]. A chegada d'este soccorro fazia honra aos do Pará; pois, para envial-o, se haviam suspendido as rivalidades existentes entre a camara e o capitão Pedro Maciel, apoiado por seu irmão João Velho do Valle, capitão do Cabo do Norte. Todos se alojaram no quartel do Carmo, passando o Moniz, com os seus, para o outro posto, com avançadas onde hoje estão a igreja do Rosario e o recolhimento da Annunciação.

No dia de Reis, 6 de janeiro, se arvorava nos nossos parapeitos a bandeira portugueza, trazida pelos do Pará, e era saudada com alguns tiros contra a praça, gritando os sitiantes que eram recados que mandava o rei de Portugal.

Se então Moniz effectua um assalto, é mais que provavel que os hollandezes teriam capitulado. Deixou porém passar mais de uma semana sem nada intentar, pensando talvez que pouparia muitas vidas e que os hollandezes seriam obrigados a render-se. Porém em logar d'isso, viu no dia 15 d'esse mez, receberem elles reforços trazidos em sete barcos, e bastante se arrependeria de não haver antes intentado o ataque. Chegavam de reforço (aos hollandezes) trezentos soldados e duzentos in-

do proprio Antonio Moniz? Morus poderia ter sido má leitura de Moniz.

[1] Off. de Bas, de 31 de janeiro de 1643. Berredo, n. 845 e 846.

dios, ao mando do tenente coronel Henderson[1] que fôra ferido no sitio da Bahia, e que depois de haver estado na mesma cidade de refens em 1641, tinha sido mandado á conquista de Loanda, d'onde acabava de regressar.

Logo no dia seguinte, saiu Henderson á frente de quatrocentos soldados e cento e cincoenta indios[2] contra o quartel do Carmo, onde, como vimos, se achavam as forças vindas do Pará. Esse posto foi tomado sem grande difficuldade, sendo passados á espada todos os que o defendiam.

Seguiu-se o ataque do outro posto. Ahi se defenderam os maranhenses energicamente, de modo que obrigaram os hollandezes a retirar-se com perda de não poucos mortos e de sessenta a setenta feridos[3]. A perda da nossa parte foi proporcionalmente mais pequena em numero; mas muito maior moralmente porque n'esta heroica defensa succumbiu o capitão-mór Antonio Moniz.

O mando foi logo confiado a outro senhor de engenho respeitavel, Antonio Teixeira de Mello.

Durante nove dias se mantiveram as duas forças em quasi muda expectativa, até que, na noite de 25, os nossos resolveram retirar-se. N'essa noite, ordenando o

[1] Berredo escreve Anderson; e diz que o reforço era de setecentos soldados e grande numero de indios. O conde da Ericeira dá tresentos e cincoenta soldados e outros tantos indios. Seguimos o officio de Nassau de 3 de abril de 1643, confirmado por Barlæus, que diz: «militibus trecentis, Brasilianis biscentum.»

[2] Por tanto quinhentos e cincoenta por todos, e não mil e quatrocentos. Que tendencia dos nossos escriptores a exaggerarem sempre as forças inimigas!

[3] Segundo Bas; o que temos por mais verosimil que cento e sessenta mortos e duzentos feridos, que dá Berredo.

chefe hollandez que um sargento, com doze soldados e dez indios, fosse apoderar-se de um posto dos nossos, em chegando a elle, reconheceram que havia sido abandonado, bem como todos os demais.

N'essa mesma noite se havia retirado Antonio Teixeira para d'ali a meia legua, a «uma posição bastante forte, alem de um desfiladeiro, tão estreito que não podia passar por elle mais que um homem de cada vez». Era ás cabeceiras do Cotim, logar onde haviam conseguido a primeira victoria.

No dia 26 mandou ahi o hollandez explorar o terreno cento e cincoenta indios[1] ás ordens do capitão Jacob Evers[2], mas chegados ao desfiladeiro, ahi foram todos acommettidos e mortos.

Antonio Teixeira ainda se conservou na ilha[3] por espaço de tres mezes; durante os quaes, raro era o dia em que os hollandezes não tinham que recolher alguns mortos ou feridos; e o mais triste para elles era que se encontravam sem medicamentos. Por fim, escassos de munições e de viveres, os nossos se viram obrigados a passar o Tapuitapera (hoje Alcantara) do outro lado da bahia, em principios de maio. D'ahi partiram para o Pará a solicitar munições de guerra os chefes do soccorro que de lá viera. Graças a um navio que com ellas chegára da Bahia[4] ao Pará, essas provisões não se fizeram es-

[1] N'este numero de indios e seu funesto fim está inteiramente de accordo a parte de Bas com o que dizem os nossos escriptores.

[2] Não João Lucas, como diz o padre José de Moraes.

[3] Em Moruapy, que segundo um mappa antigo era no centro da ilha, junto ás cabeceiras do Tibery. Seria o mesmo sitio em que haviam estado antes.

[4] Schade, Repres. citada.

perar; e, já com ellas, não tardou Teixeira de Mello a aproximar-se da ilha; collocando-se provavelmente na Estiva, junto ao rio do Mosquito, d'onde continuava a inquietar o inimigo, por terra e por agua, muito ajudado n'estas incursões pela intrepidez de Manuel de Carvalho Barreiros, irmão do fallecido capitão-mór. Depois passaram os nossos á ilha, e provavelmente foi d'esta vez que se estabeleceram no chamado Arrayal, em frente do Itapicurú, d'onde podiam d'esse rio ser facilmente soccorridos de mantimentos.

A final o inimigo enfadado de tanto soffrer, vendo que não lhe chegavam os soccorros, que pedira mais de uma vez, achando-se com mui poucos recursos de mantimentos e munições, julgou que devia, em quanto era tempo, aproveitar-se dos poucos que lhe restavam para emprehender a viagem de retirada.

E, encravando toda a artilheria do forte, partiu no dia 28 de fevereiro de 1644 em dois chavecos velhos, que estavam no porto, a desembarcar no Ceará[1]; d'onde seguiram todos por terra até o Rio Grande; ficando no mesmo Ceará uma guarnição mui diminuta ás ordens de um chefe Gideon Morritz, que pouco depois foi toda

[1] Não em S. Christovam, como diz Berredo (n.º 917) seguido por Southey (t. 2.º pag. 46). Tão pouco é certo, segundo affirma o mesmo escriptor (n.ºs 921 a 923) que a capital do Ceará se entregasse logo. O Ceará foi sim destruido em 1644 por uma invasão de barbaros; mas os hollandezes tornaram a occupal-o; a entrega não teve logar, senão a 20 de maio de 1654, por ordem dos do Conselho do Recife, depois de haverem capitulado. Foi mandado a tomar conta do districto o capitão Alvaro d'Azevedo Barreto, levando ás suas ordens o capitão Manuel da Costa e uma pequena guarnição; e parece que, depois de estar ahi seis mezes, foi obrigada pela fome a regressar a Pernambuco por terra, segundo alguns dados vagos que temos.

victima de uma invasão dos barbaros revoltados, que igualmente arrasaram todas as obras feitas nas salinas visinhas de Upanema.

Ao chegar a noticia da restauração á Bahia, Vidal escrevia para Lisboa recordando a promessa do rei; o qual, ao receber a sua supplica, lhe mandava passar a carta patente de 11 de agosto de 1644, nomeando-o governador e capitão general do Maranhão, em conformidade da promessa que fizera em 23 de maio de 1642.

Cumpre-nos dizer que, logo depois que o Maranhão foi libertado pelo esforço dos seus bravos habitantes, e do dos seus visinhos do Pará, e apenas d'isso teve noticia o miseravel donatario de Tapuitapera, que nenhuma ajuda havia dado aos que assim combatiam por arrancar das mãos dos hollandezes a sua capitania, a estes subordinada, em vez de enviar presentes e recompensas ao seu libertador Antonio Teixeira de Mello, passou a accusal-o ante os tribunaes, fazendo-o responsavel por quatro mil cruzados de damnos e prejuizos, em consequencia de haver obrigado os seus colonos aos trabalhos da guerra! E o mais é que houve em Portugal um tribunal que (por sentença de 12 de dezembro de 1646) o condemnou a realisar semelhante pagamento. E o miseravel donatario era nada menos que um desembargador, cujo nome deve a historia deixar gravado, para memoria e escarmento. Chamava-se Antonio Coelho de Carvalho. A doação havia-lhe sido feita por um irmão, e, a influxo seu, confirmada pela corôa.

Talvez como tenue indemnisação de tanta injustiça, o rei depois de restaurado Pernambuco, vendo Antonio Teixeira de Mello reduzido a pobreza lhe fez mercê (por

carta do 1.º de dezembro de 1654) da capitania do Pará [1].

Quando a noticia da rendição do Maranhão chegou a Pernambuco, achava-se em vesperas de partida o conde de Nassau, que, depois de se despedir dos principaes do Recife convocados para isso no dia 6 de maio, seguiu por terra até á Parahiba, e ahi se embarcou para a Europa quasi tres mezes depois, a 22 de maio d'esse mesmo anno de 1644. Acompanhou-o Gaspar Dias Ferreira que depois da revolução de 1645 foi preso na Hollanda, e a 17 de agosto de 1649, conseguiu fugir do carcere, deixando escripta uma carta que por esse tempo se publicou [2].

O governo da colonia escravisada ficou em mãos de tres conselheiros secretos: Henrique Hamel, antigo negociante de Amsterdam, A. van Bollestrate, outr'ora carpinteiro em Midleburgo e Kodd van der Burg, que logo se ausentou, ficando em seu logar o mesmo Pedro S. Bas, antigo ourives, que tantas extorsões praticára no Maranhão. Era secretario J. van Balbeeck.

Na Hollanda agitava-se por esse tempo a questão de refundir em uma só as duas companhias, oriental e occidental; a pretexto de que se aquella tinha grandes lucros é porque esta lhe aparava os golpes no caminho. A final vingou a idéa de se prorogarem os prazos das duas companhias separadas, pagando porém a oriental pela concessão um milhão e quinhentos mil florins, somma que servia a descarregar o estado de uma parte da que devia á mesma companhia occidental.

[1] Portanto não havia fallecido em 1646, como julga Berredo (n.º 929.)

[2] Epist. in carcere, unde erupit scripta — 4.º

LIVRO OITAVO

Novos esforços para restaurar Pernambuco e seus resultados

Novas tentativas — Volta Vidal ao Recife — Avista-se com Vieira e outros — Segue á Parahiba — Regressa, combinados novos planos — Avançam da Bahia Dias Cardoso e muitos veteranos — Seguem-os Henrique Dias e o Camarão, com simulados pretextos — Compromisso dos conjurados — Hesitações — É descoberta a conjuração — Buscas e prisões — Sae a campo a insurreição — Quem a dirige — Marcham contra, Hous e Blaar — Bandos — Primeiros acampamentos — Alboroto — Monte das Tabocas — Notavel victoria — Principado Brazilico — Vão dois emissarios hollandezes á Bahia — Resposta — Hoogstraten — Partem Vidal, Soares e Serrão de Paiva a reforçar a insurreição — Proceder censuravel de Salvador Corrêa — Serinhaem capitula — Reunem-se o Camarão e Dias em Gurjaú a Fernandes Vieira — Morte de Antonio Cavalcanti — Chegam Vidal e Soares — Capitulam Hous e Blaar na Casa-Forte — Entrega-se o Pontal — Serrão de Paiva é derrotado em Tamandaré e cae prisioneiro — Documentos que compromettem o rei — Atrocidades no Cunhaú — Camarão e Dias na Parahiba — Lins em Porto Calvo — Rocha Pitta no Penedo — É soccorrido do Rio Real — Mallogra-se um ataque contra Itamaracá — Porque — É morto Fernão Rodrigues de Bulhões — Insurreição do Rio Grande — Assassinatos com crueldade — Passam a vingal-os Vidal e o Camarão — Segue este até os sertões do Ceará.

O exito obtido na restauração do Maranhão não podia deixar de excitar os brios de André Vidal para se esforçar de novo em conseguir realisar a de Pernambuco e Parahiba, por que tanto se havia empenhado.

Ainda antes de ter conhecimento da carta patente (de 11 de agosto de 1644), pela qual o rei, em desempenho da palavra compromettida, o nomeava governador e capitão general do Maranhão, propoz-se elle patrioticamente a voltar de novo a Pernambuco e ir até á Parahiba; afim de alentar os tibios e de combinar um

plano, por meio do qual se podessem conseguir resultados tão favoraveis como os que os maranhenses haviam obtido, ao cabo de dez mezes de luta. Concebeu e concertou para isso um expediente, e o propoz ao governador Antonio Telles, o qual desde logo o approvou, autorisando a Vidal a seguil-o.

Tinha este intrepido official na Parahiba, onde nascera, ainda vivo a seu velho pae, ahi senhor de engenho; e se propunha visital-o, obtendo previamente para isso, dos dominadores no Recife, o indispensavel salvo-conducto. Francisco Vidal era do veneravel ancião o nome, cujo conhecimento uma piedosa tradição entre os gregos julgava essencial para que o filho conseguisse a immortalidade.

Para não ir só, resolveu Vidal associar a si o alferes Nicolau Aranha, irmão do proprio benedictino Fr. Ignacio, que fôra dos primeiros a propôr a João Fernandes Vieira que se insurreicionasse. Aranha se devia apresentar no Recife declarando que ia em busca de duas irmãs que ali tinha, para as levar á Bahia e as conduzir d'ahi a Portugal, onde as queria metter de freiras em um convento.—Facilitou o governador a Vidal uma caravella e muitas provisões e mantimentos, que deviam no Recife ser vendidos simuladamente a João Fernandes Vieira; afim de constituirem um novo payol ou armazem, do qual desde logo se podessem prover os que se levantassem.

Partiu Vidal, com o dito Aranha, em setembro de 1644; e ao chegar ao Recife, obtiveram ambos licença para desembarcar; mas não para vender o que levavam na caravella, salvo duas pipas de vinho e dois bar-

ris de azeite, o que julgaram os do Conselho produziria o sufficiente para se pagar a querena que necessitava fazer a mesma caravella, a fim de poder regressar á Bahia. Isto resolveram os do Conselho; mas não é impossivel que algum empregado subalterno, cedendo, como outras vezes [1], a empenhos de Vieira, deixasse desembarcar, alguma cousa mais.

Vidal se hospedou na casa do mesmo Vieira, e ahi [2] foi visitado por Antonio Cavalcanti, Amador de Araujo e outros pernambucanos notaveis; e, conseguindo o salvo-conducto, se encaminhou por terra á Parahiba; e, depois de haver ahi abraçado e beijado a mão ao seu venerando pae, passou a combinar o plano da conspiração com Fernão Rodrigues de Bulhões, Manuel de Queiroz Sequeira, Jeronymo Cadena, Lopo Curado Garro e outros; ficando assentado que, por satisfazer aos desejos e exigencias de João Fernandes Vieira, na Parahiba devia o movimento rebentar primeiro.

Antes de retirar-se ao Recife, foi Vidal examinar o estado da fortaleza da Cabedelo, a pretexto de ir ahi cumprimentar o commandante Blaeubeeck, que n'essa visita o honrou, com uma salva de tres tiros.

Ao cabo de dez ou doze dias, regressou Vidal para a Bahia; mas no caminho se achegou á costa, como fizera dois annos antes, e não longe da Barra Grande deixou escondidas algumas munições que não conseguira fazer desembarcar no Recife.

[1] Moreau, pag. 48.

[2] Cumpre declarar que seguimos a Calado, dizendo que esta visita de Vidal tivera logar em setembro, como em 1642. Os do Conselho escreveram que ella tivera logar em agosto.

Apenas Vidal regressou á Bahia e deu conta ao governador de quanto ajustára, foram destacados d'ahi para Pernambuco, por terra, uns quarenta soldados de linha, «todos destros na milicia e capazes de serem officiaes na guerra e governar companhias[1], ás ordens do valente e activo capitão Antonio Dias Cardozo e dos distinctos officiaes Paulo Velloso e Antonio Gomes Taborda. Em pequenas partidas e por sertões mui desviados, chegou esta diminuta força a reunir-se em uma paragem convencionada da mata de páo-brazil, que, a pouca distancia do Recife, extendia-se por umas quatro leguas, além dos Apipucos, entre os engenhos do Borralho e Maciape. Fernandes Vieira, que fôra rematante do contracto do mesmo páo-brazil, se encarregára de occultar e prover n'ella de sustento a todos, até o momento opportuno de rebentar a insurreição.

Era já uma pequena escolta, com cujo apoio um homem um pouco afoito, com o fermento que havia no povo, podia bem ter intentado o lançar um primeiro grito de revolta. Não era porém sufficiente para os propositos de Fernandes Vieira, decidido a nada intentar sem prever desde logo mui seguro o resultado. Exigiu este chefe, para effectuar o rompimento, que novas forças avançassem, sob quaesquer pretextos, da Bahia para Pernambuco. Era tirar á insurreição todo o caracter de expontaneidade; mas taes foram as insistencias que Dias Cardozo se viu obrigado a regressar á Bahia; no que felizmente tão solicito e activo andou que já em janeiro de 1645 regressava da Bahia de todo despachado, levando comsigo o titulo de nomeação de Vieira como «ca-

[1] Calado, pag. 167.

pitão mór e governador da guerra», e a promessa de que em breve o seguiriam, devassando a fronteira do Rio Real, as tropas do Camarão e de Henrique Dias.

Da Bahia veiu aviso aos do Conselho do Recife de como d'ali partira, para sublevar Pernambuco, um capitão, com um alferes e tres soldados; segundo participam os do Conselho para a Hollanda, na carta de 13 de fevereiro (1645).

Força é reconhecer que mais fidalga e cavalheirosa se houvera apresentado a restauração de Pernambuco, se tivesse rebentado do seio da propria provincia, e não do Rio Real, tres mezes antes, como em virtude d'estas exigencias de Vieira, veiu a succeder.

Entretanto eram os do Conselho informados pela denuncia de um judeu Gaspar Francisco da Cunha (em 13 de outubro de 1644) e mais dois de seus companheiros, dos verdadeiros intentos de Vidal na visita feita, a pretextos de despedida. Não tendo porém provas para procederem com rigor, tomaram algumas providencias, concentraram as forças e mandaram em janeiro de 1645, dois emissarios á Bahia, a fim de ahi sondarem o que havia, mas com pretexto de solicitarem a extradicção dos criminosos. Foram estes emissarios o conselheiro Gisberth de With e o major Theodoro Hoogstrate, que mezes depois ahi tornou, como veremos. Regressaram os emissarios, sem nenhuns resultados favoraveis, mas trazendo uma resposta evasiva do governador Antonio Telles, datada de 14 de fevereiro, dizendo-lhes que «continuaria como até então dando provas de obediencia e fidelidade ao seu rei», e muitas informações de quanto haviam visto; pois tão pouco na Bahia poderam

communicar com os seus compatriotas, postos a recado. Antes porém de regressarem, haviam os do Conselho, em 13 de fevereiro, escripto para a Hollanda, dando conta dos receios que tinham de que rebentasse em Pernambuco uma revolução, a exemplo da do Maranhão[1], e pedindo reforços; mas não é impossivel que, ante uma uma situação tal como se havia já apresentado em 1642, imaginassem que acabaria igualmente como então,— em nada.

Mas não succedeu d'esta vez assim. Perto de mez e meio depois, aos 25 de março, o governador dos pretos Henrique Dias, com a sua troça, bastante diminuida nos mocambos dos Palmares, onde havia sido pouco antes mandada[2], devassava a fronteira do Rio Real, e era seguido pelo capitão mór dos indios o commendador Camarão, com a sua. E logo depois o tenente coronel André Vidal que ali se achava, a pretexto de interesses «particulares proprios», dava parte ao governador da Bahia da fuga do primeiro, e de haver ordenado ao segundo que fosse perseguil-o, e immediatamente regressava á Bahia; onde o governador, no dia 31, convocava a conselho os principaes da cidade, que «concordaram que o tenente coronel Vidal tinha feito o que n'aquelle flagrante se podia... e que se avisasse aos hollandezes que o Dias ia como levantado e fugido, para que se o prendessem o castigassem como tal».

Cumpre acrescentar que para, em seguimento de Henrique Dias e do commendador Camarão, partirem

[1] Esta carta bem como a resposta de Antonio Telles, acham-se transcriptas na obra de Nieuhoff.

[2] Calado, pag. 167.

outros reforços, se estava á espera da chegada da frota do Rio, mandada por Salvador Corrêa.

A marcha de Henrique Dias e do Camarão retardou-se bastante, não só porque tiveram de entranhar-se muito pelos sertões, como porque encontraram varios rios mui crescidos. Em quanto marchavam, ainda entre os preconisados conspiradores de Pernambuco, nasceram novas duvidas, de modo que Dias Cardozo, com os seus quarenta e dois soldados, estiveram a ponto de regressar para a Bahia, e já com as etapes de marcha para esse fim preparados[1].

Felizmente porém tudo a final se compoz; e, no dia 15 de maio, assignavam na Varzea do Capiberibe, os dois chefes escolhidos João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti «em nome da liberdade divina» e «para vingar agravos e tyrannias» os diplomas conferindo os postos de capitães dos differentes districtos da provincia, com poderes para requisitarem dos povos mantimentos e dinheiro e para deitar bandos, convocando a todos, assim nacionaes como estrangeiros, judeos ou indios, para tomarem as armas, assegurando-lhes perdão pelo passado. Vimos, com aquella data, as nomeações de Miguel Gonçalves e Amador de Villas para «capitães e cabos da freguezia de S. Gonçalo de Una e seus limites», e cremos que, pela mesma occasião e teor, seriam os poderes dados a outros chefes da Goyana e Parahiba.

Oito dias depois, aos 23, os mencionados dois chefes, assignavam, em companhia de mais dezeseis conjurados, todos moradores notaveis, um[2] compromisso que

[1] Calado, pag. 167 e 215.

[2] Acha-se na Bib. de Evora, e no Arch. R. da Haya, Enfiada Portu-

se disse redigido por Gaspar Pereira, tabellião em S. Lourenço, concebido nos seguintes termos: «Nós abaixo assignados nos conjuramos, e promettemos, em serviço da liberdade, não faltar, a todo tempo que fôr necessario, com toda a ajuda de fazenda e pessoas, contra qualquer inimigo, em restauração da nossa patria; para o que nos obrigamos a manter todo o segredo que n'isto convêm; sô pena de que quem o contrario fizer ser tido por rebelde e traidor, e ficar sujeito ao que as leis, em tal caso, permittam. E debaixo d'este compromettimento nos assignamos em 23 de maio de 1645»[1].

Por esse mesmo tempo enviavam cincoenta pernambucanos contra os hollandezes, uma representação secreta ao governador geral da Bahia, pedindo-lhe que os protegesse[2].

Em logar de fazer immediatamente rebentar a revolução, propoz Fernandes Vieira que ella se aprazasse até o dia do S. João, 24 de junho, para dar tempo a concertarem-se, a fim de ter, por toda a parte, logar quasi

gal, 1641-1649; e foi impresso em hollandez em 1647, no folheto *Claar Vertooch*, etc.

[1] Seguem as dezoito assignaturas, a saber: 1.º, João Fernandes Vieira. 2.º, Antonio Bezerra. 3.º, Antonio Cavalcanty. 4.º, Bernardino de Carvalho. 5.º, Francisco Berenguer de Andrada. 6.º, Antonio da Silva. 7.º, Pantalião Cirne da Silva. 8.º, Luiz da Costa Sepulveda. 9.º, Manuel Pereira Corte Real. 10.º, Antonio Borges Uchoa. 11.º, Amaro Lopes Madeira. 12.º, *Bastião de Carvalho*. 13.º, Manuel Alves Deosdará. 14.º, Antonio Carneiro Falcato. 15.º, Antonio Carneiro de Mariz. 16.º, Francisco Bezerra Monteiro. 17.º, Alvaro Teixeira de Mesquita. 18.º, O padre Diogo Rodrigues da Silva.

[2] A essa representação veiu a responder o governador em 21 de julho, recommendando aos moradores que estivessem tranquillos, que elle lhes mandaria, para accommodal-os com os dominadores, a André Vidal e Martim Soares, com alguma força.

ao mesmo tempo; propondo elle Vieira, a dar n'aquelle dia, que era o do santo do seu nome, uma festa na Varzea, á qual convidaria os chefes hollandezes, que ficariam logo ali aprisionados.

A largueza do prazo, quando o segredo já se achava transmittido a tantos, foi causa de que o plano abortasse. Já no dia 25 do mesmo maio, um Jorge Homem Pinto relatava no Recife quanto ouvira dizer ácerca dos planos da revolução; a qual, segundo lhe haviam dito, sería logo apoiada pela frota de Salvador Corrêa, que se esperava do Rio de Janeiro, e viria lançar gente em terra nas praias da Candelaria; passando Martim Soares a devastar a Parahiba e o Rio Grande, e vindo João de Almeida [1], irmão do Camarão (sic) das bandas do Maranhão, a invadir o Ceará, etc.

A maior parte dos conjurados, ao ouvirem que, com dados certos, se fallava dos seus projectos, por todo o Recife, principalmente entre os judeos, começaram a esconder-se e a homisiar-se. João Fernandes Vieira ainda ás vezes de dia se mostrava na Varzea, no engenho de S. João, mas sempre com espias pelos caminhos ao longe, e com a prevenção de ir sem falta dormir nas matas. Esta precaução mencionada pelos nossos escriptores, foi comprovada judicialmente pelo inimigo, em vista das testemunhas que deposeram perante o notario Indiik, no Recife, aos 21 de janeiro de 1647. E para melhor poder defender-se, se chegasse a ser preso, preveniu-se com uma carta de Antonio Dias Cardozo, queixando-se, a elle Vieira, dos demais moradores, que o haviam con-

[1] Um João de Almeida, chefe de indios, havia sido morto pelos hollandezes, na margem do rio de S. Francisco, em maio de 1637.

vidado para uma revolução, sem haverem para ella contado com o mesmo Vieira; motivo porque se retirava para a Bahia, e pedia as suas ordens, etc.—Esta carta era tambem um salvo-conducto, para Vieira contra os seus émulos; pois com ella podia comprometter os que o accusassem.

Mas um dos conjurados, Sebastião Carvalho, ou vencido pelo medo do castigo dos hollandezes, ou receoso de metter-se em novos trabalhos como os que pouco antes passára, deportado por algum tempo na Hollanda, resolveu-se, não a delatar todo o plano, comprommettendo inclusivamente a seu irmão Bernardino, que não desistia da empreza; mas a avisar aos hollandezes[1] a fim de que se prevenissem e evitassem o rompimento, impedindo que elle tivesse logar na Parahiba. Este conjurado havia sido nada menos que um dos cincoenta signatarios da representação ao governador.

Dispertados por taes denuncias, reuniram-se os do Conselho no dia 31 de maio; e deliberaram enviar por toda a parte avisos de álerta; mas sem darem, ao parecer, muito credito á possibilidade de uma sublevação. O almirante Lichardt disse, que elle se encarregava de trazer João Fernandes Vieira aos do Conselho, indo visital-o e convidando-o a pescar juntos no tanque de Luiz Braz Bezerra.

Porém d'ahi a dias, a 11 de junho, recebiam-se pelo chefe politico das Alagoas, Moucheron, noticias da mar-

[1] Servindo-se de Fernão do Valle e de Antonio de Oliveira; Calado, pag. 178. A denuncia, assignada = *A Verdade* e *Plus Ultra* = foi entregue ao medico Abraham Mercado; e se acha traduzida na obra da Nieuhoff.

cha das tropas do Camarão e Henrique Dias, e só então os do Conselho viram que a revolução era mais séria do que pensavam.—Reuniram-se pois immediatamente; e resolveram mandar prender logo o denunciante Sebastião de Carvalho, e por cautela tambem a João Fernandes Vieira, Francisco Berenguer e a outros principaes da terra, chamando ao mesmo tempo, por meio de salvo-conductos e completo perdão, a Antonio Cavalcanti e a João Paes Cabral, e outros moradores, na esperança, segundo ponderaram, de que movidos pela muita familia que no Recife tinham, não deixariam de vir apresentar-se.

As buscas se deram; porém só Sebastião de Carvalho se deixou prender[1], por isso que nada julgava temer. No engenho de João Pessoa Bezerra, á chegada das tropas, achavam-se não só elle, como Francisco Berenguer, Bernardino de Carvalho e João de Mattos Homem; porém, por cautela, dormiam na casa de purgar, que ficava nos fundos, e tiveram tempo de escapar-se, em quanto os esbirros davam busca pela frente, nas casas de morada.

Estas buscas foram o signal de alarma; e varios dos conjurados deram-se mutuo aviso, para se reunirem no dia seguinte 13 (festa de Santo Antonio), no engenho de Luiz Braz Bezerra. Ahi se juntaram a Vieira e Cavalcanti mais seis conjurados, e outras pessoas, incluindo

[1] Calado suppoz maliciosamente haver o mesmo Carvalho pedido esta prisão por disfarce; foi porém ella effectuada por deliberação dos do Conselho para proceder melhor ás averiguações; não o soltando senão no dia 4 de agosto, depois de vêr que os seus depoimentos eram todos verdadeiros.

seus criados e muitos escravos; e passaram todos a arranchar-se em um logar secreto da Mata, onde se lhes reuniram mais alguns moradores. D'ahi, em numero de cento e cincoenta, se dirigiram para os mocambos de Camaragibe; e d'estes, pouco depois, para os do Borralho; onde se reuniram Antonio Dias Cardozo e seus veteranos vindos da Babia. De então em diante, começou o acampamento a ter uma organisação regular, com vedetas por todos os lados, e com as competentes guardas. Dias Cardozo, já com o posto de sargento-mór, era o verdadeiro director da guerra: Vieira cobrou egualmente o titulo de «capitão-mór e governador» d'ella, e ás vezes «da liberdade divina»; mas as nomeações, para serem válidas, eram revestidas tambem da assignatura de Antonio Cavalcanti.

Entretanto no Recife já no dia 14 os do Conselho tiveram completo desengano de não haverem sido encontrados nem Vieira, nem os outros buscados; e tomaram providencias para que Paulo de Linge passasse immediatamente á Parahiba, a fim de impedir ou de atalhar ahi a revolução; e ordenaram que o coronel Hous marchassem para o sul, a fim de reunir as guarnições de Ipojuca, Santo Antonio do Cabo, Una e Serinhaem, de evitar que fossem surprehendidas e de conter as forças do Camarão e Dias; ordenando egualmente que fossem logo presos todos os moradores suspeitos; taes como: em Santo Amaro, Antonio de Bulhões; em Santo Antonio, Amador de Araujo, Pedro Marinho Falcão; na Pojuca, Francisco Dias Delgado e João Carneiro de Moraes; em Serinhaem, João de Albuquerque; em Porto-Calvo, Rodrigo de Barros Pimentel; em Iguaraçú, João

Pimenta; em Itamaracá, Lourenço de Albuquerque e no Rio Grande, João Lostão Navarro.

Ao mesmo tempo trataram de organisar no Recife uma pequena força movel, para marchar contra os revoltosos visinhos, e confiaram o mando d'essa força, que não chegava a tresentos homens, ao major Blaar; a fim de que com ella fosse bater a mencionada Mata, levando ás suas ordens os officiaes Katner, Slodiniski e Hilt.

Entretanto, do lado do sul, na Ipojuca, Cabo e Moribeca se pronunciavam, á voz do capitão-mór Amador de Araujo alguns centenares de moradores, que encontravam logo á sua disposição, para os guiar, o capitão Domingos Fagundes Barbosa, honrado e valente pardo[1], que já então contava quatorze annos de campanha, e havia sido tres vezes ferido; e que mui relevantes serviços veiu a prestar dentro de pouco, segundo veremos.

O primeiro rompimento de hostilidades teve logar d'essa banda,—na Pojuca. Tinham ahi os hollandezes, ás ordens do tenente Jacob Flemming, um destacamento de trinta homens que foram mandados retirar para Santo Antonio do Cabo. Os habitantes lançaram-se a dois barcos que transportavam esse destacamento, e fizeram prisioneiros a todos, menos um marinheiro que se lhes escapou, e cortaram todas as communicações com o forte do Cabo (de Santo Agostinho). Esta noticia chegou ao

[1] O *Castrioto* faz Domingos Fagundes, natural de Vianna; porém Calado diz positivamente: «Este Domingos Fagundes he hum mancebo pardo, mas forro, filho de hum homem nobre e rico, Vianés, o qual no tempo que governou na Bahia o Marques de Montalvão, veiu correr a campanha de Pernambuco por capitão de hũa tropa de vinte soldados», etc. (Calado, pag. 174.)

Recife no dia 20 de junho, bem como a de que outros moradores visinhos se haviam levantado prendendo uns quarenta hollandezes, etc.

Os do Conselho, vendo que não tinham a temer muito dos de Vieira, que fugiam a hostilidades ordenou ao tenente coronel Hous que reunindo a si as forças estacionadas na Moribeca e os indios passasse logo a bater os revoltosos de Pojuca, o que elle fez, dispersando os sublevados, e libertando os quarenta presos que estavam encerrados em um convento da villa.—Entretanto aproximando-se as tropas do Camarão, as do rio de S. Francisco, ás ordens de Moncheron, foram mandadas recolher por mar ao Recife, e ahi chegou a 28 de junho.

No dia 18 haviam lançado os do Conselho um bando, concedendo amnistia aos sublevados, que se apresentassem dentro do prazo de cinco dias, passados os quaes, quando não comparecessem, tomariam represalias em seus bens e familias.

Responderam a esse bando, no dia 22, Vieira, Cavalcanti e mais quatro de seus companheiros, protestando contra um prazo tão curto e contra as violencias commettidas, e declarando não se apresentarem para não se exporem a novas violencias. Outros dos conspiradores, como Amador de Araujo e Pedro Marinho Falcão, pediram salvos-conductos para se apresentarem no Recife, os quaes lhes foram concedidos; mas nem um nem outro d'elles se utilisaram. Promulgaram em seguida os invasores novos bandos, pondo a preço as cabeças dos da revolta; ao que estes replicaram, levantando os valores pelas cabeças de cada um dos do Conselho, pratica de que dera exemplo Vidal, por occasião

da expedição do conde da Torre, e fôra depois imitada com vantagem.

Avisados os Pernambucanos nos mocambos, de que andavam tropas para atacal-os, julgaram prudente remover-se ainda mais para o interior, e passaram a Maciape, onde se demoraram cinco dias. Foi ahi que as forças sublevadas se engrossaram notavelmente, pois, além de algumas escoltas que se reuniram de varios pontos, conseguiu o padre Simão de Figueiredo, jesuita pernambucano, que havia sido um dos capitães de emboscadas perto de Recife, quinze annos antes, arrebanhar só dos arredores,—de S. Lorenço da Moribára, uns oitocentos mancebos, contribuindo para enthusiasmal-os a se alistarem uma pequena victória alcançada, no dia 30 de junho, em que ahi foram aprehendidos doze soldados hollandezes e oito indios, vindos do Recife em busca de mantimentos.

Apezar de se acharem já os Pernambucanos em tão grande número, não julgou Cardozo prudente arriscar ainda um combate, quando contava um número menor de armas de fogo e poucas munições. Preferiu pois evitar acção, se lhe fosse possivel, até que se reunissem as forças do Camarão e Henrique Dias, de cuja aproximação já tinha notícia. Ajudaram-no porém n'este proposito os proprios inimigos, mandando que suas tropas deixando S. Lourenço passassem á Moribeca a defender o passo as forças do Camarão e Dias. Levantando pois o mesmo Cardozo o campo de Maciape, nos primeiros dias de julho, passou, com todo o pequeno exercito, o Capiberibe, em jangadas, junto ao engenho da Moribára-Pequena, de que era então senhor Fernão Soa-

res da Cunha. D'esse engenho seguiram para o de S. João, no extremo da peninsula entre os rios Goitá e o Tapacurá, e pertencente a Arnáo de Olanda; o qual, depois de hospedar lautamente os sublevados, se lhes uniu em companhia de seus filhos. D'este engenho, em virtude da aproximação de um corpo de operações, ás ordens do capitão Blaar, tendo comsigo Pero Poty com uns cem indios vindos da Parahiba, e mais uns dusentos jovens voluntarios hollandezes, partiram todos, andados já dias do mez de julho, para o do Covas, ainda hoje conhecido com este nome, e então possuido por Belchior Rodrigues Covas. A passagem do Tapacurá, n'essa occasião mui crescido com as chuvas, se facilitou por meio de uma jangada com vae-e-vem de cipós. Levou-se n'isso tempo bastante, de modo que não foi possivel vencer a jornada que se projectára, de umas tres a quatro leguas, e houve que pernoitar antes, nas casas de um Manuel Fernandes da Cruz; por quanto as mesmas chuvas haviam convertido os caminhos, entre matos de excellentes maçapés, em resvaladeiros e tujucaes.

Entretanto, informado Blaar que se achava perto, de que ficára no engenho de Arnáo de Olanda uma guarda mandada por Cosme do Rego, caíu sobre ella com vantagem; mas não se atreveu contra o grosso das forças, por se reconhecer mui inferior em número.

No engenho do Covas, cuja casa era então «a mais alterosa e espaçosa que no sertão de Pernambuco havia» [1] se demoraram os nossos vinte e dois dias; e ahi teve logar um alboroto que podera haver compromettido a revolução, mas que por ventura a salvou.

[1] Calado, pag. 193.

Haviam-se já reunido n'esse acampamento mais uns trezentos homens, vindos das bandas do Cabo e Ipojuca, com Amador d'Araujo, Pedro Marinho Falcão, João Paes Cabral, e o valente pardo Domingos Fagundes, e tambem uns quatorze indios e um corneta, das avançadas do Camarão, quando se recebeu a notícia de que se aproximava, com a sua columna, o coronel Hous, e que, para tentar o ataque, não esperava senão que se lhe reunisse Blaar com os seus trezentos combatentes.

Fosse que os pernambucanos se impacientassem de tanta inacção, na proximidade do perigo, fosse que acreditassem que se tomavam providencias para uma nova retirada mais para o sul, a fim de facilitar o encontro com as tropas do Camarão e Henrique Dias, é certo que o descontentamento se revelou em um verdadeiro alboroto, de que pareciam cabeças Antonio Cavalcanti e Bernardino de Carvalho[1], e outros Pernambucanos dos mais graves; sendo contra, e a favor de Fernandes Vieira a tropa da Bahia, os filhos de Portugal e ilha da Madeira, e os ecclesiasticos.

Em meio de tão grande apuro, lembrou-se Antonio Dias Cardozo, de acudir com um ardil de guerra. Mandou tocar a rebate, como se houvesse notícia de se avistar o inimigo, e apenas todos se dirigiram aos respectivos postos, fez que Vieira fosse percorrendo estes, um a um, ponderando quanto no aperto em que se acha-

[1] «Sobre este alboroto teve o governador João Fernandes Vieira palavras mui pesadas com Antonio Cavalcanti e com Bernardino de Carvalho, e com outros dos mais graves da terra e estiveram em risco de virem ás espadas.» **Calado**, pag. 194.

vam convinha, no interesse de todos a união. Só depois de tudo acommodado, foi que constou que não apparecia o inimigo, e que o rebate fôra falso. No emtanto cremos que foi devida ao mencionado alboroto ou motim a verdadeira origem da mudança do acampamento, não para o sul; mas sim para as bandas do sertão, a uma paragem forte e defensavel por natureza, tal como o Monte das Tabocas[1]. Foi no último dia de julho que teve logar a marcha dos nossos do engenho do Covas para essa forte paragem; havendo porém Vieira, antes de emprehender a marcha, dado satisfação a uma das justas queixas dos que se haviam amotinado, qual era a falta de cirurgião e de botica, enviando dez soldados á povoação de Santo Amaro, os quaes conduziram á força, com os necessarios medicamentos, a um francez, mestre[2] facultativo que ahi exercia sua profissão.

Quanto á posição verdadeira do Monte das Tabocas, pelos exames locaes que pessoalmente fizemos, não duvidamos hoje assignal-a á pequena serra do Camucim, não longe da antiga igreja de Santo-Antão, actual cidade da Victoria; do cimo da qual se descobrem todos

[1] «Por tanto abala a gente a um deserto
Monte, para onde o guia André Duarte»

diz Calado (p. 208); do que se poderia colligir que um André Duarte indicára essa paragem, se este último nome não parecesse antes uma cunha para rimar com Marte, que está antes na mesma estancia ou oitava.

[2] Calado (p. 196) lhe chama Mestrola. Por Mestres se tratavam então, não por doutores, os cirurgiões, que eram ao mesmo tempo os barbeiros. Mas se o nome era francez não deve estar mui orthographicamente escripto. Por ventura antes Mestre Aulas, Aulaye, Hollar, etc.

áquelles contornos até a Varzea do Recife, na distancia de mais de seis leguas [1].

No principal dos morros d'esta pequena serra, pela maior facilidade que prestava á defensa, por ter a retaguarda coberta por alcantis, impossiveis de subir, e por ter agua e até umas lapas ou furnas, que eram como barracas já feitas, foi que a nossa gente estabeleceu o quartel general, que era um verdadeiro quartel de saude. Em virtude de alguns espessos tabocaes, que n'aquelles tempos, em que os terrenos não haviam por ahi sido roçados, vestiam as faldas do monte, havia elle sido chamado das tabocas [2], nome este com que, n'essa parte do Brazil, designam certas plantas arundineas ou cannas ócas e bastante grossas, que no sul se denominam taquáras.

Pouco depois de haver sido pelos nossos desamparado o engenho do Covas, chegou ahi com as tropas já reunidas o chefe Hous; e depois de lhe lançar fogo, seguiu adiante. A força que trazia foi orçada em mil e cem homens; porém não falta quem assegure que nem a tanto se elevava; embora, em todo caso, fosse supe-

[1] P. Moreau descreve o logar da acção dizendo que os nossos estavam «retranchés sur la montagne appellée Camarron.» São em favor do local que designamos as indicações de Calado de que «era um alto e empinado monte,» e que no caminho do Tapacurá ao monte havia barrocas. Van den Broeck diz que era «na montanha das Tabocas.... muito forte» (een Bergh.... van Tabocas.... seer sterck). O *Jornal* (pub. em Arnhem em 1647) diz «een seer avantagieuse plaetse leggende ghenaemt *S. Anthonio*, op een hoogen ende stercken Bergh.» O ter sido a marcha de Vieira para o Cabo feita por Gurjaú é tambem mais a favor d'este sitio que do outro de Tabocas e do da Bataria.

[2] «Een Bergh, die seer van *Tabocas* ofte snydent-riet bewassen was.» (Math. van den Broeck.)

rior á nossa; bem que maior no número, composta em grande parte de gente bisonha, sem disciplina, e mal armada, não tendo alguns mais que um zaguncho e outros uma simples faca de ponta atada em um páu.

Deram as avançadas signal da aproximação do inimigo, no dia 3 de agosto, pela uma e meia da tarde. O sargento-mór Antonio Dias Cardozo, que havia com precedencia estudado o posto, dispoz immediatamente as tropas em quatro emboscadas nos tabocaes, onde se propunha attrahir o inimigo, deixando a mais força no alto do monte, ao lado de João Fernandes Vieira, para acudir depois onde fosse necessario.

O inimigo lançou-se com a maior confiança ao ataque, imaginando não ter diante de si mais que paisanos mal armados e sem conhecimento algum da tactica. Ao aproximar-se, disparou uma descarga cega contra as ramagens onde havia divisado gente, e ao mesmo tempo os seus indios proromperam em grandes urros e pocêmas. Isto antes de passar o Tapacurá, que ahi leva pouca agua, e não deixa ás vezes de ser simples riacho. Á passagem oppoz alguma resistencia o capitão Domingos Fagundes, e logo depois se foi retirando, e conduzindo apoz si o inimigo, conforme lhe fôra ordenado, para os tabocaes em que estavam preparadas as emboscadas.

Desempenhou Fagundes pontualmente a commissão que recebêra; defendeu primeiro como poude a passagem do Tapacurá, e depois se foi recolhendo, fazendo fogo em retirada. Formou-se o inimigo na campina, depois de devassar o rio, ficando muito exposto aos tiros dos que se achavam escondidos nos tabocaes. Logo

acometteu contra estes, correndo a travez da campina, mas, com grande perda, viu-se obrigado a retirar a fim de se refazer de novo.—Foi então atacado de flanco, na propria campina, pelo valente capitão Fagundes, que fôra melhorar-se com mais oitenta homens, e juntamente pelo capitão Francisco Ramos, e então viu-se obrigado a empenhar mais gente na acção. Ordenou a algumas companhias que fizessem face ao mesmo Fagundes na planicie, e com outras começou a disparar cargas cerradas contra o tabocal, donde recebera maior estrago. Por essa occasião cairam mortos da nossa parte o capitão João Paes Cabral[1], e o alferes João de Matos, ambos naturaes de Pernambuco.

Retiraram-se os nossos d'essa primeira emboscada, mas devassada ella, encontraram-se os hollandezes, com outra nova campina diante de si; e ahi lhes apresentaram resistencia, por uma hora, os capitães Antonio Gomes Taborda e Matheus Ricardo, este último á custa da propria vida.—Vendo então o inimigo que não lhe era facil vencer de frente tanta resistencia, lançou pelos flancos várias mangas que fossem envolver os nossos pela retaguarda; porém a tudo acudia com remedio a vigilancia do sargento-mór, ajudada pela do padre Simão de Figueiredo, antigo capitão de emboscadas no Recife, o qual segundo Calado, «estava junto do governador, e d'ali despedia alguns troços de soldados para os logares onde eram necessarios.» —E para em tudo estarem favorecidos n'este dia os nossos, conta-se que, por onde avançava uma d'essas mangas, succedia fugirem do perigo, á frente de suas companhias, dois capitães menos

[1] Veja ante pag. 267.

valentes, cuja só presença obrigou o inimigo a retirar-se, persuadindo-se que vinham por ahi para se lhes oppor.—De novo arremeteram os hollandezes, sem attender ás muitas perdas que estavam soffrendo, e chegaram a subir tanto pelo monte acima que o governador João Fernandes Vieira se atemorisou, e fez promessa de levantar ali duas igrejas, uma á virgem da Nasareth e outra á do Desterro[1], e ao mesmo tempo mandou a pelejar a todos os escravos que junto a si tinha, promettendo-lhes alforria.—Então desceu do alto como um turbilhão de gente, tocando atabaques e bozinas, fazendo grande alarido e gritando victória, clamor que por ventura intimidaria o inimigo, julgando-o fundado. A acção passou a ter logar corpo a corpo, os hollandezes que avançaram viram-se obrigados a voltar costas, empurrados como por uma torrente, semelhavel ás das lavas jorrando do cone dos volcões ou ás das grandes geleiras despenhadas das cimas das cordilheiras nevadas, que, com a propria força da sua massa accelerada, vão levando apoz si quanto se lhes oppõe. Em tão grande confusão pereceram muitos do inimigo e só tres dos nossos. Reforçados porém por suas reservas, conseguiram ainda os contrarios oppor de novo resistencia, disparando ainda tres descargas cerradas; mas logo veiu a noite, que foi feia e tormentosa, e o fogo

[1] Havendo solicitado em Pernambuco noticias acerca d'estas igrejas, fomos informados que a legua e meia ao nascente do Monte das Tabocas existe, no engenho do Poço, uma capella de N. Sr.ª de Nasareth; e que em 1858 se viam ainda, na visinha propriedade de S. Bento (a meia legua ao nascente do mesmo monte), as ruinas de uma ermida de N. Sr.ª do Desterro, onde n'aquelle anno o Rev. Fr. Alberto edificou, sob a invocação de N. Sr.ª do Carmo, o cemiterio que hoje ali serve.

cessou, ficando a principio cada qual em seus postos. Pensavam os nossos que teriam de seguir na refrega, no dia immediato, e para ella se haviam preparado, durante toda a noite. Porém, ao amanhecer, indo a descubrir o campo o valente e experimentado capitão Francisco Ramos, tornou, dizendo não haver encontrado mais rasto de inimigos que muitos mortos e armas por elles deixados. Só então os nossos cantaram decididamente a victória.

A perda dos contrarios n'esta acção foi mui consideravel, em consequencia da demasiada confiança com que se lançaram na peleja. Elles chegaram a confessar[1] com mais ou menos conformidade ter sido mui grande; mencionando como ahi mortos os tenentes Jacob Hamel, Huyckerfloot, e Henr. Ringholat; como feridos mortalmente o capitão Andries van Loo, e o tenente Willem Schott (que veiu a morrer no dia 19); e como feridos de alguma gravidade o capitão Sickema, e o tenente Henr. Dorville[2]. Os nossos, até em documentos officiaes, elevaram essa perda a trezentos e cincoenta; e um escriptor[3]; que estava não longe do campo, diz positivamente, que na campina se encontraram cento e setenta mortos, e no Tapacurá, em uma parte cincoenta e cinco, e n'outra vinte e nove; isto é, ao todo, duzentos e cincoenta e quatro «fóra outros que se acharam em várias partes por entre o mato,» as-

[1] Moreau e Nieuhof fazem menção de cem, incluindo van Loo; mas Van den Broeck eleva a perda, entre mortos e feridos a duzentos; e o *Jornal dos Successos* de 1645 a 1647 publicado em Arnhem em 1647, dá trinta a quarenta mortos e cento e sessenta e tres feridos.

[2] Vej. *Van den Broeck*, e o *Jornal* anonymo publicado em Arnhem, em 1647.

[3] Calado, pag. 206.

serção esta que apoia até certo ponto a opinião dos que orçaram a perda em trezentos e cincoenta homens. Nieuhoft confessa haver sido de mais de cem, mas não duvida acrescentar que alguns diziam haver sido de quinhentos homens (Andere het verlies op viif hundert man begroten.)

Da nossa parte a perda foi, muito menor, como era natural, visto que, em geral, combateram mais a cúberto; mas custa-nos quasi a crer que se limitasse a oito mortos e trinta e dois feridos, como assegura o mencionado escriptor, e como lemos em uma representação official do tempo [1].

A notícia da revolução e provavelmente já d'esta primeira victória, foi em Portugal recebida, como era natural, com grande satisfação; e por ventura contribuiu a que fosse promulgado o decreto de 27 de outubro (1645) [2], dispondo que os primogenitos dos reis, herdeiros presumptivos da Corôa, se intitulassem, d'ahi em diante, «Principes do Brazil [3]».

Á satisfação obtida pelo triunfo nas Tabocas, seguiu-se a da breve chegada e reunião final das troças do commendador Camarão e do governador Henrique

[1] O *Portugal Restaurado* dá esse mesmo número dé mortos e feridos; porém Fr. Rafael de Jesus, sem declarar a razão do seu dito eleva a perda a trinta e sete feridos e vinte e oito mortos.

[2] Pr. IV, d. 29, 792; Liv. 20, 20, 13, 357.

[3] Foi uma das muitas attenções de D. João IV a favor do Brazil. Por alv. de 12 de dezembro de 1642 havia franqueado o commercio da India, abolindo a companhia de monopolio, creada por Filipe IV.— Pelo de 29 de julho de 1642 ordenou que os governadores no Rio não interviessem nas eleições da Camara, da qual ficariam excluidos os de nação (judeos de origem) e os mechanicos. Pelo de 28 de maio de 1644 mandou que na Bahia houvesse misteres e juiz do povo, etc.

Dias, que levaram mais de quatro mezes na marcha desde o Rio-Real.

Já dissemos que a entrada das forças armadas d'estes dois cabos de guerra pelas terras então occupadas pelos hollandezes fôra o que mais alarmára aos mandantes do Recife. Segundo as denuncias que lhes deu Antonio de Oliveira, essas forças consistiam: em quatrocentos indios do Camarão, trezentos Rodelas (do R. de S. Francisco), cincoenta pretos de Henrique Dias, e um *número consideravel* de brazileiros mandados por um irmão de Antonio Cavalcanti. Cumpre-nos agora acrescentar que tinham dado a isso, como era natural, tanta importancia que haviam mandado desde logo dois emissarios para contra essa invasão representarem ao governador da Bahia, e por ventura para, ao mesmo tempo, ahi sondarem pessoalmente as disposições em que se achava o mesmo governador.

Foram os dois emissarios[1] o conselheiro politico Balthasar van de Voorde e o commandante da fortaleza do Pontal, no Cabo de Santo Agostinho, Theodoro van Hoogstraten, que já havia estado antes, que munidos das competentes instrucções, levaram comsigo uma carta datada de 7 de julho, na qual, começando por alegar o haverem cumprido os artigos das treguas, os membros do Conselho se queixavam de falta de correspondencia, confirmada n'essa invasão dos ditos dois caudilhos, que para mais, faziam a guerra de um modo mais que deshumano, e quasi como piratas e ladrões. Acrescenta-

[1] Além d'estes dois, foram por secretario Franc. Krynen Springapple, e por addidos Gerardo Dirk Laet, Alex. Sylve e Jacob Swearts.

vam que, ainda que não podiam crer que elles iam autorisados, desejavam tirar ante a Europa toda a dúvida a esse respeito pelas proprias declarações do governador; e concluiam manifestando que, se bem tinham, com a graça de Deus, forças para bater os insurrectos, reclamavam que elles fossem na Bahia castigados, como satisfação devida aos tratados.

Respondeu Antonio Telles, em 19 do mesmo mez, declarando ser estranho ás manobras dos revoltosos; e narrando a historia combinada da fuga de Henrique Dias e Camarão; mas tratando de justifical-os pelo patriotismo, lançando em rosto aos reclamantes a quebra das treguas; sendo certo, que, á vista dos commissarios que haviam ido a Pernambuco concertal-as e fazer retirar as guerrilhas que havia na campanha, haviam saido as esquadras contra a ilha de S. Thomé e Angola e o Maranhão, declarando mentidamente aos ditos commissarios que se dirigiam ás Indias de Castella. Acrescentava o Governador que sentia muito o occorrido; mas que não tinha tropas com que «n'aquellas brenhas» podesse obrigar pela força os dois caudilhos, indio e preto; os quaes «se não lhe haviam obedecido persuadidos, menos se sugeitariam violentados;» e concluia promettendo, em todo caso, de mandar sem demora alguns dos seus a aquietar o movimento, indo prevenidos de maneira que, se os não podessem sujeitar por suavidade e bom modo, os constrangessem por violencia [1]. A resposta dos commissarios decidiu os do

[1] Cópia d'esta resposta foi pelo proprio Antonio Telles enviada á Côrte, em officio da mesma data, acompanhada de outros documentos, que só foram reconhecidos pelo tabellião na Bahia tres dias de-

Conselho a mandar um d'elles, van de Voorde, á Hollanda, com uma carta (de 3 de agosto) pedindo soccorros com urgencia, e assegurando que o governo da Bahia e a propria Côrte deviam estar conloiados na sublevação, e temos por mui provavel que por influxo de van de Voorde sería, então publicado o folheto «*Extract ende Copye*, etc.» (1646).

Aquellas frases alludiam á proxima marcha de dois terços ou regimentos de linha, commandados um por Vidal e outro por Martim Soares, que já estavam promptos a partir, em uma esquadrilha de oito barcos maiores, quatro caravelas e quatro sumacas, ao mando do capitão-mór de mar Jeronymo Serrão de Paiva; e que não esperavam senão pela chegada da frota do Rio de Janeiro ás ordens de Salvador Corrêa.

Esta circumstancia foi levada ao conhecimento dos do Conselho de Pernambuco por Hoogstraten, a quem fôra revelada na Bahia, quando ahi se mostrou pelo menos vacilante a deixar os seus e a bandear-se, seduzido pelas promessas que, com approvação do governador, lhe foram feitas de postos d'accesso, habito de Christo, dinheiro e fazendas que receberia, se quizesse entregar a fortaleza a seu cargo. Que elle esteve em taes tratos, procurando apartar-se clandestinamente, e mediante senhas convencionadas, do seu honrado companheiro van de Voorde, não ha a minima dúvida. É elle

pois (em 29) da data do officio que os remettia. De Lisboa foram em 4 de outubro mandados ao embaixador na Haya, que os exhibia aos Estados Geraes por nota de 28, cujo recibo se accusou em 5 de novembro.—Calado publíca (p. 331 e 332) isso em parte, adulterando muito, em favor do seu heroe Vieira (p. 185 e 186), a conferencia dos delegados ou emissarios.

mesmo que o confessa em um officio que, desejoso de entrar de novo nas graças dos do Conselho, lhes dirigiu e corre impresso [1]. N'esse officio, conta elle como, jantando em casa de Pedro Corrêa da Gama, ouvíra a esse respeito a Paulo da Cunha e principalmente a D. João de Sousa (sobrinho de Filippe Paes Barreto), os quaes lhe obtiveram uma audiencia clandestina do governador, que lhe assegurou approvaria tudo quanto offerecesse Paulo da Cunha. Parece que depois se mostrou arrependido de tanta subserviencia; mas o seu proceder ulterior na entrega do Pontal acabou de compromettel-o aos olhos dos seus.

Partidos os emissarios de volta para o Recife, no dia 21, quando ainda iam no mar em viagem, se apresentava nas águas da Bahia a frota de Salvador Corrêa. Embarcaram-se então immediatamente nos navios de Serrão de Paiva os dois terços de André Vidal e Martim Soares, de um dos quaes fazia parte Paulo da Cunha; e logo estes navios seguiam de vela para Pernambuco. Ha que notar que esses dois terços eram todos de fuzileiros, ao passo que os hollandezes apenas tinham mosqueteiros, e só com a presença dos nossos reconheceram a sua inferioridade e chegaram a organisar quatro companhias de fuzileiros. A frota de Salvador Corrêa, composta do grande galião S. Pantaleão por capitania, de outros dois, que se diziam construidos então de novo no Rio de Janeiro, e de mais uns trinta transportes, pela maior parte fretados, partia quatro dias depois. Segundo o plano do governador Antonio Telles, que Salvador

[1] *Extract ende Copye* etc. 1646 (s. L.) J. Nieuhoff extracta fielmente toda esta trama, confessada pelo proprio Hoogstraten.

Corrêa simulou aceitar, a esquadra de Serrão de Paiva, depois de deixar no sul de Pernambuco os terços de Vidal e de Soares, devia reunir-se á frota do mesmo Salvador Corrêa, em sua passagem, e juntas procurariam ameaçar o Recife; começando por entregar ahi as cartas intimativas, redigidas de commum accordo; a fim de, á sombra d'ellas, desembarcar gente a titulo de refens, que, posta em terra, se sublevasse depois dentro das proprias muralhas do Recife. Pensava o governador que Salvador Corrêa se prestaria, sem o menor inconveniente, á execução d'este plano, por elle já submettido á côrte, e cuja approvação só chegou, no seguinte mez, acompanhada de uma carta regia (de 9 de maio de 1645) a Salvador Corrêa, ordenando-lhe que accedesse aos planos do governador, se o não tivesse já feito. Salvador Corrêa mostrou assentir em tudo aos desejos do governador; porém levava comsigo a familia, e ao partir da Bahia, já havia revelado a sua mulher que acompanharia sim a esquadra de Serrão de Paiva, mas que com a sua se conservaria de largo, e sem envolver-se em combate. Esta resolução não a soube o governador, senão depois de partir o mesmo Salvador Corrêa, por pessoa a quem sua mulher confiára o segredo.

Correram a Serrão de Paiva favoraveis os ventos, e as tropas que conduzia desembarcaram não longe de Serinhaem, no proprio dia 28, em que os dois emissarios que haviam estado na Bahia davam aos do Conselho conta de sua commissão.

Salvador Corrêa, que partíra da Bahia tres ou quatro dias depois de Serrão de Paiva, vinha a encontrar-se com a esquadrilha de Serrão de Paiva no principio de

agosto immediato, e só então lhe fazia saber a resolução em que estava de não envolver-se em conflicto guerreiro, e de abandonal-o no Recife, se elle insistisse em ahi chegar, e os hollandezes fizessem fogo. Encarregou-se entretanto de mandar entregar aos do governo do mesmo Recife, por um parlamentario da sua frota, toda a correspondencia preparada, recurso que Serrão de Paiva não teve remedio senão aceitar. Não é porém impossivel que ainda com os seus navios chegasse a acompanhar a Salvador Corrêa até perto do Recife, e que só regressasse, quando a grande frota seguiu seu caminho, julgando, para mais, opportuno levar comsigo o melhor barco dos de Serrão de Paiva, que era do bispo. O governador Antonio Telles dirigia aos do Conselho duas cartas, com data de 21 de julho, participando-lhe, que, na conformidade do que lhe promettera em sua carta de 19 levada pelos emissarios, enviava, na esquadrilha de Serrão de Paiva, forças, ás ordens de André Vidal e Martim Soares, «para obrigarem os sublevados de Pernambuco e os seus auxiliares a depôr as armas.» Por Serrão de Paiva lhes dirigia outra de 22, para que, depois de desembarcar as tropas, fosse offerecer-se a dar-lhes todo o auxilio que desejassem; e por Salvador Corrêa, lhes escrevia outra em 25, acrescentando que, passando pela Bahia a frota do Rio de Janeiro, se entendêra com o chefe d'ella para que tambem fosse ao Recife a offerecer os seus bons officios em favor da pacificação desejada [1], etc.

Estas tres cartas foram pois levadas por Salvador

[1] Todas estas cartas acham-se reproduzidas em hollandez na obra de Nieuhoff.

Corrêa, que as mandou entregar por dois parlamentarios, o capitão Martim Ribeiro e o auditor geral licenciado Balthasar de Castilho, acompanhadas de outra de Serrão de Paiva, participando haver já deixado em terra as tropas enviadas pelo mesmo governador, e de uma quinta d'elle proprio Salvador Corrêa, assegurando as intenções pacificas de seu rei para com o governo das provincias unidas, e offerecendo-se a contribuir tambem com os seus serviços para a pacificação.

Salvador Corrêa, estando no porto do Recife, observou que varios navios de guerra ahi fundeados, se preparavam, ás ordens de Lichthardt, para ir atacal-o, e notando que em terra voltavam contra a sua esquadra os canhões, preferiu seguir viagem, sem esperar se quer o regresso dos parlamentarios que mandára, e os quaes só na Europa lhe foram dar a resposta que receberam. E tão decidida foi a resolução de não combater, que, perseguindo-o Lichthardt, preferiu a isso o ver tomar um de seus navios mais ronceiros. A resposta dos do Conselho, em data de 13 de agosto, reduz-se a repellir o recurso adoptado pelo governador da Bahia, nomeando dois commandantes Gisbert de With e Hendick de Moncheron para se entenderem com o almirante Salvador Corrêa.

Deixemol-o seguir em boa hora a salvamento, e vejamos o que se passava com os terços de André Vidal e Martim Soares, com os valentes de Henrique Dias e do Camarão reunidos a Fernandes Vieira, e com a esquadrilha de Serrão de Paiva desamparada da sua protectora.

Vidal e Soares, apenas desembarcaram, puzeram-se em marcha, e fizeram logo pronunciar-se abertamente

pela restauração os povos visinhos, publicando uma proclamação em que declaravam virem por ordem do governador da Bahia, a pedido dos do Recife pôr ordem á guerra civil; e d'ella mandavam em 9 de agosto officialmente copia aos do Recife. Avançou Paulo da Cunha contra o forte de Serinhaem, e depois de lhe tomar a agua, escreveu ao commandante convidando-o a entrar em negociações com os mestres de campo. Repetiram estes, dois dias depois, a offerta; escrevendo, no dia 4, do engenho do rio Formoso, onde se alojavam, uma carta ao chefe do districto Samuel Lambertz, expondo-lhe ao que vinham, em cumprimento das promessas feitas pelo governador Antonio Telles aos do Supremo Conselho, e propondo-lhe o entrarem em negociações. Reconhecendo este, e todos os officiaes da guarnição, que não havia meio de resistir com esperança de bom exito, assentáram que mais lhes convinha capitular logo, aceitando as condições favoraveis que se lhes propunham. Para ajustar a mesma capitulação foram nomeados os capitães Cosme de Moucheron e Jean Paul Jacquet, os quaes, pondo-se de accordo com os mestres de campo, reduziram as mesmas condições a sete artigos. Foi concedido á guarnição o sahir com armas, com as honras da guerra, com seus bens e familias; podendo transportar-se ao Recife os que o desejassem. Eram sessenta e dois; sem os indios, em número de quarenta e nove, os quaes, abandonados á discrição pelo artigo 6.º da capitulação, foram todos enforcados.

Não consta que para esta capitulação tivesse contribuido notícia alguma, tida pelos sitiados, da derrota de Hous no Monte das Tabocas na tarde de 3.

Pelo que respeita a Fernandes Vieira, depois d'esta victória, passado o tempo necessario para enterrar os mortos e para o descanso, este chefe havia julgado conveniente deixar, no dia 10, a forte posição do Monte das Tabocas, a fim de seguir para o sul; e achava-se já em marcha, quando chegaram ao mesmo Monte das Tabocas Henrique Dias e o Camarão, com as forças que comsigo traziam, os quaes proseguiram logo, e apressando a marcha vieram a encontrar-se com Vieira em Gurjaú.—Então se resolveu que, em logar de proseguirem todos ao encontro dos mestres de campo, se destacasse uma parte das forças para o norte, e d'ellas foi feito capitão-mór Antonio Cavalcanti, que acaso aceitou a commissão por separar-se de Vieira, com quem andava desavindo.—Os amigos de Vieira chegaram a accusar [1] a Cavalcanti de intenções perfidas, como a de haver pretendido descartar-se d'elle por qualquer meio, sem omittir o da propinação de veneno; mas o que é sem dúvida é que foi Cavalcanti quem, logo depois de separar-se, perdeu a vida, em Igaraçú; e as crueis accusações que lhe fizeram, ainda depois de morto, os seus inimigos, deixam essa morte envolvida em certo mysterio [2]. Antes da victoria das Tabocas, no dia 1.º de agosto, havia o inimigo feito morrer por cumplices na conspiração Gonçalo Cabral, da Goyana, e Thomaz Paes de Tigipió.

[1] Vej. Calado, pag. 193, 198, 214 e 216.

[2] No *Journael* pub. em Arnhem em 1647, fol. 9 (assign. C.) se diz que foi ferido em uma sortida da Goyana, e que da ferida viera a morrer («in een uyval ghequest ... van sijne guets veren was ghestorven») chegando as noticias ao Recife a 19 de setembro (1645).

Seguiu porém a maior parte da força, com Vieira e Cardozo, para a fortaleza de Santo Antonio do Cabo, onde mandava Gaspar van der Ley, ahi casado, e que, segundo informára João Gomes de Mello, parente de sua mulher, se uniria aos nossos apenas chegassem. Succedeu porém que o mesmo van der Ley foi, com toda a guarnição, por ordem superior mandado reforçar o Pontal, onde commandava Hoogstraten; pelo que os nossos encontraram a fortaleza de Santo Antonio desguarnecida, e facilmente d'ella se apoderaram. Dois dias depois de ahi se acharem, receberam a notícia de haverem desembarcado na Barra Grande os terços ou regimentos de tropa de linha commandados por André Vidal e Martim Soares; e dentro de pouco se apresentou na fortaleza o proprio Vidal que, com doze soldados, se adiantára dos seus desde a Ipojuca. Vidal trazia já para Fernandes Vieira a nomeação de mestre de campo [1], e uma ordem do Governador geral da Bahia para dahi em diante ter com o mesmo Vieira parte no governo, intitulando-se: «Mestres de campo e Governadores com poderes de Capitão general. —Mas se até então Vieira nada resolvia, senão pela boca de Antonio Dias Cardozo, d'ahi em diante, até tomar o mando o general Francisco Barreto, foi Vidal o verdadeiro director da guerra, e assim o entendeu o inimigo, que com elle manteve principalmente a correspondencia, que possuimos, traduzida em hollandez, e mostra sua muita capacidade.

[1] Ainda no dia 9 de agosto Vieira não se dava este titulo, com que sómente começa a adornar-se desde o dia 15. Vejam-se os documentos que publica Mello, I, 165 e 167.

Resolveu pois Vidal que Martim Soares, com o seu terço, passasse a investir a fortaleza do Pontal, ao passo que elle, com o seu, e as tropas de Vieira iriam a marcha forçada em busca das forças de Hous, junto do Recife. Esta marcha se effectuou durante todo o dia e noite de 16, sendo n'esse tempo vencida a distancia até a Varzea do Recife, apezar do muito lodo e falta de commodidades que as tropas encontraram. Durante a noite foi Vidal avisado de que, a meia legua de distancia, na chamada ainda hoje Casa-Forte, não longe do Recife, se achava alojado o chefe inimigo com as suas tropas. Á vista do que, mandou dar um pequeno descanso. Porém, duas horas antes de amanhecer, se proseguiu na marcha. Apenas passado o Capiberibe, foi encontrado o inimigo, que, rapidamente investido, apenas teve tempo de recolher-se á dita Casa-Forte, a qual logo foi atacada. Ahi se defendeu tenazmente por tres horas, ao cabo das quaes ainda se não entregára, a não se ter visto ameaçado pelo incendio, que os nossos já preparavam, da mesma Casa-Forte. Então se renderam á discrição trezentas e vinte e duas praças, incluindo o tenente coronel Hous, o sargento-mór Listry, (commandante dos indios) os capitães Wildtschut, e Blaer, os tres tenentes La Motte, Trelanus e Zacheus e varios outros officiaes, que foram todos mandados para a Bahia[1], não chegando porém lá o capitão Blaer, que

[1] Do chefe H. Hous sabemos, por uma exposição por elle apresentada, que d'ahi partira em uma caravella a 6 de janeiro (1646), e chegára á Terceira, a 28 de março; que n'esta ilha estivera encerrado no castello de S. João, até partir para Liboa, em 15 de maio; que, chegando a essa capital em 2 de junho, se avistára ahi com Mathias d'Albuquerque, já Conde de Alegrete, e recusára ficar ao serviço de Portugal.

em represalia de passadas offensas, foi, segundo parece, assassinado[1]. Todos os indios que se entregaram foram condemnados a pena última. Os soldados eram mais de duzentos.

Contam os panegyristas de Fernandes Vieira, com intento de fazer sobresair seus dotes, que, ao vêr elle Henrique Hous entregue e prisioneiro, tivera o máu gôsto e a falta de caridade de lhe dirigir algumas frases, perguntando-lhe se elle era o mesmo Hous que, pouco antes, dissera o havia de prender a elle Vieira, e fazel-o, de braga ao pé, pensar-lhe os cavallos, etc. Faltam-nos dados para justificar a Vieira d'esta imputação de falta de generosidade e de cavalheirismo; mas preferimos antes attribuil-a á escacez de tino dos seus aduladores. E não sería estranho que essas frases sahissem da mesma fábrica em que se forjaram os falsos dialogos de Vieira com Vidal, para converter a este último a pronunciar-se por elle. O que é sem dúvida é que no dia 19 dirigiu André Vidal do Engenho de S. João Baptista uma carta aos do Recife, ainda dando-se por conciliador entre elles e os habitantes levantados, carta a que elles responderam com moderação, mas sem se darem por enganados de suas palavras, como já tinham feito a Salvador Corrêa. Protestaram porém contra os fuzilamentos dos indios; ao que respondeu Vidal, em 29 de setembro, que havendo elles

Por fim passou á Hollanda em julho; e mais tarde regressou de novo ao Brazil, e veiu a morrer nos Guararapes. V. den Broeck chegou á Bahia no dia 25 de outubro de 1645 (p. 29) e partiu para Portugal no 1.° de abril de 1646, chegando a Lisboa em fins de junho, e á Hollanda em agosto.

[1] Entre Serinhem e Santo Amaro. V. den Broeck, pag. 14.

sido convertidos ao catholicismo eram para os nossos como nacionaes, e por conseguinte traidores; e protestando que se os hollandezes não dessem quartel aos nossos, elle corresponderia com represalia.

Conseguida a victória da Casa-Forte, que custou aos nossos a perda de dezeseis mortos e trinta e cinco feridos, entrando n'este numero os bravos Henrique Dias e Domingos Fagundes, Vidal, deixando a Vieira, com toda a gente de Pernambuco, incommodando o inimigo e regularisando o sitio do Recife, correu, com o seu terço, a reforçar a Martim Soares, que deixára investindo a fortaleza do Pontal. A derrota completa de Hous, já ahi conhecida, deveu concorrer para a prompta rendição da praça, augmentando a força moral de uns e desacoraçoando a outros. Com taes precedentes, julgou Vidal que mais facilmente occuparia a praça, entrando em negociações, que pondo-lhe baterias e atacando-a pela sapa. Escreveu pois uma carta a Hoogstraten, expondo-lhe quanto se passava, lembrando-lhe os anteriores compromissos na Bahia, acrescentando os de van der Ley com João Gomes de Mello, e exhortando-o a que capitulasse com clausulas análogas ás concedidas á guarnição de Serinhaêm,—cuja execução havia sido pontualissima, como elle devia saber.

Esta carta foi parar ás mãos dos do Conselho do Recife, não sabemos se enviada pelo proprio Hoogstraten, arrependido do seu procedimento na Bahia e anhelante de restaurar a antiga confiança, se tomada ao portador por alguma guarda ou destacamento. O certo é que, com outros documentos, veiu pouco depois (1647) a ser dada á luz em Amsterdam, em um conhecido fo-

lheto, intitulado «Claar Vertooch», etc.—Em todo caso, não veiu a praça a resistir por muito tempo, pois se rendeu no domingo 3 de setembro, justamente quando se cumpria um mez depois da victória das Tabocas. A guarnição saiu com as honras da guerra, e vários officiaes, incluindo Hoogstraten e van der Ley, e tambem muitos soldados, se alistaram nas fileiras do exercito restaurador. Recusaram-se porém a isso alguns, e entre elles Isaac Zweers, que ao depois veiu a ser vice-almirante na Hollanda.

Aos rendidos devia o inimigo alguns mezes de soldo e de pret, e uma das condições da capitulação foi que os nossos se responsabilisávam por esse pagamento. Para effectual-o, foi imposta aos moradores uma somma de quatro mil cruzados, á qual se juntou outra igual, mandada da Bahia pelo Governador geral.

Occupemo-nos agora de Serrão de Paiva.

Quando o governador Antonio Telles foi informado dos propositos pouco leaes (a respeito da execução do plano combinado) com que partira Salvador Corrêa, ficou não sómente sentidissimo, como bastante inquieto ácerca da sorte da esquadrilha que transportára as tropas dos dois mestres de campo. Não faltava quem na Bahia tomasse a defensa de Salvador Corrêa, procurando socegar o governador, dizendo-lhe que seriam invenções de maldizentes: porém o governador julgou sempre opportuno escrever ao mesmo Serrão de Paiva, communicando o que lhe haviam dito, e acrescentando que muito lhe custava a acreditar taes propositos egoistas da parte de Salvador Corrêa, para quem aliás mandava então uma carta do proprio rei, ordenando-lhe

que favorecesse a restauração; e acrescentava, julgando que ainda chegaria a tempo, que, se o mesmo Salvador pretendesse abandonal-o, lavrasse um protesto bem authentico, que podesse ser mandado á presença d'el-rei; e que, em último caso, se entendesse com os mestres de campo, para resolver o que deveria fazer, ou regressar á Bahia, ou ficar onde se julgasse mais conveniente; com tanto que não se expozesse a algum revez ou contratempo.

Não sabemos quando Serrão de Paiva veiu a receber esta carta, porém só que estava ella em seu poder no dia 9 de setembro. É certo porém que, dois dias depois da entrega da fortaleza do Pontal, chegava ali, aos mestres de campo, a notícia de que Jeronymo Serrão de Paiva, que com a sua esquadrilha havia estado algum tempo pairando no mar, entrára em Tamandaré, com proposito de ahi permanecer. Inquietaram-se com isso os mestres de campo, receiosos que o fosse atacar a esquadra hollandeza, e parecia-lhes com razão, que muito mais seguros estariam os navios no porto do Cabo de Santo Agostinho, defendido pela dita fortaleza do Pontal, e tinham esperança de que, informado Serrão de Paiva da entrega d'esta fortaleza, pelo proprio que elles haviam expedido á Bahia para levar a notícia (cujo nome Capivára nos faz crer sería algum indio), ahi se recolhesse.

Fundados eram os cuidados em que ficára o governador, desde que soubera da resolução egoista de Salvador Corrêa; e mais fundados ainda os temores dos mestres de campo (annunciados ao governador por Martim Soares em carta de 6 de setembro) de que elle fosse

victima de um ataque da esquadra inimiga! Trataremos mais circumstanciadamente d'este interessante ponto da nossa historia, descuidado pelos que nos tem precedido, e a respeito do qual possuimos todos os documentos.

Serrão de Paiva, que tinha comsigo sete barcos maiores, tres caravellas e quatro sumacas, pensou que fazendo desembarcar parte da guarnição, e confiandolhe duas trincheiras que fez construir em terra, assestando n'ellas varios canhões, poderia resistir ao inimigo; e talvez tinha razão, suppondo que a sua gente cumpriria com os seus deveres, no momento de ser atacada. Não succedeu porém infelizmente assim. No dia 7 se apresentou diante de Tamandaré a pequena esquadra inimiga, commandada por Lichthardt, o qual, por assim dizer, acabava de a improvisar muito á pressa no Recife, sendo que até trazia dois ou tres barcos, que se havia compromettido a restituir apenas désse o ataque, de cujo resultado favoravel parece que não tinha a menor dúvida.

Para informar-se melhor da posição e forças de Serrão de Paiva, lembrou-se Lichthardt de fazer entrar no porto, com bandeira branca, dois dos seus barcos mais pequenos. Não lhe faltariam pretextos para justificar a bandeira de parlamentario, mas os seus barcos não chegaram a poder parlamentear; porque apenas se approximaram, foram mimoseados com alguns tiros de bala disparados pelos que occupavam o porto.

Entretanto esses barcos haviam-se aproximado o necessario para informar-se de quanto lhes era mais indispensavel.

Na noite de 8 para 9, d'esse mesmo mez de setem-

bro, chegou a Lichthardt um reforço de um barco (Leyden) e um hiate (Een-Hoorn) dois dos que lhe haviam sido emprestados do Recife, e julgou que não devia aprazar o ataque. Na manhã de 9 reuniu a conselho os officiaes [1], e assentou-se em proceder a elle immediatamente.

Para surprehender a nossa gente com uma novidade, ostentando ao mesmo tempo intrepidez e calma, ordenou Lichthardt que os barcos o seguissem em fila, sem disparar um só tiro até o momento da abordagem, que elle começaria por dar ao navio chefe de Serrão de Paiva.

Assim foi executado. Ia elle diante na Utrecht, em que arvorava o seu guião. Seguiam-o logo a Veeve, Zelandia, Over-Yssel, Soutelande e Ree. A Leyden, o hiate Een-Horn (Um-Corno), a Mexeriqueira e varias barcaças receberam ordem de ajudar onde fossem chamadas.

Entrado assim o porto, começou o fogo de artilheria e de fusilaria dos nossos barcos e baterias, ao qual não responderam os atacantes, indo entretanto Lichthardt direito ao barco de Serrão de Paiva, e dando-lhe abordagem, o tomou logo, desamparado por quasi toda a tripulação e guarnição, que se lançou ao mar, abandonando o seu chefe; o qual ainda com dezeseis fieis, que ficaram ao seu lado, combateu até cair, com várias feridas, estendido no convez.

Foi para os hollandezes uma victória completa. Os

[1] Seguimos a parte de Lichthardt dada n'esse mesmo dia 9, e o officio de Serrão de Paiva escripto da prisão do Recife aos 17 d'esse mesmo mez.

outros navios, ou foram tomados ou tiveram de encalhar em terra, onde o inimigo os foi incendiar, levando para o Recife os tres melhores. Serrão de Paiva depois de curado no Recife, foi enviado para a Hollanda.

Foi a victória alcançada tão rapidamente, e tão depressa se viu Serrão de Paiva surprehendido com o desamparo dos seus, que nem teve occasião de ir á sua camara destruir os documentos importantes que ahi tinha, e que vieram a descubrir, com toda a evidencia, ao inimigo que não só o governador da Bahia, como até o proprio rei se achavam implicados nas tentativas da restauração de Pernambuco. Entre esses documentos se distinguiram a carta reservadissima do governador geral de 17 de agosto, queixando-se da deslealdade de Salvador Corrêa, e a carta regia de 9 de maio para Salvador Corrêa (e já por elle não recebida) a fim de ajudar á restauração; documentos ambos que, traduzidos em hollandez, foram dados á estampa em Amsterdam em 1647. Eis o teor da carta regia:

«Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Eu el-rey vos envio muito saudar. Se acaso, achando-vos esta ainda nesse Estado, fordes informado que os inimigos d'esta Coroa tem intenções de emprehender algum ataque, requisitando-vol-o o governador Antonio Telles da Silva, ordeno-vos que ahi vos conserveis em quanto dure o conflito. Confio que ainda sem a presente ordem havereis procedido na conformidade d'ella, se algum motivo o houver exigido. Escrita em Alcantara a 9 de maio de 1645—Rei.»

Quando os hollandezes se regalavam com esta assignalada victória e com os importantes despojos por

meio d'ella alcançados, e as provas que recolheram de que eram cumplices com os sublevados a respectiva Côrte e Vice-Côrte, já a noticia do levante se havia communicado para o norte e para o sul de Pernambuco, produzindo resultados mais ou menos favoraveis.

Paulo de Linge, chegando á Parahiba, em quanto ordenava algumas prisões e tomava outras providencias preventivas, dispunha que baixassem dos sertões varias cabildas de indios barbaros, que obedeciam ao chefe Pero Puty, cuja amisade haviam adquirido por influencia de um Jacob Rabbi, israelita.—Estes barbaros, achando-se perto de Cunhaú, em um domingo, e sabendo que os moradores á hora de missa estariam todos desarmados na igreja, cairam sobre elles, fazendo horrivel carnificina e roubando quanto poderam.

A respeito do modo como se desenvolveu a insurreição nas capitanias de Itamaracá e Parahiba faltam-nos documentos fidedignos. O que encontramos escripto em muitos autores, que não fazem mais que copiar-se uns aos outros, é que os barbaros, que ao mando de Pero Puty praticaram as crueldades no Cunhaú vinham contra a Goyana, em cujos suburbios primeiro havia estalado a insurreição, elegendo por chefes a Diogo Carvalho, Pascoal de Freitas e Martim Fragoso, depois de haverem sido presos pelos hollandezes Gonçalo Cabral e outros, nomeados a principio por Vieira e Cavalcanti.

De um padre Lourenço da Cunha sabemos que tambem entrava no numero dos conjurados d'essa capitania; mas ignoramos que passos deu. Parece que Paulo de Linge, á imitação dos chefes do Recife, offereceu uma amnistia aos que se apresentassem, e informado

porém do triunfo nas Tabocas, retirou-se com todos os seus ao Cabedelo; e os indios selvagens, vendo essa prevenção e ouvindo os triunfos dos nossos não se atreveram contra a Goyana, e se dispersaram pelos sertões.

Entretanto chegavam as tropas que do Gurjaú haviam sido destacadas para essas bandas ás ordens de Antonio Cavalcanti, já fallecido em Igaraçú, e mais outras que, depois da acção da Casa-Forte, haviam sido enviadas a reforçal-as; ao mando de Antonio Curado (não Rodrigues) Vidal, com o qual vinham uma escolta dos indios do Camarão e outra dos pretos de Henrique Dias, as quaes deviam engrossar-se com as dos respectivos sangues que na Goyana e Parahiba se lhes quizessem reunir.

Chegaram estes ao Tibery, a tres leguas da cidade da Parahiba, no principio de setembro, e d'ali procuraram entender-se com Jeronymo Cadena, Lopo Curado Garro e Francisco Gomes Muniz, chefes ahi dos conspiradores, que apoz si levaram os moradores já compromettidos a se unirem ao levante. Foi decretada uma contribuição para os gastos da guerra, espalharam-se proclamações convidando a se alliarem á revolta os proprios estrangeiros, perdoando-se-lhes as dividas que tivessem para com os intrusos hollandezes. Passaram logo as ditas escoltas já reforçadas ao engenho de Santo André, ficando Lopo Curado Garro á frente do governo da cidade e cuidando da sua defensa. Foi então, segundo os chronistas, que Paulo de Linge sahiu do Cabedello, e no engenho Inhobim veiu a encontrar os nossos, travando-se a acção que foi dirigida por Vidal Gomes Moniz, e para o successo da qual se diz que

contribuira uma grande chuva que tornou inuteis ao inimigo as suas armas de fogo. Paul de Linge porém vingou-se, mandou enforcar dias depois a Fernão Rodrigues de Bulhões que lhe foi offerecer dezenove mil cruzados pela entrega do forte do Cabedello.

Da banda do sul, em Porto Calvo, apresentaram-se como chefes Christovam Lins, ahi senhor de varios engenhos, e seu tio Marinho Falcão, e por tal fórma souberam malograr a chegada de soccorros á povoação, e fazer crer ao commandante do forte que eram em muito maior número, que este se rendeu no dia 17 de setembro, com clausulas análogas ás concedidas ao forte do Pontal.

Dois dias depois, no dia 19, se entregava igualmente, ao cabo de algum tempo de sitio, o forte do Penedo, junto ao rio de S. Francisco; não faltando quem escreva que contribuíra para essa rendição o chefe Hous, que então ahi passava preso para a Bahia; asserção, a que devemos dar pouco credito, pois, se houvesse então proferido as frazes que se lhe attribuem[1], não sería elle quem, pouco depois, voltaria de novo a Pernambuco, ao serviço da mesma Companhia, como voltou. O certo é que d'essa banda a sublevação foi começada pelo proprio chefe antes designado, Valentim da Rocha Pitta. O principio da sublevação teve logar pelo ataque de improviso feito a um sargento e dez soldados que con-

[1] ... estylo de mercadores, cujo trato he vender, e não resgatar,... sendo tão inutil para com elles o serviço, que n'elle se perde a vida, sem se ganhar a honra; porque só a alcança quem a dá por servir a Principes, e a perde quem a arrisca por conservar a Piratas (Castrioto, liv. 6, n. 102).

duziam preso a um dos moradores dos arredores, que desde logo ficou livre de suas garras. Quiz o Commandante do forte tomar vingança de tanta ousadia, e mandando a isso um official com setenta soldados, cairam todos estes na emboscada que lhes foi preparada, aproveitando-se das armas os sublevados; que desde logo tomaram a offensiva, e foram sitiar o forte; em quanto pediam soccorros da fronteira do Rio-Real, que immediatamente lhes foi enviado, vindo d'ali cento e oitenta soldados, em duas companhias, uma das quaes commandava Nicolau Aranha, socio de Vidal na sua digressão preparatoria ao Recife.

Intimada por Nicolau Aranha a rendição do forte, accederam a ella os defensores, em número de duzentos e sessenta e seis praças que, por falta de soccorro, se viam já na maior mingua.

Para mais terem de que lamentar a entrega, viram dentro de pouco tempo que vinham do Recife a soccorrel-os uma embarcação grande e tres lanchões, que se julgaram bastante felizes de poderem retirar-se, sem cairem tambem prisioneiras.

Informados os nossos chefes de que o inimigo havia feito retirar para a Parahiba e Rio Grande os indios que tinham na Ilha de Itamaracá, resolveram ir assenhorear-se d'essa ilha, o que tiraria grandes recursos aos do Recife, ao passo que serviria a cubrir as communicações com a Parahiba sublevada. Passaram pois á ilha em setembro, deram infructuosamente tres ataques á villa, mas logo, no dia 25, chegou com soccorros do Recife o Conselheiro Bollestrate, e os nossos julgaram prudente retirarem-se.

Ao principio pareciam os successos correr á proporção dos desejos dos atacantes, porque para maior prevenção foram passar á ilha do lado do norte, e conseguiram surprehender um patacho, com quatro peças, que ahi tinha postado o inimigo; mas depois ha que confessar que foram completamente repellidos. O Commandante hollandez Dortmon deu logo aviso para o Recife e foi soccorrido a tempo. Os nossos escriptores procuram disfarçar essa derrota, contando-a de um modo confuso; porém Moreau diz positivamente que os atacantes, não se atrevendo a acometter a fortaleza da barra, se dirigiram á villa, e que ahi foram derrotados, deixando trezentos mortos, número que os nossos baixam a setenta, contando outros tantos feridos, comprehendendo o Camarão. De novo tentaram outra surpreza em junho seguinte (1646); e d'esta segunda vez o inimigo abandonou a villa, retirando-se ao forte, onde fez fuzilar alguns artilheiros que julgou suspeitos de haverem sido peiteados.

No Rio Grande do Norte todos os esforços dos moradores foram infructuosos, e mui lugubres os successos a que deram logar. Uns setenta dos mesmos moradores, indignados pela horrivel matança no Cunhaú em 16 de julho e por ventura obedecendo a compromissos em que tambem estariam para auxiliar a revolução, tomaram armas, e, com as suas familias, se recolheram, levando comsigo muitos mantimentos e provisões, a um arrayal na distancia de seis leguas da capital pelo rio acima, e ahi se entrincheiraram com uma cerca de palancas ou palissadas, á maneira dos indios.

Ao sabel-o o furibundo Jacob Rabbi, que com os

seus indios acabava de assaltar o engenho de um individuo por nome João Lostan, onde se haviam refugiado os poucos escapados da carnificina do Cunhaú, praticando n'esse engenho novas mortes, e conduzindo prisioneiro á fortaleza do Rio Grande o dito senhor d'engenho, se dirigiu, com os seus indios, ao mencionado arrayal, e conhecendo que não era facil tomal-o de assalto, resolveu por-lhe apertado sítio, certo de que acabados os mantimentos se renderiam. Havendo passado já dezeseis dias sem ver resultados dos seus planos, imaginou um ardil para o ataque, e foi o valer-se de carros com taboões, ao abrigo dos quaes se foram impunemente aproximando da cerca. Descoberto porém o plano, os defensores, apezar de não terem mais de quinze armas de fogo, effectuaram uma sortida, por meio da qual desviaram aos sitiantes dos seus intentos.

A final, porém, faltos de munições e de viveres, viram-se obrigados a entrar em ajustes de capitulação, compromettendo-se o chefe flamengo a livral-os do furor dos selvagens. Para o cumprir mandou logo presos para a fortaleza da barra os principaes, por nome Estevam Machado de Miranda, Vicente de Souza Pereira, Francisco Mendes Pereira, João da Silveira e Simão Corrêa, e deixou para escoltar os que ficaram no forte, já desarmados, dez soldados de tropa regular.

No dia 2 de outubro chegou uma lancha do Recife á capital; e se disse ter vindo n'ella o conselheiro Bollestrate, já sabedor dos desastres soffridos no súl de Pernambuco, e sequioso de tomar d'elles vingança. O certo é que, logo no dia immediato, foram os prisioneiros

mandados para Uruassú [1], a meia legua de distancia do logar em que se fizera a cerca, a qual não podia portanto ficar longe da actual S. Gonçalo. Ao chegarem os prisioneiros a Uruassú, e ao verem alli duzentos indios armados em guerra, com o seu chefe Antonio Paráopaba, rival de Pero Puty, no odio aos nossos e na dedicação aos invasores, logo conheceram a sorte que os esperava. Era que a autoridade flamenga, querendo empregar o maior rigor e condemnal-os á morte, pretendeu eximir-se a toda a responsabilidade de semelhante pena, attribuindo-a hypocritamente aos indios; aos quaes, escolhendo-os por juizes e algozes, dava, ao mesmo tempo, pasto em seus instinctos barbaros.

Sacrificadas estas primeiras victimas, passou a escolta dos flamengos ao arrayal, onde estavam os demais, para os trazerem, igualmente embarcados, a Uruassú; a fim de terem igual sorte. Ou por já possuirem alguma notícia da morte dos companheiros, ou porque tiveram algum outro motivo de suspeita ácerca de seu immediato fim, é certo que elles manifestaram aos da escolta que o conheciam. Devemos crer que até chegaram a apresentar alguma resistencia, ou que a intentaram no caminho, ao observar que com os d'esta segunda partida usaram os algozes de muito maior crueldade que com os primeiros.

Procuraremos passar rapidamente pela descripção de taes scenas, que, se fossemos a pintar com as verdadeiras côres, causariam não sómente horror, como até asco. Limitar-nos-hemos a referir que um Antonio Baracho, amarrado nú a um poste foi morto, cortando-lhe

[1] Hiomavaçú se lê erradamente no Castrioto.

os assassinos pouco a pouco dolorosamente cada uma das partes do corpo; que a Matheus Moreira lhe arrancaram pelas costas o coração; e que com dois jovens Manuel Alvares Ilha, e Antonio Fernandes não chegaram a usar de tanta barbaridade, porque elles tinham comsigo facas de ponta, com as quaes, matando antes a varios dos algozes, cahiram logo mortos, com mais gloria para si e menos opprobrio para os inimigos. Acrescenta Lopo Curado Garro, de cuja parte dada aos governadores, tres semanas depois [1], colhemos estes factos, que havendo Estevam Machado de Miranda trazido comsigo á fortaleza uma filha de sete annos, e ignorando que ia ser suppliciado, a levára tambem a Uruassú, onde vendo a menina os intentos dos algozes se abraçára ao pai, com muitas lagrimas e súpplicas, e que este, antes de morrer, a procurára consolar, dizendo-lhe: «Vae, filha, dize a tua mãi que se fique embora, que no outro mundo nos veremos.» As victimas foram nada menos de quinze, segundo confissão official dos proprios hollandezes.

Apenas chegaram de tamanhas atrocidades noticias á Parahiba, partiram logo reforços até o Cunhaú, offerecendo um ponto de refugio aos que podessem andar foragidos pelos matos. Sendo atacados pelos flamengos, conseguiram os nossos repellil-os com vantagem, adquirindo muitas armas por elles deixadas. Não tardou a vir tambem em soccorro do Rio-Grande o bravo commendador D. Antonio Filippe Camarão, que depois de fazer pagar caro aos invasores e seus indios as passadas atrocidades, por falta de munições, teve que re-

[1] Relação etc. de 23 de outubro de 1645.

tirar-se á Parahiba, onde veiu a reforçal-o mais tarde (agosto de 1647) com seiscentos homens, o proprio André Vidal, o qual batendo ahi os inimigos, logo regressou aonde era mais necessario; ordenando ao Camarão que fosse proseguir novas hostilidades no Rio-Grande e vingar, n'essa parte do Brazil, tantas crueldades, não só dos barbaros, como dos proprios hollandezes, que, se bem que christãos de nome, mais barbaros se haviam mostrado que os ignorantes indios.

Quanto ao Camarão devemos dizer que elle cumpriu o seu mandato muito além de que se podia esperar. Desde que se apresentou como vencedor, grande número de indios que estavam com o inimigo, com essa fidelidade fluctuante commum a todo povo barbaro, segundo já reconhecia a antiguidade, [1] o abandonaram, e prestaram obediencia ao mesmo Camarão, que, com o seu auxilio, conseguiu dominar todo o sertão do norte, chegando até os confins do Ceará. [2]

Quanto a Jacob Rabbi, o proprio chefe hollandez Garstman o mandou matar traiçoeiramente na noite de 5 de abril (1646);—motivo porque o Conselho o enviou para a Hollanda, embarcando-o no Recife no dia 24 do mesmo mez Nieuhoff; voltando porém mais tarde a governar de novo a capitania do Ceará, onde estava em 1654, sem que conseguissem libertal-o, nem vingal-o, os indios que lhes obedeciam e pediam a gritos a cabeça do mesmo Garstman, no que não foram satisfeitos; o que motivou que muitos, por vingança, se declarassem inimigos do hollandez e se unissem ao Ca-

[1] «Fluxa, ut est barbaris fide,» dizia já o historiador Tacito.
[2] Moreau, pag. 138 e 156.

marão. O proprio Janduy chegou a estar vacilante; mas acudiram a tempo os hollandezes, mandando-lhe presentes por um seu antigo amigo, Roulof Baro, que nos transmittiu impressa a relação ou diario da jornada que então fez.[1] O Conselho dô Recife mandou depois ao Rio-Grande um dos seus individuos o célebre Bas, para ahi prover ao arranjo de provisões, etc.

[1] Esta relação, traduzida em francez, foi publicada em França conjunctamente com a obra de Moreau, commentada por este.

LIVRO NONO

Sitio do Recife. Primeira acção dos Guararapes Resultados. Angola

---

Recolhem-se os hollandezes á Praça — Investem-a os nossos — Arrayal novo do Bom Jesus — Onde era — Representação ao rei — Deserção dos estrangeiros — Attentado contra F. Vieira — Abundancia entre os sitiantes — Fome na Praça — Moedas obsidionaes — O inimigo é soccorrido — Reforma o seu governo — Ataca Olinda — Apodera-se do Penedo — Com que fim — Recontros — Apodera-se de Itaparica — Morre Lichthardt — Passam os do Penedo a Itaparica — Chegam a esta ilha outros reforços — Hous — Invasões do Reconcavo — Pequenos recontros na ilha — Esquadra de corso — Resolve a Corte ceder Pernambuco — Apoia a idéa o padre Vieira — Resistem a ella os sublevados — Rebello ataca Itaparica — É derrotado e morto — Chega á Bahia novo governador, com soccorros — Retira-se o inimigo de Itaparica — Prepara a Hollanda novos reforços — Embaixador Sousa Coutinho — Tratado de Munster — Schkoppe toma o mando dos inimigos, Barreto o dos nossos — Primeira acção nos Guararapes — Partes que deram os respectivos generaes — Resultados favoraveis em Portugal — Pareceres dos Tribunaes — Papel Forte do padre Vieira — Resolução Regia — Recuperação d'Angola.

Os hollandezes, vendo as suas forças notavelmente reduzidas, abandonaram Olinda e se recolheram ao Recife e ilha de Santo-Antonio ou cidade Mauricia, onde trataram de augmentar todos os meios de defensa. A bella residencia que, perto da ponte da Boavista, tinha levantado Nassau, foi occupada pela tropa, recebendo peças de artilheria em seus pavilhões: as arvores de um frondoso jardim botanico ahi formado, trazidas algumas a custo, não só dos sertões, como das capitanias visinhas e até de outras colonias e da propria Africa, fo-

ram todas derrubadas para servirem a abatizes e palissadas e até para lenha.

Os nossos, retirados de Itamaracá, occuparam Olinda, e resolveram investir rigorosamente a praça do Recife, levantando em redor várias estancias e trincheiras. Um melhor forte foi tambem construido para quartel general, ao qual se deu o nome de Arrayal Novo do Bom Jesus [1]. Sabemos que esse arrayal ficava na Varzea, á margem direira do Capiberibe; e mui provavelmente sería o quadrado abaluartado [2], de que, com o nome de «O Forte» ainda hoje se vêem, mui bem conservados, os restos com o competente fosso, em uma paragem um tanto elevada da Varzea, tomando-se á esquerda, depois de passar a ponte da Magdalena [3]. D'esse arrayal foi datada uma representação ao rei, assignada até por officiaes hollandezes, como Hoogstraten e van der Ley, que concluia com èstas ameaçadoras palavras: «Com toda a submissão, prostrados aos pés de V. M., tornamos a pedir soccorro e remedio com tal brevidade que nos não obrigue a desesperação, pelo que toca ao

[1] Segundo Nieuhoff os nossos chamaram tambem do *Bom Jesus* o forte que começaram no dia 15 de outubro 1647 a construir no sitio da casa do Rego, e que elles chamaram *Altená.* O mais provavel é que o nome de Arrayal Novo do Bom Jesus se fizesse extensivo a toda a linha de sitio.

[2] Era a este forte que sem duvida se referiam os informes do desertor Claes, com quatro pequenos baluartes, com tres canhões cada um, e destinado para payol de polvora, etc. Nieuhoff, pag. 154.

[3] Veja Calado pag. 269, 272 e 275. — Por este escriptor sabemos que ficava o mesmo arrayal obra de uma legua do Recife, do lado da Magdalena e perto do engenho que havia sido de João de Mendonça. Ora este engenho sabemos com a maior evidencia, por um mappa de Barlæus, que ficava pouco além do sitio em que está a ponte da Magdalena.

culto divino, a buscar em outro Principe catholico o que de V. M. esperamos.»

Seguiram-se as conhecidas scenas repetidas tantas vezes entre os sitiantes e os sitiados: escaramuças para impedir as sortidas por agua ou lenha, surprezas para prender os que se aventuravam fóra das muralhas, são factos que nem vale a pena de serem relatados.—Baste referir que, n'esses pequenos encontros, se distinguiu muito o bravo Henrique Dias, que, postado do outro lado do rio, defronte do actual bairro de S. José (então campina do Taborda), por muitas vezes, conseguiu surprehender, passando o mesmo rio, as escoltas inimigas que communicavam com os Afogados. Na sua Estancia (nome que ainda hoje se perpetúa) tinha Henrique Dias por quartel as casas de um Giles van Ufel, que, depois da guerra, lhe foram doadas por Barreto, nas quaes havia uma especie de torre ou mirante alto, do cimo do qual se descubriam todos os contornos. O Camarão, com os seus indios, tomou á sua conta a casa de Sebastião Carvalho fronteira ao forte dos Afogados; e os sitios desde as Salinas e carreira dos Mazombos até a ponte de Olinda foram occupados pela gente da terra.

A ordem, entre os sitiantes, esteve por duas vezes a ponto de ser perturbada. Uma d'ellas em virtude da deserção para o inimigo de duas companhias de soldados hollandezes, que, depois de capitular, se haviam, integras, encorporado ao exercito, em vez de serem disseminados os mesmos soldados entre os nossos. A outra, por ter havido quem intentasse contra a vida de Fernandes Vieira.

A deserção das duas companhias teve origem na de um soldado das mesmas por nome Flavre, que foi assegurar aos hollandezes que muitos outros desejavam seguil-o, e o não faziam por falta de occasião propicia. Em vista do que, dispoz o inimigo que tomassem as armas duas companhias, ás ordens dos capitães Rembach e La Montagne, e se fossem postar, á entrada da noite, do lado dos Afogados, em uma paragem onde as conduziria o dito Flavre. Originou-se ahi um pequeno tiroteio, mas não deu logar a que se passasse nenhum dos promettidos por Flavre, por haverem n'essa occasião ficado á retaguarda. D'ahi porém a pouco tempo, em meado[1] de novembro, o capitão Claes, que de pobre pescador, que havia sido, não só alcançára, já entre os seus, o mando de uma companhia, como, entre os nossos, esse mesmo mando e até um posto de confiança na linha de sitio, sentiu em si, como era natural, mais fortes os impulsos do patriotismo do que os da gratidão. E, achando-se no posto das Salinas, declarou aos seus soldados ter em projecto uma empreza, se elles estivessem dispostos a seguil-o. Havendo todos respondido affirmativamente, passou o Rio, e se dirigiu com elles ao Brum, e declarou a todos o seu verdadeiro intento; acrescentando que o que não quizesse seguir ficaria ahi morto. Não havendo encontrado objecção, enviou dois dos seus á Praça, afim de prevenir os defensores, e pouco depois seguiu com os mais. Eram sessenta e cinco por todos.

O resultado d'esta deserção foi reconhecer Vidal

[1] No dia 14, segundo o *Journal* pub. em Arnhem, em 1647: e 12 segundo Nieuhoff, pag. 103 (traducção).

que não podia contar com as tropas que haviam servido o inimigo, as quaes foram todas mandadas para a Bahia, acompanhando-as o mestre de campo Martim Soares Moreno, cuja idade e achaques lhe não permittiam supportar por mais tempo as fadigas de tão ardua campanha.

O inimigo foi por Claes informado com exactidão do estado de nossas forças.

Quanto ao attentado contra a vida de Fernandes Vieira, que chegou a ser ferido em um hombro, querem alguns que andassem n'isso complices os seus rivaes; os quaes, não se atrevendo a apresentar-se pessoalmente, endossaram o crime e o perigo a braços innocentes alheios ás suas paixões. Em todo caso não ha motivos para suspeitar de que n'essa criminosa tentativa houvesse o inimigo tido nenhuma intervenção.

Houve um momento em que entre os nossos se experimentou alguma escaceza; mas felizmente no mez de março de 1646 chegaram do Rio-Grande, acompanhadas pelo capitão João de Magalhães, quatrocentas cabeças de gado, d'ahi mandadas por Vidal e o Camarão. Logo depois vieram ás Curcuranas mais duzentas cabeças do Rio de S. Francisco, naturalmente já provenientes das disposições que a esse respeito havia tomado, em 3 de dezembro do anno anterior, o governador da Bahia, ordenando que da villa do Penedo se enviasse, ao exercito de Pernambuco, o gado necessario para o fornecimento de duas mil e quinhentas libras de carne por dia. Além d'este supprimento, que por então se fez regularmente, chegaram no anno seguinte novas manadas das bandas de norte, constando que só do Ja-

guaribe, no Ceará, foram mandados, em 1647, setecentos bois.

Ao passo que já a abundancia reinava entre os sitiantes, a penuria e a fome chegavam, entre os sitiados, ao maior auge.

Os primeiros symptomas da fome começavam a sentir-se na praça, murmurando a plebe e ameaçando sublevar-se. Providenciaram os do Conselho ordenando que varios magistrados, escoltados de tropa, seguissem de casa em casa, recolhendo quantos viveres encontrassem, e levando-os a depositos publicos; dos quaes se começaram a distribuir por igual rações pequenas, em quanto não chegavam soccorros. Comiam-se os gatos, os cães e os ratos.—Chegaram alguns a desenterrar animaes mortos para aproveitar d'elles a carne meia infecta[1]. O combustivel fez-se tão raro que muitos comiam as rações quasi cruas. Desfizeram-se para fornecer lenha alguns navios velhos; mas estavam os madeiros d'elles tão impregnados de pez e alcatrão que transmittiam ao pão e á bolaxa um gosto empireumatico que só a necessidade fazia toleravel. Os trabalhos de fachina eram arduos e inevitaveis, havendo as copiosas chuvas arrasado varios parapeitos. Muitos homens, mulheres e crianças morreram de miseria e cansaço.

E como se estes males ainda não bastassem, vieram juntar-se a elles os da sedição e desordem. As tropas chegaram a exigir que se capitulasse, uma vez que não havia com que mantel-as e pagal-as. Foi necessario muitos rogos e muita manha, da parte dos do Governo e dos chefes militares, o almirante Lichthardt e os ma-

[1] Nieuhoff, pag. 175.

jores mandantes Beyert e Pistoor para contel-as. Aos judeos ricos fizeram ver que, se rebentasse uma insurreição, elles seriam os primeiros a soffrer, e com isto conseguiram d'elles por emprestimo uns cem mil florins, que se distribuiram ás tropas, só para lhes alegrar a vista; pois que de nada lhes poderia servir o dinheiro, quando nada havia que comprar.

Foi no meio d'está penuria que se cunharam durante o sitio, em 1646, as primeiras moedas obsidionaes de ouro, do valor de tres, seis e doze florins, das quaes chegaram a nossos dias alguns exemplares, que se guardam nos gabinetes numismaticos, e constituem os monumentos mais antigos de cunho metallico fundido no Brazil. Depois, em 1654, se cunharam ainda de novo algumas moedas de prata de doze soldos, de superficie um pouco maior que as de ouro de doze florins de 1646. Estas de prata eram quasi quadradas, e as primeiras antes rhomboides. Os disticos, segundo o costume em linha diametral, acham-se inscriptos em circulos. Nas de ouro lê-se, de um lado, em tres linhas separadas:=Anno.=Brasil=1646; isto é: Brasiliæ, Anno 1646: e do outro a lettrá W, tendo a primeira perna cortada por um G e a ultima por um C, querendo significar=Geoctroyeerde Westindische Compagnie=isto é, «Companhia privilegiada das Indias occidentaes.» Em cima da mencionada letra se designa, em numeros romanos, o dos florins que representa a moeda III, VI, ou XII. Nas moedas de prata o número XII se vê igualmente sobre o W, cortado com as outras duas letras, e por baixo se lê do mesmo lado a designação do anno=1654.=

A guarnição do Recife e fortaleza Mauricia[1] já contava os dias ou talvez as horas[2], dentro das quaes se veria obrigada a render-se, quando no dia 23 de junho (1646) chegavam da Hollanda os dois pequenos barcos Isabel e Falcão com algumas munições e a certeza de que, dentro de um mez, devia chegar á praça um formidavel soccorro. A noticia e o pequeno soccorro trazido foram muito festejados, e se considerou de tanta importancia que, para perpetua memoria, fizeram depois os hollandezes cunhar uma medalha, cuja inscripção dizia em hollandez: «O Recife foi salvo pelo Falcão e Isabel[3].» Com a chegada d'este primeiro soccorro, os dois «mestres de campo, com poderes de capitão general», assentaram de recolher á linha de sitio toda a gente que tinham no Rio-Grande, na Parahiba e até na propria ilha de Itamaracá, que haviam ganho, excepto o forte de Orange.

Vimos como os governadores ou membros do Conselho superior haviam mandado á Hollanda, logo depois de regressar da Bahia, a van de Voorde, pedindo providencias para acudir ao estado precario em que ficava a conquista hollandeza.

Van de Voorde dirigiu, em 16 de novembro (1645), a esse respeito uma representação aos Estados Geraes,

[1] Não Mauricéa, como escreveram Brito Freire e o Conde da Ericeira e outros.

[2] Veja Moreau, Hist. pag. 86.

[3] «Door de Valk en Elisabeth is het Recif ontzet.» Netscher, pag. 206. Calado (pag. 351) dá razão do festejo, como succedido no dia 22, e accrescenta que nos dois barcos haviam chegado 350 homens, o que não parece crivel; nem tal succederia sem que d'isso désse razão o minucioso Moreau na pag. 88.

e, dois dias depois, estes se entendiam com o Conselho dos XIX, para ser mandado a Pernambuco o necessario soccorro; concedendo á Companhia uma subvenção de sete centos mil florins, e um reforço de tropas que deveriam ser commandadas pelos coroneis Sigismundo Schkoppe e Henderson [1], que já no Brazil haviam servido.

Os reforços eram acompanhados de um novo governo, organisado por outro modo, na conformidade do competente regimento de 12 de outubro de 1645, e approvado pelos Estados Geraes, em 6 de novembro, que alterava n'essa parte o dado de Nassau de 23 de agosto de 1636. O Alto Conselho ou Junta do Governo sería composto de cinco membros. Foi escolhido para presidente o respeitavel Walter van Schonenborch [2], que fazia parte dos Estados Geraes por Groninga, associando-se-lhe por conselheiros van Goch, magistrado e pensionario de Flessingue, deputado ordinario da Zelandia aos Estados Geraes, e Simon van Beaumont, advogado fiscal de Dordrecht. Eram os tres recommendaveis por sua probidade, saber e virtudes. Teriam por adjunctos os negociantes d'Amsterdam Hendrik Haecx e Abraham Trowel (que morreu poucos dias depois de chegar ao Recife), e por Secretario a Hermite, advogado de Delft, e filho de um notavel piloto do mesmo nome.

Houve então idéa, para salvar a Companhia, que estava perdendo muito, de refundil-a com a da India

[1] Nomeados pela resolução dos Estados Geraes, de 27 de março de 1646.

[2] Schonenborch foi nomeado em 23 de novembro, com poderes para dar os postos até capitão, e até tenente-coronel consultando os do Conselho.

Oriental; porém havendo a isso resistido esta última tenazmente, idearam os Estados não autorisar a sua próroga, senão mediante a paga de um milhão e quinhentos mil florins, que foram applicados á conservação da dita Companhia occidental, a qual, em seu favor, allegava que se a outra tinha tido tantos lucros é por que ella havia desviado o inimigo aguentando os seus ataques.

Os navios com o soccorro, só largaram successivamente dos portos da Hollanda durante o mez de abril, e soffreram contratempos na viagem, a maior parte d'elles, e não poderam apresentar-se diante do Recife antes do dia 1.º de agosto. Só de tropas de terra constava o reforço de mais de dois mil homens. Schonenborch chegou ao Recife no dia 12.

A guarnição do Recife, que trinta e tantos dias antes se havia salvado, com a chegada dos barcos Falcão e Isabel, achava-se de novo na maior consternação, e não poderia ter sustentado o sitio durante mais de tres dias; pois, justamente no momento em que apparecia a frota, se havia resolvido que não continuasse a distribuição da ração de uma libra de pão por semana[1].

Os conselheiros Hamel, Baolesttaten e P. Bas fizeram logo entrega do governo a Walter Schonenborch e aos novos nomeados pelo principe de Orange e Conselho dos XIX; mas por convite do antigo governo ainda, de 20 de agosto em diante, assistiam e eram ouvidos em suas deliberações.

Os do novo governo, depois de tomarem posse, pro-

[1] Cartas de Schonenborch e Schkope de 26 de setembro 1646, citadas por Netscher, pag. 151.

mulgaram, com data de 5 de setembro, uma proclamação, concedendo amnistia. Respondeu pelos sublevados Fernandes Vieira, fazendo iguaes offertas aos hollandezes que se apresentassem, e segundo nos assegura um escriptor contemporaneo[1] com mais exito.

A primeira tentativa de Sigismundo van Schkoppe se dirigiu contra Olinda, mas foi obrigado a desistir d'ella, retirando-se ferido em uma perna. Ensaiou depois algumas sortidas para o sul, mas não foi mais afortunado, e teve que voltar de novo a encurralar-se no Recife.—Deliberou então intentar uma expedição contra o Rio de S. Francisco, para fazer diversão, e impedir que d'ali se fornecessem os nossos de gados; mandando-os de preferencia ao Recife por mar. Foi nomeado para dirigil-a o coronel Henderson, que havia estado no Maranhão, o qual se embarcou no Recife em uma esquadra de dez navios e 8 barcas ao mando de Lichthardt no dia 24 de outubro (1646).

Effectuou Henderson o desembarque, e marchando contra a povoação do Penedo, cujos habitantes e guarnição, espavoridos, fugiam abandonando quanto possuiam; de modo que mui facil foi a reconquista.

Apressou-se Henderson a fazer construir, em logar mais acommodado que o do antigo forte Mauricio, outro novo de terra, e n'essa construcção se achava, quando os nossos, já livres do primeiro terror, e com soccorros recebidos da Bahia, se concentravam em uma paragem ao sul, em número de duzentos, e conseguiam surprehender, a um quarto de legua do forte, um posto avançado de vinte homens.

[1] Moreau, pag. 135.

Achando-se Henderson doente de uma perna (talvez ainda consequencia do ferimento no sitio da Bahia) e impedido de sahir, mandou reunir todos os seus; e, deixando apenas os necessarios para guarnecer o forte, incumbiu ao capitão francez Samuel Lambert (La Montagne) que, com toda a mais guarnição, fosse castigar a insolencia dos atacantes

Apresentando-se La Montagne aos 15 de dezembro de 1646 na paragem de Urambú onde fôra surprehendido o posto avançado, e não descobrindo ahi força inimiga maior que a dos duzentos que lhe constava haviam emprehendido a surpreza, os fez atacar vivamente, obrigando-os a retirar.

Porém, dentro de pouco, reconheceu que semelhante retirada era simulada, e que, com todos os seus, havia sido victima de uma emboscada, em que, rodeados por toda a parte, soffreram uma derrota completa, caindo mortos La Montagne, e os capitães Daniel Koin e Gerrit Schut, os tenentes Jeronymo Helleman, Antonio Bailjaert e Joost Comans e o alferes Middelburgh; e sendo prisioneiro o capitão Gysse Lingh, e contando mais o inimigo de perda cento e quatorze soldados. Muitos dos soldados de La Montagne conseguiram entretanto, fugindo cada qual para seu lado, esconder-se, e pouco a pouco tornaram a apresentar-se no forte, onde se conservou Henderson com quinhentos a seiscentos homens, por uns tres mezes mais.

Esta derrota desconcertou os planos dos inimigos que pensavam fazer no Rio de S. Francisco uma base de operações, para seguir invadindo d'ahi para o norte, e vir aggredir pela retaguarda os sitiantes do Recife.

A desesperação lhes suggeriu porém outro plano, que podia haver sido aos nossos fatal. Foi o de irem occupar a ilha de Itaparica, e d'ahi, valendo-se da esquadra, bloquearem e sitiarem a Bahia, por mar, como o Recife o estava por terra pelos nossos.

Pelo que, deixando no Recife só a tropa essencial para guarnecer a Praça, se embarcaram, em força de uns dois mil e quinhentos homens; e no dia 8 de fevereiro se apresentaram diante da barra da Bahia, effectuando de noite, sem a minima opposição, o desembarque em Itaparica. Esta ilha estava já bastante povoada e rica.

Segundo Moreau[1], cuja narração deve ser insuspeita, como amigo dos hollondezes, «os soldados não pouparam ahi uma só vida, mataram até mulheres e crianças, saquearam tudo quanto quizeram, e só o incendiar lhes foi prohibido; de modo que duas mil pessoas, que contava esta ilha, pereceram, umas pelo ferro, outras afogadas nos barcos, em que a tropel se lançavam, a fim de passarem á cidade da Bahia, quando chegaram os hollandezes; os quaes d'este modo viram vingada a perda que acabavam de experimentar no Rio de S. Francisco.» A este autor deixamos sem commentarios a responsabilidade d'estes pormenores. Por este tempo[2] fallecia o bravo almirante Lichthardt, no Penedo (Rio de S. Francisco em 30 de novembro de 1646) por beber agua fria, depois de se haver acalorado excessivamente, segundo testemunho de J. Nieuhoff, que o viu expirar, sendo o corpo transportado para o Recife,

[1] Pag. 145.
[2] Journael de Arnheu.

onde foi dado á sepultura no dia 12 de dezembro (1646). Foi uma grande perda para o inimigo; pois Lichthardt, desde a ruptura das hostilidades, fôra por sua grande actividade e energia a verdadeira alma da resistencia, que acudia a tudo. Quando Schkoppe deixou o Recife para passar á Bahia, levava comsigo de almirante a Baucher, successor do mesmo Lichthardt.

Para melhor se prevenir contra qualquer surpreza se fortificou o inimigo na ilha, em um posto fronteiro á cidade, junto á ponta da Balêa, e perto do logar em que está a povoação que ainda hoje tem o proprio nome da ilha.

Entretanto as forças dos nossos na ilha iam augmentando, em progressão ainda maior do que diminuiam as do inimigo; pois uns lhe desertavam, outros lhe morriam, muitos enfermavam. Por fim já os hollandezes se viam reduzidos unicamente ao seu forte, de modo que os do Recife julgaram conveniente ordenar que se retirasse a guarnição do Rio de S. Francisco, e fosse reforçar esta do forte de Itaparica. Quanto a Henderson preferiram dar-lhe passaporte para a Hollanda.

Foi a mesma guarnição, pouco depois reforçada com uns quinhentos homens recem-chegados da Europa, em cujo número se contava o seu commandante coronel Hous, que caíra prisioneiro na Caza Forte, d'onde á propria Bahia havia sido conduzido preso, como vimos, anno e meio antes.

O acampamento foi reforçado com várias trincheiras, uma das quaes recebeu o nome do general, e outra o do conselheiro van Beaumont. Entretanto alguns

navios, ao mando de Francisco Janssen, corriam o Reconcavo até á ilha da Maré e Frades, e saqueavam quanto encontravam a alcance.

O governador da Bahia, que se propusera manter na defensiva, não poude conter-se em presença de tanta audacia, e mandou á ilha uma força de mais de oitocentos soldados escolhidos, os quaes começaram por surprehender (no dia 18 do mesmo janeiro) o capitão Munster[1], com vinte e seis soldados, que penetrára na ilha a fazer lenha.

Pouco depois, no dia 23, avançaram os nossos, a um tiro de mosquete das trincheiras inimigas, e começaram ahi tambem a entrincheirar-se. Resolveu Sigismundo oppôr-se-lhes, e, logo no dia seguinte, saiu a atacal-os, com quinhentos e sessenta homens, incluindo cem indios, e com tal impeto foi dirigido o ataque, á arma branca, que os nossos tiveram que retirar-se, com grande perda, largando no campo várias munições, além de muitas pás, enxadas, etc.

Parte[2] dos indios que estavam com os hollandezes os tinham já deixado, valendo-se de pretextos mais ou menos futeis. No Recife as privações cresciam, e muitas vezes chegavam ahi a soffrer fomes, como antes da vinda do soccorro.

Mas a guerra no Brazil tinha já tomado, para os hollandezes, uma phase mais legal, desde que os Esta-

[1] Carta dos do Conselho de 31 de março de 1647.

[2] Netscher faz crer (pag. 154 e 155) que não ficaram mais indios ao serviço dos hollandezes: mas elles vieram ainda a figurar na degolação da Barreta (18 de abril 1648); e em 27 de maio d'esse anno eram ainda em número de quinhentós.

dos Geraes haviam autorisado, pelas resoluções de 24 de dezembro de 1646, e 22 de janeiro de 1647 «a todos os officiaes de terra e mar, ao serviço da Companhia das Indias Occidentaes, a usarem de represalias para com os que procurassem occasionar prejuizos á Companhia[1]».

Com o conhecimento em Portugal da notícia d'esta resolução, quasi conjunctamente com a da occupação da ilha de Itaparica, que tinha em cheque a Bahia, se preoccuparam muito alguns estadistas, e com elles o padre Antonio Vieira, que chegou a opinar que não havia outro remedio mais que abrir mão da reconquista de Pernambuco, em favor dos hollandezes; e sustentou valentemente semelhantes idéas em um parecer, com data de 14 de março (1647), que hoje corre impresso. Estas idéas vieram até a ser aceitas pela côrte, que deu instrucções ao seu embaixador na Hollanda, e novas ordens para o Brazil, onde foram recebidas com pasmo, e felizmente não chegaram a ser executadas, sendo substituidas d'ahi a pouco por outras em contrário[2].

Havia já perto de sete mezes que o inimigo permanecia fortificado em Itaparica, quando o Governador Geral deu ordem a que fosse elle atacado, fiando o exito da empreza ao valor do mestre de campo Francisco Rebello. Resolveu este effectuar o ataque de noite, e no dia 10 de agosto, ás 3 horas da manhã, se lançou em

[1] Netscher, pag. 154.

[2] João Fernandes Vieira, na sua representação, datada de 22 de maio de 1671, refere-se a estas ordens dizendo: «Neguei com razões mui curiaes a obediencia a umas ordens de elrei meu senhor, que está em glória, com que foi suspender o que todos procuravam executar, e não passou muito tempo que me não chegassem outras em contrário.»

massa, e a grandes vozes, a modo dos indios, sobre as fortificações do inimigo, pensando surprehendel-o. Conseguiu penetrar nas primeiras defensas: como porém estas não eram mais que as obras avançadas, encontrou maior resistencia do que contava, e, ao cabo de duas horas de fogo, tiveram os atacantes que retirar-se, deixando noventa mortos diante das trincheiras, além de mais trinta e cinco dentro d'ellas, e dos que comsigo carregariam [1]. Parece que da parte dos nossos houve no ataque bastante confusão, e que alguns fizeram fogo uns aos outros. Este revez foi julgado muito maior, porque no número dos mortos se contou o bravo chefe da expedição, que tanto se distinguira em todo o curso d'esta guerra.

Apezar d'estas vantagens, os hollandezes não se julgavam seguros. Já em 6 de maio tinham pedido com instancia novos reforços, e desconfiados de que tardassem, haviam para apressal-os expedido, em fins de agosto, á metropole um dos seus proprios companheiros, o conselheiro Hendrik Haecx.

Quando á Côrte chegou a notícia do que se passava na Bahia, e da necessidade em que essa capital ficava de algum soccorro, fez apressar a partida do governador conde de Villa Pouca d'Aguiar; a cujas ordens poz logo algumas forças tiradas do exercito do Alemtejo, que com elle se fizeram embarcar em Setubal; e determinou a Francisco de Figueiroa, antigo capitão no forte de S. Jorge [2], e ora mestre de campo, que passasse ás ilhas, a fim de igualmente levar d'ahi á

[1] Off. de Sigismundo de 18 de agosto de 1647.
[2] Veja ante pag. 63.

Bahia mais quatro companhias. O padre Vieira allegou que este soccorro se aprestou com trezentos mil cruzados de um emprestimo, que elle negociára em tres horas.

A chegada d'estes reforços, com o novo governador, motivou principalmente a retirada dos hollandezes de Itaparica[1], em janeiro de 1648; assim como sem dúvida fez apressar-se o Supremo Conselho resolver de auxiliar a Companhia no Brasil com doze navios de guerra e uns seis mil homens de tropa, com a remessa de novos reforços para o Recife pretendeu a Companhia mandar de novo o conde Mauricio de Nassau que se excusou, por isso que já então se mostrava inclinado a que se tratasse antes das pazes com a Hespanha e com Portugal. Porém taes soccorros, depois de muitas diligencias, não passaram de nove barcos de guerra, quatro patachos e vinte e oito transportes com tropas e viveres; sendo Schkoppe escolhido para chefe principal, com mais poderes e o posto de tenente general, e devendo commandar a esquadra o almirante de With.

Cumpre aqui dizer que o embaixador portuguez Sousa Coutinho, apezar da posição melindrosa em que se achava, havendo até aguentado na Haya assuadas e vaias da plebe, desenvolveu a maior actividade, procurando evitar que partissem taes soccorros a fim de ganhar tempo. Depois de ver frustradas todas as tentativas de arranjo, que a seu pedido ensaiou o Enviado de França, dirigiu-se, em 23 de maio em 16 de agosto[2] e depois de novo em 15 de outubro, e 1 de novembro

[1] C. do almirante de With do 1.º de abril 1648.

[2] «Propositio facta... in concessu publico 16 Augusti» etc. Haya, J. Breeckvelt 1647 — 4.º

aos proprios Estados Geraes, declarando-lhes que o seu rei estava prompto a restituir todas as conquistas feitas pelos insurgentes, e a concluir um tratado de paz. Chegou até a offerecer-se a ir em pessoa a Lisboa, para accelerar a restituição. Porém os hollandezes não se deixaram enganar; e exigiram, como penhor, a immediata passagem ao seu poder da ilha Terceira ou da Bahia[1]. E com mais razão se julgaram fortes, desde que, em Munster, firmaram as pazes com a Hespanha, e esta nação lhes garantiu «todos os logares do Brazil tomados aos Estados pelos portuguezes desde 1641»[2].

A mencionada esquadra de reforço avistou o Recífe em meados de março (1648). Mez e meio antes havia Schkoppe, á frente de novecentos homens, conseguido entrar de novo na posse das terras fronteiras a Itamaracá, desembarcando á força em Tapecima, em 3 de fevereiro; e repellindo, no dia seguinte, um violento ataque dos nossos.

Agradeceu Schkoppe a promoção e os novos poderes que lhe foram dados; mas logo, em 15 de abril, acrescentava que no exercito eram em grande número os doentes, que havia descontentamento por falta de pagamentos, que as balas não ajustavam bem nas armas, e que o «inimigo concentrava as suas forças, recebia novos reforços da Bahia, e se preparava seriamente a esperar o ataque.»

Não queriam os do Supremo Conselho que este se demorasse, e d'ahi a tres dias, por sua ordem o Gene-

[1] Netscher, pag. 156.
[2] Artigos V e VI do Tratado de Munster de 30 de janeiro de 1648.

ral Sigismundo, depois de esperar o praso de uma nova amnistia offerecida pelos do Conselho (e que não lhes trouxe nenhum apresentado) á frente de uma força de quatro mil e quinhentos homens, bem que bisonha e pouca satisfeita, tomava para os Afogados, com os embornaes providos para oito dias, como propondo-se a invadir o sul.

Havia apenas dois dias que um general experimentado havia tomado o mando de nossas forças. Era este novo chefe o mestre de campo general[1] Francisco Barreto de Menezes, já conhecedor da guerra no Brazil, por haver sido, como vimos, um dos cabos que, em 1639, havia acompanhado a Luiz Barbalho, oppondo-se depois aos hollandezes no Rio Real, quando ahi se quizeram da primeira vez estabelecer, e passando mais tarde a adquirir novas glórias, e novos postos nas campanhas do Alemtejo.

Fôra Barreto nomeado para dirigir em chefe as tropas de Penambuco, por decreto de 12 de fevereiro de 1647; porém já perto do seu destino, em fins de abril, o aprisionaram no mar os hollandezes[2] e o levaram ao

[1] Hoje Tenente general (Decr. de 5 de abril de 1762). Aos marechaes de campo se dava antigamente o nome de sargentos-mores de batalha. Reg. R. V. 238.

[2] Quanto a esta prisão, cremos ter ella sido a propria que descreve Moreau na pag. 155, visto que não consta de outro governador («le nouveau pourveu Viceroy du Brésil», diz elle) que houvesse sido preso e levado ao Recife. Em tal caso a prisão deve ter sido feita pelo almirante Baucher, atacando sete navios de comboy que vinham com Barreto, e dos quaes metteu um a pique, o outro se escapou para a Bahia, e cinco cairam em seu poder, com muitas munições de boca e de guerra e vinhos, etc.—levando comsigo ao Recife duzentos e cincoenta prisioneiros, entre os quaes tres frades franciscanos e varios officiaes de justiça e de fazenda e o dito governador.

Recife, onde o tiveram durante nove mezes preso. Conseguindo porém escapar-se, favorecido por Francisco de Bra, filho do carcereiro e pelo francez João Voltrin[1], se apresentára no exercito em 23 de janeiro; e ahi esperou ordens do governo geral da Bahia, em virtude das quaes, chegadas recentemente, se havia posto á frente das tropas.

O inimigo abalou do Recife ás 7 da manhã do dia 18, e passando o rio dos Afogados, seguiu ao longo da costa até mais além da Barreta, onde havia uma abegoaria de Antonio Cavalcanti, na qual os nossos tinham um posto de cem homens, commandado por Bartholomeu Soares Canha, que protegiam a posição. Porém Schkoppe, valendo-se dos indios que ainda estavam a seu serviço, os quaes mandou reforçar com duas companhias, conseguiu que elles fossem contornear a posição, tomando a unica passagem por onde os nossos podiam retirar-se para o mato; e ahi degolaram a muitos[2], e trouxeram presos a dois. N'essa noite bivacaram as suas tropas na dita passagem abundante de boa agua, e ahi se lhes reuniram cinco peças de artilheria, que haviam feito conduzir pelo rio.

Por sua parte, Barreto, apenas soube d'esta marcha, convocou um conselho, e n'elle foi resolvido o sahir-se ao encontro do imimigo, com todas as forças disponiveis, deixando apenas trezentos homens de guarnição nas estancias do sitio. Com toda a demais força, que não passava de dois mil e duzentos homens, incluindo as valentes troças do Camarão e Henrique Dias,

[1] Mello, I, 111 e 112.
[2] A vinte e cinco segundo os hollandezes; a quarenta segundo Barreto.

marchou para os montes Guararapes, e depois de os occupar, bivacou de noite, occupando a sua vanguarda, a estreita lingueta de terra entre os montes e os alagados, por onde passava a estrada, e passa ainda hoje a via ferrea, e postando o grosso do exercito á retaguarda dos alagados.

No dia seguinte, que era o dia 19 [1], domingo de Paschoela, ás 7 da manhã, se poseram as forças hollandezas em marcha para os mesmos montes Guararapes, e uma hora depois, se encontraram com a nossa vanguarda.

Começaram os batedores a peleja, e immediatamente Schkoppe passou a occupar as alturas, e d'ellas disparava a artilheria e mosqueteria contra a nossa gente, que durante duas horas não deixou de corresponder, porém com decidida desvantagem.

Barreto reconheceu por fim que devia retirar-se ou acommetter o inimigo; e não hesitou em se decidir a tomar este último expediente, apezar da notavel inferioridade da posição que occupava, e tambem da das suas forças.

Ordenou pois o ataque em tres corpos, confiando o de um dos flancos ao Camarão, o do outro a Henri-

[1] Ácerca d'esta data se cometteram muitos enganos. Schkoppe, tanto em uma memoria annexa a um officio de 22 de abril, como em officio de 12 de maio, diz que foi a 20; ao passo que os nossos, em várias certidões (Jaboatão Chr. pag. 64) e até na propria inscripção lapidar da igreja, dão o dia 18. A data acha-se porém citada correctamente na parte de Barreto e no letreiro do meio do quarto (no tecto debaixo do coro) da igreja da Conceição dos Militares do Recife. O A. da novella N. S. dos Guararapes (vol. 2.º pag. 116), copiando a inscripção lapidar, corrigiu-lhe a data para 19.

Em uma carta publicada na Haya em 1648 (*Seeckere naedere Missive*, etc.) se lê correctamente a data de 19.

que Dias, e o centro a João Fernandes Vieira. Dada a primeira descarga, acommetteram todos á arma branca, e conseguindo romper o inimigo, chegaram a ter-lhe tomada a artilheria, munições e caixa do dinheiro. Lançando porém o chefe contrario a brigada de reserva, com os terços de van Elst e Hous, contra Henrique Dias, obrigou-o a retirar-se; sem lhe poder acudir a tempo a nossa reserva; pelo que conseguiu recobrar a sua artilheria, e o mais que se lhe havia tomado; visto que os nossos, ao romper as fileiras do inimigo, haviam ficado mais desordenados que elle. Tanto avançaram os hollandezes que se acharam mettidos nos pantanos, onde alguns nem podiam suster-se em pé. Esta circunstancia permittiu a Barreto o reorganisar um corpo, e confiando-o a André Vidal, mandou de novo acommetter o inimigo, que então foi, por actos de grande valentia de Vidal, completamente derrotado, perdendo mais de trinta bandeiras.

A acção durou apenas de tres a quatro horas, por se acharem os dois contendores extenuados. Os nossos nada haviam comido desde mais de vinte e quatro horas; e o inimigo tinha perdido quinhentos e quinze mortos, e quinhentos e vinte e tres feridos, dos quaes proximamente uns mil, ao todo, ficaram no campo. Além do seu general, ferido em um artelho, tivera fóra do combate todos os coroneis e officiaes superiores, exceptuando um, o coronel van den Brande, subindo a setenta e quatro[1] a perda total dos officiaes, dos quaes alguns morreram depois, das feridas, no Recife.

[1] Todos estes dados foram tomados de uma lista nominal, que temos á vista, annexa a um officio dos do Conselho de 22 de abril de

Durante a noite effectuou o inimigo, em grande silencio, a retirada para a Barreta; deixando no campo os mortos, e até alguns feridos, muitas munições e armas; incluindo uma peça d'artilheria de bronze; e na manhã do dia seguinte, que era o de Nossa Senhora dos Prazeres, os nossos cantavam definitivamente a victória.

Dada assim a relação d'esta victória, de acordo com os proprios documentos do inimigo, seja-nos permittido transcrever aqui na integra a verdadeira parte official que da acção deu Francisco Barreto, e desculpe o leitor, se n'ella encontrar a repetição dos factos que já conhece. É porém este documento de tanta importancia, e tem-se até agora feito d'elle tão pouco caso, que não podemos deixar de o admittir no nosso texto.

Diz assim:

«Depois de estar no Recife por espaço de nove mezes, fugi dos grandes apertos em que o inimigo me tinha posto; e entrei n'esta campanha de Pernambuco em 23 de janeiro do anno presente. E posto que eu n'ella não governava, acudi, com as advertencias necessarias, a que os governadores disposessem com prevenção, em todas as cousas que necessitavam d'ellas. Começando, por este respeito, a effeituarem-se melhor todos os particulares, assim da guerra, como do mais governo d'esta campanha; prevenindo-se em tudo o que mais preciso parecia; não só para a conservação da

1648. Por tanto deve ter-se enganado o sr. Netscher (p. 158). Cumpre-nos acrescentar que os nossos escriptores confundiram esta batalha com a seguinte, attribuindo a ambas a descripção que encontraram de uma só d'ellas, e que reproduziram mudando apenas certas frases.

guerra defensiva, mas tambem para se mover toda a offensiva que fosse possivel.

«Chegou a armada do inimigo a 14 de março, e desembarcou[1] no Recife, e preveniu toda a sua infanteria até 18 de abril, dia em que sahiu á campanha com seu exercito, o qual constava de mil e quinhentos infantes, quinhentos homens[2] de mar, e trezentos indios tapuias: traziam em todos seus batalhões sessenta bandeiras, demais de um estandarte grande, com as armas das Provincias Unidas e Estados Geraes, cinco peças de artilheria de bronze, muitos viveres, munições e dinheiro. Governava este exercito o general Sigismundo Schkoppe, com seis coroneis; a saber: Hous, van Elts, Hautyn, Pedro Keerweer, van den Brande, e Brinck[3]. Marchou para a parte da Barreta; e, no mesmo dia 18 de abril, me degolaram quarenta homens, de cem que estavam para defensa do mesmo posto da Barreta; e trouxeram-me aviso de como se aquartelavam no dito posto. Havendo sómente dois dias que da Bahia me tinha chegado ordem do Conde General para que governasse estas capitanias, a qual, por serviço de S. M., não quiz deixar de aceitar, não obstante o miseravel estado da terra, e grande poder do inimigo, e o limitado com que me achava para lhe fazer opposição, chamei logo a conselho aos mestres de campo André Vidal de Negreiros, e João Fernandes Vieira, ao tenente general e capitães

[1] O inimigo, entenda-se. (V.)

[2] A força inimiga era um pouco menor.

[3] Preferimos dar aqui correctamente os nomes proprios que, no Ms. que temos presente, se escrevem Scop, Uss, Vanelce, Autin, Erverque, Vandebrande, Brinque.

de infantaria, e propondo-lhes o estado das coisas, se resolveu em conselho que sahissemos a encontrar o inimigo; sem embargo de que o nosso poder não constava de mais que de dois mil e duzentos homens, em que entrava o terço dos pretos do Governador Henrique Dias, e o dos indios do capitão-mór Camarão; por quanto ficaram as estancias providas com trezentos homens.

«Com este limitado poder, marchei para os outeiros dos Goararapes, e depois de os passar, fiz alto na baixa d'elles, formando a infanteria, pela melhor fórma e modo a que o terreno me deu logar.

«N'aquelle sitio passei a noite. Ao outro dia, que era domingo da Paschoela, 19 de abril, levantou o inimigo seu exercito. Vindo marchando para os nossos, começaram os batedores a peleja, e tanto que o inimigo se descubriu pelo alto dos montes dos Goararapes, mandei tocar a investir, tendo posto na vanguarda ao mestre de campo Fernandes Vieira, e para dar nos lados do inimigo o capitão-mór Camarão de uma parte, e da outra o governador Henrique Dias.

«Dada a primeira carga, de ambas as partes investimos á espada, rompendo ao inimigo todos seus batalhões. E porque dois da sua reserva, que ainda tinha em ser, se desviavam dos que iam rotos, e carregavam para a parte de Henrique Dias, mandei quinhentos e sessenta homens, que tambem tinha de reserva, para que, encorporando-se com o dito Henrique Dias, o ajudassem a romper com os dois batalhões que o iam acommetter; mas os nossos capitães, que, em dois terços, governavam os ditos quinhentos homens, não con-

siderando os damnos que lhes podia vir de não observarem a ordem que levavam, investiram por outra parte, onde, por caminho mais abreviado, lhes pareceu que havia occasião de maior destroço no inimigo; mas resultou d'este engano não destruirmos totalmente os contrarios; que, por não poder Henrique Dias sustentar o pezo d'elles, se veiu retirando sobre os nossos, os quaes, por serem poucos e cançados, fizeram tambem o mesmo. Acudi logo a ter mão em todos, para que o inimigo não tornasse a cobrar a sua artilheria, munições e dinheiro, que já lhes tinhamos ganhado; mas não o pude conseguir; porque, com a rota que haviamos feito ao inimigo, estavam os nossos mais desordenados que os mesmos inimigos, a quem romperam; porém, a poucos passos, me puz em um regato, que havia na campanha; onde, animando a uns e ferindo a outros da nossa infanteria, a obriguei a fazer alto; e comecei a formar, mandando fazer o mesmo ao terço do mestre de campo João Fernandes Vieira; e pondo na vanguarda ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, tornou, com pouca gente da sua, mas com grande esforço, a investir, com as mangas que o inimigo trazia diante de seus batalhões; e, escaramuçando com elles, os tornou de novo a romper; matando alguns de seus capitães e muitos dos soldados. E começando-se novamente a pendencia, formando-se de uma e outra parte os campos, durou a batalha por espaço de quatro horas; no fim das quaes, depois de se obrarem da nossa parte maravilhosos actos de valentia, assignalando-se n'elles geralmente, com o mestre de campo, todos os mais officiaes, o inimigo se retirou a occupar suas eminencias, á nossa

vista; retirando para detraz d'ellas os feridos que mais perto lhe ficavam. Considerando eu, n'este tempo, o quanto estavam cançados os nossos soldados, havendo mais de vinte e quatro horas que não comiamos, e muitos d'elles occupados em retirar os mortos e feridos que tivemos, me deixei ficar formado na mesma frente do inimigo, mandando recolher as bandeiras que haviamos ganhado, que chegaram a trinta e tres, a saber o estandarte grande com as armas das Provincias Unidas, como já referi, e o qual tenho n'esta Praça, dezenove bandeiras que remetti logo á Bahia ao Conde General, e treze que os nossos soldados pretos e indios, não fazendo estimação d'ellas, dizem que as tinham desfeitas para bandas e outras galas.

«Estando um campo á vista do outro, por todo o dia, tanto que anoiteceu, mandei algumas tropas inquietar o inimigo, a fim de que tambem na volta me trouxessem aviso de seus intentos; e posto que não seguissem todos as ordens quanto convinha, não deixaram comtudo de picar o inimigo, o qual, no decurso da noite, se retirou, sem que eu d'isso alcançasse noticia.

«Amanhecendo segunda feira, dia de Nossa Senhora dos Prazeres, mandei descobrir o campo, achando, nas demonstrações d'elle, ter-se retirado o inimigo com grande pressa e destroço; pois deixou na campanha novecentos homens mortos; e entre elles alguns feridos, uma peça de artilheria de bronze, muitas munições e armas, as trinta e tres bandeiras que tenho referido, varias insignias; além de outros despojos de roupa e dinheiro, de que os nossos soldados se aproveitaram. Dos mortos dos inimigos, foram muitas pessoas de

conta, e as principaes d'ellas foram o coronel Hous e o coronel van Elts; e o coronel Hautyn morreu depois de chegar ao Recife: e, de alguns que aprisionámos, foi um coronel Pedro Keerweer; de sorte que, de seis coroneis que trazia o exercito, só dois escaparam de nossas mãos, van den Brande e Brinck[1].

«Tambem tenho notícia certa, dos prisioneiros que tomámos, que os feridos que o inimigo retirou d'esta batalha foram mais de quinhentos; e entre elles o seu general Sigismundo, com uma perna passada; e que os mortos que a nós, como acima digo, nos pareceram novecentos, passaram de mil; da nossa parte morreram n'esta occasião oitenta homens, contando tambem n'estes os quarenta que já disse nos degollaram na estancia da Barreta; os feridos perto de quatrocentos; mas por mercê do ceo, todos sem perigo.

«Na mesma segunda feira marchei a occupar as nossas estancias fronteiras ao Recife; por vêr que o inimigo se tinha recolhido ás suas praças; e achei que um capitão, que deixei de guarda, no forte de uma bateria que tinha nos postos do Recife, o havia largado, por não haver já n'elle artilheria alguma, o qual, vendo o inimigo desmantellado de tudo, o mandou occupar; e o mesmo fez á villa d'Olinda, a qual tinhamos largado, com cinco peças de ferro pequenas; que a pressa, com que foi preciso sahir ao encontro do inimigo, apenas deu logar a mais que a juntar a nossa pouca infanteria com que o investimos. Logo tornei a occupar os postos d'este arrayal do Bom Jesus, e mandei marchar para a dita

[1] Brinck não assistiu pessoalmente a acção; porém sim parte do seu regimento.

villa d'Olinda ao governador Henrique Dias, com o seu terço dos pretos, algumas companhias de mulatos e uma de soldados brancos, com ordem que entrassem e investissem a dita villa, por muitas partes; o que os nossos fizeram, com tanto valor que puzeram em fugida seiscentos framengos que n'ella estavam; recolhendo-se as suas forças ao Recife, que ficava em distancia de uma legua; matando-lhe n'este conflicto cento e cincoenta e tantos que ficaram no campo; em que entraram alguns officiaes, além de outros que deviam de morrer nas aguas a que se lançaram.

«Aprisionamos-lhes um francez, e recuperámos as nossas cinco peças de ferro, que lá tinhamos deixado; as quaes mandei comboiar a este arrayal, por ser bom accordo largarmos outra vez a villa; assim por não ser defensivel, e requerer para sua guarnição muita infanteria, que a nós nos falta, como tambem por termos de assaltar outras vezes ao inimigo n'aquella paragem, aonde elle até o presente não tornou mais. N'esta pendencia não houve da nossa parte que (sic) seis feridos, em que entrou um capitão, mas todos sem risco de vida.

«D'estes bons successos com que Deus favorece as armas de S. M., em tempo que a superioridade bem conhecida no inimigo nos promettia total ruina, sem esperança alguma de victoria, que alcançámos, posso eu animar-me para outras maiores, com que o mesmo Senhor ha de livrar a christandade d'este, com que os tirannos framengos o ameaçam[1].»

[1] D'esta carta existe um exemplar na Bibliotheca pública do Evora, Codice $\frac{CXVI}{2-13}$ a n.º 8.—Segundo o sr. Rivara (Catalogo, pag. 144) «parece autographa.» É certo porém que não póde haver sido o original

Vejamos ainda como dá conta da acção o general inimigo, em officio aos Estados Geraes de 12 de maio:

«.... Tomando das differentes guarnições a gente que foi possivel, nos achamos em estado de pôr em campo quatro mil soldados, repartidos em sete corpos, e, de accordo com as altas autoridades, julguei acertado ir procurar o inimigo, e vêr se havia meio de conseguir alguma vantagem.

«Pozemo-nos em marcha no dia 18[1], ás 7 da manhã, na direcção do Cabo de Santo Agostinho, convencidos, de que o inimigo nos viria ao encontro. N'este dia não adiantámos mais de legua e meia, pelos obstaculos que nos apresentaram os rios. No seguinte continuámos a marcha para o engenho dos Goararapes, situado a duas leguas de distancia do Recife.

«Tendo andado proximamente uma hora, a nossa vanguarda encontrou o inimigo, e o entreteve até á chegada do grosso do exercito.—Achamol-o postado entre os bréjos e as moutas, em força de mais de tres mil homens. Junto aos brejos, havia, occupado pelo inimigo, um passo estreito, no qual apenas poderiam caber de frente tres ou quatro pessoas; de modo que não era possivel tomal-o sem perder muita gente.

«Ordenei ás tropas que occupassem os montes, junto ao mesmo passo, a um tiro de mosquete; e logo fiz romper contra elle um sustido fogo de artilheria e de mosqueteria, para vêr se era abandonado. O resultado foi cairem muitos de um e outro lado; mas não o aban-

enviado, por lhe faltar a direcção, e acabar sem mais cumprimentos, com o simples nome = Francisco Barretto (sic).

[1] Lê-se 28 por evidente engano.

dono do dito passo. Cessando um pouco o fogo, sahiu d'ali o inimigo contra nós, com trezentos a quatrocentos homens, com grande alarido. Ordenei então que o meu regimento e os dos coroneis van Elst e Hous contorneassem o dito passo, ou d'elle se apoderassem, por qualquer outra fórma.

«O inimigo, vendo-nos avançar, retirou-se; e os nossos, perseguindo-o, entraram pelos brejos, julgando-os terreno solido. Não tardaram os ditos tres regimentos, e especialmente os soldados d'elles ultimamente chegados, a retirar-se, e em desordem tal, que fugiam atropelladamente, sem fazerem uso das armas, não valendo nenhuns esforços dos officiaes para reunil-os.

«Advertindo o inimigo a grande confusão que havia entre as nossas tropas, mettida nos brejos, emprehendeu nova investida contra nós, pela retaguarda, matando todos os que se achavam empantanados, e em tal consternação que nem cuidavam de resistir, e deixavam tomar as bandeiras...... Todos os officiaes superiores, excepto o coronel van den Brande, ficaram mortos ou feridos....»

Este último official escrevendo, por sua parte, aos mesmos Estados Geraes em 23 de abril, assegura que os officiaes se haviam conduzido bem, mas não assim os soldados, a tal ponto que quando elle encontrava algum nas ruas virava a cara. Acrescenta que, se os nossos o tivessem perseguido na retirada durante a noite, mal se houveram podido defender: e que n'essa mesma noite a chuva caiu a torrentes como nunca, o que muito os fatigára na marcha até chegarem de manhã ao forte da Barreta.

Com esta victória os inimigos se mostraram mais prudentes,—por ventura com excesso. Dois mezes e meio depois, em 9 de julho, apezar de contarem ainda com um exercito de seis mil seiscentas e trinta praças, incluindo quinhentos indios e quarenta e oito pretos, dos quaes podiam pôr mais de metade em campo, mostravam-se desanimados. Escreviam para a patria, declarando que não haviam offerecido nova amnistia, por não esperarem colher d'isso nenhum resultado; visto que a experiencia de cada dia lhes ensinára que os nossos «se haviam feito de tal modo á guerra que se achavam no caso de poder medir-se com os mais exercitados soldados,» e que sabiam soffrer toda a sorte de privações; ao passo que os seus apenas serviam, vendo a bolaxa perto de si. Acrescentavam que, ainda quando conseguissem conquistar de novo todo o paiz, o achariam deserto; que na Paraiba, antes tão fertil, tudo estava incendiado e arrasado, de modo que difficilmente se encontrava uma laranja, a muitas leguas do povoado; e que o Rio-Grande, antes tão abundante em gados, se via de todo devastado.—E concluiam que, em seu entender, não restava mais recurso do que arranjar-se com Portugal.

É certo porém que a celebrar esses arranjos se ia apresentar menos disposto o mesmo Portugal, desde que havia recebido circumstanciadas notícias da esplendida victoria dos Goararapes,—notícias que tinham feito mudar inteiramente a opinião, como a veleta do cata-vento. Sem essa victória, é mais que provavel que parte do Brazil haveria sido entregue aos hollandezes pela Côrte, nas afflicções em que se via, e que tinham crescido, de-

pois que a Hollanda obtivera, em Munster, em 30 de janeiro anterior, um tão vantajoso tratado de paz. Desde a celebração d'esse tratado, a que já nos referimos[1], eram mais inclinados a favor da cessão de Pernambuco, em troco da paz, muitos estadistas de Portugal, e á frente d'elles o célebre jesuita padre Antonio Vieira. Tinham-se até expedido ordens para negociar n'este sentido, ao embaixador na Haya, Sousa Coutinho; e este havia já feito a tal respeito mui decididas aberturas; principalmente em uma resposta que, em 19 de agosto, dera aos commissarios dos Estados, que haviam sido nomeados para com elle se entenderem,—resposta em que já admittia a cessão do territorio desde o Rio-Grande até o de Sergipe, pagando demais Portugal á Companhia, a titulo de indemnisação de prejuizos, dez mil caixas de assucar (de vinte arrobas por caixa), entregues a mil cada anno nos dez immediatos.

A taes aberturas corresponderam os commissarios dos Estados apresentando ao embaixador, como u l t i m a t u m um projecto em fórma contendo maiores exigencias; taes como a de estender a sua fronteira até o Rio-Real, devendo o Ceará ficar deserto; a de ceder Portugal todo o direito ao littoral de Angola e á ilha de S. Thomé; á restituição pelos nossos dos escravos, animaes e outros objectos retirados dos territorios que já obedeciam a elles hollandezes; a entregar mais, pelos prejuizos soffridos, á Companhia, dentro dos tres annos seguintes, mil bois, mil vacas, duzentos cavallos e trezentas ovelhas. Escreveu o embaixador, á margem de alguns dos artigos várias observações, tendentes a re-

[1] Veja ante, pag. 327.

bater as exigencias excessivas e sustentando as suas propostas; mas admittindo já completamente o teor de alguns artigos, taes quaes se achavam redigidos. Era um verdadeiro contraprojecto[1] ad referendum que por muito felizes se deviam dar os hollandezes se pela Côrte fosse admittido.

Chegados estes papeis a Lisboa, foram apresentados em conselho d'Estado, onde só tiveram dois votos favoraveis, sendo um d'elles o do conde da Torre. Encarregados os conselheiros de estudar maduramente a materia, e expôr seus votos por escripto, sustentaram os que haviam dado. Isto porém deu occasião a que fossem divulgadas as concessões de que se tratava. e que o povo tomasse interesse e mostrasse oppôr-se a ellas. Resolveu então o rei consultar aos tribunaes, incluindo o Ultramarino e o da Guerra, ordenando que cada um d'elles mandasse primeiro dois conselheiros[2] a conferir sobre o assumpto, na quinta de Alcantara, com o padre Vieira, seu prégador; não devendo, d'essa ordem, nem do projecto que a acompanhava, ficar no tribunal cópia ou registo.

Depois d'essas conferencias com o padre Vieira apresentou o Procurador da Fazenda Pedro Fernandes Monteiro um mui bem elaborado e patriotico parecer impugnando a negociação como contrária a religião, á clemencia para com os sublevados, á reputação da Corôa,

[1] Tal é o documento, que até com as observações marginaes do embaixador Sousa Coutinho, foi sem razão comprehendido, com o nome de tratado, nas collecções d'elles, dos Srs. Borges de Castro e Calvo.

[2] Em carta de 10 de novembro d'esse anno transmittiu o mesmo padre Vieira ao embaixador Sousa Coutinho os nomes dos doze conselheiros.

á conservação do resto do Brazil e ao bem da Fazenda Pública; e propondo antes a compra, a todo o custo, de Pernambuco, e em ultimo logar a guerra.

A este parecer, sem dúvida o mais bem deduzido dos que se apresentaram, oppoz o padre Vieira o seu famoso Papel Forte, hoje impresso; sustentando, como antes e com novos argumentos e argucias, que, não admittindo os hollandezes a venda de Pernambuco, haveria que ceder-lh'o, a troco da paz; procurando-se resarcir essa perda com a occupação de Buenos Ayres, e esperando melhor occasião para de novo se conquistar o que agora se largava. Sendo porém mais de quarenta os consultados, não se inclinaram mais de quatro ás opiniões do padre, oppondo-se-lhe tambem muito a Meza da Consciencia e o Dezembargo do Paço. Este último tribunal concluia dizendo ao rei, evidentemente referindo-se aos dictames do mesmo padre: «E se al«guns particulares, sem lhes tocar por officio, «annunciarem outra cousa, afaste-os V. M. de si, e não «os ouça, que são profetas falsos. Não são estes «os conselheiros que Deus deu a V. M.; senão os seus «tribunaes e ministros, a quem só assiste com particu«lar auxilio para aconselharem verdades.»

Conformou-se o rei com a opinião dos tribunaes; e não tardou a vir em apoio d'ella a certeza da recuperação d'Angola, effectuada por uma expedição, que, ás ordens de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, fôra preparada no Rio de Janeiro mediante donativos que para isso obteve dos commerciantes e proprietarios d'esta cidade. Salvador Corrêa apresentou-se primeiro no porto de Quicombo, a pretexto de ir ahi construir um presi-

dio, afim de proteger os portuguezes disseminados pelo sertão.—Encontrando porém o ensejo bastante favoravel, fez-se de vela para Loanda; onde atacou valentemente o inimigo, e o obrigou a capitular no dia 15 de agosto.

Cumpre aqui acrescentar que, em fins de 1648, Henrique Dias, com os seus, e alguns indios invadiam o Rio-Grande, e em janeiro do anno seguinte (dias 6 e 7) conseguiam pelejar com feliz exito na ilha de Guaraíras e no engenho Cunhaú.

LIVRO DECIMO E ULTIMO

Da morte do Camarão ao fim da guerra e paz definitiva

Regimento das Ilhas — Manda-o Francisco de Figueiroa — Coincide a chegada com a morte do Camarão — Elogio d'este heroe — D'onde era natural e que idade teria — Tibieza da tropa inimiga — Furor da sua esquadra — Heroica explosão da Rosario — O inimigo no Reconcavo da Bahia — Regressa ao Recife — Convoca um conselho — Vota uma excursão ao Rio de Janeiro — Decide-se porém combater os sitiantes — Sae aos Guararapes — Marcha de Barreto — O Hollandez é derrotado — Perdas de uma e outra parte — Monumento d'esta victória — Inscripção lapidar — Resultados favoraveis — Factos associados a esta victória — É retirado o embaixador Souza Coutinho — Inglaterra contra Portugal — Negociações de Souza de Macedo — São regeitadas — Apêrtos dos do Recife — Frota de Jaques de Magalhães — Plano d'ataque — Começa do lado de Olinda — Segue-se do outro lado — Proposta de capitulação — Texto d'ella — Seu cumprimento — Recompensas — Juizo ácerca dos chefes vencedores — Regimentos dos Henriques — Factos até á paz definitiva.

A retirada dos hollandezes de Itaparica, e a noticia, chegada á Bahia, de haverem os do Recife, com soccorros recebidos da Europa, provocado a acção que teve logar nos Guararapes, induziram o governador geral a mandar seguir para Pernambuco o terço ou regimento de ilheos, que ahi tinha, commandado pelo mestre de campo Francisco de Figueiroa, mui conhecedor de Pernambuco, e, nos ultimos annos, aguerrido nas campanhas do Alemtejo contra os castelhanos.

Não poude Figueiroa chegar ao acampamento senão em fins de agosto, coincidindo quasi essa chegada com a do tempo em que, de doença, procedente em parte do cansaço e da velhice, terminava ahi os seus dias o illustre heroe indio, commendador professo na ordem de Christo, Dom Frei Antonio Felippe Camarão.

Associado á causa da civilisação, d'esde antes da fundação da capitania do Rio-Grande (do Norte), o célebre varão indio não deixára de prestar de contínuo aos nossos mui importantes serviços, já contra os selvagens, já contra os hollandezes, em todas as capitanias do norte, desde a Bahia até o Ceará. Consta que este chefe era mui bem inclinado, commedido e cortez, e no fallar mui grave e formal; e não falta quem acrescente que não só lia e escrevia bem, mas que nem era estranho ao latim. Ao vel-o tão bom christão, e tão differente de seus antepassados, não ha que argumentar entre os homens com superioridades de gerações; sim deve abysmar-nos a magia da educação que, ministrada embora á força, opéra taes transformações, que de um barbaro prejudicial á ordem social, pode conseguir um cidadão util a si e á patria [1].

A verdadeira naturalidade e a época do nascimento do heroe Camarão tem sido até nossos dias objecto de discussões e dúvidas. Pelo que respeita á primeira, o facto incontestavel de ser de nação petiguar, o de ter a sua parentella no Rio-Grande, e de chamar-se este originariamente Rio de Puty (Putigy) e várias outras considerações, nos obrigaram a final a afastar-nos, tanto

[1] Hist. Ger. do Braz., 1.ª Ed., II, p. 22.

da opinião dos que o fazem filho do Ceará (opinião que haviamos chegado a abraçar), como dos que sustentam haver elle nascido pernambucano; e somos hoje de parecer que, em presença de uma critica luminosa, não pode ser considerado senão como filho do mesmo Rio-Grande[1].—Mais difficil nos parece aventurar uma opinião ácerca da verdadeira época do nascimento do heroe putigiano, já que nenhum escriptor nos diz que idade proximamente tinha elle quando falleceu. Reflectindo porém nos seus dois nomes Antonio e Felippe, e rastejando as praticas d'aquelles tempos de ser conferido o nome do soberano reinante aos chefes selvagens importantes, que se baptisavam, ou aos seus descendentes, propendemos a acreditar que o nosso Camarão sería baptisado em 1580, quando ainda lutavam em Portugal pela Corôa, o Prior do Crato D. Antonio e Felippe II, e o Brazil esperava o resultado da luta, para saber a quem devia proclamar:—ou antes que lhe deram o nome de Antonio, quando pensavam que sería aclamado o Prior do Crato, e lhe acrescentaram o de Felippe, para depois de algum modo remediar o engano.—Com isto queremos dizer que o Camarão deveria ter de idade quando falleceu, em 1648, sessenta e oito annos, e mais os que já teria quando o baptisaram:—em todo caso tinha pelo menos sessenta e oito annos; e havia mais de quarenta que, pela primeira vez, passára a Bahia, com outros de sua nação, no tempo do capitão-mór Alvaro de Carvalho, para ali acudir em uma invasão de

[1] Podem ver-se as duas pequenas memorias nossas a este respeito publicadas em Revistas do Instituto do Rio de 1867 e 1868.

Aimorés, da qual encontraram desafogada aquella cidade, pela industria de Alvaro Rodrigues, da Caxoeira. Prosigamos porém com a nossa narração.

Depois da derrota que levára nos Guararapes, o intruso hollandez nada ousava emprehender por terra. Apenas em maio, havia feito um reconhecimento sahindo do forte de Altená, e depois outro do lado da Barreta, para conseguir algum prisioneiro do qual podesse ter noticia do que se passava no acampamento contrário. Por mar porém os seus brios se redobravam, aggredindo quanto podia, e isto apezar da falta de intelligencia entre os do Conselho e o vice-almirante With Cornelis De With. Com uma esquadra de nove barcos de guerra, além de varios menores, o mesmo vice-almirante conseguiu fazer muitas prezas, do mez de maio em diante. E sahindo outra vez ao mar, em principios de dezembro, foi encontrar-se com alguns navios, pertencentes á esquadra do conde de Castel-Melhor, e conseguiu tomar um barco inglez fretado, guarnecido de vinte e nove canhões, além de outro menor, e uma galiota (S. Bartolomeu). Uma fragata portugueza, porém, chamada Rosario, sustentou contra duas inimigas (Utrecht e Gissilingh) um aturado combate, e quando estas julgavam a sua contendora perdida e a atracaram, dando-lhe abordagem, foram todas tres a pique, em virtude da explosão do payol da polvora da Rosario, cuja tripulação preferiu ir ao fundo, com os seus vencedores, a deixar-se aprisionar d'estes. De tão heroico feito apenas temos conhecimento por um officio de Schkoppe[1],

[1] Off. de 19 de dezembro de 1648.

em outra occasião mal comprehendido[1]; e sentimos que, com a notícia d'elle, nos não seja possivel transmittir o nome do destemido e abnegado official, que lançou o fogo ao payol, e deixou, nas aguas do Brazil, ás gerações futuras, um exemplo de tão nobre heroismo.

Alguns barcos d'esta esquadra hollandeza chegaram á Bahia, com alguma tropa, commandada pelo coronel van den Brande, acompanhado do membro do Conselho Miguel van Goch. Depois de effectuarem no Reconcavo varios desembarques, e de incendiarem varios edificios e vinte e tres engenhos, regressaram ao Recife; e já todos se achavam ahi de volta antes do meiado de fevereiro (1649).

Os faceis triunfos alcançados pelo inimigo na Bahia o animaram a intentar um novo acomettimento; e os do Conselho resolveram ouvir a opinião do tenente general e dos coroneis ácerca do que se deveria fazer. Foram estes unanimes em que não convinha effectuar do Recife uma nova sortida em fôrça, como no anno anterior; pois, ainda no caso de sahirem d'ella victoriosos, os nossos iriam apresentar resistencia em outra paragem, ou se recolheriam aos matos; e d'estes os inquietariam e molestariam, tomando-lhes os transportes de munições e mantimentos, etc. Opinaram igualmente que de mais proveito sería uma diversão contra o Rio de Janeiro; pois embora não conseguissem assenhorear-se da cidade, poderiam recolher despojos e prear as fazendas

[1] O Sr. Netscher (p. 158) viu este officio; mas julgou sem fundamento, de virtude dos nomes S. Bartolomeu e Rosario, que se tratava de fortes da Bahia assim chamados, que aliás nunca foram tomados por De With.

e engenhos nos arredores, e ainda mais ao sul. Ponderaram porém os do Conselho que a Assembléa dos XIX lhes havia estranhado o não emprehenderem, desde tanto tempo, nada junto do Recife, do que se queixavam tambem ali os moradores, em favor dos quaes convinha fazer um esforço para se levantar o sitio, e seguir para o sul[1].

Este ultimo arbitrio foi adoptado; e na noite de 17 de fevereiro (1649) uma força de tres mil quinhentas e dez praças, incluindo algumas não cambatentes, se punha em marcha além dos Afogados, com os embornaes providos para oito dias, como na sahida effectuada dez mezes antes. Commandava esta força o coronel Brinck, em virtude de achar-se ainda em cura, da ferida que recebêra no artelho, o tenente general Sigismundo van Schkoppe. Passado na vasante o rio dos Afogados, foram todos amanhecer na Barreta, e d'ahi seguiram, em ordem de marcha até á abegoaria de Antonio Cavalcanti; e depois de um pequeno descanso, para se proverem de agua, que é a melhor do caminho, foram tomar posição nos Guararapes, occupando as alturas, e o passo ou desfiladeiro que os nossos haviam primeiro occupado na acção precedente.

Informado Barreto d'esta marcha, levantou campo, e, com uns dois mil e seiscentos homens, se dirigiu logo, provavelmente pelo caminho da Ibura e Zumbi, para os mesmos Guararapes, onde, pela volta das quatro da tarde, avistou os contrários, ao chegar a uma altura, que chamavam do Oitiseiro (não o Tireyro como saiu impresso no Portugal Restaurado), talvez em

[1] Off. de Schkoppe de 10 de março de 1649.

virtude de alguma arvore mais corpulenta das que produzem os oitys, e que ahi abundam.

N'essa tarde nada occorreu de notavel; mostrando-se apenas de longe pequenas escoltas a pé e a cavallo, contra as quaes disparou o inimigo alguns tiros, com as suas peças de campanha. Uma tal aparição dos nossos por esse lado, e um rebate falso que de noite d'ahi deram, levou o mesmo inimigo a estabelecer d'essa banda guardas e vedetas, e a levantar trincheiras passando quasi toda a noite alerta; sendo que logo Barreto se aproveitava da escuridão da mesma noite para seguir ao engenho chamado dos Guararapes, fazendo as suas tropas bivacar na varzea de cannaviaes e mato, ao sul dos montes do mesmo nome, apoiando-se nos alagados, e contorneando já quasi o inimigo pela banda do sul.

Sómente ao amanhecer poude Brinck reconhecer o que se passára; e tratou logo de mudar a sua primitiva linha de batalha, collocando-se com a frente para a varzea, sobre o alto do valle ou boqueirão, em cima do qual se vê hoje alvejar a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. Em todo caso, as suas tropas tinham levado toda a noite em vela, ao passo que as nossas haviam dormido mui tranquillas, do lado opposto áquelle onde os contrarios as faziam.

Meros espectadores um do outro se conservaram os dois pequenos exercitos até o meio dia. Os hollandezes, confiados em suas posições, se limitaram a provocarnos, mandando avançar um pelotão, que se retirou com um ferido, porém sem ser perseguido; levando entretanto a certeza de que parte das armas contrárias eram arcabuzes, e de maior alcance que as suas. Contra al-

guns dos nossos, que se mostravam, disparava ao mesmo tempo alguns tiros que pouco mal causavam.

A final Brinck, cançado de esperar ao sol, e n'uma paragem falta d'agua, ao passo que os nossos permaneciam abrigados á sombra e protegidos pelos pantanos e o mato, e sem dar signaes de impaciencia, resolveu convocar a conselho os officiaes superiores para decidirem o partido que se deveria tomar. Todos foram de voto de que não se ficasse ali por mais tempo do modo que estavam; preferindo antes marchar n'essa noite, quer para o Cabo de Santo Agostinho, quer para a Varzea, cortando aos nossos a retirada. Nenhum d'estes dois arbitrios foi porém adoptado por Brinck, nem pelo Conselheiro adjuncto van Goch; que resolveram ordenar a retirada outra vez para a Barreta, a esperar ahi novas ordens; e não effectuar essa retirada de noite, o que poderia mostrar medo; mas immediatamente, e em presença do exercito contrário. O commissario van Goch se incumbiu de ir ao Recife dar, a respeito d'esta resolução, as explicações convenientes aos seus companheiros, e pedir novas ordens.

Pela volta das tres da tarde começaram os que occupavam as alturas a desamparal-as em retirada, descendo ao boqueirão, para irem, fraldejando os cerros, buscar a estrada no passo ou desfiladeiro entre elles e a costa. Marchou primeiro um regimento, e depois a artilheria, flanqueada por duas companhias. Seguiram-se dois outros regimentos, mandados, um pelo coronel Hautijn, e o outro pelo transfuga Claes (já com a patente de tenente-coronel), quando Barreto, vendo que o inimigo havia abandonado as fortes posições que occupava, e

por ventura imaginando que elle projectava, sem combater, invadir para as bandas do sul, se resolveu a atacal-o, mandando avançar.

Apresentaram-lhe primeiro resistencia cinco companhias do inimigo, que formavam a sua retaguarda, ao mando do capitão Tenbergen, em quanto se organisavam, para entrar em combate duas columnas, ao mando dos dois mencionados chefes Hautijn e Claes; logo avançou aquelle, carregando pela direita; mas foi repellido pela cavallaria da nossa parte, que feriu ao mesmo Hautijn, obrigando-o a retirar-se.—Apezar de ferido, reuniu o mesmo Hautijn os seus, e juntando-se á força que commandava Claes, atacaram ambos os nossos, já senhores da estrada; mas viram-se obrigados a retirar-se para a banda dos cerros, «por causa da grande força dos contrarios, que atacaram então com tanto impeto que as tropas hollandezas começaram a fugir, sendo em breve tal a confusão que, nem por palavras nem por força, poderam ser contidos os que fugiam... e esta confusão foi consideravelmente augmentada pelos corpos dos coroneis van den Brande e van Elts, que, baixando dos montes, para acudir, lançaram-se de envolta com os regimentos mencionados... e introduziram a mais completa desordem [1].»

O inimigo ficou de todo destroçado; e a victória foi, para os nossos, ainda mais completa que a do anno antecedente. Além do chefe Brinck, perderam os con-

[1] Palavras do officio, dirigido ao Presidente e Conselho do Recife, por Miguel van Goch, em 22 de fevereiro, o qual seguimos aqui fielmente em outros pormenores, sentindo não possuir d'esta acção, como da anterior, a parte de Barreto.

trarios cento e setenta e tres officiaes e officiaes inferiores; a saber: quatro tenentes-coroneis, quatro majores, trinta e cinco capitães, trinta e dois tenentes, vinte e seis alferes e quarenta e nove sargentos; e mais oitocentos e cincoenta e cinco mortos e noventa prisioneiros; o que tudo prefaz um total, de mil e quarenta e cinco homens. Ficaram além d'isso no campo cinco peças de campanha e cinco bandeiras [1].

O inimigo reconheceu a sua derrota, e a confessou officialmente, attribuindo-a á cobardia dos proprios soldados. A perda dos nossos foi avaliada em quarenta e cinco mortos e duzentos feridos; entrando n'este número o bravo Henrique Dias, que pela ultima vez derramava, n'esta campanha, o seu sangue pela patria.

Em acção de graças por esta victória e pela anterior, alcançada proximamente no mesmo local, mandou Barreto, depois de acabada a guerra, edificar, á sua custa, uma capella, confiando-a aos benedictinos de Pernambuco [2], os quaes mais tarde (1782) a converteram na magnifica igreja que hoje campêa no cimo dos montes. Ainda, entrando n'ella, o viajante póde ler, em uma grande lousa preta de onze palmos de comprimento e quatro de altura, linha por linha e letra por letra, a seguinte inscripção [3]:

[1] C. do Tenente General Schkoppe de 10 de março de 1649.

[2] Mello, I, 186.

[3] Copiada no dia 28 de março de 1861, acompanhando-nos, o nosso fallecido amigo (ao depois senador) Sá e Albuquerque, filho do 1.º barão dos Guararapes. Na era (1656) o 5 está invertido conforme transcrevemos. Ha que advertir, que esta 2.ª batalha foi tambem a 19, não a 18, como se lê na campa. O dia 18 foi uma quinta feira não sexta. Veja ante a nota de pag. 330.

1696

O MESTRE DE CAMPO GENERAL DO ESTADO DO BRAZIL FRANCISCO BAR RETO MANDOV EM ACÇÃO DE GRACAS EDEFICAR ASVA CVSTA ESTA CAPELA A VIRGEM SENHORA NOSSA DOS PRAZERES COM CVIO FAV OR ALCANCOV NESTE LVGAR AS DVAS MEMORAVEIS VICTORIAS CONTRA O INEMIGO OLANDES APRIMEIRA EM 18 DE ABRIL DE 1648 EM DOMINGO DA PASCHOELLA VESPORA DA DITTA SENHORA ASEGV NDA EM 18 DE FEVEREIRO DE 1649 EM HVA SEXTA FEIRA E VLTIMAME NTE EM 27 DE IANEIRO DE 1654 GANHOV O RECIFFE E TODAS AS MAIS PRASSAS QVE O INEMIGO PESVHIO 24 ANNOS.

Quando, ha alguns annos, propunhamos que a gratidão nacional [1] elevasse nos montes Guararapes um monumento em memoria das duas assignaladas victórias n'elles alcançadas, ignoravamos que já esse voto estava realisado, de um modo bastante digno, na igreja de Nossa Senhora dos Prazeres.

Se a primeira victória nos Guararapes servíra de alentar os estadistas de Portugal para se opporem á cessão ou venda de Pernambuco, esta segunda veiu

[1] As seguintes linhas que a este respeito publicávamos, em 1857, parecem hoje uma recommendação desnecessaria, quando ultimamente já se hão dado, à varios barcos de guerra e a differentes ruas da capital, nomes de brazileiros illustres: «A gratidão nacional pelos seus heroes (diziamos na pag. 21 do Tom. 2.º da Historia Geral) é não só nobre como civilisadora: sem o estimulo d'esta e das demais recompensas gloriosas a heroicidade e o desinteresse rarearão: o culto de reconhecimento rendido á memoria dos cidadãos generosos que exposeram a sua existencia, ou o seu sangue ou parte do seu ocio e melhor-estar de suas familias e seu, não é só justo e grato, como altamente politico. Favorecei, ao menos, a memoria de vossos heroes, de vossos escriptores, de vossos artistas, e a vossa nação terá artistas, terá escriptores e terá heroes. E se não podeis levantar padrões, ao menos, entretanto, commemorae os seus nomes pelos outros meios de que dispondes: commemorae esses nomes nos barcos de guerra,» etc.

desalentar os estadistas e os mercadores da Hollanda, demonstrando-lhes evidentemente que, só mediante grandes sacrificios, poderiam continuar mantendo esta conquista.

Porém a hora da final expulsão dos intrusos não tinha chegado, e não veiu a soar senão perto de cinco annos depois. Associaram-se, entretanto, á época d'esta segunda victória, dois acontecimentos que devemos aqui consignar. Um d'elles, o da creação na metropole de uma Companhia Geral de Commercio para o Brazil (resolvida por alvará de 6 de fevereiro e estatutos de 8 de março) veiu a contribuir não pouco para a conclusão da guerra; porquanto (pelos artigos 43.º e 45.º) se obrigou a mesma Companhia a concorrer para a recuperação dos portos que estavam em poder do inimigo. O outro acontecimento, que se associa proximamente á época da segunda victória nos Guararapes, é de natureza lugubre. Foi a desastrosa morte que teve o governador geral Antonio Telles, que tanto a peito havia tomado a causa da restauração de Pernambuco, e que, depois de a deixar já quasi triunfante, veiu, quando se recolhia á patria, a perecer afogado nas aguas de Buarcos, por dar alli á costa o navio Nossa Senhora da Conceição, da frota do conde de Castel-Melhor, que o conduzia.

Se bem que da instituição da Companhia Geral de Commercio vieram a resultar, mais ao diante, ao Brazil muitos prejuizos, dos sempre inherentes aos monopolios, não se póde duvidar que ella, por isso que estava até em seus interesses, veiu a prestar auxilio a favor da restauração de Pernambuco, começando logo a trazer

aos combatentes alguns soccorros a primeira frota, que partiu de Lisboa em 4 de novembro (1649).

Os sitiados no Recife viam-se cada dia em novos apuros; umas vezes por falta de dinheiro, com que effectuar o pagamento da tropa; outras por escacez de viveres; não poucas em virtude de conflictos de jurisdicção entre as autoridades; e, em geral, pelo abatimento e descontentamento de todos. A principio não se faziam taes males sentir tanto, com a presença da esquadra, composta de cruzeiros particulares e navios de guerra do Estado, que com elles favorecêra a Companhia hollandeza no interesse da conservação da conquista: ao todo uns doze barcos, que, ás ordens do coronel Hautyn, bloqueavam o porto do Cabo, recolhendo-se porém ao Recife, quando temiam a aproximação da frota da Companhia portugueza. N'esse bloqueio foi tomado o navio francez Villeroi, de vinte e sete peças e seis pedreiros; perdendo-se nos recifes mais quatro, de oito que ali chegavam com viveres e generos [1].

Na Europa as negociações entre os dois governos, de Portugal e das Provincias Unidas, não conduziam a resultado algum. Retirado o embaixador Francisco de Sousa Coutinho, pela credencial de 5 de março de 1649, por não haverem sido approvados os arranjos por elle já aceitos, em virtude das ordens que recebêra, e sobrevindo a Portugal novas difficuldades pela interrupção de suas relações de amisade com a Inglaterra, cujos destinos dirigia o arrogante Cromwell [2], propoz-se a

[1] Off. dos do Conselho de 6 de setembro de 1650.

[2] A queixa de Cromwell para a ruptura das boas relações proveio de haver Portugal tratado como rei a Carlos II, e recebido em Lisboa,

entrar de novo em negociações com as provincias Unidas, escolhendo para embaixador (em logar de D. Luiz de Portugal, que fôra nomeado e não seguira ao seu destino) a Antonio de Sousa de Macedo. Entrou este novo embaixador na Haya em setembro de 1650, com o encargo de negociar e obter Pernambuco, a troco de uma indemnisação em dinheiro, e outras concessões. Sousa de Macedo aguardou na Hollanda alguns mezes antes de obter audiencia de recepção. Em 6 de março (1651) se apresentou por fim ante a grande assembléa dos Estados, exhibindo as cartas de crença, e pronunciando por essa occasião em latim um habil discurso, que foi logo dado á luz em francez, bem como as proposições que apresentou [1].

«Em fim, senhores (disse o embaixador), chegou em fim o dia em que o direito das gentes triumfa, a razão se exalça e a justiça se enthronisa.»—Seguiu felicitando-se por ver que a assembléa tinha todos os poderes para tratar da religião, da união e da milicia; objectos da sua missão: convida a todos a trabalharem com elle pela justiça, pela paz e pelo desenvolvimento do commercio, e lembra factos historicos que attestavam antigas relações de Portugal com Flandres e se declara «com poderes bastantes para ajustar uma paz duradoura e acabar com questões que se debatiam no Brazil.»—Em resposta foi-lhe communicado então quasi como *ul-*

com prezas feitas aos do parlamento, aos principes palatinos alliados do mesmo Carlos II.

D. Luiz de Portugal era neto do prior do Crato, e chegou a soffrer na Haya grande pobreza.

[1] Asher, 274, 275 e 276.

timatum, um projecto de tratado, redigido em 23 artigos, contendo em substancia as exigencias que se faziam ao seu predecessor em 1648. Pediu Sousa de Macedo que a paz se estendesse tambem á India Oriental, e nos dias 11 e 13 de março dirigiu aos Estados Geraes dois *memorandums*, acompanhados de uma carta da rainha da Suecia offerecendo mediação. No dia 14 resolveram os Estados não aceitar esta mediação, e assim o escreveram á mesma rainha da Suecia. Sousa de Macedo offereceu ainda que Portugal daria como equivalente do Brazil: 1.°, a somma de tres milhões de cruzados; 2.°, o commercio do sal; 3.°, a liberdade aos hollandezes de commerciar no Brazil; e que além d'isso, na occasião de ratificar-se o tratado, pagaria aos orfãos da provincia de Zelandia uns trezentos mil cruzados que a Companhia lhes devia. Os Estados porém preferiram romper a negociação, e estando a expirar o praso das treguas de dez annos, Macedo obteve os passaportes no dia 12 de maio e se retirou para Hamburgo, depois de haver feito publicar em francez tanto o habil discurso pronunciado em 6 de março (não maio), como as suas proposições, além de outras cathegorias, que nem foram recebidas [1]. Que as altas potencias regeitaram todas as propostas, tinham já de antemão feito saber para Pernambuco, em 10 de fevereiro seguinte (1651), acrescentando que haviam assignado ao mesmo embaixador um praso para ajustar a paz, conforme elles a desejavam. Em resposta ponderou Schkoppe que, em todo o caso, necessitaria de mais soldados; mas que, se fosse

[1] Asher, n.° 273, 274 e 276.

decidida a guerra, sería essencial tomarem a Bahia [1], «sem o que nunca fariam fincapé no Brazil.»

Entretanto tinha chegado aos mercadores hollandezes do Recife a notícia de que se tratava de vender Pernambuco a Portugal; e isso lhes havia causado grandes inquietações, as quaes comtudo não se diminuiram ao terem a certeza da ruptura das negociações, por isso que vinha a notícia acompanhada da da probabilidade de uma proxima guerra com Portugal.

Os do Conselho do Recife, ao darem d'isto conta [2] para a Hollanda, acrescentavam que a indigencia era acabrunhadora, que caminhavam para a mais completa anniquilação, que a tropa estava desalentada, e exigia dois mezes de paga, e que «se chegasse algum dia a ruina do Estado, elles não se julgariam por ella responsaveis.» E concluiam o officio dizendo: «Melhor houvera sido que tivessemos aberto mão d'esta conquista desde muito, do que pretendermo-nos manter na perspectiva que nos espera: se bem que sería de lástima e pouco honroso para o Estado, não justificavel ante a posteridade, e irrisorio aos olhos dos moradores e dos interessados, tanto aqui como na mãi-patria, abandonar tão gloriosa conquista.»

A situação afflictiva e desesperada dos sitiados se empeorava ainda mais, em meio de algumas novas vantagens, que conseguiam os seus corsarios, com a chegada de máos recrutas cheios de molestias; e os quaes entretanto apenas faziam subir a duas mil setecentas

[1] Off. de 24 de maio de 1651.
[2] Em off. de 19 de setembro de 1651.

sessenta e uma praças, entre válidas e inválidas, a totalidade da guarnição; na qual começava, de dia para dia, a deserção a ser mais frequente. A desmoralisação era grande; e a muitos se haviam acabado os prasos dos contratos, e outros insistiam por licença. Acresceu, para augmentar a calamidade, uma grande seca, que foi geral por todo o Brazil, e se repetiu no anno seguinte; fazendo-se mais sensivel entre os hollandezes, principalmente na Parahiba e Rio-Grande, onde uns quinhentos dos nossos que ás ordens de Antonio Dias Cardozo haviam partido do Recife em junho de 1652, invadiam todo o paiz, matando colonos allemães e levando os escravos; e tambem no Ceará, cujo chefe Garstman, nos ultimos apuros, chegou a mandar por terra, a pedir alimentos, um alferes e um sargento [1]; os quaes do Recife nada alcançaram; por se apresentarem ahi justamente quando a guarnição se achava reduzida a uma pequena ração de pão, sem carne nem toucinho; miseria que ainda cresceu, a ponto de que quando, aos 14 de outubro, chegou um navio com farinha, havia onze semanas que nem pão se distribuia, e os fornos se conservavam apagados. Valeu-lhes, no emtanto, aos do Ceará, alguns animaes de um certo Beck [2], que ahi passára em busca de minas de prata; pois, reduzidos a tempo a charque e a moquem, nem vieram a ser comidos pelos indios, nem a morrer por falta de pastos, e serviram aos necessitados.

Já começava a ser geral a crença de que o Recife

[1] Off. de Sig. de 16 de julho de 1652.

[2] Veja-se a carta do mesmo Beck, escripta da Barbados em 8 de outubro de 1654.

ia cair, mais dia, menos dia, pela fome[1], ou de que os seus proprios defensores se resolveriam a retirar-se[2] dando tudo por perdido. A deserção crescia, contando-se cincoenta baixas, desde 15 de maio a 16 de julho. A certeza do rompimento de uma guerra, entre a Hollanda e Inglaterra, acabára de desanimar a todos.

Para recorrer, no meio de tantas calamidades, aos altos poderes do Estado resolveram os hollandezes do Recife mandar á patria tres emissarios: Gaspar van Heussen, Jacob Hamel e Abraham de Azevedo (em nome este último dos israelitas); os quaes foram portadores de um officio dos do Conselho, pedindo que se, em virtude das vicissitudes que resultassem da guerra com a Inglaterra, fosse impossivel conservar o conquistado, ao menos se negociasse com Portugal ácerca da propriedade e dos foros, tanto dos conquistadores, como dos judeos e dos indios.—Em officio de 16 de julho (1652) acrescentava o tenente-genenal Sigismundo: «Deus nos tem protegido até agora de um modo evidente, tirando ao inimigo o valor, ou dando-lhe excesso de prudencia para não emprehender o ataque: pois, se tal lhe occorre, é mais que provavel que esse ataque nos será funesto.»

Em 5 de setembro seguinte, ponderavam os do Conselho que a frota portugueza seguíra da Bahia para Portugal; e que, se os tivessem bloqueado, se haveriam rendido; porém que provavelmente o haviam julgado desnecessario, reconhecendo que era «certa, inevitavel e proxima a ruina d'aquella conquista.» Concluiam o offi-

[1] Off. dos do Cons. de 8 de maio de 1652.
[2] Off. dito de 13 de julho de 1652.

cio, dizendo: «Sirva o que precede como último aviso a V. A. Poderes, e a nós como de descarga para o futuro.» [1]

Desesperado pela falta de providencias da metropole, resolveu-se a partir, sem licença, o conselheiro van Goch, em 20 de fevereiro de 1653; e, tres mezes depois (21 de maio), os outros dois membros do Conselho, Schonemborch e Haecx, pediam a dimissão; e não havendo tido resposta até 10 de novembro, escreviam n'esta data que se recolheriam, em todo caso, para a Europa na proxima primavera.

Quiz Deus que viessem a cumprir a sua resolução, sem terem n'ella tamanha responsabilidade.

Havendo, n'esse mesmo anno de 1653, no dia 9 de junho, os corsarios particulares da costa do Brazil, protegidos pelos hollandezes, surprehendido com vantagem a frota da Companhia portugueza de dezoito navios, fazendo-lhe até quatro presas, resolveu a Côrte que se tentasse o assalto do Recife; partindo para isso de Lisboa, muito mais reforçada, a frota da mesma Companhia, cujo mando foi confiado a Pedro Jaques de Magalhães, ao depois 1.º visconde de Fonte Arcada.

[1] Note-se que este desconsolo não provinha senão de estarem desattendidas as fortalezas, que então possuiam os intrusos no Brazil. Ainda em 1653 contavam elles trinta em seu poder, montando ao todo trezentas e dezenove peças; a saber em Pernambuco, a do Recife com 26; a de Mauricia com 22; o Forte Ernesto com 17; o Werdenburgh com 2; S. Jorge com 11; o Forte do Mar com 7; o Brum com 21; Madame Brum com 5; Salinas com 2; Goch com 12; Altenar com 10; Cinco-Pontas ou Pentagono com 16; Reducto de pedra com 4; Boa-Vista com 2; Reducto Esfalfado (alias *Kick in de Pot*) com 2; Afogados com 15; Avançada da Barreta com 2; Barreta com 10; ilha ao norte da Barreta com 5; em Ita-

Apresentou-se esta frota diante do Recife aos 20 de dezembro, trazendo instrucções para, com a sua presença, dar ahi força moral aos ataques.

Concertado o plano entre os chefes do exercito restaurador e o da frota, foi assentado que se tentasse tomar primeiro as obras avançadas do continente, mais proximas a Olinda. Dirigidas as trincheiras e aproxes contra o forte do Rego, capitulou este na noite de 15 de janeiro (1654), com oito officiaes e setenta soldados.—Seguiram-se os aproxes contra o forte immediato, denominado pelos hollandezes de Altenar, cuja guarnição de cento e oitenta e cinco praças, obrigou o seu commandante Berghen a levantar bandeira branca no dia 19 á tarde.

Na noite immediata (de 20), resolveu o inimigo concentrar todas as suas forças no Recife, retirando a guarnição que tinha nos Afogados. Esta resolução, e a denúncia, que chegou aos nossos, de que occupado certo posto em frente do forte pentagono ou de Cinco-Pontas, ficaria a Praça sem agua, foram causa de que se reunisse um novo conselho, no qual foi decidido mudar-se o plano do ataque, proseguindo-o do outro lado.

maracá, a Villa-Schkoppe com 5; o Forte de Orange com 13; Os Marcos com 4; Tapecima com 5; na Parahiba, o Cabedello (ou Margarida) com 33; a Restinga com 10; Santo Antonio com 6; a Aldea Schonenborch com 7; e Guaraú com 3; no Rio-Grande o forte (Ceulen) com 31; e finalmente no Ceará, o forte (Schonenborch) com 11. (Doc. official.) Traduzimos por *Esfalfado* o nome do forte que em francez encontramos designado por *Epuisé de fatigue*. Seria o mesmo que em documentos hollandezes se noméa «*Kiik in de Pot.*»

Passaram para ahi as necessarias tropas ás ordens de André Vidal; e então o inimigo se adiantou a mandar d'essa banda occupar, com cincoenta homens, ás ordens de um filho do fallecido coronel Brinck, o antigo reducto Amelia, de novo appellidado Milhou, a umas duzentas braças além do mencionado forte das Cinco-Pontas, no sitio hoje denominado Cabanga.

No dia 21, ás nove da noite, Vidal, depois de esperar que vasasse a maré, passou a apoderar-se do referido antigo forte Amelia; e, no dia seguinte, e no immediato, seguiu avançando com os competentes aproxes, contra o forte das Cinco-Pontas. Pouco antes fôra commandante d'este forte o transfuga Claes; porém, por temor talvez de cair em poder dos nossos, havia insistido em ser do mando separado, sob pretexto de estar em desintelligencia com os subordinados; e lhe havia sido dado por successor Waulter van Loo. Continuavam da parte dos nossos os aproxes, quando, pelas tres da tarde do dia 23, sahiu do mesmo forte o dito van Loo, com uma carta para o mestre de campo general Francisco Barreto, pedindo-lhe ouvisse o portador. Era o encargo d'este pedir que desde logo ficassem as hostilidades suspensas, nomeando cada parte tres deputados para tratar de pazes. Accedeu Barreto ao pedido; aprazando o dia seguinte para se começar o ajuste, que foi todo celebrado em duas tendas levantadas na mesma campina fronteira ao forte das Cinco-Pontas, então chamada do Taborda, por ahi ter morado um pescador Manuel Taborda. Foram nomeados commissarios, da nossa parte, o auditor geral Francisco Alvares Moreira, o capitão secretario do exercito Manuel Gonçalves Corrêa

e o capitão reformado Affonso d'Albuquerque; e, por parte dos hollandezes, o conselheiro Gisbert de With, o presidente dos Escabinos e director das barcas pichelingues do porto, Huybrecht Brest, e o mencionado capitão van Loo. A estes se aggregaram, para tratar dos assumptos da milicia, pela nossa parte André Vidal, e pela dos hollandezes o tenente coronel van de Wall. A capitulação foi assignada no dia 26 á noite, sob as seguintes condições:

1.ª «Que o senhor mestre de campo general Francisco Barreto dá por esquecida toda a guerra que se tem cometido por parte dos vassallos dos senhores Estados Geraes das Provincias e da Companhia Occidental contra a Nação Portugueza, ou seja por mar, ou seja por terra, a qual será tida, e esquecida, como se nunca houvera sido commetida.»

2.ª «Concede a todos os sobreditos vassallos que estão debaixo da obediencia dos senhores Estados Geraes, e a todas as pessoas subditas aos ditos senhores, tudo o que fôr de bens moveis, que actualmente estivessem possuindo.»

3.ª «Concede aos vassallos dos ditos senhores Estados Geraes, que lhes dará de todas as embarcações, que estão dentro do Porto do Recife, aquellas que forem capazes de passar a linha, com a artilharia que ao senhor Mestre de campo general parecer bastante para sua defensa, e d'esta não será nenhuma de bronze, excepto a que se concede ao senhor General Sigismundo Schkoppe nos Capitulos das condições militares.»

4.ª «Concede a todos os vassallos acima referidos, que quizerem ficar n'esta terra debaixo da obediencia

das Armas Portuguezas, que serám governados, e estimados como os mais Portuguezes; e no tocante á religião vivirám em a conformidade que vivem todos os estrangeiros em Portugal actualmente.»

5.ª «Que os Fortes situados ao redor do Recife, e villa Mauricia, a saber o Forte das Cinco Pontas, a Casa da Boa Vista, o Mosteiro de Sancto Antonio, o Kate (sic) da Villa Mauricia, o das Tres Pontas, o Brun com seu Reduto, o Castello Sam Jorge, o Castello do Mar, e as mais Casas, Fortes, e batarias, se entregarám todas á ordem do senhor Mestre de campo general, logo que se acabar de firmar este acordo, e concerto, com a artilheria, e munições que tem.»

6.ª «Que os vassallos dos ditos senhores Estados Geraes moradores no Recife, e cidade Mauricia, poderám ficar nas ditas praças por tempo de tres meses, com tanto que entreguem logo as armas, e bandeiras, as quaes se meterám em um almazem á ordem do senhor Mestre de campo general, durante os tres meses; e que quando se quiserem embarcar, ainda que seja antes dos tres meses, lh'as darám para sua defensa; e logo juntamente com as ditas Forças entregarám o Recife, e cidade Mauricia; e lhes concede aos ditos moradores que possão comprar aos Portugueses nas ditas praças todos os mantimentos que lhes forem necessarios para seu sustento, e viagem.»

7.ª «As negociações, e alienações que os ditos vassallos fizerem em quanto durarem os ditos tres meses, serám feitas na conformidade acima referida.»

8.ª «Que o senhor Mestre de campo general assistirá com o seu exercito aonde lhe melhor parecer; mas

fará que os vassallos dos senhores Estados Geraes nam sejão molestados, nem avexados de nenhuma pessoa Portuguesa, antes serám tratados com muito respeito, e cortesia; e lhes concede que nos ditos tres meses que hão de estar nesta terra, possão decidir os pleitos, e questões que tiverem uns com outros, diante de seus Ministros de Justiça.»

9.ª «Que concede aos ditos vassallos dos senhores Estados Geraes, que levem todos os papeis que tiverem de qualquer sorte que sejão, e levem tambem todos os bens moveis que lhes tem outorgado o senhor Mestre de campo general no terceiro artigo.»

10.ª «Que poderám deixar os ditos bens moveis acima outorgados, que tiverem por vender ao tempo de sua embarcação, aos procuradores que nomearem de qualquer nação que seja, que fiquem debaixo da obediencia das armas Portuguesas.»

11.ª «Que lhes concede todos os mantimentos, assi secos, como molhados, que tiverem nos almazens do Recife, e Fortalezas, para se servirem delles, e fazerem suas viagens, largando aos soldados os de que elles necessitarem para seu sustento, e viagem; mas não lhes outorga o massame para os navios, porque promete dar-lh'os aprestados, para quando partirem para Hollanda.»

12.ª «Que sobre as pretensoens, e dividas que os ditos vassallos dos senhores Estados Geraes pretendem da naçam Portugueza, lhes concede o direito, que Sua Magestade o senhor Rey de Portugal decidir, ouvidas as partes.»

13.ª «Que lhes concede, que as embarcaçoens per-

tencentes aos ditos vassallos, que chegarem a este porto, ou fóra delle, por tempo dos primeiros quatro meses, sem terem notícia deste acordo, e concerto no lugar donde partirão, que possão livremente voltar para Hollanda, sem se lhes fazer molestia alguma.»

14.ª «Que concede aos ditos vassallos dos senhores Estados Geraes que possão mandar chamar seus navios, que trazem nesta costa, para que neste porto do Recife se possão tambem embarcar nelles, e levar os bens moveis acima outorgados.»

15.ª «E no que toca ao que os ditos vassallos pedem sobre não prejudicar este assento, e concerto ás conveniencias que puderem estar feitas entre o Senhor Rei de Portugal, e os senhores Estados Geraes, antes de lhe chegar á notícia este dito concerto, e assento: não concede o senhor Mestre de campo general; porque se não intromete nos taes acordos que os ditos senhores tiverem feitos; por quanto de presente tem exercito, e poder para conseguir quanto emprender em restituição tam justa.»

As condições sobre a Milicia, e cousas tocantes a ella se reduziram ás seguintes:

1.ª «Que todas as offensas, e hostilidades que da parte dos senhores Estados Geraes, e seus vassallos se tem cometido, se esquecem da nossa, na conformidade acima referida.»

2.ª «Que o senhor Mestre de campo general concede que os soldados assistentes no Recife, cidade Mauricia, e suas Forças, saiaõ com suas armas, mecha acesa, balas em boca, e bandeiras largas: com condição que passando pelo exercito Portugues apagarám logo os

murrões, e tirarám as pedras das espingardas, e caravinas, e meterám as ditas armas na casa, ou almazem que o senhor Mestre de campo general lhes nomear; das quaes o dito senhor mandará ter cuidado para lh'as entregarem quando se embarcarem, e só ficarám com ellas todos os Officiaes de Sargentos para cima; e que quando se embarcarem seguirám direitamente a viagem que pedem para os portos de Nantes, ou a Rochela, ou outros das Provincias unidas, sem tomarem porto algum da Coroa de Portugal: para firmeza do que deixarám os vassallos dos ditos senhores Estados Geraes em refens tres pessoas, a saber um Official mayor de guerra, outra pessoa do Conselho supremo, e outra dos moradores vassallos dos senhores Estados Geraes; e que os Officiaes de guerra, e soldados desta Praça do Recife, e mais Forças juntas a elle, se embarcarám todos juntos em companhia do senhor General Segismundo Schkoppe; com condição que se entregarám primeiro á ordem do senhor Mestre de campo general as Praças, e Forças do Rio Grande, Paraiba, e Itamaracá, deixando as pessoas que se pedem nos refens, para cumprimento de tudo o referido neste capitulo.»

3.ª «Que concede ao senhor General Segismundo Schkoppe, que depois de entregues as ditas Praças, e Forças acima referidas, com a artilharia que tinhaõ antes, ou até a hora da chegada da Armada, que ora está sobre o Recife, leve vinte peças de bronze sorteadas de quatro té dezoito libras, além das peças de ferro que forem necessarias para defensa dos navios que forem em sua companhia, as quaes peças lhe dará, com suas carretas, e munições necessarias; e toda a mais artilha-

ria, munições, e train, se entregarám á ordem do senhor Mestre de campo general.»

4.ª «Que o senhor Mestre de campo general lhe concede as embarcações mais necessarias para a dita viagem na conformidade acima referida.»

5.ª «Que o senhor Mestre de campo general lhe concede os mantimentos na conformidade em que estão concedidos no Capitulo 11.º acima; e dado caso que não bastem os ditos mantimentos, o senhor Mestre de campo general promete dar os de que necessitarem os soldados.»

6.ª «Que o senhor Mestre de campo general concede ao senhor General Segismundo Schkoppe que possa possuir, alienar, ou embarcar quaesquer bens moveis, ou de raiz que tiver no Recife, e os escravos que tiver comsigo, sendo seus; e que o mesmo favor concede o senhor Mestre de campo general aos officiaes de guerra, sendo os taes bens legitimamente seus até a hora da chegada da Armada a esta costa; e concede aos officiaes de guerra, que possaõ morar nas casas em que vivem até a hora de sua partida.»

7.ª «O senhor Mestre de campo general concede que os soldados doentes e feridos se possão curar no hospital em que estão, té que tenhão saude para se poderem embarcar.»

8.ª «Que em quanto estiverem os soldados do senhor General Segismundo em terra, não serám molestados, nem offendidos de pessoa alguma Portuguesa; e em caso que o sejaõ, ou lhes fação alguma molestia, se dará logo conta ao senhor Mestre de campo general, para castigar a quem lh'a fizer.»

9.ª «No tocante a irem juntos com os soldados que hoje estão no Recife, os que se rendêrão, e aprisionarão antes deste acordo, e assento, não concede o senhor Mestre de campo general, porque tem já dado cumprimento ao que com elles capitulou sobre sua entrega.»

10.ª «O senhor Mestre de campo general concede perdão a todos os rebelados, especialmente a Antonio Mendes, e a todos os mais Indios assistentes nas Praças, e Forças do Recife; e da mesma maneira aos Mulatos, Mamalucos, e Negros; mas que lhes não concede aos ditos rebelados a honra de sahirem com as armas.»

11.ª «Que tanto que forem assinadas as ditas capitulações, se entregarám á ordem do senhor Mestre de campo general as Praças do Recife, e cidade Mauricia, e todas as mais Praças com sua artilharia, train, e munições: e que o dito senhor Mestre de campo general se obriga a dar a guarda necessaria para que no alojamento das ditas Praças esteja com segurança a pessoa do senhor General Segismundo Schkoppe, e mais officiaes, e ministros, durante o tempo concedido.»

12.ª «E no que toca ao que o dito senhor Segismundo, e seus soldados pedem, sobre lhes não prejudicar este concerto, e assento ás conveniencias que puderem estar feitas, entre o Senhor Rey de Portugal, e senhores Estados Geraes, antes de lhe chegar á noticia este dito concerto, e assento: não concede o senhor Mestre de campo general, porque se não intromete nas taes conveniencias, porquanto tem exercito, e poder para conseguir quanto emprender em restituição tam justa.

13.ª E sobre todos estes capitulos, e condiçoens acima contratados se obrigão os senhores do supremo Conselho residentes no Recife a entregar tambem logo á ordem do senhor Mestre de campo general, as Praças da Ilha de Fernão de Noronha, Ciará, Rio Grande, Paraiba, e Ilha de Itamaracá, com todas as suas Forças, e artilharia, que tem, e tinhão até a chegada da Armada Portuguesa, que de presente está sobre o Recife, e o train de artilharia, e mais munições: com condição que os moradores, e soldados assistentes nas ditas Praças, e Forças, gozarám dos mesmos privilegios, e condiçoens concedidas aos moradores, e soldados da Praça do Recife; mas que o senhor Mestre de campo general será obrigado a mandar ao Ciará hũa náo sufficiente para se embarcar nella a gente, assi moradores, como soldados vassallos dos senhores Estados Geraes, com os referidos bens; a qual náo levará mantimentos para sustento da viagem das ditas pessoas, que se embarcarem do Ciará; e que todos os navios, e embarcações, que estiverem naquelles portos do Rio Grande, Paraiba, e Ilha de Itamaracá capazes de poderem passar a linha, lh'os concede o senhor Mestre de campo general para sua viagem, e trespasso de seus bens; mas que não levarám artilharia de bronze, e só lhes dará o senhor Mestre de campo general a de ferro que bastar para sua defensa [1].

[1] Prosegue: «O que tudo atraz referido se obrigão de hũa, e outra parte a cumprir, e guardar, sem duvida, nem embargo algum o senhor Mestre de campo general, e os senhores do supremo Conselho assistentes no Recife, e o senhor General Segismundo Schkoppe, sendo assinados pelos Deputados dos ditos senhores remetidos a esta

As condições, acima referidas, foram, quasi com a mesma orthographia, as que nesse mesmo anno de 1654 se imprimiram em Lisboa, em uma Relação que temos presente. Porém D. Francisco Manuel de Mello as publicou depois com algumas variantes, sendo as mais notaveis, as de seguirem, na ordem da numeração, os artigos militares, e comprehenderem-se, como 2.ª e 5.ª das primeiras condições, as seguintes que não se achavam no texto que transcrevemos:

«Tambem seram comprendidas neste acordo todas as naçoens de qualquer calidade, ou reigiám que sejam; que a todas perdoa, posto que hajão sido rebeldes á Coroa de Portugal: e o mesmo concede, no que pode, a todo os Judeos que estam no Arrecife, e Cidade Mauricia.»

«Concede aos Vassallos dos ditos senhores Estados Geraes, que forem casados com mulheres Portuguesas, ou nacídas na terra, que sejam tratados, como se foram casados com Framengas, e que possam levar comsigo as mulheres Portuguesas por sua vontade.»

No dia seguinte ao da capitulação tomaram as tro-

campanha do Taborda para as ditas condições, sobre a entrega do Recife, e mais Praças nellas nomeadas; e para mais firmeza assinaraõ aqui tambem os ditos senhores. Hoje 26 de janeiro 1654 annos.»

Seguiam as assignaturas dos oito commissionados, juntando-se por parte dos hollandezes, a do Presidente Schonenborch, a do Tenente General Sigmund van Schkoppe, e a do Secretario do governo Hendrick Haecx. Estas tres, mal decifradas pelos nossos, acham-se, nos impressos contemporaneos, convertidas em Pchyo Nomboreti, Dignum Dezon Distoye e Ilene Havexe; e as de Brest, Wall e Van Loo nas seguintes: 1.º Hynj biresa Brog; 2.º Noicuoande Voall; 3.º VV prallgo.

pas vencedoras posse dos fortes exteriores e do bairro da ilha de Santo Antonio, denominado cidade Mauricia (Mauritzstad). Sómente porém no immediato, 28, á tarde, achando-se todas as tropas em armas, se apresentou o general Barreto, com o seu estado maior, todos a cavallo; sendo esperado ás portas pelo tenente general Segismundo e seus Ajudantes, todos a pé.— Apeou-se tambem o nosso general, para a cerimonia da recepção das chaves, que então teve logar, ao som dos competentes disparos de artilheria e fuzileria; quadro por certo digno de immortalisar para o futuro o pincel de algum artista brazileiro, como o da rendição de Breda, a Spinola, immortalisou a Velasquez. A pé proseguiu Barreto pela cidade, levando á sua direita o general vencido, e tratando a este, ainda depois[1], com a generosidade e politica que costumam os valentes. Junto á ponte entrou, por cortezia, em casa do mesmo general hollandez. Encaminhou-se logo ao Recife, sendo na propria ponte recebido pelos do Conselho, em cujas casas passou a alojar-se.

Os soldados hollandezes, em número de mais de mil, foram mandados aquartelar-se em Olinda, distribuindo-se-lhes uma pataca de 480 réis, a cada um.— Os indios e pretos, que haviam estado em serviço d'elles, foram mandados encorporar-se nas respectivas fileiras dos nossos. Os effeitos e munições entregues eram de grande valor; comprehendendo quatrocentos e ses-

[1] Por uma ordem de 7 de fevereiro seguinte concedeu-lhe ainda Barreto, bem como á sua mulher e a José Francez o poderem transportar comsigo, livres de direitos, até quatro mil quintaes de páu-brazil.

senta e quatro moradas de casas (incluindo o palacio do governador), uns trezentos canhões, trinta e oito mil balas, mais de cinco mil espingardas, quasi duas mil arrobas de polvora, etc. etc.[1]

A governar os districtos do sul foi mandado Filippe Bandeira de Mello, e de tomar posse da capitania da Parahiba foi encarregado o mestre de campo Francisco de Figueiroa, que a isso partiu no dia 1.°, com oitocentos e cincoenta soldados.

Para tomar posse da ilha de Itamaracá foi escolhido o capitão Manuel de Azevedo. Mandava ahi pelos hollandezes o tenente coronel Lobbrecht, e na Parahiba o coronel Hautijn. A ambos, bem como aos commandantes do Rio-Grande, Ilha de Fernando e Ceará dirigiram Schonemborch, Schkoppe e Haecx, no dia 31, uma circular, em hollandez, para effectuarem a entrega de tudo, concebida, mutatis mutandis, nos termos seguintes:

«Nobre, honrado, bravo! Pela convenção que assignamos, e vae adjuncta, podereis saber quanto, com o maior sentimento, nos cumpre informar-vos. Com ella vos conformareis, entregando, á ordem do Senhor Mestre de campo general, todas as fortalezas ahi existentes. Para este fim vão a essa os Srs. Van der Wall e Brest, que vos darão todas as explicações, na conformidade das quaes vos conduzireis. Terminamos rogando a Deus que vos proteja.»

Succedeu porém que, em quanto a capitulação se negociava, havia conseguido escapar-se do Recife, em

[1] Veja-se o *Inventario* publicado em Pernambuco em 1839.

uma jangada, e disfarçado em pescador, o tenente coronel Claes[1]; por ventura receoso de cair em poder dos nossos, e ser julgado como desertor e rebelde; o qual aportando na Parahiba, antes que ahi se tivesse recebido a circular acima, taes noticias aterradoras espalhou, que, o coronel Hautijn, com elle e os demais hollandezes ahi residentes, se embarcaram precipitadamente, e sem ao menos poderem dispôr dos seus bens. e escravos: estes com os indios, se metteram ao sertão. Cumpre acrescentar, em honra do coronel Hautijn, que antes de partir soltou elle os prisioneiros nossos que retinha; e lhes entregou a fortaleza, para que se defendessem contra qualquer acto de barbaria. Em Itamaracá o tenente coronel Lobbrecht se entregou com trezentos e trinta soldados. Os do Rio-Grande se haviam embarcado, como os da Parahiba, antes de chegar a intimação.

Ao Ceará foi por mar, com tropas, o capitão Alvaro de Azevedo Barreto e ahi tomou posse no dia 20 de maio. Levou comsigo alguns mantimentos, por isso que a guarnição hollandeza havia pouco antes de novo pedido, «que lhes acudissem ás vidas, porque se lhes retardassem pereceriam todos á fome[2].» O major Garstman, que outra vez ahi mandava, seguiu para a Martinica, onde falleceu, de doença, logo depois.

André Vidal foi o encarregado de levar a Portugal a fausta noticia; e, com feliz viagem, chegou a Lisboa em dia de S. José, 19 de março.

[1] Nielas se lê na Rel. de Barb. Bacellar. Claes era ao que parece um diminutivo de Nicolas.

[2] Rel. Diaria, de Ant. Barb. Bacellar, Lisboa, 1654, f. 12. v.

A boa nova foi grandemente festejada. Na manhã seguinte fez el-rei cantar na capella real, diante dos oito tribunaes da côrte, um Te Deum, que se repetiu depois nas demais igrejas da capital. O mesmo rei deu novas acções de graças, indo no dia seguinte a cavallo á sé, e assistindo em procissão com toda a côrte. Logo se occupou das recompensas dos que, por tantos e tão aturados trabalhos, as haviam merecido.

Vidal e Fernandes Vieira receberam o fôro grande (Barreto já o tinha); e a cada um foi dada uma commenda lucrativa na ordem de Christo[1].—Além d'isso, Barreto foi nomeado capitão general de Pernambuco, Vidal confirmado como capitão general do Maranhão, e Vieira nomeado capitão general d'Angola, governando a Parahiba em quanto o posto não vagasse. Barreto veiu a ser depois (em 12 de agosto de 1656) provido no governo geral da Bahia, e Vidal no de Pernambuco, e no de Angola depois de Vieira.

Uma provisão, de 29 de abril de 1654, ordenou que aos officiaes do exercito restaurador de Pernambuco se confiassem os melhores cargos da capitania, e que aos soldados que não podessem a elles aspirar, se dessem terras de sesmaria,—tudo, dizia a provisão, para remunerar a constancia e igualdade de ânimo com que soffreram os trabalhos da guerra; senão como elles mereciam, ao menos como era possivel e permittia o aperto em que, pelas guerras, se achavam todas as par-

[1] Vidal teve as commendas de S. Pedro do Sul, e as alcaidarias móres de Marialva e Moreira; Vieira a alcaidaria mór de Pinhel, e as commendas de Torrado e Santa Eugenia da Ala, na ordem de Christo.

tes da monarchia. Além d'isso, outra provisão da mesma data mandou que se destribuissem pelos que tinham feito mais serviços até quinhentos escudos de vantagem; isto é em gratificações, independentemente dos respectivos soldos.

Parecia natural que á vista dos esforços, feitos pela coróa e pelas outras capitanias, para resgatar das garras do inimigo as de Pernambuco e de Itamaracá, haviam estas deixado de ser de nenhuns senhorios, e se achavam isentas; cessando todos os foros dos donatarios, e com maior razão quando lhes eram tambem concedidos os privilegios de que gosavam os cidadãos do Porto. Assim o entendeu o rei, e por ventura o governo e o povo: appellaram porém para os tribunaes os interessados [1], e os tribunaes deram a favor d'elles as sentenças, e se executaram.

E deixando que os louros da victoria ornem a frente dos principaes caudilhos, justo é que d'elles nos occupemos, dando a cada um, com imparcialidade historica, o quinhão de justiça e de consideração que lhe caiba.

Francisco Barreto era um grande cabo de guerra, sobre tudo quanto a dotes de circumspecção, reserva e

[1] Fez valer seus direitos á de Pernambuco o conde de Vimioso D. Miguel de Portugal, casado com D. Maria Margarida de Castro e Albuquerque, herdeira do conde de Pernambuco, que perdêra os seus direitos ficando em Castella. Sustentou a causa o célebre Manuel Alvares Pegas (em uma Allegação impressa em Evora em 1671) e por fim venceu; vindo porém mais tarde (em 1716) a desistir d'ella em troco de oitenta mil cruzados e o titulo de marquez de Valença. Á demanda do marquez de Cascaes para obter a capitania do Itamaracá oppoz-se o procurador da coroa; mas o marquez teve a seu favor a sentença de 13 de fevereiro de 1685 e a final de 15 de novembro de 1687.

prudencia. Seu aspecto carrancudo, acaso mais sombrio e rugado em virtude da recente prisão que soffrera, condizia com o genio secco, e com as poucas palavras que proferia; e o arreganho militar, e a voz aspera, com os castigos raros, mas severissimos, que impunha, como partidario da maxima antiga de que os soldados devem temer o proprio capitão mais do que o inimigo.

Estudando bem os factos, João Fernandes Vieira não apparece decididamente tão grande homem, como, em detrimento dos seus camaradas, nol-o quizeram apresentar seus panegyristas.

André Vidal era homem tão superior que necessitara um Plutarcho para aprecial-o. Em quanto emprehendeu, sempre com muito esforço e valor, não levára a mira no premio, nem talvez n'esse mesmo fantasma da gloria que tantas vezes nos embriaga; tudo fez por zelo e amor do Brazil, ou por caridade christã[1]. Sua abnegação a bem da patria chegou ao excesso de consentir que sem a minima reclamação, circulassem essas infindas narrações contemporaneas d'esta campanha, que sempre lhe attribuiam um papel tão secundario. Quanto possuia era primeiro dos bons soldados do que seu. E tinha o raro merito de saber grangear amigos, sem lhes offender sequer o melindre por agradecidos. Do seu sincero animo religioso nos deixou prova na capella da Senhora do Desterro de Itambé[2], perto

[1] «Levado da caridade christã, zelo do amor da patria e desejo de vêr o Brazil livre dos hollandezes e de tantas falsas seitas e heresias.» (Calado, pag. 43.)

[2] D'esta capella foi em nossos dias decretada a venda pela lei numero 586 de 1850, e decreto numero 778 de 1854. Bem poderia o paiz levantar um padrão á memoria de Vidal com parte do producto d'esta venda!

de Goyana, por elle instituida «em louvor dos muitos beneficios e victorias que, por intercessão da mesma Senhora, alcançou dos inimigos[1].» E para que não pareça apaixonado este nosso juizo, transcreveremos aqui textualmente a informação[2] que do mesmo Vidal deu ao primeiro rei da dynastia brigantina o insigne padre Antonio Vieira:

«De André Vidal direi a V. Mag. o que me não atrevi atégora, por me não apressar, e porque eu que tenho conhecido tantos homens, sei que ha mister muito tempo para se conhecer um homem. Tem V. M. mui poucos no seu reino que sejam como André Vidal; eu o conhecia pouco mais que de vista e fama; é tanto para tudo o demais como para soldado: muito christão, muito executivo, muito amigo da justiça e da razão, muito zeloso do serviço de V. M. e observador das suas reaes ordens, e sobretudo muito desinteressado, e que entende mui bem todas as materias, posto que não falle em verso, que é a falta que lhe achava certo ministro, grande da corte de V. Mag.» Não menos favoravel se lhe mostra o proprio rei, quando, ao confirmal-o, em 2 de novembro (1654), no promettido governo do Maranhão, declara fazel-o pelos serviços que o mesmo Vidal prestára por mais de vinte annos de guerra, «no Brazil, sendo ferido por vezes e aleijado de uma perna; e em particular aos (serviços) que, depois do primeiro despacho, continuou na campanha de Pernambuco, donde occupou todos os postos da milicia, de

[1] Assim se lê no alvará de confirmação do vinculo de 6 de dezembro de 1678.

[2] Carta do Pará de 6 de dezembro de 1655 (14.ª do tom I.)

capitão, sargento mor, mestre de campo, e de um dos governadores das armas no exercito da mesma capitania, sempre com a satisfação que é notorio, e grande despeza da fazenda, pondo por muitas vezes sua vida a conhecido perigo, e signalando-se por varias occasiões e recontros, que teve com os inimigos, com singular valor, tendo muita parte dos bons successos e victorias que na dita capitania alcançaram contra os Hollandezes, com grande reputação do nome portuguez, não reparando para esse effeito na perda de sua fazenda; porque, quando foi necessario abrasar os cannaviaes e engenhos daquelle districto, foi o primeiro que com suas mãos poz o fogo a um de seu pai, para a esse exemplo se fazer o mesmo aos mais» [1] etc.

O retrato de Fernandes Vieira foi gravado, e pu-

[1] Na nomeação para vir a succeder a Vieira em Angola, cuja data é de 10 do referido mez, é o monarcha mais laconico; e diz unicamente que attendendo aos serviços de Vidal, na capitania de Pernambuco, «e á continuação com qne os fez em guerra viva tão dilatada, arriscada e trabalhosa, como foi a de Pernambuco, em que assistiu até serem recuperados todos os fortes da dita capitania, e desalojados os hollandezes dos logares que n'ella tinham occupado, em cuja facção o dito André Vidal tomou tão grande parte, depois de se haver achado e servido com particular valor nas mais occasiões que se offereceram pelo discurso dos annos que de antes havia militado na mesma guerra», etc. — No anterior decreto de nomeação, em 11 de agosto de 1644, havia o mesmo rei dito que por attender aos serviços pelo mesmo Vidal prestados «no Brazil e arrayal de Pernambuco ... por nove annos até o de 634, de soldado e alferes á sua custa ... e assim aos serviços, que seu pai Francisco Vidal fez no mesmo Estado, por espaço de quarenta annos, e pelos quaes se lhe fez mercê do habito de Christo, com vinte mil réis de pensão em uma commenda, e havendo respeito aos mais serviços que depois fez na guerra, nos postos de ajudante, capitão e de sargento mor,» lhe fazia mercê do governo do Maranhão, na vacante dos providos antes de 23 de maio de 1642, em que lhe fiz esta mercê.»

blicado na obra panegyrica de Fr. Rafael de Jesus. O de Vidal encontra-se em Angola, entre os dos demais governadores d'esse reino, donde o Brazil ha de solicitar uma cópia photographada.

Tanto Vieira como Vidal viveram ainda mais vinte e sete annos; e só passaram ambos a melhor vida em 1681; o primeiro em Olinda aos 10 de janeiro, e o segundo vinte e quatro dias depois, no Engenho-Novo da Goyana, em 3 do immediato mez de fevereiro.

O governador Henrique Dias foi gratificado com o augmento de dois escudos mensaes ou vinte e quatro annuaes, fóra os mais vencimentos, por conta dos quinhentos acima mencionados. Recebeu igualmente em propriedade as casas e terrenos [1] onde, durante o sitio, tivera a sua estancia. Logo passou a Portugal [2], onde em fins de novembro de 1657, lhe eram pela Côrte mandados abonar todos os vencimentos que se lhe deviam; e, em 20 de março do anno seguinte, lhe foi concedida a patente de mestre de campo ad honorem. D'ahi a pouco mais de quatro annos, em junho de 1662, falleceu no Recife,—sendo abonados pela fazenda real, por ordem do governador Brito Freire, os modicos gastos feitos com o seu funeral, que teve logar no dia 8 do mesmo mez, e importaram, além da polvora para as descargas, em quarenta e oito mil setecentos e vinte réis. Foi porém sómente depois de morto que os seus serviços receberam no Brazil (não sabemos em que data)

[1] Casas de Giles van Ufel e olarias de Gaspar Coke, entre o Capiberibe e a estrada do Manguinho, onde ainda se denomina a Estancia.

[2] Veja o doc. 25.º da 1.ª edição.

a mais gloriosa recompensa, ordenando-se que, para perpetua memória, se organisassem, em varias das capitanias, corpos de soldados e officiaes todos pretos, com o nome de «regimentos dos Henriques[1].»

Antonio Dias Cardozo foi feito mestre de campo; teve, em 1655, promessa de uma commenda de lote de cem mil réis, recebendo, em quanto n'ella não fosse provido, sessenta mil annuaes. Governou por pouco tempo e interinamente, depois de Fernandes Vieira, a capitania da Parahiba; e foi mais tarde commandar no Rio-Real e nos Palmares; mas em 1667 se achava no Recife tão necessitado que Vidal, sendo capitão general, a requerimento seu, lhe mandou abonar, á custa de atrazados que se lhe deviam, uns trezentos mil réis. Cinco annos depois (maio de 1672) era já fallecido,— sem haver recebido a promettida commenda.

Quanto aos chefes hollandezes que subscreveram á rendição da Praça, consta que chegaram á Hollanda no mez de julho, e que ahi trataram de se defender como melhor podéram. O commandante militar Schkoppe foi porém, por sentença[2], privado de seus soldos, desde a data da capitulação do Recife[3].

[1] D'estes ainda, em nossos tenros annos, alcançámos a ver dois, na procissão de Corpus no Rio de Janeiro, fazendo-nos tal impressão, que até hoje se não nos varreu ella da memória.

[2] Sentença do Conselho de Guerra de 20 de março de 1655.

[3] Schonemburg e Haecky apresentaram no dia 4 de agosto aos Estados Geraes uma exposição allegando que no Recife faltavam os viveres; que a tropa e marinhagem se queixavam de falta de alimento e de paga, e de haverem alguns servido tres vezes o tempo de seus engajamentos, e que haviam chegado a ameaçar a pilhagem da cidade.

Schkoppe declarou que desde 1648 não tinha deixado de repre-

Eram apenas decorridos alguns mezes depois da entrega dos hollandezes no Recife, quando as Provincias Unidas firmavam a paz com a Inglaterra, e julgaram poder voltar-se contra Portugal. Mas as satisfações e promessas da diplomacia portugueza poderam contemporizar e entreter os hollandezes por mais de tres annos. Cançados porém estes de esperar ver realisados seus desejos pacificamente, e açulados, diz-se, pela influencia do embaixador castelhano Antonio Brun, aproveitaram-se de um respiro de pazes (que tiveram em fins de 1657, protegidos por um grande armamento naval que haviam feito contra a França) para liquidar em Portugal suas reclamações.

Regia n'este reino desde a morte de D. João IV, succedida em 6 de novembro do anno anterior, sua esposa a rainha D. Luiza, durante a menoridade de D. Affonso VI. Na armada enviada á foz do Tejo ás ordens do almirante Opdam, desde pouco senhor de Wassenaar, iam por commissarios Michel ten Hooven e Gysbert de With, um dos signatarios (este ultimo) da capitulação de Pernambuco em 1654.—Apresentou-se a esquadra á foz do Tejo, e d'ahi a dois dias os dois commissarios foram recebidos pela rainha, e lhe leram um papel em latim, no qual depois de darem os pezames pela perda do rei

sentar para a Hollanda toda a verdade, e as queixas dos soldados, e que as autoridades haviam sido obrigadas a capitular para salvar os habitantes. As camaras mandaram examinar as allegações. — Os dois foram presos no dia 3 de setembro. Schkoppe foi como dissemos no texto condemnado pelo conselho de guerra e dos dois foi o juizo afecto ás respectivas provincias.

defunto, passavam ás suas reclamações, para a satisfação das quaes concediam duas semanas. Reclamavam a restituição das terras do Brazil, d'Angola e S. Thomé; além de um tributo, dentro de sete mezes, de seiscentos mil florins, treze mil caixas d'assucar, e, dentro de seis annos, de mil bois de carro; mil vacas; trezentos cavallos; seiscentas ovelhas; e outros objectos de valor, condições que, pouco mais ou menos eram as mesmas que os Estados Geraes haviam exigido ao embaixador Antonio de Souza de Macedo, quando, em 1651, fôra á Haya tratar da paz. Seguiram-se as conferencias com os ministros da Corôa: chegaram a ceder, a troco de outras exigencias, Angola e S. Thomé, mas não o Brazil; e ouvindo da boca do secretario d'estado Pedro Vieira da Silva que de modo algum se lhes concederia cessão de territorio, durante a menoridade do rei, em menos de um mez se retiraram, deixando em mãos do ministro a declaração de guerra, apezar da ingerencia que no negocio officiosamente tomou o embaixador francez Cominges. O governo portuguez resignou-se ás consequencias, e n'um folheto [1] que (segundo temos entendido sob o seu influxo) foi então publicado ácerca d'este assumpto, depois de expôr nas primeiras vinte paginas quanto occorrera, conclue: «Dissimulou-se a offensa quanto foi decente; offereceu-se pela paz quanto foi possivel; e o contrario mostra-se surdo á justiça... Esperamos que o Deus dos exercitos que conhece os

[1] Razam da guerra entre Portugal e as Provincias Unidas dos Paizes baixos: com as noticias da causa de que procedeu. — 22 pag., 4.º — Lisboa, por João Alvarez de Leão. — 1657. A redacção d'este folheto se attribue a Antonio de Souza de Macedo.

corações e razão de ambas as partes pelejará pela justiça.»

A esquadra de Wassenaar foi logo reforçada por varios navios ás ordens do celebre almirante Ruiter, que tomou o mando de toda ella, e ficou á frente dos navios á foz do Tejo, desde Setubal ás Berlengas, e não foram poucas[1] as prezas feitas em navios da frota do Brazil, nos tantos dias que durou o bloqueio. Vendo porém Ruiter os navios faltos de agua, e crendo que entrando o inverno as prezas que fizesse não recompensariam as avarias, levantou o dito bloqueio, e regressou á Hollanda; d'onde, á frente de vinte e dois navios de guerra e dois hyates, voltou a emprebendel-o em meados do anno seguinte.

Com effeito, em principios de julho, se apresentou a nova armada de bloqueio á foz do Tejo. A primeira agressão foi exercida contra nove muletas tripuladas de sessenta e sete pescadores. Por estes soube Ruiter que Portugal enviára á Hollanda[2] outra embaixada, e que havia em Lisboa esperanças de que tudo se arranjaria em boa paz; nova que de terra confirmou depois ao mesmo Ruiter o consul Van-der-Hoeve.—O bloqueio durou apenas d'esta vez pouco mais de tres mezes, e nenhum proveito colheram d'elle os hollandezes; que de novo faltos d'agua, e chamados a decidir questões mais importantes com a Dinamarca e a Suecia, deixaram o Tejo em fins de outubro, conseguindo do governo portuguez promessa de mandar á Haya um novo negociador.

[1] G. Brandt faz menção de quinze, e diz que havia quem contava mais seis.

[2] Aitzema, 38, 268.

Infelizmente recaiu a escolha em Fernão Telles de Faro, que, no anno seguinte, commetteu a vergonhosa acção de passar-se a Castella, levando comsigo, segundo se disse, o valor de trezentos mil cruzados. Como porém se lhe havia dado por secretario o illustre patriota Diogo Lopes de Ulhoa, as negociações progrediram, mostrando-se interessado em seu bom exito o Presidente Pedro Grocio e o conselheiro de Witte, movidos pelo negociante portuguez israelita Jeronymo Nunes da Costa. A maioria dos votos dos representantes das Provincias Unidas chegou a ser em favor de que se negociasse a cessão de quaesquer direitos a Pernambuco, mediante:

1.º Uma indemnisação de cinco milhões de cruzados pagos em doze annos.

2.º Concessões favoraveis ao seu commercio em Portugal e colonias, analogas ás que havia obtido pouco antes a Inglaterra.

3.º Franquia nos direitos do sal de Setubal, por um dos tres modos que se propuzeram.

4.º Satisfação ás reclamações de muitos hollandezes em seus interesses lesados em virtude da perda de Pernambuco, etc.

Com estas propostas se apresentou pessoalmente Ulhoa em Lisboa, chegando ahi no dia de Natal d'esse anno (1658), e insistindo pela urgencia da resposta; não só porque assim o promettêra, como porque os votos poderiam mudar-se, variando alguns representantes ou alterando-se a situação, se a paz fosse feita com a Suecia. Porém nada por então se resolveu.

Durante o mencionado segundo bloqueio de Ruiter

passára Portugal os instantes mais criticos da conservação da sua recem-proclamada independencia. Foi n'esse mesmo verão que frustado, com grande perda, o sitio posto a Badajoz, invadiram as armas castelhanas os campos de Monção (no Minho) e os de Elvas, pondo em apertado sitio esta praça do Alemtejo.—No anno de 1659 viu-se até o novo reino, na paz dos Pyrineos, abandonado pela França[1], cujo ministro em Portugal chegou a indicar o pensamento de ficarem d'ahi em diante os duques de Bragança por vice-reis perpetuos do Brazil com o titulo de reis[2].

O interesse de outra nação veiu porém pôr termo ás questões com a Hollanda. Restaurado ao throno da Grã-Bretanha, com o nome de Carlos II, o filho do infeliz Carlos I, foi pelo seu governo levado a ajustar um tratado (23 de junho 1661) de casamento com a infanta D. Catharina, irmã d'el-rei, que lhe levou em dote dois milhões de cruzados, além da ilha de Bombaim na Asia e da praça de Tanger em Africa.—D'este casamento resultou por parte da Inglaterra a mediação para que na Haya se assignassem definitivamente as pazes, sendo admittidas por Portugal as condições propostas a Ulhoa, reduzindo-se porém a quatro milhões de cruzados, em vez de cinco, a indemnisação; devendo os ditos quatro milhões (equivalentes a oito milhões de florins carolinos de Hollanda) ser pagos dentro de dezeseis

[1] Pelo art. 6.º se conveiu que durante o prazo de tres mezes a França trataria de mandar a Portugal pôr as coisas de modo que Hespanha ficasse satisfeita, e de contrario não daria mais soccorro a Portugal, nem permittiria que para ali se fizessem armamentos em França, etc.

[2] D. R. de Macedo, Obras (1743), I, 55.

annos, na razão de duzentos e cincoenta mil cruzados por anno, em dinheiro, ou em assucar, sal, ou tabaco. O tratado foi lavrado em latim [1], em dezeseis artigos, e assignado na Haya a 6 de agosto de 1661. Obrigou-se igualmente Portugal a restituir ás Provincias Unidas toda a artilheria que no Brazil tivesse ficado com as armas ou insignias d'ellas ou da Companhia, e a permittir que os hollandezes podessem, d'ahi em diante, commerciar do Brazil para Portugal, concessão equivalente a poderem estabelecer casas de commercio [2] nos portos habilitados do Brazil.

O artigo 6.º estipulou que o tratado começasse a vigorar, na Europa, dentro de dois mezes, a contar do dia em que fosse assignado; e, nas outras partes do mundo, logo depois da publicação d'elle. Era esta uma frase machiavelica, análoga á do artigo 8.º do tratado de treguas de 1641; que havia justificado as hostilidades contra o Maranhão; sem que ao nosso negociador (Conde de Miranda) houvesse aproveitado a lição: resultando que, havendo Portugal ratificado o tratado em 24 de maio do anno seguinte, a Hollanda só effectuou essa ratificação em data de 4 de novembro; e demorou a sua troca até 14 de dezembro: aproveitando d'esse intervallo para dar tempo a que os seus, na India Oriental, occupassem Coulão, Cranganor, Cananor e Cochim,—que não entregaram mais [3].

[1] Veja-se em Dumont. Corp. Chron. Tom. 6.º P. 2.ª p. 663.

[2] Do local em que fixou no Rio de Janeiro a sua morada algum dos primeiros viria á Praia do Flamengo o nome que ainda conserva.

[3] Pelo tratado de 30 de julho de 1669 se obrigára entretanto a Hollanda a ceder Cananor e Cochim, quando Portugal a embolsasse de toda

Nem se explica por que Portugal désse o exemplo de só ratificar o tratado, nove mezes e meio depois de assignado, quando pelo artigo 26.° se dispunha que as ratificações teriam logar dentro de tres mezes; «devendo o tratado publicar-se outros tres mezes depois»; o que parecia aliás uma contradicção com o estipulado no artigo 6.°

Por outros artigos se comprometteu Portugal a conceder toda sorte de garantias aos hollandezes que fossem residir ou commerciar em seus portos, tanto do reino, como das colonias; permittindo-lhes, como permittira aos inglezes pelo tratado definitivamente ajustado com Cromwell sete annos antes, ter consules, juizes conservadores, culto livre de qualquer seita christã, cemiterios, nenhuma dependencia dos juizos dos orfãos e ausentes nos legados dos defunctos, com a clausula de que não seriam augmentados os direitos, etc.—Igualmente se estabeleceram regras a favor dos commerciantes, em caso de guerra entre as duas nações, ou de uma d'ellas com outra.—Pelo artigo 19.° foi permittida a entrada dos navios de guerra; não podendo porém, nos casos ordinarios, exceder a seis náos juntas, nos portos grandes, e a tres, nos menores.

Finalmente o artigo 25.° regulou o modo como seriam satisfeitas quaesquer indemnisações, a que poderiam ter reciprocamente direito os subditos das duas partes contratantes, nos bens possuidos ou dividas contrahidas no Brazil. Assentou-se, a este respeito, que «os bens de raiz e particularmente as casas e os enge-

a somma estipulada em 1661, e mais os gastos feitos com essas praças, o que equivaleu á desistencia por Portugal.

nhos, se restituiriam aos respectivos donos e possuidores, dando curso ás acções e demandas que por parte dos devedores se intentassem;» acrescentando-se que, visto declarar o embaixador de Portugal ter poderes para compor amigavelmente as reclamações que apresentassem os individuos das Provincias Unidas, os interessados ficavam obrigados a recorrer ao dito embaixador, no termo de dois mezes, com os competentes titulos; devendo porém aquellas reclamações que por este modo se não liquidassem dentro de seis mezes, passar a uma commissão mixta, que se reuniria em Lisboa dezoito mezes depois; e de cujos arbitrios ou sentenças não haveria apellação; cumprindo á mesma commissão, nos casos d'empate, eleger d'entre os seus membros (em último caso á sorte), um sobrearbitro (super arbiter), com voto decisivo.

Como reclamações acolhidas pelo embaixador Conde de Miranda, na Haya, chegaram apenas duas á nossa noticia, uma de Guilherme Doncker, antigo escabino de Olinda e coronel dos indios de Nassau [1] e outra de Gysbert de With, membro do Conselho Politico, o terceiro marido de D. Anna Paes de Altero [2]; as quaes foram attendidas, promettendo o dito embaixador (em 20 de março de 1663), por parte de Portugal, ao primeiro dezeseis mil cruzados, e ao segundo trinta e tres; que

[1] Veja ante pag. 214.

[2] Filha de Isabel Gonçalves (Calado, p. 250, in fine), motivo porque se denominára a Casa Forte de D. Isabel Gonçalves, de D. Anna Paes, e depois tambem engenho do Tourlon por ser Carlos de Tourlon o seu segundo marido. Por fim disseram os hollandezes casa e engenho de With, quando este conselheiro desposou a D. Anna, já duas vezes viuva.

deveriam ser pagos dentro de oito annos; mas cuja liquidação final só veiu a ter logar, com os respectivos herdeiros, em 27 e 28 de novembro de 1692.

Para o pagamento dos duzentos e cincoenta mil cruzados annuaes foi, como era justo, ordenado[1] que o Brazil correspondesse com perto de metade,—com cento e vinte mil cruzados, estabelecendo-se para isso tributos especiaes durante os dezeseis annos seguintes. Infelizmente porém, como succede tantas vezes nos impostos, acabados esses dezeseis annos, os mesmos donativos estabelecidos para elle seguiram-se cobrando, a pretexto de urgencias do estado, a ponto de que ainda em nossos dias[2] existiam.

Ácerca da installação da promettida commissão mixta em Lisboa, e satisfações por ella concedidas, nenhuma notícia temos podido colhêr. É porém certo que, em 1671, receava João Fernandes Vieira ser obrigado a pagar algumas indemnisações, e, em 22 de maio, pedia ao Principe Regente (ao depois Pedro II) que, «em caso de achar-se com o encargo de dever aos hollandezes,» lhe acudisse segundo mereciam os seus serviços. Ainda ao fazer o testamento, em 1674, manifestava o mesmo Vieira receios a esse respeito; repetindo, na verba 24.ª, quasi *ipsis verbis*, vários argumentos para provar que nada devia aos hollandezes, aos quaes antes cabia restituir a elle testador os bons jantares que lhes déra, durante oito a nove annos[3], para

[1] C. R. a Francisco Barreto de 4 de fevereiro de 1662.

[2] Vemol-o figurar no Orçamento do Imperio de 1830 (artigos 21.º e 22.º) no valor de vinte e cinco contos.

[3] Isto é desde 1636 ou 1637. Provavelmente desde que, por se ausentar Stachower, ficou Vieira á frente da casa commercial.

os ter a seu favor; e as quebras que, desde doze annos antes, isto é, desde o tempo em que ainda estava na terra o seu socio Stachower, recebêra em virtude das correrias dos nossos campanhistas ou guerrilhas; e o valor dos nove navios carregados, que, sob a protecção da bandeira hollandeza, haviam sido tomados, talvez pelos nossos cruzeiros.—Eis fielmente o texto da dita verba do testamento: «Tive largas contas com os governadores da Companhia, que foram do Supremo Conselho; aos quaes comprei quantidades de fazendas, de roupas, e de escravos, e algumas terras, e contratos de dizimos; a cuja conta dei grande quantidade de caixas de assucar, páu brazil, livranças de encontros, e outras cousas de mantimentos da terra. E quando os moradores fizeram a guerra, retirando-me eu com elles, mandaram, a todas as minhas fazendas, a tomar todos os assucares que acharam, encaixados e por encaixar, que foram mais de seiscentas caixas; e no Recife me levaram quantidade de escravos, cobres e outras muitas riquezas, que estavam por minhas casas e por minhas fazendas; e queimaram os engenhos e destruiram tudo, em que me deram grandiosas perdas. E demais me são devedores da diminuição, pelo que me deviam fazer de abatimento em doze annos de perdas, que houve na campanha, do que os soldados portuguezes fizeram de queimas e arrombar assudes, rejeitar bois e levar escravos; o que impossibilitava as moendas, e ficou o tracto leso: E elles eram obrigados a toda a segurança; porque com esta condição é que arrematei o contrato, e elles o autorgaram; e me tinham já offerecido quarenta mil cruzados de abatimento cada anno, e eu os

não quiz acceitar porque era pouco. Tambem me são devedores das pensões que de mim cobraram tantos annos de todos os meus engenhos, por elles não moerem, e por haver elles vendido as mesmas fazendas por seus justos preços como fazenda real. E eu trazia demanda com elles, e me tinham pedido que desistisse, e deixasse pagar aos credores, e que eu não pagaria; o que eu não quiz consentir, por querer que me pagassem tambem o que haviam cobrado. Tambem me são devedores de mais de cem mil cruzados, que no decurso de oito ou nove annos lhe dei por remir minha vexação, e por segurar a vida de suas tyrannias, de peitas e dadivas a todos os governadores, e seus ministros, e com grandiosos banquetes que ordinariamente lhes dava pelos trazer contentes. Tambem me são devedores de nove navios que me tomaram com grandiosas carregações, debaixo dos seus passaportes. E assim mais me são devedores, de cinco moradas de casas que tinha no Recife, de grande valor, e das casas em que eu morava, com todo o ornato de tanta consideração, como nella havia, que importava muita quantidade de dinheiro. E em todas as partes me destruiu e roubou esta nação grandiosas riquezas, e por mais que lhes deva, de maiores quantias me são devedores, e eu pelas armas me desforrei das violencias que praticaram. E sobre modo tinham obrigação de me fazer todo bem e segurar-me, e com estas razões e outras que se poderiam allegar acho em minha consciencia que .... me são devedores, e não lhes devo a elles nada. E as clarezas e quitações que tinha suas, em como lhes havia pago, m'as mandaram tomar em minha casa do meu

escriptorio que tinha no Recife, e tudo quanto venderam foi por excessivos preços.»

Não ha dúvida que se n'este mundo se podessem ajustar as contas de dividas com a largueza de consciencia admittida por Fernandes Vieira, nada elle devia á Companhia hollandeza. Não sendo porém assim, cremos que, de suas proprias expressões e receios, devemos deduzir que elle se achava com a mesma Companhia mui alcançado, como outros muitos, quando rebentou a revolução; a tal ponto que o padre Vieira, no Papel Forte, chegou a dizer que não fôra pela fé catholica que os moradores se haviam rebellado, mas sim por que não queriam ou não podiam pagar as dívidas; assersão, que aliás, segundo vimos, foi confirmada pelo proprio Fernandes Vieira, dirigindo-se a Dr. Feliciano Dourado.

No mencionado testamento procurou Vieira justificar-se em como se julgava quite com Jacob Stachower, com quem não duvída declarar que tivera apertada amisade, por interesse, e a fim de «viver mais seguro». Eis o texto da verba 22.ª, a esse respeito. «Declaro que no tempo dos hollandezes por remir minha vexação e viver mais seguro entre elles, tive apertada amizade com Jacob Estacour, homem principal da nação Flamenga, com differença nos costumes, e com elle fiz alguns negocios de conformidade, e por conta de ambos comprámos as terras do engenho das Ilhetas, e as terras do engenho de Santa Anna, e as terras do engenho do Meio da Varzea, tudo destruido que não havia mais que só as terras; e as quantias que demos por ellas ao Supremo Conselho da Companhia, que as ven-

deram, as pozeram os ditos sobre mim: porque não quizeram nada com o dito Estacour, por elle se embarcar para Hollanda, e ficar eu na terra, e me não deixar o Estacour cabedal de consideração para levantar os ditos engenhos, e só trinta e tantos escravos, que em menos de um anno morreram os mais d'elles de peçonha: e deixou mais tres mil cruzados, que se lhe deviam, e algumas cousas não tinham valor de 200$000 réis, e as mais das dividas se não cobraram. E eu, com o meu negocio e agencia, levantei e reedifiquei os ditos engenhos; e o primeiro foi o da Varzea: e correndo alguns annos lhe remetti quantidade de letras, e assucares, e paguei por elle debitos á Companhia, sem lhe dever nada, por me conservar pelo perigo de vida; sem elle nunca metter cabedal, nem me mandar um só queijo, e fui fabricando os mais engenhos, á minha custa, com dinheiros de depositos, e com perdas notaveis de os fabricar muitas vezes, pela gente da campanha que vinha da Bahia os queimar, e levar os escravos. E avisando-o eu d'isto muitas vezes, nunca accudiu com cousa alguma, nem respondeu a proposito; com que lhe não fiquei obrigado a nada de debitos; antes, se fosse por contas como elles costumam, me deveria elle a mim muitos mil cruzados. E assim que ao dito Estacour não devo nada, nem elle tem pretenções nas terras .... outras razões porque me é a mim devedor; mas ponho aqui estas clarezas para o que puder succeder.»

A respeito d'essa amisade ouçamos porém a Calado que é testimunha insuspeita: «Com o qual (Vieira) tomou tãta amizade hum dos Olandezes, que gouernauão

a terra, chamado Jacobo Estacour, a quem auia cabido grande parte das fazendas na repartição que os primeiros Gouernadores Olandezes fizerão entre si dos bens dos moradores retirados logo despois de tomada a terra; entre os quaes lhe coube hũ bom engenho, o qual elle comprou aos da companhia em satisfação do salario de seus serviços; e indo-se este Jacobo Estacour para Olanda, acabado o tempo de seu gouerno, por a grande confiança que tinha em João Fernandes Vieira, e por a grande fidelidade e verdade que nelle tinha achado, lhe deixou todos seus bens em sua mão, e este engenho, com plenario poder de dispor, dar, e doar, comprar, e vêder, segundo lhe parecesse, com só condição de que lhe hiria mandando as rendas nas frotas que de Pernambuco partissem para Olanda: e tambem lhe deixou credito para tudo o que elle comprasse, para se lhe dar sobre sua palavra, e que todos os creditos, e letras que elle passasse as receberia, e daria plenaria satisfação em Olãda, obrigado para isso sua pessoa, e bens. E tanta confiança fez este Jacobo Estacour de João Fernãdes Vieira, que .... lhe deixou hum escrito feito por mão publica, que morrendo elle nenhum seu herdeiro poderia tomar conta ao dito João Fernandes Vieira, e que tudo o que dissesse em materia de suas fazendas fosse crido, e somente se estiuesse por o que elle affirmasse, assi de diuidas, como de melhoramentos, por quanto esta era sua vltima vontade.»

Temos por sem dúvida que, se alguma acção se intentou contra o afortunado Madeirense ou seus herdeiros, sería ella pelo Estado satisfeita; em obsequio aos seus serviços sem dúvida grandes, embora não tanto

como o proprio interessado (não attendendo aos dos outros, e por ventura revendo-se já nos elogios prodigados pelos seus panegyristas) os suppunha; á vista da immodestia que alardeava[1]; immodestia que aliás sería mostra de dignidade, e até certo ponto louvavel, quando «o mundo o tivesse desamparado em seu galardão,» e quando os seus contemporaneos, por inveja ou por emulação, não lhe reconhecessem os serviços que em todo caso veiu a prestar ao Brazil.

FIM

[1] Sirvam de prova as frases: «Não me igualou Duarte Pacheco na India» da representação de 1671, e a outra: «Fui eu a causa das felicidades de que está gosando Portugal», da verba 64.ª do Testamento;—verba, cujo principio, em nosso entender, foi erradamente transcripto na copia publicada pelo Instituto Historico (Rev. XXIII, p. 396); pois só com grande falsidade podia o testador haver dito, como ahi se lê: «Declaro que servi a S. M. desde *a era* de 1630 até *a* de 1645.

NOTAS

1.ª — Prefacio, pag. xxv

As palavras do Prefacio que n'esta edição repetimos, na pag. xxv d'elle, citadas por Mr. van der Bergh, em um artigo do vol. VII da nova serie da revista hollandeza *Bijdragen voor Vaderlandsche Geschiedenis*, etc., provocaram, de parte do sr. Netscher, uma pequena publicação, que intitulou: «*Un mot de réplique à Mr. Varnhagen*», á qual desde logo respondemos, dirigindo, em 23 de agosto, as seguintes linhas (em francez) ao mesmo sr. van der Bergh:

«Apresso-me a enviar-lhe os mais sinceros agradecimentos pelo grande serviço que V. me prestou, fazendo conhecer na sua patria a existencia do meu trabalho; e ao mesmo tempo aproveito a occasião para lhe pedir que obtenha do sr. Dr. R. Fruin, director da mesma revista, um pequeno espaço para esta carta, contendo as poucas linhas necessarias á *minha* defensa....

«Não duvidei jámais da iniciativa do sr. Netscher em suas averiguações, nem lhe neguei os seus serviços. Muito pelo contrario; bastante os applaudi n'outro tempo; já por muitas citações do seu livro, com algumas linhas até no texto (tom. 2.º pag. 36) da 1.ª edição da minha *Historia Geral do Brazil*,—já por uma visita ao autor, em companhia do meu amigo o Dr. Silva. E me parece que o sr. Netscher houvera procedido com mais justiça se tivesse feito menção d'estes factos; ainda quando lhe não aprouvesse reconhecer que ao proprio grande número de citações de seu nome na minha obra, bastante conhecida no Brazil (onde tive a honra de ser até 1.º Secretario do Instituto Historico) deve elle o facto de ser ali mais conhecido, principalmente pelos membros das associações, cujos pareceres favoraveis elle se compraz em allegar. Os meus trabalhos sobre a historia patria são até um tanto conhecidos na Europa, e parece terem sido parte no nome sob o qual o meu Augusto Sobe-

rano houve por bem intitular-me. Todos sabem que Porto-Seguro, ao sul da Bahia, foi a paragem do Brazil onde teve logar o descobrimento de Cabral, ponto de partida da historia da civilisação do Brazil.

Bem longe pois de negar ao sr. Netscher os seus esforços tinha, eu contribuido a fazel-os conhecidos tributando-lhe justiça. Mas não é menos certo que eu havia citado o seu livro em razão dos factos que elle continha. Ora, uma vez taes factos melhor conhecidos, pelos proprios textos dos documentos, que no mesmo livro apenas se indicaram em resumo, não podia elle mais servir-me de texto. É o que tem acontecido com muitas outras obras em outro tempo consideradas como preciosas, mas cujo valor se não cifrava na fórma, mas unicamente em certos factos tirados de documentos ineditos. Publicados estes integralmente, aquellas obras perdiam toda a sua importancia. Ora ninguem tem até hoje admirado o livro do sr. Netscher, pelo que respeita á fórma: havendo até, pelo contrario, francezes que pretendem não estar elle escripto em sua lingua.

«Por este só facto deixo a V. o julgar se a idéa de antagonismo ou rivalidade não terá antes nascido no espirito do sr. Netscher, quando é certo que elle passou muito além ao lembrar-se de suppôr que eu lhe poderia querer menos bem, sómente porque, em 1860, o seu livro foi citado por um dos meus successores no Instituto (que aliás muitas vezes havia já visto por mim citado) para apoiar a proposito de Mendonça, governador da Bahia em 1624, a injusta accusação de que este chefe havia capitulado, e que logo os hollandezes haviam aleivosamente faltado á capitulação, (erro admittido pelo sr. Netscher e que eu já combatia em 1854) e que na *Historia das Lutas* consegui destruir radicalmente. Ora, seria por certo muito original se eu, brazileiro, guardasse prevenções desfavoraveis contra um hollandez que tinha contribuido a tornar mais brilhante um triunfo que, em favor da Hollanda, eu tinha alcançado só em virtude do meu amor da verdade e da justiça!

«Assegurei é certo mui ingenuamente que o livro do sr. Netscher impresso ha vinte annos, tinha para mim perdido «*todo o interesse* desde que *me fôra* possivel consultar, além de outros, os textos da maior parte (hoje poderia dizer que todos) dos documentos que cita.» Bem claro é que com uma semelhante declaração me não propunha eu adular o sr. Netscher; mas não é falta minha se o amor proprio d'este escriptor lhe fez vêr nas minhas palavras alguma coisa mais do que o respeito á verdade, apezar do desgosto que eu sabia lhe devia causar principalmente a linha immediata, especificando que ás vezes o mesmo sr. Netscher não havia tido occasião de estudar bem os documentos que cita; asserção esta que se justifica não só pelos

factos novos ou melhor esclarecidos que apresento, sómente em virtude da leitura mais attenta dos mesmos documentos, como tambem pelo facto de haver o sr. Netscher applicado a dois fortes em terra os nomes de dois vasos de guerra (*Rosario* e *S. Bartholomeu*) de que se trata na carta de Schkoppe de 19 de dezembro de 1648; na qual se diz que na *Rosario*, depois do combate, lançaram fogo ao paiol, do que resultou o submergir-se logo, levando comsigo ao fundo do mar as suas duas vencedoras *Utrecht* e *Gisselingh*. O original d'essa carta existe na Haya, e d'ella se encontra uma copia autentica no Rio de Janeiro, na collecção em 6 vol. *in-folio*, feita pelo Dr. Silva, na Hollanda;—collecção que contém, além dos documentos manuscriptos que o sr. Netscher conhecia ao publicar o seu livro, outros mais que se encontraram depois, e cujas copias tive occasião de vêr ainda em 1867 no Rio, como d'alguns tinha já tomado conhecimento, em presença dos originaes, na propria Haya.

«Deixo ao leitor d'esta carta o cuidado de me ajudar a agradecer a generosidade do sr. Netscher, quando se abstem de denunciar os «erros que escaparam no meu livro» (e que elle guarda só para si), e estou certo que ninguem lhe agradecerá o não descobrir elle esses outros dados importantes de que elle tem noticia e que lhe parece me são desconhecidos; e termino declarando felicitar-me por a replica do meu contradictor vir a ajudar a fazer mais conhecido o meu livro, e chegar mui a tempo para que, na segunda edição d'elle, que está no prélo (e já na impressão da folha 20.ª), eu possa ajuntar, pelo menos, estas poucas linhas de resposta.»

«Aproveito etc.»

2.ª — Pag. 242

Ao imprimir-se, n'esta edição, a 18.ª folha ainda não tinhamos conseguido vêr a memoria do sr. Felner, que citamos conforme o declaramos na nota da pag. 242. Felizmente porém foi-nos ella remettida antes de terminada esta edição, e nos é possivel aproveitar d'ella.

Desde logo procuraremos dar prova de nossa imparcialidade reproduzindo aqui os documentos em favor de Vieira, que se acham appensos á mesma memoria; e dos quaes consta ser Vieira filho de Francisco d'Ornellas Moniz.

Entenda-se porém que só dos mesmos documentos aceitamos como provados os factos que por outros ou pela critica não forem contrariados; assim, começando pelo primeiro, sabemos não ser certo que

o mesmo Vieira servisse *em viva guerra* desde 630 .... até o de 51; pois, pelo contrario boa parte d'esse tempo esteve bandeado com os hollandezes e comendo com elles.

Tão pouco admittimos por ora como provado que o mesmo Vieira se não chamasse João, mas sim Francisco, conforme as asserções dos genealogicos que na memoria são citados, sem mencionar certidão ou documento de toda a fé.

Eis os documentos que julgamos de nosso dever transcrever.

I

Por resolução de Sua Magestade de 20 de Outubro de 649 e 19 de Abril de 652 em consultas do Conselho Ultramarino de 17 de Setembro de 649 e 19 de Outubro de 650.

ElRey nosso senhor em consideração dos serviços de João Fernandes Vieira estante no Brasil, natural da Ilha da Madeira, e filho de Francisco Dornellas Moniz, feitos em viva guerra na capitania de Pernambuco, de soldado, capitão e Mestre de campo desde o anno de 630, em que os hollandezes a começaram a occupar, até o de 51, acompanhado, todo aquelle tempo de criados e escravos, não somente sem soldo, mas despendendo, na continuação dos serviços que fez, grande quantidade de dinheiro, que se lhe ficou devendo, e fazenda, consumindo outra muita que tinha, no sustento da iffantaria, no culto divino e liberdades das Igrejas, que apezar dos hereges ornou e teve sempre em pé, celebrando-se nellas, afora outras obras pias que exercitava, e na defensão dos moradores, a que acodia e livrava dos inimigos por meio de seu grande zello e industria, não sem evidente risco da vida, por contemporizar com elles para os entreter, e melhor negociar as partes dos moradores, em quanto não foi descoberto; e no tocante ás armas proceder com singular valor na maior parte das occasiões de pelejas, correndo juntamente os primeiros quatro annos com a repartição dos bastimentos do exercito, e o mais tempo, depois de resistir tres mezes, que durou o sitio do arraial, com grande astucia e animo ao rigor das fomes e batarias continuas, prevenir dentro dos matos armazens de mantimentos, gente e armas, com que deu principio aos moradores acclamarem a liberdade e desalojarem os hollandezes dos portos que occupavam, sacudindo o cruel jugo de sua tirania, sendo elle muita parte de se conseguir obra tam heroica, onde se sinalou, ajudando com a espada nas mãos a ganhar-lhes da primeira vez trinta bandeiras com o seu estandarte real, ficando-lhes no campo mortos perto de novecentos homens, afora o seu general com outras muitas pessoas de conta, em que houve muitos feridos; e no recontro de 18 de Fevereiro de 49, sendo mandado investir o esquadrão do inimigo na campanha, o fazer tam valerosamente que com desigual poder chegou a ganhar-lhe a artelharia e huma bandeira obrigando-o a retirar, e indo em seu seguimento distancia de duas legoas, lhe matar e ferir muita gente, afora cousa de dous mil homens com o seu coronel que então deixou no campo, com toda a bagagem e dez bandeiras, de doze que trazia, com alguns prisioneiros, recolhendo-se elle João Fernandes Vieira mui maltratado de hum hombro, onde lhe deu huma balla: e tendo outrosi respeito a S. Magestade, por carta de 16 de Fevereiro de 648, mandar escrever ao governador Antonio Telles da Silva que da sua parte lhe significasse como S. Mages-

tade lhe fazia mercê do foro de fidalgo, de huma commenda de lote de trezentos mil reis da Ordem de Christo com o habito della, e de o conservar no posto que occupava de Mestre de Campo, em quanto lhe não dava outro logar maior, de que não tirou portaria; e por tudo o mais que depois foi obrando pelas armas na campanha, aventejando-se tanto na guerra contra os inimigos, como he notorio; de mais dos despachos referidos do foro de fidalgo, habito de Christo e commenda da mesma ordem de lote de trezentos mil reis, com que estava respondido pela maneira declarada e de novo lhe confirma: Ha por bem de lhe fazer mercê que a commenda seja effectiva e de lhe dar dez legoas de terra no Brasil, começando do ultimo morador que estiver de posse para o sertão, onde as achar devolutas e juntas, para a parte de Santo Antão; e assim lhe faz mercê de outra commenda do mesmo lote de trezentos mil reis, com faculdade para poder testar della em filho; e do habito de São Bento de Aviz, e dous alvarás de justiça, de fazenda, ou guerra para pessoas de sua obrigação, em cujas calidades caibam; e por conta da promessa que tinha de commenda, lhe faz mercê de consignar logo a de Santa Eugenia d'Alla que vagou no Bispado de Miranda por falecimento de João Cabral, a cujo titulo lhe tem mandado lançar o habito de Christo; e outro si lhe faz mercê do titulo de seu conselheiro de guerra, para o exercitar quando houver logar, e do governo do Maranhão por seis annos, com obrigação de descubrir no Rio das Amazonas as minas de ouro que dizem ha nelle. Alcantara em 2 de Maio de 652.

Quando Sua Magestade, que Deus guarde, pela via das mercês mandou despachar o Mestre de Campo João Fernandes Vieira com as que houve por bem fazer-lhe e de que logo se lhe passou portaria, declarou Sua Magestade juntamente se lhe dissesse que das mais mercês que pedia, com pretexto de fazer novos serviços, teria Sua Magestade particular cuidado, dando o tempo logar de se poder tratar de outras emprezas; assegurando-lhe, porém, que depois de seus acrescentamentos ficava com lembrança, e de lhe fazer toda a honra e mercê que lhe elle merecia, tanto pelo que tinha obrado, como pelo que promettia servir; mas que ainda não era tempo de se divertir do que tinha a cargo; que na secretaria ficava tomado por memoria a promessa de commenda, para nas occasiões de commendas vagas se lhe dar pontual satisfação a ella; e que acabada a guerra de Pernambuco, ou chegando a termos de se poder escusar nelle sua pessoa, mandaria Sua Magestade ter muita conta com seus merecimentos e bons serviços, pera o occupar nos postos em que, conforme a elles, estivesse a caber, e então se trataria das cousas que de novo propunha, em que Sua Magestade esperava delle lhe fizesse outros taes serviços, que lhe merecesse toda a honra e mercê; assim o certifico. Alcantara em 2 de Maio de 652 [1].

II

Senhor — O mestre de campo João Fernandes Vieira em hũa carta que da campanha de Pernambuco escreveu a V. Magestade, da data de 20 de março do presente anno, diz a V. Magestade que, postoque não governa aquella guerra que alevantou á sua custa, com tanto sangue que tem derramado e dispendio de sua fazenda, lhe corre obrigação representar a V. Magestade o estado em que hoje se acha: que foi Deos servido que alcançassem hũa grande victoria em dezanove de fevereiro passado deste anno em que as armas de V. Magestade ficaram trium-

1 Arch. Nac. da Torre do Tombo. Portarias do Reino, liv. 2, fol. 386.

phantes com a maior bizarria que jámais se lembra que houvesse na America. A batalha foi dada no mesmo sitio e paragem em que se deu a passada, e ficaram logo no campo degolados passante de dous mil homens, em que morreu o que governava a tropa do inimigo, que constava de quatro mil homens, e todos os mais officiaes, cento e quarenta prisioneiros, seis peças de artilheria, dez bandeiras, munições e todos os mais petrechos de guerra, e quatrocentos e setenta feridos que levavam; que foi occasião esta com que os hollandezes se devem desenganar do Brasil, para que venham em algum concerto; mas que estão ao presente com tanta falta do necessario que fora melhor leval-os por guerra, porque bastante occasião deram elles agora em ir á Bahia queimar vinte e hum engenhos e destruir toda aquella paragem; que esperavam todos os que servem naquella guerra e o povo daquellas capitanias que V. Magestade mande fornecer a armada que está na Bahia, para que, ella por mar e a infantaria por terra, se averigue em breves dias o que tanto se deseja, e na brevidade está a segurança daquelle Estado, porquanto os hollandezes não podiam hoje guarnecer seus navios no mar, nem suas forças em terra; e que convinha muito á segurança de todo aquelle estado que a dita armada se não venha delle, sem se concluir com sua liberdade, porque não usem os hollandezes de algum ardil com que venha a ser mais custosa; e que esperam todos da grandeza de V. Magestade que por hũa ou outra via sejam livres daquelle cativeiro.

Ao conselho pareceu dar conta a V. Magestade do que contém a carta referida do mestre de campo João Fernandes Vieira, para que por todas as vias lhe chegar a nova de tam felice e gloriosa victoria, como nosso senhor foi servido dar ás armas de V. Magestade, e tambem para ser presente a V. Magestade o discurso que aquelle mestre de campo faz sobre a mesma guerra, e modo de a proseguir; e mandar V. Magestade que, no que se entender que convirá fazer-se e se puder fazer, se não perca tempo e occasião.

E com esta consulta se envia a V. Magestade a copia de hũa carta, que o mesmo João Fernandes Vieira escreveu ao Marquez Presidente com occasião do aviso, que em Pernambuco se teve, das pazes que se intentavam com Hollanda, e o descontentamento que aquelles moradores tiveram disso e as rasões que dão de sua parte, para V. Magestade ter noticia de tudo. Em Lisboa a 8 de julho de 649. — O Marquez de Montalvão — Jorge de Castilho — João Delgado Figueira. Foi voto o doutor Diogo Lobo Pereira.

Na margem: Tive e terei presente a lembrança que o conselho me faz e lha agradeço. Lisboa 3 de dezembro de 649 — (Rubrica.)

(Copia.) Depois de ter escripto a V. Ex.ª se descobriram cartas vindas desse reino nestas naus ingrezas, que puzeram este povo em admiração, e houve notaveis clamores sobre a pouca piedade que com elles se queria usar, tam mal merecida; e tudo lhe procedeu de hum treslado que veo de hũas conveniencias que cá se dizem estiveram feitas; e como eu sou a pessoa que sempre os amparei e que mais me doo de sua ruina, pelo muito que nella sou interessado, se vieram a mim os mais deste povo com mil clamores, dizendo procurasse por elles na fórma seguinte, manifestando-me primeiro: quatro annos ha que tomamos as armas com tam notaveis riscos, sacrificando as vidas, destruindo as fazendas, sustentando a guerra por não consentir aggravos tiranicos, e por conservar a ley de catholicos romanos, e para restituir este imperio a seu rey e senhor, e por remediar a honra das nossas amadas filhas; e cuidando nós que por este zelo e das mais rasões sobreditas fossemos agradecidos, pelo contrario estivemos com o cutello na garganta pela conveniencia presumida, e por outra parte pelo que tememos se apparelhe; por cujo respeito pedimos com estas abundantes lagrimas represente Vm.ce a S. Magestade, que Deus guarde, e a seus ministros, ponham os olhos em nossas miserias; fazendo nós da nossa parte, offerecemos duplicada quantia do que os framengos pediam, ficando isentos

de sua jurisdição; ou se façam armadas e soccorros e o mais que fôr necessario para conservação deste Estado, que tanto importa a S. Magestade, e que com suas fazendas irão pagando; e em remate de tudo disseram que, em falta do que pediam, lhes dessem hum desengano, para se pôrem em cobro, por não padecerem tantas tirannias quantas teem experimentado por muitas vezes.

He tempo, Sr., em que V. Ex.ª deve mostrar o amor que tem a estes pobres moradores, procurando-lhe seu remedio por hũa via, ou pela outra; porque vejo as cousas em tal estado que, se não se acudir a isto, poderá succeder algũa ruina pelo enfado que vejo em todos, assi nos soldados da guerra por pouco remediados, como nos moradores por cançados, e que presuppõem para que tomam os riscos sobreditos he que como as conveniencias se não averiguaram na fórma que convinha, que ha de metter o inimigo grande cabedal no Brasil, e que agora se podia acudir com esta gloriosa victoria, que Deos nos fez mercê dar. Eu de minha parte e meus companheiros estamos sempre com grande animo para dar as vidas pelo real serviço, como até agora o temos feito; mas lastima-nos tanto estes miseraveis que he força pedir a V. Ex.ª acuda, como pae em quem confiamos.

Parece-me fazer esta advertencia a V. Ex.ª e he que aos framengos não he necessario dar dinheiro, nem cousa algũa, por conveniencia que façam, havendo de ficar os moradores debaixo de sua jurisdição; que antes elles o darão com muita largueza, porque já o offereceram por muitas vezes, por cartazes que lançaram em tempo que aqui tinham grande poder, e perdão para todos os moradores, e que por fazendas não seriam molestados em tantos annos, e que tomassem passaportes; e a mim em particular me offereciam duzentos mil cruzados, postos aonde eu quizesse no reino de Portugal, somente porque desistisse da guerra e me saisse desta terra; e de tudo isto zombamos. Considere V. Ex.ª como condiz este modo com a conveniencia, que dizem trazia o padre Antonio Vieira de Hollanda, e o que de presente dariam se lho concedessemos, tendo-lhe destruido todo o poder que cá tinham. Guarde Deos muitos annos a V. Ex.ª para nosso amparo. — Arraial 30 de março de 649. — João Fernandes Vieira [1].

III

Senhor — Entre algũas petições que com lista ordinaria de 12 do presente se remetteram a este conselho, veio a que vai inclusa do mestre de campo João Fernandes Vieira, em que pede a V. Magestade seja servido de mandar que, sem embargo da prohibição geral que ha para se não acceitar, nem tratar de requerimentos de moradores de Pernambuco, se possam ver neste conselho e consultar por elle a V. Magestade seus requerimentos e serviços; e por a dita petição não trazer ordem expressa de V. Magestade para se fazer, pareceu tornal-a a enviar a V. Magestade para a mandar vêr, e declarar como he servido se proceda, ou (como já se disse a V. Magestade em consulta de 9 do passado) que se defira aos requerimentos deste mestre de campo e seu companheiro com a mercê e acrescentamentos que seus serviços merecerem. Em Lisboa a 18 de agosto de 649. — O Marquez de Montalvão — João Delgado Figueira — Diogo Lobo Pereira.

Na margem: Bem se podem consultar os serviços destes mestres de campo. Lisboa 30 de Agosto 1649. (Rubrica.)

1 Arch. do Conselho Ultramarino. Consultas.

Senhor — Diz o mestre de campo João Fernandes Vieira que elle tem feito correntes os papeis dos serviços, que fez a V. Magestade nas guerras do Brasil por tempo de vinte annos continuos, desde o anno de 630, em que os hollandezes occuparam aquella capitania de Pernambuco, até o presente, com os maiores gastos e despesas que jámais fez vassallo algum, por ser pessoa de muita qualidade e dos mais ricos daquellas partes; acudindo, com sua pessoa e fazenda e muita gente que comsigo trazia, ás occasiões que se offereceram, e ao sustento dos soldados, por ser de grande rendimento e ter cinco engenhos reaes; sendo só o que, com sua industria e grande zello de bom e verdadeiro vassallo, procurou a liberdade da patria, com evidente risco de sua vida e perda de toda sua fazenda, pondo crua guerra aos hollandezes, e desbaratando-os por vezes na campanha; serviço digno de toda a remuneração, e pelo qual lhe tem V. Magestade feito algumas mercês dignas de sua costumada grandeza: e porque he rasão haja em sua casa perpetua lembrança, com os mais acrescentamentos que dignamente deve esperar por tam grandes merecimentos e serviços de tanta consideração e de que resultou o restituir-se aquelle estado, que tam atenuado e opprimido estava; Pede a V. Magestade lhe faça mercê mandar ordenar ao conselho ultramarino que, sem embargo da ordem dada, por que se mandou parar com os requerimentos das pessoas assistentes em Pernambuco, se tome conhecimento de seus requerimentos e pertensões, e se consulte logo a V. Magestade, para mandar deferir a elles como houver por seu serviço. E. R. M.[1].

IV

O mestre de campo João Fernandes Vieira pede satisfação de seus serviços.

O mestre de campo João Fernandes Vieira, filho de Francisco de Ornellas Moniz, e natural da ilha da Madeira, consta, pelas certidões que offereceu, servir na guerra de Pernambuco desde o anno de seiscentos e trinta, em que os hollandezes occuparam aquella capitania, até o presente pela maneira seguinte:

Por tres certidões dos sargentos móres Pedro Corrêa da Gama, Martim Soares Moreno, e dos capitães Simão Caeiro Machado, Manuel Tavares, Gomes de Abreu Soares e outros, consta conhecerem ao dito João Fernandes Vieira assistir naquella guerra desde seu principio, em todas as occasiões que se offereceram com o inimigo, servindo á sua custa como bom soldado; continuando tambem por tempo de quatro annos na repartição dos mantimentos da gente de guerra, supprindo com sua propria fazenda por varias vezes em muitas occasiões, em que houve falta na de V. Magestade, de que se lhe está devendo grande quantia de dinheiro; e senhoreando os hollandezes no anno de seiscentos trinta e cinco a campanha e pondo cerco ao arraial, batendo-o por differentes partes, esteve dentro nelle pelejando por espaço de tres mezes que durou o sitio, em que o inimigo lhe metteu dentro mais de duas mil e duzentas balas de artilheria e outros artificios de fogo, acudindo de dia e de noite aos continuos rebates, e ás fortificações que se fizeram, com dous criados seus, portando-se em tudo com muito valor, padecendo muitas miserias e fomes, pela estreiteza a que chegaram, até que foram rendidos; e ficando em poder dos hollandezes, fez muitos serviços a V. Magestade, mostrando seu zelo em toda a occasião que se offerecia de

1 Arch. do Conselho Ultramarino. Consultas.

favorecer aos capitães e officiaes de guerra prisioneiros, e aos soldados pobres e roubados, arriscando sua vida por muitas vezes, por livrar da morte a muitos moradores daquella capitania, estando já alguns sentenceados a ella; e ainda lhes fazia tornar suas fazendas, por ter grangeado com a sua propria grande amisade com os hollandezes, só a fim de poder por este meio servir melhor a V. Magestade e a seus vassallos, o que tudo he notorio em todo o estado do Brasil.

Por certidão do mestre de campo André Vidal de Negreiros consta que, indo no anno de 639 á campanha de Pernambuco, por ordem do conde da Torre, a cousas importantes ao serviço de V. Magestade, alcançou por via do dito João Fernandes Vieira todos os avisos que lhe eram necessarios para mandar á Bahia, o que os mais moradores lhe difficultavam, por medo que tinham dos hollandezes; favorecendo com sua fazenda a todos os capitães e soldados da campanha, não reparando no risco de sua vida, e em perder cinco engenhos que tem, movido só do zelo de leal vassallo de V. Magestade, livrando a alguns moradores daquella capitania que estavam presos, por entenderem os hollandezes que favoreciam ao dito André Vidal.

Por onze certidões dos licenceados Gaspar Ferreira, Matheus de Sousa, Manuel Rebello, Jorge da Motta, João de Abreu Soares, Gaspar de Almeida, Antonio Bezerra e outros e vigarios das matrizes da capitania de Pernambuco, consta acudir o dito João Fernandes Vieira com muito grande dispendio de sua fazenda a todas as cousas necessarias ao culto divino, procurando a liberdade das egrejas, por os hollandezes não quererem que as houvesse, nem que se celebrassem os officios divinos; servindo continuamente de juiz das principaes confrarias, que elle ordenava, fazendo nas egrejas obras de muita consideração á sua custa, dando-lhe ornamentos, alampadas, calis e todo o necessario para ellas; e por sua industria se converteram á nossa santa fé cinco judeus e tres hereges framengos; casando orfãs e favorecendo geralmente a todos os pobres; sendo o maior serviço de todos a conservação da fé que sempre procurou, cujo zelo lhe agradeceu muito o bispo daquelle Estado, não havendo outra pessoa naquella capitania que mais dispendesse, assi nas cousas referidas, como com os soldados, por ser naturalmente muito liberal, e possuir cinco engenhos; e que assi isto mesmo consta tambem por certidão do mestre de campo André Vidal.

Por outra, assinada por todos os capitães que servem na guerra de Pernambuco, consta como o dito João Fernandes Vieira acclamou a liberdade dos moradores daquella capitania, communicando-o primeiro com elles, pelas tiranias que os hollandezes usavam com aquelles povos, sendo sómente o zello de verdadeiro portuguez o que o obrigou a hũa empreza tam heroica, preparando e ajuntando com muita cautella quantidade de armas; e sendo descuberto seus intentos aos hollandezes por pessoas mal affectas, lhe foi forçado retirar-se com grande risco de sua vida, e sair então a campanha com a gente que tinha convocado, appellidando-o logo por seu governador, por não haver pessoa em todo aquelle estado que com mais resolução, desprezo de fazenda, e da propria vida, intentasse a dita empreza, tendo para este effeito escondido ao capitão Antonio Dias Cardoso com a infanteria que lhe foi da Bahia, e prevenido no matto almazens de mantimento, com que se sustentou mais de dous mezes, antepondo a tudo o serviço de Deos e de V. Magestade, e da liberdade daquelles miseraveis povos; padecendo muitos trabalhos, riscos e sobresaltos, por haver alguns descontentes, em rasão de lhes faltar o soccorro que havia de ir da Bahia, os quaes tratavam de o entregar aos hollandezes, amotinando para isso muitos soldados; e pelo não poderem conseguir, intentaram matal-o com peçonha; e sem embargo de tudo dissimulava com todos com grande prudencia, por se não mallograr o que tinha emprendido, gastando sua fazenda com os soldados com muita largueza, e ordenando as cousas da guerra com gentil disposição e acordo, como

soldado de muita experiencia; e consta nomeal-o o governador Antonio Telles da Silva por mestre de campo de todas as companhias de infanteria portugueza da ordenança da dita capitania de Pernambuco.

Por tres certidões dos mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros consta que, indo por ordem do governador Antonio Telles da Silva a apasiguar os moradores de Pernambuco, que tinham acclamado liberdade contra os hollandezes, acharam ao dito mestre de campo João Fernandes Vieira retirado a hum sitio, que chamam Tabocas, para nelle se fortificar; e indo o inimigo buscal-o, o desbaratou com perda de trezentos framengos entre mortos e feridos, durando a batalha mais de quatro horas, ficando no campo muita quantidade de armas para provimento dos soldados; e o mesmo fez no segundo encontro que teve com elle na casa forte, em que lhe matou e aprisionou perto de quatrocentos homens, sendo hum delles o seu governador das armas, hum sargento mór e outras pessoas de conta; e na ilha de Itamaracá e sitio dos Afogados e em outras muitas occasiões se houve da mesma maneira, gastando nesta guerra muitos mil cruzados, e sustentando nella muita quantidade de gente de tudo o que lhe era necessario; e o mesmo consta por certidões de todos os capitães que servem na mesma guerra, e dos padres João de Mendonça e Francisco de Avelar da Companhia de Jesus.

Por hũa carta assinada pela mão real de V. Magestade, da data de 26 de fevereiro do anno passado, consta mandar V. Magestade escrever ao dito mestre de campo João Fernandas Vieira que do governador Antonio Telles da Silva entenderia a mercê que V. Magestade lhe fez, e que lhe passasse della o despacho necessario, o qual enviaria a este reino, para poder tomar posse della a seu tempo, que seria logo como o Recife se restituisse, ou tomassem algum assento as cousas de Pernambuco; e que haviam de ser muito maiores as mercês que V. Magestade esperava fazer-lhe, como o tempo lhe mostraria.

E em hũa carta, que o mesmo Antonio Telles escreveu ao dito mestre de campo em 4 de junho do anno passado, lhe significou que V. Magestade lhe tem feito mercê do foro de fidalgo, e de hũa comenda da Ordem de Christo de lote de tresentos mil réis, e de o conservar no posto de mestre de campo, em quanto lhe não dava outro logar maior.

Por certidão do mestre de campo geral Francisco Barreto consta que, saindo o inimigo a campanha em 18 de abril do anno passado com o seu exercito, que constava de mais de seis mil homens, lhe foi ter ao encontro, no sitio dos Gararapes, com dous mil e duzentos infantes sómente, ordenando aos mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros que, cada qual com o seu terço, saissem a pelejar de vanguarda, o que fizeram com notavel deliberação, chegando o dito João Fernandes Vieira, pela sua parte, a encontrar-se com hum esquadrão do inimigo, que rompeu e investiu á espada, matando e ferindo muitos hollandezes; ajudando a ganhar trinta e tres bandeiras e o seu estandarte real, ficando mortos no campo perto de novecentos homens, dous coroneis, hum sargento mór, muitos capitães e pessoas de conta, afora os feridos, que tambem foram muitos, em que entrou o seu general Segismundo; e que nesta occasião de tanta gloria teve muita parte o dito João Fernandes Vieira, pelo assignalado valor com que procedeu nella, pelejando sempre na vanguarda do seu terço.

Por outra do mesmo mestre de campo geral consta que, saindo ultimamente o inimigo a campanha em 18 de fevereiro do presente anno com 9 (?) mil homens e seis peças de artilheria de campanha, lhe tornou a ir ter ao encontro com dous mil e seiscentos soldados, ordenando ao mestre de campo João Fernandes Vieira que o seu terço fosse pelejar com elle pelo lado direito, por vir carregando sobre as nossas companhias; o que fez valerosamento, investindo e rompendo o esquadrão do inimigo, de maneira que chegou a ganhar-lhe a ar-

tilhoria, e tomar-lhe hũa bandeira; e, retirando-se, lhe foi seguindo o alcance distancia de duas leguas, matando e ferindo a muitos; perdendo os hollandezes nesta occasião perto de dous mil homens mortos, em que entrou o coronel que governava o seu exercito, e quasi todos os officiaes, ficando feridos quatrocentos e setenta, e dez bandeiras no campo, de doze com que sairam, e toda a artilheria, monições e bagagem, aprisionando-lhe perto de cem homens; sendo o dito mestre de campo muita parte de se conseguir esta victoria, pelo assignalado valor com que procedeu, de que ficou pisado em hum hombro de hũa bala de mosquete.

As certidões referidas são todas juradas e justificadas. Allega mais o dito mestre de campo que nenhum vassallo de V. Magestade naquelle estado serviu com tantas despezas de fazenda, nem se aventejou tanto como elle na guerra, intentando a maior facção que no dito estado houve, estando tam senhoreado e opprimido do inimigo, de que primeiro deu conta a V. Magestade e ao governador do dito estado; e que será razão que serviços tam calificados e facção tam heroica fique sempre em memoria com accrescentamentos em sua casa, como deve esperar da grandeza de V. Magestade.

Pede a V. Magestade que, havendo a tudo respeito (de mais da mercê que lhe tem feito do fôro de fidalgo e do habito de Christo com commenda de tresentos mil réis) lha faça V. Magestade, por sua grandeza, em satisfação de seus grandes serviços, do marquezado da serra da Copaova, conquistando elle á sua custa o gentio levantado, fazendo hũa villa nella; e se dê hum titulo de conde naquelle Estado, fazendo-o V. Magestade do seu conselho de guerra, com o senhorio da capitania do Rio Grande ou Cunhaû, com obrigação de descobrir as minas que houver nos ditos districtos; e assi lhe faça V. Magestade mais mercê de duas commendas, hũa de dous mil cruzados e outra de mil cruzados, das que houver vagas ou vagarem, e tres habitos das tres ordens para pessoas da sua obrigação, e dous officios para dous homens de sua casa; e que se lhe dem dez leguas de terra ao sertão, começando do ultimo morador que estiver de posse para a parte de Santo Antão, com obrigação de conquistar o gentio que nelle habitar, e povoar o que for sufficiente para isso; e que se lhe dê tambem o cargo de Almirante de todo o estado do Brasil, com a jurisdição e proes que tem o deste reino, e hum dos governos ultramarinos, o de Pernambuco em sua vida, ou o de Angola por seis annos, ou por nove o do Maranhão.

Apresenta sua folha corrida n'esta cidade, e certidão do registo das mercês, porque se mostra não lhe ser feito nenhũa até o presente. E dando-se vista ao Desembargador Antonio Pereira de Sousa, tem seus papeis correntes.

Ao conselho parece que os serviços de João Fernandes Vieira são de qualidade, e feitos em taes occasiões e com tanto valor e despeza de fazenda, que ficará nelles bem empregada a mercê que V. Magestade for servido fazer-lhe; e que por agora lha deve V. Magestade fazer (de mais das mercês ja feitas do foro de fidalgo, habito de Christo e promessa de commenda de tresentos mil réis, fazendo-se-lhe effectiva) de outra commenda do mesmo lote, com faculdade para testar della em filho, daz dez leguas de terra que pede, e do governo do Maranhão por seis annos, com obrigação de descobrir no rio das Amasonas as minas de ouro, que dizem ha nelle; e de hum habito de Christo, e dous alvarás de lembrança de dous officios de justiça, guerra, ou fazenda para pessoas de sua obrigação, que caibam em sua qualidade.

E o doutor João Delgado Figueira he do mesmo parecer no que somente toca as mercês feitas, governo do Maranhão por seis annos, e ás dez leguas de terra que pede. Em Lisboa a 17 de setembro de 649. — O Marquez — Castilho — Figueira — Pereira [1].

1 Arch. do Conselho Ultramarino. L.º 3 de Mercês geraes 1647 a 1650, fol. 298.

V

Replica do mestre de campo João Fernandes Vieira

A hũa consulta que se fez por este conselho a V. Magestade, em 17 de setembro do anno passado, sobre o mestre de campo João Fernandes Vieira pedir satisfação de seus serviços, foi Vossa Magestade servido resolver, em 20 de outubro do mesmo anno, que lhe fazia mercê (além de outras que já lhe tinha feitas do foro de fidalgo, do habito de Christo, de promessa de commenda de tresentos mil réis, que se lhe fizesse effectiva) de outra commenda do mesmo lote, com faculdade para testar della em filho, das dez leguas de terra que pediu, o governo do Maranhão por seis annos, com obrigação de descobrir no rio das Amazonas as minas de ouro, que dizem ha nelle, hum habito de São Bento de Aviz e dous alvarás de lembrança de dous officios de justiça, guerra, ou fazenda para pessoas de sua obrigação, que caibam em sua qualidade; e que se lhe dissesse que ao mais que promettia fazer, teria V. Magestade particular cuidado, dando o tempo logar de se poder tratar de outras emprezas, segurando-se-lhe de sua parte que estava V. Magestade com todo o cuidado de seus acrescentamentos, e de lhe fazer toda a honra e mercê que elle merecesse, assi pelo que tinha feito, como pelo que promettia fazer, em que ainda não era tempo, que advertisse do que tinha a seu cargo; dos quaes despachos não tirou portaria, como se viu por certidão do secretario Gaspar de Faria Severim, que offereceu.

A este despacho faz o dito mestre de campo João Fernandes Vieira petição de replica, em que torna a representar os mesmos serviços, que se referem na primeira consulta; e offerece de novo os que mais continuou na dita capitania de Pernambuco depois deste despacho pela maneira seguinte:

Por certidão do mestre de campo geral Francisco Barreto consta que, na occasião em que no arraial da capitania de Pernambuco se levantaram os soldados, se houve o dito João Fernandes Vieira com grande prudencia, acudindo a socegar o motim que havia entre elles, por andarem com as armas nas mãos; aquietando tudo com brandas palavras, offerecendo-lhes toda sua fazenda para seu sustento, quando lhes faltasse a sua ração, o que foi bastante para não proseguirem seu damnado intento; e que pelo trabalho que nisto teve alguns dias que durou a pertinacia dos soldados, merecia tanto, como pelo serviço que fez em acclamar a liberdade daquellas capitanias.

Por outra certidão assinada por todo o povo de Pernambuco consta haver servido a V. Magestade naquella capitania com grandes despezas de sua fazenda, e que tem procedido com grande valor em todas as occasiões de guerra, e governado aquelle povo com grande prudencia e quietação.

Pede a V. Magestade que, havendo respeito a todos seus serviços, e ser a empreza que tomou tam heroica e digna de perpetua memoria, de que os hollandezes receberam tanta perda de gente e fazenda, lhe faça V. Magestade mercê mandar declarar que as commendas se lhe nomeem logo nas que houver vagas, de que aponta as que se contém no rol incluso, ou as que V. Magestade lhe parecer; e que em logar do governo do Maranhão, se lhe dê o de Angola com obrigação de a fortificar, e descobrir as minas de metaes que n'elle ha; e assi lhe faça V. Magestade mercê do almirantado do estado do Brasil, que dignamente está merecendo, e o titulo de conde do Ceará no Rio Grande com jurisdicção civel e crime de todas as terras e povoações que tiver; e que as dez leguas de terra, de que V. Magestade lhe faz mercê, corram da parte donde as achar devolutas; e que,

em quanto não entrar no governo, sirva de mestre de campo general, e que, morrendo na guerra ou durante ella, possa testar de todas as mercês que tiver em filhos ou sobrinhos.

E dando-se vista dos papeis que acreceram a esta replica ao Desembargador Antonio Pereira de Sousa, respondeu que estavam correntes.

Ao conselho parece que V. Magestade, demais das mercês feitas a João Fernandes Vieira e com que está respondido, lha deve fazer mais de lhe mandar nomear logo e fazer effectivas as commendas que se lhe dão; e que as dez leguas de terra, que tambem se lhe dão, corram da parte donde as achar devolutas e juntas; e que se lhe diga que, como a guerra de Pernambuco (com o favor de Deos) tiver fim, conforme ao que nella tem obrado, e continuar de novo, lhe mandará V. Magestade fazer a honra e mercê que houver logar. Em Lisboa 19 de outubro de 650. — Vasconcellos — Figueira — Pereira [1].

[1] Arch. do Conselho Ultramarino, L.º 3.º de Mercês geraes, 1647 a 1650, fol. 386 v.

INDICE